



*Uma obra com imensa
profundidade emocional,
turbulência psicológica
e um final inesperado
e avassalador.*

RT BOOK REVIEW
TOP PICK!

Ellen Marie Wiseman

O QUE ELA DEIXOU PARA TRÁS



FICHA TÉCNICA



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

TÍTULO: *O Que Ela Deixou Para Trás*

AUTORIA: *Ellen Marie Wiseman*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2015 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original What She Left Behind © 2014 Ellen Marie Wiseman.

TRADUÇÃO: *Susana A. Lopes*

REVISÃO: *Chá das Cinco*

DESIGN DA CAPA: *Chá das Cinco*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Chá das Cinco*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Agosto, 2015*

ISBN: *978-989-710-187-8*

EDIÇÕES CHÁ DAS CINCO

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082

S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.CHADASCINCO.COM

DEDICATÓRIA

Para o meu marido, Bill — que acredita sempre em mim

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, é com grande alegria que homenageio as pessoas que me ajudaram, me apoiaram e acreditaram em mim ao longo desta magnífica jornada.

Antes de mais, este romance não se teria tornado realidade se não fosse o trabalho de Darby Penney e Peter Stastny, autores do livro *The Lives They Left Behind: Suitcases from a State Hospital Attic*. Foi a vossa obra que me inspirou e que chamou a minha atenção para o mundo, muitas vezes desolador, dos antigos manicómios. Estou particularmente em dívida para com Darby Penney por ter perdido tempo a responder às minhas questões sobre o Sanatório Willard e quais seriam as condições para as pacientes femininas dos anos de 1930. Espero que me perdoe as imprecisões históricas e as minhas liberdades criativas.

Por ter respondido às minhas perguntas sobre as mulheres encarceradas agradeço a Deborah Jiang Stein, impulsionadora e fundadora do projeto The unPrison. Agradeço também a Andrew Thompson por partilhar o seu conhecimento sobre agentes correcionais.

O meu muito obrigada à minha família e amigos por compreenderem a minha agenda alucinante, por me perdoarem quando tive de dizer que não, e por me darem o tempo e o espaço necessários para que pudesse cumprir os meus prazos. Estou-vos eternamente grata pela vossa crença em mim, pela vossa paciência e compreensão ao longo desta, por vezes, atribulada viagem, e acima de tudo, pelo vosso amor incondicional.

Dizer que estou grata à minha equipa na BP é um eufemismo. Não me imaginava a viver esta experiência louca e emocionante sem a vossa amizade e sábios conselhos. Juntos, estamos a conquistar o mundo, um livro após outro!

É com muito prazer que mando o meu amor e gratidão para a minha amiga e irmã espiritual, Barbara Titterington. Muito obrigada por seres uma das minhas maiores fãs e por teres lido o rascunho inicial do manuscrito. Ajuda saber que para ti eu sou sempre brilhante.

Mais uma vez, estou para sempre em dívida para com o meu maravilhoso editor, John Scognamiglio, por acreditar em mim, e para com o meu perspicaz e paciente agente Michael Carr. Não vos consigo agradecer o suficiente pelo vosso apoio inabalável, pelos vossos fantásticos conselhos e por me terem ajudado a

tornar esta história mais forte. O meu agradecimento também à minha publicitária, Vida Engstrand, por dar a conhecer ao meu mundo os meus livros, e a Meryl Earl, Diretora dos Direitos de Autor, por conseguir os direitos para a publicação dos meus livros no estrangeiro. Quero ainda agradecer a Kristine Mills-Noble pelas fantásticas capas que criou. E novamente, mil agradecimentos para o resto da equipa da Kensington, por todo o trabalho árduo que desenvolvem nos bastidores.

Não posso escrever uma nota de agradecimento sem uma referência às pessoas que vivem na minha comunidade ou nos arredores. Quer seja um bibliotecário que me convidou para fazer uma apresentação, um jornalista que escreveu uma peça sobre mim, um membro de um clube de leitura que me convidou para ir a sua casa, um fã na Internet ou alguém que leu o meu trabalho e que fez questão de me dizer que tinha gostado, não vos consigo expressar o quanto o vosso incentivo e consideração significam para mim. Ver os vossos rostos sorridentes e entusiásticos encheu-me o coração de orgulho e os olhos de lágrimas. Tem sido verdadeiramente um dos pontos altos desta experiência e algo que nunca esquecerei.

Como sempre, muito obrigada do fundo do meu coração à minha adorada mãe, Sigrid, por ser o meu rochedo, e ao meu querido marido, Bill, por me compreender plenamente. Não há palavras para expressar o que significas para mim. Por fim, e acima de tudo quero expressar o meu amor e gratidão infinitos aos meus filhos, Ben, Jessica e Shanae, e aos meus lindos netos, Rylee, Harper e Lincoln. Vocês são o meu maior feito, e eu amo-vos com toda a força do meu ser. Só por existirem, a vida já vale a pena ser vivida.

CAPÍTULO 1

ISABELLE

Sanatório Willard
1995

Pouco tempo depois de ter chegado aos terrenos do Sanatório Willard, que agora estava fechado, Isabelle Stone, de dezassete anos, sentiu que tinha sido um erro. Se alguém a visse parada na degradada estrada principal da enorme propriedade rodeada de arvoredos, não teria a mínima ideia do horror que supurava dentro da sua mente.

Naquele abafado sábado de fim de agosto, a brisa cálida cheirava a tábuas estreitas¹ e algas, cujas rabanadas ocasionais agitavam os pinheiros à esquerda do amplo pátio. O calor aumentava em ondas trémulas que subiam da terra ressequida pelo Sol e as cigarras cantavam na relva alta perto do bosque, um zumbido que se tornava mais estridente e mais insistente a cada grau adicional, como se se tratasse de um termómetro vivo. Os relvados bem tratados de Willard afastavam-se dos edifícios principais num declive suave em direção à orla rochosa do lago Seneca. Barcos à vela ziguezagueavam por entre as ondas e um longo cais estendia-se, como um convite, pelas águas brilhantes.

Isabelle — o pai costumava chamar-lhe Izzy — devia estar a desfrutar do calor do Sol e da belíssima vista. Mas ao invés, ela cerrava os dentes e lutava para afastar da sua mente a imagem do orifício sangrento no crânio do pai. Sentia-se presa no purgatório. Será que algum dia encontraria paz ou seria sempre aquela menina de sete anos a reviver a noite horrível em que o pai tinha sido assassinado?

Izzy afastou-se da sombra de Chapin Hall, o enorme edifício principal da instituição, e virou o rosto para o Sol, com os olhos fechados tentava reprimir todos os pensamentos. Mas quando se virou para olhar para o edifício vitoriano de três andares com vitrais nas janelas, o latido de dor e medo voltou. Uma enorme cúpula de dois andares com janelas redondas erguia-se por cima do telhado da negra mansão, de onde brotavam inúmeras águas-furtadas, torreões e chaminés. Um pórtico de pedra, com pilares degradados, protegia a enorme porta dupla da entrada principal. Barras negras cobriam as janelas altas de múltiplos

painéis, estavam quase todas entaipadas exceto as das águas-furtadas e as janelas redondas da cúpula. Parecia-se mais com uma casa assombrada do que com um lugar idealizado para ajudar pessoas.

Izzy perguntava-se que horrores teria testemunhado o enorme edifício. Que recordações atrozes se teriam impregnado nos tijolos, no cimento e no vidro fosco, tornando-se para todo o sempre parte da estrutura, cimentada e selada com sangue e lágrimas? Tal como a dor e angústia seriam sempre parte de quem ela era, as recordações de milhares de almas torturadas seriam parte de Chapin Hall e dos outros edifícios de Willard. Como é que este sítio alguma vez poderia ser mais do que um triste lembrete de vidas e de entes queridos perdidos?

Engoliu em seco e virou-se para a água, com uma das mãos a proteger os olhos. Indagava-se se os velejadores que passavam olhavam para o asilo e presumiam que o aglomerado de edifícios de tijolo e os seus jardins pertenciam a um clube de campo ou a uma universidade. À distância parecia um sítio calmo e distinto. Mas ela sabia que não era assim. Imaginou os antigos pacientes no pátio, sentados em cadeiras de rodas ou deambulando pelos relvados, as batas hospitalares penduradas em corpos descarnados, os olhos vidrados. Imaginou-se a ser um deles, a observar o lago azul. Será que os pacientes se apercebiam que os habitantes das pequenas comunidades do outro lado da baía faziam passeios de barco, tratavam do jantar, apaixonavam-se e tinham filhos? Será que se perguntavam se algum dia teriam alta, se algum dia seriam autorizados a voltar ao mundo «normal»? Ou estariam completamente alheados das vidas que estariam a perder?

O estômago de Izzy contraiu-se quando foi assaltada por outra recordação: a sua mãe, Joyce, estatelada numa cama do Centro Psiquiátrico Elmira, com os olhos vidrados a olhar fixamente para o teto e o cabelo desgrehado. Tinha sido num dia abafado como aquele, e ela lembrava-se da maquilhagem da mãe esborratada a escorrer pelas faces pálidas, como se se tratasse de um palhaço que tinha sido deixado à chuva. Lembrava-se de ter enterrado a cara na saia da avó a implorar para irem para casa. Nunca mais se esqueceu das intermináveis paredes brancas da ala psiquiátrica, do cheiro a urina e a lixívia, dos quartos sombrios, dos pacientes em cadeiras de rodas ou camas rodeados por paredes almofadadas. Depois daquela visita foi assombrada por pesadelos durante anos. Pediu à avó que não a obrigasse a lá voltar e, graças a Deus, a avó concordou.

Izzy enroscou os braços à volta do corpo e caminhou pela danificada estrada principal de Willard, perguntando-se como é que tinha acabado ali, a explorar uma réplica gigante daquela horripilante ala hospitalar. Podia ter dito que estava com dores de dentes ou maldisposta, qualquer desculpa serviria para não ter de vir. Havia outros empregados no museu que a podiam substituir. Mas não queria desapontar a sua nova mãe de acolhimento, Peg, a curadora do museu. Pela primeira vez, desde que tinha dez anos e a avó falecera, que Izzy tinha uma família de acolhimento que parecia preocupar-se com ela.

Era verdade que dali a alguns meses completaria dezoito anos. E já estava no sistema há tempo suficiente para saber que os décimos oitavos aniversários não eram assinalados com celebrações. Quando os cheques deixassem de chegar estaria entregue a si própria. «Atingir a idade limite» no sistema de acolhimento significava ficar sem um sítio para viver. Tinha ouvido histórias de adolescentes que acabavam por ser presos, que iam parar às urgências dos hospitais, que vendiam drogas, ou que viviam de subsídios da segurança social e de senhas de comida. Quão desesperada tinha que estar uma pessoa para infringir a lei? Por agora, as coisas corriam bem e ela não queria estragá-las.

Peg tinha-lhe pedido para ir até ao velho asilo para ajudar a salvaguardar tudo o que valesse a pena antes dos edifícios serem demolidos. Sem dizer uma única palavra sobre as suas reservas, Izzy concordou. Ficou aliviada quando Peg a deixou explorar primeiro os terrenos adjacentes, em vez de lhe dizer que fosse para dentro com os outros, vasculhar as caves, vaguear pela morgue ou pelas dezenas de alas abandonadas. Mas indagava-se sobre o que pensaria Peg se soubesse que o simples facto de estar perto de Willard a deixava nauseada. Atravessou uma ponte de madeira sobre o leito seco de um ribeiro, e seguiu a estrada com apenas uma faixa em direção ao pinhal. À sua esquerda, um bando de gansos-do-canadá alimentava-se num campo de vegetação alta, as cabeças curvas por cima das varas-de-ouro como bengalas negras. A uma curta distância da berma da estrada, estavam três crias de ganso de penugem amarela e cinzenta, num ninho de rabos-de-gato e morugem com os pescoços esticados na relva. Izzy ficou imóvel a observá-los. Os olhos das crias estavam abertos, mas elas não se mexiam. Aproximou-se, mantendo debaixo de olho os adultos que estavam mais afastados. Apesar de ela continuar a aproximar-se, as crias continuavam no mesmo sítio sem se mexerem. Engoliu em seco, sentia o

estômago a arder. As crias estavam mortas ou em vias de morrer.

Ela ajoelhou-se e pegou numa delas, voltando o corpo inerte e macio nas mãos, tocando por baixo das asas e no ventre à procura de feridas. Moveu-lhe as patas e o pescoço para ver se tinha algum osso partido. Não tinha nenhum ferimento e o corpo continuava quente. Então a cria pestanejou. Ainda estava viva. Talvez estivessem doentes, envenenadas por descargas indevidas de químicos ou medicamentos psicotrópicos usados em Willard. Izzy pegou nas outras duas crias e, como não encontrou sinais de ferimentos, voltou a pousá-las.

Por momentos, questionou-se se a Peg a deixaria levá-las para casa, para tratar delas até estarem saudáveis novamente. Depois lembrou-se que era melhor deixar os animais selvagens no seu meio ambiente. Talvez a mãe das crias voltasse e soubesse o que é que se passava. Endireitou-se e continuou a descer a estrada, com os olhos marejados de lágrimas. Olhou por cima do ombro na esperança que os pais das crias aparecessem. Tomara que nada lhes tivesse acontecido. Subitamente, as crias deram um salto e correram pelo campo, a mãe a grasnar apressando-se a ir ao encontro delas através do relvado. Izzy sorriu e limpou os olhos, surpreendida por os gansos fingirem-se mortos.

Com um suspiro de alívio continuou a dirigir-se para o pinhal. Num dos lados da estrada havia um edifício de quatro andares em ruínas, mesmo no meio de um dos terrenos, as suas janelas partidas estavam cobertas por barras de ferro, o telhado tinha colapsado, as telhas verdes e a madeira partida estavam cobertas de bolor. Parecia que tinha caído do céu, como um barco arrancado do mar e atirado para algures a milhas da costa. Do outro lado, filas de lápides de ferro fundido compunham um cenário irregular, inclinadas para a esquerda e para a direita fazendo lembrar uma cinzenta fileira de dentes tortos. Izzy sentiu um sabor amargo na boca. Ali era o cemitério de Willard. Deu meia-volta e apressou-se a voltar ao edifício principal, passando pelos enormes e degradados edifícios de tijolos que estavam ligados a Chapin Hall — as enfermarias.

As escadas de emergências das enfermarias estavam protegidas por gaiolas de arame, e as janelas sujas estavam cobertas de grossas barras, dos parapeitos apodrecidos escorria pelas paredes de tijolo um limo negro. A maior parte das janelas e das portas estava entaipada, como se as recordações do que ali tinha acontecido nunca mais devessem ver a luz do dia. Izzy estremeceu. Quantos pacientes teriam sofrido e morrido naquele lugar tenebroso?

Nessa altura alguém a chamou, arrancando-a aos seus pensamentos. Voltou-se e viu Peg a dirigir-se a ela apressadamente com um grande sorriso na cara. Desde que tinha conhecido a sua nova mãe de acolhimento que ela a fazia lembrar-se dos hippies dos anos 60. Hoje não era exceção. Peg vestia umas jardineiras de ganga e um garrido *topàs* flores, o seu cabelo era uma desordenada melena encaracolada.

— Este lugar não é fantástico? — perguntou Peg. — Não sabia que era tão grande.

— É grande, sem dúvida — respondeu Izzy, tentando soar agradável.

— Viste a casa dos barcos e o cais? — indagou Peg. — Foi onde desembarcou a primeira paciente de Willard que chegou de barco a vapor em outubro de 1869. Chamava-se Mary Rote e era uma mulher demente e deformada fisicamente, que tinha estado acorrentada numa cela de um asilo de pobres durante dez anos sem uma cama ou uma peça de roupa. Nesse dia chegaram também três pacientes masculinos, todos eles acorrentados. Um deles estava dentro daquilo que parecia um galinheiro.

Izzy olhou para o cais. À direita ficava uma casa de barcos de dois andares com as janelas partidas e telhas em falta, como um rosto contundido de pálpebras caídas.

— Isso parece-me bárbaro. — retorquiu ela.

— E era — revidou Peg. — Mas foi por isso que Willard foi construído. Era suposto ser um lugar para os loucos incuráveis que estavam a ocupar espaço nos asilos de pobres e nas cadeias. Passado pouco tempo da sua chegada ao novo asilo, os novos pacientes eram lavados, vestidos, alimentados e, normalmente, estavam a descansar tranquilamente nas enfermarias.

— Então as pessoas eram bem tratadas aqui?

O rosto de Peg ensombreceu-se.

— Ao princípio penso que sim. Mas ao longo dos anos Willard ficou sobrelotado e as condições deterioraram-se. Infelizmente, perto de metade dos seus cinquenta mil pacientes morreram aqui.

Izzy mordeu a bochecha, indagando-se como é que poderia perguntar se podia esperar no carro. Então Peg sorriu e pegou-lhe na mão.

— Vamos! — disse ela, com os olhos a iluminarem-se. — Uma das antigas empregadas quer mostrar-nos algo na velha oficina. Acho que vai ser uma

descoberta importante e quero que lá estejas!

Izzy gemeu interiormente e seguiu a sua mãe de acolhimento ao longo da estrada principal em direção à oficina, tentando encontrar uma desculpa para não entrar. Não se conseguiu lembrar de nada. Nada que não soasse estúpido ou louco. E ela não queria que Peg pensasse que era louca. Naquele verão, quando chegou a casa de Peg e Harry estava segura que eles seriam como todas as suas outras famílias de acolhimento, recebiam crianças apenas por causa do dinheiro e da mão de obra gratuita. Harry era diretor do museu estatal e Izzy tinha a sensação que o casal não ganhava muito dinheiro. Mas felizmente, por fim, desta vez estava enganada. Os seus novos pais de acolhimento eram pessoas decentes, dispostos a darem-lhe o espaço, tanto física como emocionalmente, que uma jovem mulher precisava. Na casa de três andares de Peg e Harry em Interlaken, ela tinha o seu próprio quarto com vista para o lago, com televisão, leitor de DVD e um computador. Disseram-lhe que lhe cabia a ela preservar a confiança que depositavam nela. Era a primeira vez que alguém punha a bola do seu lado, sem a julgarem primeiro. E agora, pela primeira vez ao fim de muito tempo, Izzy sentia que fazia parte de algo «normal».

No entanto, por vezes, a sua nova situação parecia-lhe demasiado boa para ser verdade. No fundo de sua mente, ela sabia que algo ou alguém iria aparecer para estragar tudo. Era assim a sua vida. Lembrou-se então que o primeiro dia de aulas na nova escola era dali a dois dias e o seu estômago contraiu-se. Ser a miúda nova era sempre difícil.

À medida que se aproximavam da oficina, o pescoço e o peito de Izzy ficavam mais quentes. À semelhança da mãe, tinha olhos azul-acinzentados, cabelo preto e uma tez branca. Quando ficava nervosa, apareciam-lhe manchas vermelhas no pescoço e no peito. Naquele momento, ela sentia a pele a ficar vermelha. Estar nos relvados do asilo era uma coisa mas agora ia entrar num dos edifícios. A vontade de fugir aumentava na sua mente fazendo com que o seu coração acelerasse. *É apenas parte do meu trabalho*, disse para si própria. *Não tem nada a ver comigo ou com a minha mãe. Além disso, já está na altura de ultrapassar estes medos pueris.*

Levantou o cabelo comprido e prendeu-o no alto da cabeça, deixando que a brisa lhe arrefecesse o pescoço.

— Não tens calor com essa camisola de mangas compridas? — perguntou

Peg.

— Não. — respondeu Izzy, puxando as mangas para baixo e prendendo-as com os punhos. — É fininha.

— Quando estava a dobrar a tua roupa reparei que só tens camisolas de mangas compridas — disse Peg. — Talvez possamos ir comprar-te roupa nova.

Izzy tentou sorrir.

— Obrigada. — Respondeu. — Mas eu gosto de camisolas assim, e não tem de tratar da minha roupa.

— Eu não me importo — respondeu Peg com um sorriso. — Só não consigo perceber porque é que alguém pode querer usar mangas compridas com um tempo destes.

Izzy encolheu os ombros.

— Eu tenho alguns preconceitos com os meus braços — respondeu. — São muito finos e pálidos.

— A maioria das raparigas adoraria ter braços compridos e esguios e pernas como as tuas — retorquiu Peg, a rir.

Não se se vissem as cicatrizes, pensou Izzy.

Olhou na direção do lago e viu grupos de pessoas reunidas perto da margem, sentadas nas mesas de piquenique, a caminhar e a jogar *softballebadminton*. A maior parte usava roupa coçada e debotada, deambulando como se estivessem atordoados por medicação. Ela parou.

— Quem são? — perguntou a Peg.

Protegendo-se do Sol com a mão, Peg semicerrou os olhos e dirigiu o olhar na direção da margem.

— Provavelmente, vêm do Centro Psiquiátrico Elmira, que fica aqui perto. — respondeu Peg. — Há um parque de campismo perto do lago. Por vezes, o pessoal traz os pacientes até cá para darem uns passeios.

Izzy ficou com os olhos marejados de lágrimas e recomeçou a andar, com o olhar fixo no chão.

Peg seguiu-a.

— O que é que se passa? — perguntou.

— Foi onde a minha mãe esteve internada — retorquiu Izzy. — Em Elmira.

Peg pousou uma mão no ombro dela.

— Sinto muito, eu não sabia.

Izzy levantou a cabeça e tentou esboçar um sorriso.

— Não tem importância. Foi há muitos anos.

— Espero que saibas que se algum dia quiseres falar sobre esse assunto eu estou aqui.

— Eu sei. — disse Izzy. — Obrigada.

Mas não, obrigada, pensou ela. Todas as conversas do mundo não mudariam o facto de que as pessoas eram mercadoria danificada. Antes da avó falecer há sete anos, ela tinha consultado três médicos diferentes, na esperança de encontrar uma cura para os seus pesadelos recorrentes. Nada tinha resultado. Além do mais, os médicos não sabiam nada. Uma sala cheia deles tinha insistido que a sua mãe estava sã e que poderia ir a julgamento. Agora estava presa em vez de estar a receber o tratamento que precisava. Mas Izzy sabia que a loucura era a única explicação para a mãe ter morto o pai enquanto ele dormia.

Quando chegaram à oficina, uma antiga empregada destrancou a porta e conduziu Izzy, Peg e dois outros funcionários do museu para o interior.

— Era aqui que os pacientes embalavam canetas e colavam sacos de papel — disse a antiga empregada alegremente, como se lhes estivesse a mostrar uma série de colchas numa feira.

Dentro do edifício havia mesas de trabalho vazias nas salas abandonadas. Calendários encarquilhados e velhos extintores estavam pendurados nas paredes rachadas e descascadas. O velho elevador de carga já não funcionava há muitos anos, por isso Izzy e os outros tiveram de subir três lances de escadas, íngremes e estreitos, até ao sótão, trepando por cima de degraus partidos e pedaços de estuque envelhecido e afastando teias de aranha. Quando chegaram ao topo, a antiga empregada destrancou a porta do sótão e encostou-se a ela numa tentativa para a abrir. A porta não se mexeu. Peg chegou-se à frente para a ajudar, empurrando a porta com as duas mãos. Por fim, esta cedeu com as dobradiças a rangerem. O ar bafiento e empoeirado das escadas subiu rapidamente, como se o sótão estivesse a inspirar profundamente. A empregada conduziu-os para o interior.

O sótão estava extremamente quente e abafado, impregnado pelo cheiro de madeira antiga, pó e dejetos de pássaros. Folhas mortas salpicavam aqui e ali o chão de madeira, trazidas pelo vento ao longo dos anos, através de um vidro partido de uma das janelas. Uma bata encardida estava pendurada num prego, e

várias malas de viagem danificadas tinham o seu conteúdo espalhado pelo chão de madeira. Chaves de casa e fotografias, brincos e cintos, blusas e sapatos de pele estavam misturados com sujidade e folhas mortas, como pertences em decomposição retirados de uma sepultura. No meio da enorme divisão estava uma mala de médico e aquilo que parecia um mapa rasgado, ambos cobertos com uma espessa camada de dejetos de pombo secos.

Por baixo das vigas do sótão, filas de prateleiras de madeira ocupavam quase todo o chão. Divididas entre «Homens» e «Mulheres» e organizadas de «A» a «Z» de ambos os lados, as enormes prateleiras perpendiculares às paredes altas formavam um longo corredor que atravessava o centro da divisão, idêntico ao corredor principal de um supermercado ou de uma biblioteca. Mas em vez de comida enlatada ou livros, as prateleiras estavam cheias com centenas de malas de viagem, cestos, guarda-roupas e baús cobertos de pó.

— Que sítio era este? — perguntou Peg, com um tom de espanto na voz.

— Era onde eles guardavam a bagagem — respondeu a antiga empregada. — Todas estas malas e cestos foram deixados por pacientes que entraram na instituição mas que nunca chegaram a sair. Ninguém lhes mexeu desde que foram emaladas há décadas pelos seus proprietários antes de darem entrada no asilo.

Izzy mordeu o lábio, pestanejando para controlar as lágrimas que lhe enchiam os olhos. Imaginou a mala da mãe aberta em cima da mesa que estava aos pés da cama, cuecas, sutiãs e camisas de noite em desordem. Nunca mais se esqueceria da primeira vez que tinha entrado no quarto dos pais depois do pai ter sido alvejado. A avó precisava de ajuda para encontrar e pôr na mala os pertences da mãe e Izzy abriu devagar as gavetas da cómoda dos pais, o cheiro familiar do perfume da mãe nas roupas interiores libertando-se para a lembrar de tudo o que tinha perdido. Naquela altura, ainda conseguia sentir no ar o odor do sangue do pai e uma réstia do cheiro a pólvora. Lembrava-se de olhar para a cama dos pais, a cabeceira, os pés e o estrado desmontados e encostados às paredes do quarto como se finalmente fossem mudar-se para uma casa maior, como a mãe sempre tinha desejado. E agora, tudo o que não podia fazer era correr para fora do sótão do asilo, pelas escadas abaixo em direção ao ar fresco, para longe das lembranças das vidas perdidas e arruinadas.

— Isto é um verdadeiro tesouro — afirmou Peg. Caminhou pelos corredores,

tocando gentilmente nas pegadas de cabedal dos baús e dos guarda-roupas verticais, semicerrando os olhos para ler as etiquetas de identificação e monogramas desvanecidos. Então, subitamente virou-se para a antiga empregada com os olhos arregalados e perguntou:

— O que é que vão fazer com isto?

A empregada encolheu os ombros e respondeu:

— Suponho que seja tudo deitado para o lixo.

— Oh, não — retorquiu Peg. — Não podemos permitir que isso aconteça. Temos de levar estas coisas para o armazém do museu.

— Isto tudo? — perguntou um dos empregados do museu.

— Sim. — respondeu Peg. — Não percebes? Estas malas são tão importantes como escavação arqueológica ou um conjunto de velhas pinturas. Estas pessoas nunca tiveram a oportunidade de contar a sua história para lá dos muros de um hospital psiquiátrico. Mas nós podemos tentar perceber o que é que se passou com eles ao analisarmos os seus pertences. Nós temos a rara oportunidade de tentar recriar a suas vidas antes de eles virem para Willard!

Olhou para Izzy.

— Não te parece empolgante?

Izzy fez um esforço enorme para esboçar um sorriso, um gélido sentimento de terror oprimia-lhe o peito.

¹Tábua-estreita — Planta da família *Typha domingensis* que habita as zonas húmidas. Em Portugal é normalmente conhecida por tábua-estreita ou foguetes. (N. da T.)

CAPÍTULO 2

CLARA

Upper West Side, Nova Iorque
Outubro, 1929

A jovem de dezoito anos, Clara Elizabeth Cartwright, estava parada em cima do grosso tapete persa que havia à porta do escritório do pai. Sustinha a respiração enquanto se inclinava para a frente na tentativa de ouvir a conversa dos pais através da trabalhada porta de carvalho. Quando era mais jovem, a opulenta decoração da mansão dos progenitores — o corredor apainelado, os brilhantes soalhos, os retratos emoldurados e os espelhos dourados, o serviço de chá disposto na cristaleira de cerejeira — faziam-na sentir-se como uma princesa a viver num castelo. Agora, as grossas madeiras e os pesados cortinados de damasco faziam-na sentir-se como uma prisioneira. E não apenas por não a deixarem sair há três semanas. A casa parecia-lhe um museu repleto de mobílias antigas e adornos antiquados, que tresandavam a ideais obsoletos e crenças arcaicas. Para ela assemelhava-se a um mausoléu, uma última morada para os mortos e moribundos. E ela não fazia tenções de ser a próxima.

Expirou e tentou descontraí-la. O seu plano de fuga já tinha sido tentado antes mas era tudo o que lhe restava. O cheiro acre do charuto do pai, que se insinuava por baixo da porta, misturado com o odor cítrico do óleo de polir os móveis faziam-na recordar as horas que tinha passado naquele mesmo sítio com o irmão mais velho, William, à espera da «consulta» diária com o pai, Henry Earl Cartwright. Desde que tinha memória, que todas as sextas-feiras depois de virem da escola, de fazerem os trabalhos de casa e de darem um passeio pelo parque, eles esperavam à porta do escritório do pai até à hora do jantar, entretendo-se mutuamente com prudência para não o incomodarem. Então, quando o pai estava despachado, chamava-os, um de cada vez, para saber como é que ia a escola, para resolver permanentemente os problemas comportamentais, para lhes explicar o que é que esperava deles naquelas idades. Ela e William deviam ficar de pé, imóveis, em frente da enorme secretária, de queixo levantado e a olharem em frente, a prestarem atenção até o pai acenar

com a cabeça e acender um charuto, sinal de que estavam dispensados.

A mãe, Ruth, tinha deixado claro que estas conversas sobre disciplina e o desempenho académico eram demasiado extenuantes para a sua índole delicada. Fazia a sesta sempre à mesma hora, enquanto o marido lidava com o desagradável assunto da educação dos filhos. Tinha sido apenas nos últimos anos, à medida que Clara se transformava numa jovem mulher, vulnerável aos estratagemas e desejos dos jovens rapazes, que Henry tinha insistido para que Ruth se envolvesse na educação da filha. Ruth tinha feito um esforço pouco convincente até há três semanas, quando decidiu levar a sua tarefa a sério. Clara perguntava-se o que é que diria William de os pais a manterem trancada como uma criminosa vulgar.

Ao pensar no irmão mais velho, os olhos de Clara encheram-se de lágrimas e o seu coração ficou pesado. Há um ano e meio que o corpo de William tinha sido retirado do rio Hudson. Parecia que tinha sido ontem. Lembrava-se da cara do pai ao receber a notícia, o maxilar estremecia, as faces coradas à medida que processava o facto de o filho mais velho estar morto. E contudo, os olhos permaneceram secos. Clara lembrava-se de lutar contra a vontade de lhe bater com os punhos no peito, de gritar que a culpa era dele. Mas ele nunca iria acreditar nela. A mente dele era um livro aferrolhado, onde constava apenas a sua versão «de como o mundo devia funcionar». Ela não o tinha abraçado, nem a mãe, ao invés tinha sofrido em silêncio enquanto eles desempenhavam o papel de progenitores enlutados. Agora, acima de tudo, ela estava determinada a não se tornar na próxima vítima da mão de ferro de Henry Cartwright.

Se não fossem as noites de sábado no Cotton Club, onde podia ser ela própria, rir-se e dançar com os amigos, tinha a certeza que já teria enlouquecido há muito tempo. Mas a última vez que a tinham deixado sair com os amigos tinha sido há três semanas. Parecia que tinha sido há um decénio.

Quando era mais pequena, tinha feito tudo para agradar os pais, tinha um excelente aproveitamento escolar, o seu quarto estava imaculado, nunca os interrompia e, acima de tudo, nunca tinha sido uma criança respondona. Depois, à medida que crescia, percebeu que pais achavam que ela e o irmão apenas deviam ser vistos e não ouvidos. Os adultos da família providenciavam comida e abrigo aos seus filhos, nada mais. Ao longo dos últimos dois anos, desde que William tinha desaparecido, tornara-se cada vez mais fácil a Clara mentir, dizer

que ia à biblioteca quando na verdade ia com as amigas à matiné do cinema para ver os filmes do Charlie Chaplin, ou ao Central Park ver os rapazes a jogarem no salão de jogos Skee-ball ou na Shooting Gallery. Ao princípio, tinha ficado surpreendida quando voltava para casa e não encontrava a mãe à porta, à espera dela com as mãos na cintura prestes a chamar o Henry para que lhe aplicasse o castigo que achasse adequado. Clara conseguia ouvir a voz profunda do pai na sua mente, as suas palavras fustigadas pela fúria.

«O teu lugar é aqui, em casa, a aprender a cozinhar e tomar conta dos teus filhos, e não a gaudiar pela cidade! Mas o que é que te passou pela cabeça? És uma Cartwright, raios! E é melhor que comeces a comportar-te como uma ou vais parar ao olho da rua!»

Por fim, compreendeu que os pais não davam conta que ela tinha saído. Inicialmente, pensou que eles estavam demasiado preocupados com William, perguntando-se se lhe teria acontecido alguma coisa ou se ele tinha decidido cortar definitivamente os laços familiares depois da discussão com Henry. Ela começou a questionar-se se afinal de contas a mãe sempre teria coração, se na verdade não seria extremamente sensível, e que talvez educar duas crianças fosse demasiado para ela. Mas depois apercebeu-se que enquanto o filho estava desaparecido e a filha fazia o que bem entendia, Ruth convidava outras senhoras para tomarem chá, contratava fornecedores de comida e floristas para a sua próxima festa, entretinha-se a folhear revistas e a beber uísque contrafeito e a encomendar vestidos, joias e casacos de peles novos.

Depois de o corpo de William ter sido descoberto, Ruth deixou de planejar festas. Mas continuou a beber até chegar ao ponto de perder os sentidos quase todas as noites. Afirmava que a bebida lhe acalmava os nervos, e Henry, que passava os dias a tratar de negócios e só saía do seu escritório para comer e dormir, assegurava-se que a sua pesarosa esposa tivesse um suprimento infundável. Tornou-se óbvio para Clara que os pais estavam aliviados por tê-la fora do caminho, desde que estivesse em casa para jantar às cinco e meia em ponto, caso ela se atrasasse era melhor que estivesse morta ou prestes a morrer.

Todas as semanas ao longo dos últimos sete meses, contou aos pais a mesma história, ia a um espetáculo com a Julia, a Mary e a Lillian. E depois ficariam a dormir em casa da Lillian. Ruth mal conhecia a Lillian, mas consentia que Clara passasse tempo com ela e com as outras raparigas pelo simples facto de as mães

delas serem membros da congregação feminina e frequentarem a mesma igreja que Ruth. Na mente dela fazia sentido que se a Julia e a Mary tinham autorização para passar a noite em casa da Lillian então era porque não havia qualquer problema.

Exceto que, em vez de irem ao teatro, as raparigas encontravam-se em casa da Lillian para se pentearem e para vestirem os seus vestidos de lentejoulas e franjas esvoaçantes. Enrolavam as meias até ao joelho para mostrarem que não estavam a usar espartilhos, calçavam sapatos de salto alto com tiras, e usavam longos colares de pérolas dependurados entre os seios. Depois, às dez horas da noite, o namorado de Lillian vinha buscá-las no seu *Bentley* levava-as até ao centro da cidade, e o *Rolls-Royce* do irmão de Lillian, apinhado com outros amigos, seguia-os a curta distância.

O lugar favorito deles, o Cotton Club, era um ponto de encontro que estava na moda, situado na esquina da rua 142 com a avenida Lenox no coração do Harlem, também conhecido por parque infantil dos ricos. No interior escuro e fumarento do clube, Clara e os amigos bebiam gim contrafeito, comiam cerejas cobertas com chocolate, fumavam cigarros e dançavam o charleston e o tango. Ouviam música jazz tocada por Louis Armstrong e ficam tão embriagados que mal se conseguiam endireitar.

Mas mais importante que tudo, o Cotton Club era o sítio onde Clara tinha conhecido Bruno. Ele tinha nascido em Itália, era filho de um sapateiro, tinha vindo para Nova Iorque sozinho e não estava habituado ao esplendor de um clube nova-iorquino. No entanto, na primeira vez que o viu, a abrir caminho por entre a multidão trajando um colete branco e gravata por baixo do casaco preto de abas compridas, ele parecia estar perfeitamente integrado. Passou pelas raparigas que o convidavam para dançar, não mostrou qualquer interesse no caviar ou nas bandejas repletas de copos de Martini, atravessou a sala com os olhos penetrantes fixos em Clara. Na altura, ela dançava a valsa com o irmão de Lillian, que estava embriagado e tagarelava sobre o seu trabalho na Bolsa de Nova Iorque e de como tinha meios para proporcionar a uma mulher tudo que ela sonhasse.

Quando Clara viu Bruno a dirigir-se a eles o seu coração bateu mais forte dentro do peito. Parecia estar furioso, como se alguém estivesse a fazer a corte à sua namorada. Perguntando-se se ele a teria confundido com alguém, ela

empertigou-se preparando-se para defender o pobre e ébrio Joe. Então Joe inclinou-se para a beijar e ela afastou-se, libertando-se das suas mãos pegajosas. Antes que percebesse o que é que estava a acontecer, Bruno aproximou-se e rodopiou com ela pela pista de dança, deixando Joe estupefacto e a cambalear no meio da sala.

Bruno olhou para ela enquanto dançavam, com uma expressão séria nos olhos, a mão pesada pousada ao fundo das costas dela. Ao perto, ele parecia um Adónis; o seu cabelo preto penteado para trás, a pele do seu rosto cinzelado era macia e bronzada. Ela baixou o rosto, perturbada pela intensidade do olhar dele.

— Espero que aquele não fosse o teu namorado — disse ele num tom de voz profundo, o seu sotaque tornando cada palavra mais rica e exótica.

Ela abanou a cabeça, mantendo os olhos fixos nas pessoas que estavam à volta deles. A Lillian e a Julia estavam no bar, copos de gim balouçavam nas mãos delas. A Lillian torcia o seu colar de pérolas por entre os dedos enquanto a Julia fazia cócegas a um atraente homem, com uma pena do seu toucado.

— Peço desculpa por ter-te roubado ao teu par — disse ele. — Mas tive medo que se perguntasse primeiro dissesse que não. Perdoas-me?

Então, ela olhou para cima, para os seus olhos de ébano, e perdeu-se. Engoliu em seco, incapaz de afastar o seu olhar do dele. Ela sorriu, tentando parecer divertida e indiferente.

— Acho que sim — respondeu.

— Pensas que estou a ser muito atrevido, — retorquiu ele, com os seus lábios grossos afastando-se num ligeiro sorriso.

— Não — revidou ela. — Mas eu...

Nesse preciso momento, apareceu Joe, batendo no ombro de Bruno. Este virou-se e Joe ergueu o punho, com o rosto vermelho contorcido.

— Para! — gritou Clara, levantando a mão.

Joe ficou imóvel com o punho levantado.

— Como é que sabes que este tipo não é um malandro? — perguntou, ao mesmo tempo que lhe saltavam perdigotos dos lábios. — A mim parece-me um mulherengo.

— Está tudo bem — respondeu Clara. — Estávamos só a dançar.

— Tens a certeza? — indagou Joe.

— Tenho — retorquiu ela. — Falamos mais tarde quando formos jantar. Está

bem?

Joe mirou Bruno dos pés à cabeça, os olhos vermelhos semicerrados, e depois baixou o punho. Bruno sorriu e estendeu a mão para se apresentar.

— Prometo entregar...

Quando tocou no pulso de Clara os seus dedos estavam quentes.

— Peço desculpa mas eu não sei o teu nome.

— Clara — respondeu ela, sentindo as faces a arder.

— Prometo devolver a Clara aos amigos, sã e salva — disse ele a Joe.

— É bom que não estejas com falinhas mansas — respondeu Joe. — Ou eu e os meus amigos corremos contigo num instantinho.

— Asseguro-te — retorquiu Bruno. — Que sou um homem de palavra.

Por fim, Joe ajeitou a gravata, apertou a mão a Bruno e afastou-se.

Bruno estendeu a mão a Clara.

— Concede-me esta dança, *bella* Clara? — perguntou ele. Ela acenou com a cabeça e ele puxou-a para perto de si. As lentejoulas do vestido dela estavam apertadas contra os músculos rijos do peito dele enquanto os vincos das calças de Bruno roçavam nos seus joelhos nus.

A música «Someone to Watch Over Me» estava quase a terminar mas subitamente ela sentiu que precisava de se sentar. Sentia os joelhos fracos e as entranhas trémulas. Já tinha dançado com dezenas de homens no Cotton Club, alguns sabiam quem era o pai dela e tinham a esperança de deitarem as mãos à sua fortuna, outra estavam genuinamente interessados em conhecê-la melhor. Mas nunca, nenhum deles, a tinha feito sentir-se assim. Ela agarrou-se com mais força à mão dele, perguntando-se se seria o gim ou cheiro almiscarado do perfume dele que a estavam a deixar tonta.

— Estás a sentir-te bem? — perguntou ele. — Precisas de ir apanhar ar fresco?

Ela abanou a cabeça.

— Eu estou bem — respondeu. — Acho que a bebida me está a deixar um bocadinho tonta, é só isso.

— Eu não te deixo cair — retorquiu ele. Então, ele baixou a cabeça roçando-lhe a orelha, o seu hálito quente provocou-lhe arrepios. Nesse preciso momento, a música acabou e ele parou de dançar. Contudo, continuou a segurá-la entre os braços.

— Gostavas de vir jantar comigo e com os meus amigos? — perguntou ela com voz rouca. — Nós vamos sempre tomar café depois...

— Gostava muito — respondeu Bruno.

Ele roçou a mão pelo rosto dela e levantou-lhe o queixo.

— Mas há uma coisa que eu preciso de fazer primeiro — disse.

Em seguida, pressionou os lábios contra os dela, com tanta força que os seus dentes quase cortaram o lábio de Clara. Ao princípio, ela resistiu, mas depois retribuiu o beijo, derretendo-se nos braços dele. O som dos risos e dos copos a baterem uns nos outros desapareceu, e tudo o que ela conseguia ouvir era o troar do seu coração. Luzes brancas piscavam por trás das pálpebras dela, o ardente ímpeto do desejo queimava-lhe a pélvis. Quando se afastaram, ele olhou para ela ofegante.

— Vês — disse ele. — Por vezes é melhor não perguntar.

Mais tarde, ao jantar, sentaram-se sozinhos num compartimento, a beberem café e a partilharem uma fatia de tarte de maçã. A Lillian, a Julia e o resto do grupo, estavam em dois compartimentos maiores mais à frente, a conversarem e a rirem-se, mas Clara e Bruno mal se apercebiavam da presença deles. Ele falou-lhe da família que tinha ficado em Itália e dos seus sonhos de ser bem-sucedido na América. Ela ficou surpreendida ao perceber que se estava a abrir mais do que era costume, exceto com William. Confessou as suas frustrações para com os pais, e chorou ao falar do adorado irmão que tinha falecido. Bruno esticou a mão por cima da mesa e pegou na dela, dizendo-lhe que sabia o que era ter problemas familiares. Acima de tudo, ele queria ter a sua própria família, uma família onde todos se amassem e dessem bem, independentemente do que acontecesse. Ela queria a mesma coisa.

No fim da noite, já não conseguiam deixar de se tocar, e ao fim de uma semana já se encontravam no apartamento dele. Ao fim de um mês, Bruno já se tinha tornado parte do grupo e até mesmo o irmão de Lillian, Joe, achava-o catita.

Agora, parada à porta do escritório do pai, Clara podia ouvir a voz de baixo-barítono do pai do outro lado da trabalhada porta de carvalho retumbando como um comboio a baixa velocidade, a mãe a lamuriar-se e a fungar, a sua abafada troca de palavras irritadas. Não estavam a discutir um com o outro. Estavam a falar de Clara, irritados por, pela primeira vez, ela não estar a cumprir

obedientemente os planos deles.

Ela pousou uma mão protetora no baixo-ventre, pestanejando para controlar as lágrimas que lhe assomavam aos olhos. A festa do noivado era amanhã à noite, tinham contratado um fotógrafo, um fornecedor de comida, e todos os amigos importantes dos pais estavam convidados. O sócio do pai, Richard Gallagher, tinha convidado uma dúzia de pessoas, desejoso de exhibir a futura noiva do filho. Os convites tinham sido enviados há dez dias e poucas pessoas tinham recusado o convite. James Gallagher, o homem com quem Clara era suposto casar, tinha mandado limpar e polir o anel de diamantes de dois quilates da falecida mãe, e tinha dado instruções para que incrustassem mais quatro diamantes de tamanho razoável. Ruth tinha escolhido o vestido de Clara e contratara uma cabeleireira para a pentear antes da festa. Estava tudo a correr exatamente como os pais tinham planeado. Os convidados chegariam a pensar que estavam ali para celebrar o aniversário de casamento de Henry e Ruth, e depois, antes do jantar, seriam surpreendidos com o anúncio do noivado de James e de Clara.

De súbito, o cheiro de ovos podres da água estagnada invadiu as narinas de Clara e ela quase vomitou. Vinha da jarra de flores que estava em cima da mesa de cerejeira. Afastou-se da porta e pôs uma mão por cima da boca e do nariz tentando acalmar o estômago revoltado. Se ficasse mais tempo parada *nohalla* ensaiar o seu discurso, ou desmaiava ou vomitava. Era agora ou nunca.

Bateu à porta do escritório.

— O que foi? — gritou o pai.

— Sou eu, — respondeu ela, as palavras presas na garganta. Tossiu ligeiramente e prosseguiu.

— Sou eu Clara. Posso entrar?

— Entra! — respondeu o pai.

Clara pousou uma mão na maçaneta e começou a rodá-la, então percebeu que ainda tinha a outra mão pousada no baixo-ventre. Sentiu o sangue a fluir às faces e baixou os punhos. Sabia que a mãe estava vigilante, que controlava o tamanho da sua cintura, que reparava no seu apetite pela manhã, que contava o número de pensos diários que estavam por baixo do lavatório. Se Clara entrasse no escritório do pai com a mão pousada na barriga, a mãe saberia imediatamente que os seus piores receios se tinham tornado realidade.

Clara respirou fundo e abriu a porta.

A mãe estava sentada num canapé cor-de-rosa ao pé da lareira de tijolos, abanando-se com um leque florido e os pés pousados num banco almofadado. Como de costume, o seu cabelo castanho estava puxado para cima ao estilo da rapariga de Gibson², preso no alto da cabeça num coque lasso. Para surpresa de Clara, a saia de folhos da mãe que lhe dava pelos pés estava levantada, deixando à mostra uns tornozelos pálidos por cima de umas botas pontiagudas de atacadores. Ruth acreditava que uma mulher honrada devia ter sempre os braços e as pernas tapadas, fosse qual fosse a situação. *Ela deve estar mesmo perturbada*, pensou Clara.

Não sabia quando é que tinha acontecido mas deu por si a desprezar os vestidos vitorianos da mãe, os seus penteados fora de moda, e os seus camafeus e anéis. Todos os maneirismos tradicionais e adágios antigos recordavam a Clara o comportamento púdico da mãe. Só o som das saias de folhos da mãe a roçagarem pelos corredores e dos seus sapatos austeros a baterem no soalho eram motivo suficiente para Clara se encolher.

Naquele momento, Ruth levantou-se e alisou o vestido com as mãos, o espartilho acentuava a sua cintura estreita. Instintivamente, Clara endireitou os ombros e encolheu o estômago, na esperança que a mãe não notasse que não estava a usar um espartilho.

Clara tinha sido obrigada a usar espartilho pela primeira vez quando tinha seis anos, depois de a mãe lhe ter medido a cintura e ter dito que era horivelmente larga e tosca. Ruth declarou que se não se tomassem medidas preventivas imediatamente iria haver consequências para a postura e para a saúde de Clara, e nenhum homem no seu perfeito juízo casaria com uma rapariga travessa e cuja cintura medisse mais de quarenta centímetros. Nessa noite, a mãe vestiu-lhe um espartilho de barbas rijas, insistindo que só o poderia tirar em caso de doença ou para tomar banho. Uma semana depois, Clara desapertou o espartilho durante a noite para poder dormir. Na manhã seguinte, Ruth encontrou o espartilho no chão ao pé da cama da Clara e arrancou-a de um sono profundo para a espancar como devia ser. Depois daquele episódio, todas as noites durante duas semanas, ela amarrava os pulsos da filha com um lenço de seda para evitar que fizesse travessuras. À medida que Clara crescia, os seus espartilhos eram apertados cada vez com mais força pelos braços musculados de uma robusta criada pessoal. Quando Clara tinha dezoito anos, a sua cintura media quarenta centímetros e

mesmo assim a sua mãe desdenhava, lembrando-a repetidamente que a dela media menos de quarenta, esquecendo-se que Clara era cinco centímetros mais alta.

Naquele momento, no escritório do pai, Clara olhou de relance na direção da mãe. Ruth ficaria horrorizada se descobrisse as pulseiras, os toucados de penas e os vestidos de franjas escondidos ao fundo do roupeiro de Clara, enfiados num baú por baixo de um velho fato de lã. Como se lesse a mente da filha, Ruth fungou e voltou o olhar para a janela, apertando os lábios numa fina e dura linha. O seu pai levantou as sobranceiras, bateu com um isqueiro de prata na secretária e mascou o seu charuto. Como de costume, usava um fato às riscas, o seu bigode farfalhado curvava-se por cima do lábio superior.

— O que é que se passa? — perguntou ele.

Clara abriu os punhos e entrelaçou as mãos em frente da cintura para impedir que tremessem.

— Posso falar consigo sobre um assunto? — perguntou ela, lutando para que a voz não lhe tremesse.

A mãe murmurou qualquer coisa e dirigiu-se para a janela com as saias a roçagarem. Afastou o cortinado e fingiu olhar para a rua.

Henry tirou o charuto da boca.

— Se é sobre amanhã — disse, — a conversa está terminada. A festa mantém-se como está planeada.

Clara engoliu em seco com o estômago às voltas.

— Claro que sim! — retorquiu ela. — Acho muito bem! Você e a Mãe não têm uma festa de aniversário de casamento há anos!

Ao ouvir aquilo, a mãe afastou-se da janela.

— Sabes perfeitamente porque é que vamos dar a festa — disse. — É para ti! E para o James! É a primeira vez em muitos meses que tenho vontade de celebrar algo!

Clara cerrou os dentes, forçando os lábios a esboçarem qualquer coisa que, esperava ela, se parecesse a um sorriso.

— Eu sei Mãe, — respondeu ela. — E agradeço todos os vossos esforços. Agradeço deveras, é só que...

— Sabes a sorte que tens por um homem como o James estar disposto a casar contigo? — perguntou Ruth.

Disposto, pensou Clara. Porque eu tenho tantos defeitos e imperfeições que ninguém no seu perfeito juízo quererá casar comigo. Por outro lado, talvez tenha razão, Mãe. O James não está no seu perfeito juízo. Ele é um reles mulherengo. Mas o que é que isso vos importa desde que se vejam livres de mim? Desde que ele me mantenha longe do Bruno?

Clara dirigiu-se à secretária do pai, com as faces e os olhos a arderem.

— Mas Pai, — retorquiu ela — eu não estou preparada para casar! Principalmente com o James!

Henry levantou-se e esmagou o charuto no cinzeiro, os dedos grossos a ficarem cada vez mais vermelhos à medida que carregava com mais força.

— Clara, — disse — já discutimos este assunto. A tua mãe e eu deixámos bem claro o que pensamos.

— E aquilo que eu penso? — retrucou Clara, com o coração prestes a rebentar. — E aquilo que eu quero?

— És demasiado jovem para saberes o que queres — respondeu o pai.

— Não — disse Clara, fitando-o nos olhos. — Não sou não. Já vos disse, eu quero ir para a universidade.

Tinha sido a única desculpa de que se lembrara para tentar que eles cancelassem o noivado. Pelo menos por agora. A determinada altura, ela quisera ir para a universidade para se afastar dos pais, estudar para ser secretária ou enfermeira. Queria ser capaz de se sustentar sozinha. Mas agora, os seus sonhos tinham mudado. Pela primeira vez na vida, sabia o que era ser amada e acarinhada. Não havia nada que desejasse mais do que partilhar a sua vida e constituir família com Bruno.

— A Lillian vai para a universidade — disse ela, sabendo que era um fraco argumento.

— Pouco me importa o que é que as tuas amigas fazem! — respondeu o pai, com as faces a ficarem vermelhas.

— Não vamos pagar uma fortuna, do dinheiro que nos custou tanto a ganhar, para mandarmos a nossa filha para a universidade sob o pretexto de ter uma educação superior só para que ela possa fumar, beber e frequentar festas pouco recomendáveis! — disse a mãe.

Clara revirou os olhos, uma gargalhada incrédula escapou-lhe dos lábios. Ela sabia que a mãe estava a pensar na última cançoneta que tinha começado a

circular: «Ela não bebe, ela não faz festinhas, ela ainda não foi para a universidade.» *É claro* que a mãe pensava daquela forma.

— Não é por isso que as raparigas vão para a universidade, Mãe — retorquiu Clara.

— Isto tudo é por causa daquele rapaz, o Bruno, não é? — perguntou a mãe.
— Aquele emigrante que convidaste para jantar há umas semanas?

Clara sentiu as faces a arder.

— Não sei, Mãe — respondeu ela. — Será? É por isso que quer que eu me case com o James? Para me manter afastada do Bruno?

A recordação da terrível noite em que levara Bruno para conhecer os pais surgiu na mente de Clara, as cenas passavam-lhe pela cabeça como as fotografias da máquina do salão de jogos. O Bruno parado à porta, a sorrir, o cabelo farto e escuro penteado para trás, evidenciando o seu rosto cinzelado, as mãos nos bolsos do casaco de cerimónia emprestado. Clara agradeceu-lhe por ter vindo e deu-lhe um beijo na face, sentindo o aroma fresco da sua pele macia, uma agradável mistura de creme de barbear Barbasol e de sabonete Lifebuoy. Tinha chegado quinze minutos antes da hora marcada, pois tinha sido avisado que Ruth detestava atrasos.

Clara tirou-lhe as mãos dos bolsos e ajeitou-lhe a gravata, sentindo borboletas no estômago. Tentando parecer calma para que ele não ficasse nervoso disse-lhe para respirar fundo, lembrou-o que devia dar um aperto de mão ao pai e depois conduziu-o pelo vestíbulo e ao longo do corredor até à sala de estar. Ele ficou boquiaberto com os candelabros de quebra-luzes em forma de lírios e os quadros emoldurados, sem dúvida surpreendido por ela viver numa casa tão extravagante. Ela tinha dito a Bruno que o pai trabalhava na banca, receosa de que a verdade o afastasse. Henry Cartwright era dono de metade do Swift Bank, o maior banco de Manhattan, com sucursais em todos os subúrbios de Nova Iorque e em algumas comunidades no norte do estado. E a mãe, Ruth, era a única herdeira do Bridge Bros. Clothing Emporium.

Clara abriu as ebúrneas portas da sala de estar e fez sinal a Bruno para que entrasse. Os pais estavam a tomar chá antes do jantar, a mãe estava sentada ao pé da lareira, o pai tinha um braço apoiado na cornija de mármore. Henry levantou o olhar quando Clara e Bruno entraram na sala, depois grunhiu e olhou para o relógio de bolso. Inicialmente, Ruth levantou-se com um radioso sorriso no

rosto. Mas quando reparou no casaco de mau corte e nos sapatos coçados, voltou a sentar-se.

Clara cerrou os dentes e conduziu Bruno na direção do pai, com esperança que este ficasse impressionado com a história de Bruno ter vindo para a América sozinho, para construir uma vida nova na terra da liberdade. Afinal, o pai de Henry tinha feito a mesma coisa em 1871, levando a sua nova esposa de Inglaterra para os Estados Unidos da América. Mas em vez de apertar a mão que Bruno lhe estendia, o seu pai voltou a olhar para o relógio de bolso e declarou que estava na hora do jantar. Ruth levantou-se e deixou os seus dedos delicados pairarem no ar, como se desse a Bruno autorização para lhe tocar na mão. Bruno apertou-lhe a mão e acenou com a cabeça.

— Muito gosto em conhecê-la, Sra. Cartwright — disse ele.

Ruth correspondeu com um pequeno sorriso e depois deu o braço ao marido e deslizou em direção à sala de jantar. Clara tocou no braço de Bruno e seguiu os pais, abanando a cabeça na direção deles ao mesmo tempo que revirava os olhos. Bruno franziu o cenho, com uma expressão de dúvida estampada no rosto. Inspirou profundamente e soltou o ar lentamente. Ela murmurou «Amo-te», e beijou-o na face. Por fim, ele sorriu. Sem uma palavra, tomaram os seus lugares à mesa, os pais em cada um dos topos e ela e Bruno sentados frente a frente. Para conseguir ver Bruno tinha de se desviar de uma das jarras, ridiculamente grandes, que a mãe insistia em espalhar pela casa.

Clara sempre se perguntou se a disposição de lugares à mesa de jantar seria para que Ruth não tivesse de olhar para Henry durante a refeição, ficava obviamente irritada quando ele sorvia a sopa ou mastigava demasiado depressa. Henry comia prazenteira e alarvemente, enfiava mais comida na boca antes de ter acabado de mastigar, falava com a boca cheia e servia-se da última porção de peixe ou de frango quando os outros ainda mal tinham começado a comer. Henry era sempre o primeiro a acabar de comer e isso irritava Ruth solenemente. Clara achava que a falta de maneiras do pai era típica da forma como ele vivia, apoderando-se do que queria, sem consideração para com aqueles que o rodeavam, até mesmo incôscio da sua presença, levando tudo à frente como se fosse esse o seu direito. Naquele momento, Clara levantou-se, tirou a jarra de cima da mesa e foi pousá-la em cima do aparador do outro lado da sala. Ruth ficou a olhar para ela, de queixo caído sem dizer uma palavra.

Enquanto a criada lhes servia a sopa, Ruth manteve os olhos fixos no prato à sua frente. Henry observava Bruno e Clara, de cenho franzido a avaliar a situação. Clara remexeu-se na cadeira, à espera que ele iniciasse o diálogo. Quando cruzou o olhar com o do pai, ele baixou os olhos, subitamente interessado em colocar o guardanapo no colo. Normalmente, Ruth tinha de lembrá-lo que o devia usar.

Clara agarrou na borda da toalha de mesa e endireitou-se.

— Pai, — disse ela, tentando parecer despreocupada, — o Bruno está a trabalhar nas docas há apenas seis meses e já foi promovido a capataz.

Henry grunhiu, pegou na colher e encheu a boca de sopa.

— Muito obrigado por me terem convidado para vir a vossa casa, — disse Bruno. — É muito gentil da vossa parte abrirem as vossas portas aos amigos da vossa filha.

Clara olhou para a mãe, à espera que esta respondesse. Quando Clara estava a crescer, Ruth tinha-lhe dito vezes sem conta, que primeiro e acima de tudo, ela avaliava as pessoas pelos seus modos. Dizia constantemente que se podia concluir muito sobre a educação de uma pessoa pelo uso que fazia das expressões «Se faz favor» e «Muito obrigada». Aparentemente, as boas maneiras só eram importantes quando se adequavam aos interesses de Ruth. No topo da mesa, Ruth mergulhava a colher na sopa, o olhar fixo no prato, como se comer fosse a coisa mais interessante que já tinha feito. Clara sentiu o sangue subir-lhe à cara. Normalmente, quando tinham convidados para o jantar, Ruth falava incessantemente, opinando sobre pintura, teatro, os mais modernos eletrodomésticos, fazendo tantas perguntas que quase se tornava intrometida. Mesmo depois da morte de William, ela comportava-se no seu melhor quando tinham convidados. Afinal de contas, era o que se esperava dela.

— Mãe? — disse Clara. — Você disse sempre que era má educação ignorar os convidados.

— Oh — respondeu Ruth. — Desculpa.

Ela pousou a colher, limpou a boca ao guardanapo e ajeitou-se na cadeira.

— Não tinha percebido que o teu convidado estava a falar comigo.

Ela olhou para Bruno, as sobrancelhas levantadas.

— O que é que estava a dizer, meu jovem?

— Queria agradecer-lhe por me ter convidado para vir à sua maravilhosa casa

— respondeu Bruno.

— Não tem de quê — retorquiu Ruth. Então, sem dizer mais uma palavra, pegou na colher e recomeçou a comer, com os seus brincos de pérolas balouçando ao lado do pescoço pálido.

As veias do pescoço de Clara pulsaram como se fossem rebentar. Então era assim que ia ser. Olhavam para o Bruno uma vez e formavam uma opinião a seu respeito. Seria por causa das roupas dele, do seu trabalho, ou do sotaque e da pele morena? Fechou as mãos que estavam pousadas no colo, fincando as unhas nas palmas.

Clara tinha dito a Bruno que o pai dela iria ficar impressionado com a rápida ascensão dele, mesmo que fosse apenas no porto local. Ela pensou que o pai ficaria surpreso por Bruno já ter conseguido poupar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Ele também estava a poupar para fazer alguns investimentos, tinha esperança de conseguir comprar algumas ações. Clara tinha-lhe dito que Henry não se importaria de o aconselhar, de lhe dar algumas dicas, e possivelmente, o nome de algum investidor de confiança para o conduzir na direção correta. Naquele momento, recriminava-se por ser tão estúpida e cega. No que é que ela estava a pensar ao trazer o Bruno ali?

A sua mente trabalhava a grande velocidade, tentando encontrar uma forma de escapar, de terminar rapidamente aquele desastroso jantar. Fingiu comer a sopa, com o estômago às voltas. Perguntava-se o que é que o Bruno estaria a pensar. Conseguiria ele perceber que ela estava perturbada? Saberia ele que se Clara fizesse ideia de que os pais iriam reagir daquela forma, ela nunca lhe teria pedido para vir? Ou pensaria ele que tinha sido uma tramoia? Ela sentia o peito e o pescoço a ficarem cada vez mais quentes, as faces a começarem a arder. Então, subitamente, o pai falou.

— Estou a tentar perceber uma coisa — disse ele, olhando diretamente para Bruno pela primeira vez. Fez uma pausa e pousou o braço em cima da mesa apontando um dedo na direção dele. — A propósito, qual é o seu apelido?

— Moretti, senhor — respondeu Bruno. — Bruno Moretti, fui batizado com um nome igual ao do meu falecido pai.

— Hmm — retorquiu Henry, levantando o queixo. — E o que é que ele fazia em Itália?

— Era sapateiro. E um dos bons.

— Estou a ver — disse Henry. — Portanto, o seu pai era sapateiro e você trabalha nas docas. No porto na South Street?

— Exatamente, senhor — respondeu Bruno, com um ligeiro sorriso a pairar-lhe nos lábios.

Clara sentiu o coração ficar ligeiramente mais leve. Inspirou profundamente pela primeira vez desde que Bruno tinha chegado. O pai estava a falar com Bruno. Era o primeiro passo.

— E quanto é que ganha a trabalhar nas docas? — questionou Henry.

— Pai! — exclamou Clara. — Você costuma dizer que é indelicado fazermos perguntas sobre a situação financeira das outras pessoas.

Henry olhou para Clara de cenho franzido.

— Presumo que o Bruno esteja aqui porque está interessado em fazer a corte à minha filha — retorquiu ele. — Assim sendo, eu tenho o direito de perguntar o que bem entender.

— Não faz mal — disse Bruno a Clara. Sorriu e dirigiu a sua atenção para Henry.

— Ganho o suficiente para ter o meu próprio apartamento, Sr. Cartwright. E já fui promovido a capataz.

— E onde é que fica esse apartamento? — perguntou Henry.

— Na Mulberry Street, senhor — respondeu Bruno.

— Em Little Italy? — retorquiu Henry.

— Sim, senhor. — Anuiu Bruno.

Henry murmurou algo e em seguida passou a mão pelo bigode.

— A minha filha está habituada a ter uma boa vida — disse ele. — Acredita realmente que lhe poderá proporcionar um nível de vida adequado com o salário de estivador?

— Talvez não imediatamente, senhor — respondeu Bruno. — Mas estou a trabalhar para progredir e...

— Progredir para o quê? Aspira a ser um sapateiro como o seu pai? Saiba que a minha filha não pode viver da minha caridade para sempre. Espero que não estivesse a contar com isso.

Clara ficou boquiaberta a olhar para Bruno, o coração pesava-lhe como chumbo dentro do peito. Bruno sentiu-se aviltado e fixou o olhar na mesa, as têmporas a latejar. Mas apenas desviou os olhos por um segundo. Quase de

imediatamente, levantou o queixo e olhou para o pai dela nos olhos.

— Com o devido respeito, senhor, a sua filha disse-me que antes de trabalhar na banca o senhor vendia sapatos. Muito possivelmente os sapatos que tornaram o meu pai famoso. Moretti Salvatore?

Para surpresa de Clara o pai empalideceu. Recostou-se e pigarreou.

— Esse nome não me diz nada.

— Poderá ser por na empresa onde trabalhou só venderem a linha mais barata, senhor? — perguntou Bruno. — Os sapatos que o meu pai produz só são vendidos em dispendiosas boutiques especializadas.

Clara mordeu o lábio, tentando sustar o riso. Ela nunca tinha visto alguém deixar o pai atrapalhado. Mas o seu divertimento durou pouco. Já devia saber que ninguém deixava Henry Cartwright embaraçado e escapava sem sofrer as consequências.

— Se o seu pai era um famoso fabricante de sapatos — disse Henry, — o que é que está a fazer na América, a trabalhar nas docas para poder comer?

Bruno apertou os lábios ao mesmo tempo que enrubescia. Em seguida pigarreou e retorquiu.

— O meu pai faleceu o ano passado. O meu tio e o meu irmão mais velho tomaram conta do negócio. Infelizmente, há um grande fundo de verdade quando se diz que família e negócios não combinam. Eu e o meu irmão não nos damos bem. Para não haver problemas vim-me embora. Além disso, eu sempre sonhei em vir para a América. Eu vim para cá para provar o meu valor. Sei que consigo prosperar sozinho porque sou forte e determinado como o meu pai.

Henry recostou-se na cadeira, os braços cruzados sobre o peito farto.

— Muito bem — revidou Henry. — Penso que primeiro deve provar o seu valor, antes de vir aqui tentar impressionar-me. Porque até agora eu não estou impressionado.

Clara deixou cair a colher no prato, a prata pesada retiniu no rebordo dourado da porcelana. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Desculpa Bruno, — disse ela, — por ter-te feito passar por isto. Não fazia ideia que os meus pais fossem tão tacanhos. Se fizesse, nunca teria tentado apresentar-vos. Devíamos ter jantado no teu apartamento, como costumamos fazer às sextas-feiras à noite.

Ruth arfou, a cor fugiu-lhe das faces. Levou a mão à garganta, abria e fechava

os lábios sem emitir um som, fazia lembrar um peixe.

— Não faz mal — retorquiu Bruno. — Eu entendo. O teu pai está preocupado...

— Não — revidou Clara. — Acredita em mim, é demasiado tarde para qualquer tipo de preocupação. Vamos embora, por favor.

Bruno levantou-se e ela contornou a mesa para lhe dar a mão. Sem olhar para trás, conduziu-o para fora da sala de jantar. Atrás deles, Henry gritava e praguejava, dizendo-lhe para voltar imediatamente. Clara ignorou-o.

Aquela cena tinha-se passado há quase um mês. Três dias depois, os pais informaram-na do casamento combinado com James. Desde essa altura que não tinha autorização para sair de casa. Não fazia ideia se Bruno tinha vindo à sua procura, porque estava proibida de atender o telefone ou a porta, e os empregados tinham sido instruídos para não lhe dizerem quem é que tinha ligado. Naquele momento, no escritório, a mãe olhava para ela.

— Por favor, mostra-me o devido respeito, — disse Ruth. — Sabes que sempre quis o melhor para ti. Quero que cases com o James porque ele é um homem bom.

— Mas ele não é! Ele...

— Ele vai tomar conta de ti, alimentar-te, vestir-te e vão viver numa boa casa — retorquiu Ruth. — Vai proporcionar-te a vida a que estás acostumada!

— Acredite ou não, Mãe — disse Clara, não conseguindo disfarçar o seu desdém, — nem toda a gente casa por dinheiro. Algumas pessoas casam por amor.

— Não fales assim para a tua mãe! — exclamou Henry, com as faces a tremer.

Mas era demasiado tarde. Tinha-se libertado algo no cérebro de Clara. Quando começou a dizer o que pensava já não conseguiu parar. Foi como se anos de frustrações e raiva tivessem vindo ao de cima simultaneamente.

— É só com isso que se importa, não é? — perguntou ela a Ruth. — Prefere ter joias a ter a família unida e feliz.

— Isso não é verdade! — exclamou Ruth, com um olhar magoado. — Como é que podes ser tão cruel e maldosa quando sabes o que é que eu passei? O teu irmão nunca me falaria desta maneira! Não admira que ele se tivesse ido embora. Provavelmente tinha medo de dividir os negócios contigo.

— Ele não se foi embora por minha causa! — afirmou Clara. — Ele foi-se

embora porque o Pai despediu-o e você não o defendeu. Desculpe, mas às vezes penso que a Mãe era capaz de passar por cima do corpo de seu falecido filho para apanhar um dólar do chão.

Henry contornou a secretária, as mãos cerradas em punhos.

— Pede já desculpa, minha menina! — disse ele, os lábios retorcidos. — Tu vais casar com o James em setembro e assunto encerrado!

Clara sentiu algo a mudar dentro da sua cabeça, algo robusto e definitivo, como o fechar de uma porta pesada. Tinha permanecido impávida durante anos deixando-os decidir a sua vida, desde a roupa que devia vestir até às disciplinas que devia ter na escola. A mãe tinha dado ordens à criada para fazer revistas semanais ao quarto de Clara, para se certificar que ela não tinha cigarros nem álcool escondidos. Henry tirou da biblioteca os livros «impróprios» e não autorizou Clara a ter aulas de piano porque não era decente. Ele dizia-lhe como é que devia gastar a sua mesada e obrigava-a a devolver os vestidos que não aprovasse. Clara não sabia ao certo se era o instinto maternal a despertar ou se seria outra coisa, mas já não conseguia aguentar mais.

— Porquê? — gritou ela. — Porque é que querem tanto que eu me case? É porque a família de James é rica e assim vocês já não têm de me sustentar? Ou é para assegurar o negócio, para garantir que o pai de James será sempre seu sócio?

Henry agarrou-a pelos ombros e abanou-a, os seus dedos grossos cravando-se na carne dela.

— Tu não falas comigo dessa maneira! — disse ele, os olhos a faiscar de fúria. Clara percebeu que ele estava a lutar para se controlar e não a atirar para o outro lado da sala.

Ela olhou fixamente para a mãe.

— Como é que pode deixar que ele me faça isto? — perguntou ela. — Como é que pode escolher o seu marido em detrimento dos seus filhos? Eu sei que foi isto que ele fez ao William! Eu sei que ele espancou o seu filho. E você não fez nada.

— Não te atrevas a meter William neste assunto! — disse a mãe.

— E porque não? — questionou Clara. — Você deixou que o Pai o arruinasse, porque não fazer o mesmo comigo?

Ruth encostou o pulso fino à testa e deixou-se cair no canapé. Henry libertou a

filha e correu para a mulher, ajoelhando-se a seu lado.

— Vê o que fizeste! — exclamou ele, lançando a Clara um olhar furioso. — Fizeste a tua mãe chorar!

Clara olhou para os pais, e anos de raiva reprimida avolumavam-se no seu peito.

— O William fez tudo por si, — disse ela. — Trabalhou noite e dia, a seu lado, durante anos. Abdicou de tudo para lhe provar que tinha valor. Mas nunca foi o suficiente, pois não? Você nunca lhe poderia reconhecer o mérito porque isso significava dar-lhe o que ele merecia!

Ao ouvir aquelas palavras, o pai levantou-se, atravessou a sala e esbofeteou-a. Ela cambaleou, recuperou o equilíbrio e levou uma mão à face que latejava, pestanejando através das lágrimas.

— O que é que ele fez? — rosnou ela, suportando o olhar do pai. — O que é que ele fez de tão terrível para que o deixasse de amar?

— Estou a avisar-te, — disse o pai — mais uma palavra e eu...

— Ah, é verdade, — retorquiu ela, lágrimas quentes rolavam-lhe pelo rosto — você pensava que era dono dele porque ele trabalhava para si. Você tratava-o como um escravo enquanto embolsava o dinheiro. Por fim, ele fartou-se e disse que bastava. Mas você não foi capaz de aceitar isso, por isso pô-lo na rua!

Olhou fixamente para mãe.

— E você deixou! Nunca se interessou em saber a versão de William. Nem sequer se preocupou em saber se ele tinha um lugar para viver, se tinha alguma coisa para comer!

— Cala-te imediatamente! — berrou Henry. — Antes que te arrependas!

— Não me arrependo de nada — disse Clara. — A única coisa de que me arrependo é de não ter percebido mais cedo a vossa verdadeira natureza.

Henry contornou a secretária apressadamente, pegou no auscultador do telefone e marcou um número. Olhava para a esposa chorosa enquanto esperava que atendessem do outro lado, as suas faces estavam carmin, o queixo tremia. A luz do candelabro refletia-se nas gotas de suor da sua testa. Clara virou-se para sair da sala. Se se fosse embora ficaria sem um tostão. Se ficasse, estaria encurralada. Não havia outra solução. Levou a mão à maçaneta da porta.

— Sim, Tenente? — disse o pai ao telefone. — Fala Henry Cartwright. Preciso que mande alguém cá a casa imediatamente. Receio que tenhamos um

problema entre mãos.

Clara parou à porta, à espera para ouvir o que é que o pai ia dizer a seguir.

— É a minha filha, Clara. Achamos que ela está a ter uma espécie de ataque.

Clara escancarou a porta e correu para fora da sala.

[2](#)Rapariga de Gibson — Gibson Girl no original, é considerada o primeiro ideal de beleza feminina nos Estados Unidos da América. Criada pelo artista Charles Dana Gibson, apareceu em várias revistas e reproduções, tornando-se um dos ícones do século XX. (N.da T.)

CAPÍTULO 3

IZZY

Escola Secundária Lakeshore

Izzy levava a mochila pendurada no ombro, o polegar preso na alça grossa, tentando encontrar a sala de aulas dos finalistas. Os corredores da sua nova escola estavam apinhados e os outros alunos passavam por ela rapidamente com pressa de chegar aos seus cacifos, enquanto ouviam música nos seus Walkman, riam e falavam com os amigos. Tal como em todas as escolas, os corredores exalavam uma estranha mistura de suor, pastilha elástica e aparas de lápis. A Secundária Lakeshore era uma das mais pequenas que já tinha frequentado, com apenas setecentos e sessenta e cinco alunos do nono ao décimo-segundo ano. Perguntava-se se seria mais fácil ou mais difícil integrar-se numa escola mais pequena.

Naquela manhã vestia uma camisola preta de manga comprida, calções de ganga e ténis *Converse* pretos. Depois reparou que quase todas as raparigas vestiam calças de ganga rasgadas e sapatos de salto alto, ou minissaias com botas *Doc Marten*. Olhou para os impressos que tinha na mão com um nó no estômago. Devia entregar os papéis com as suas informações ao Diretor de Turma ou à enfermeira da escola? Ou será que devia entregar aquele que tinha os nomes e os contactos dos seus pais de acolhimento à enfermeira da escola?

E era suposto entregar o impresso com o horário escolar ao professor ou devia ser ela a guardá-lo? Não conseguia lembrar-se.

Finalmente, viu o nome «Prof. Hudson» numa das portas e dirigiu-se para lá, tentando não chocar com ninguém. Nesse momento, alguém gritou e dois rapazes correram através da multidão, um deles vestia uma *T-shirt* dos Doors, o outro era ruivo e tinha aparelho nos dentes. O de cabelo ruivo chocou com ela, quase que a atirava contra os cacifos. Izzy rodopiou e deixou cair os impressos, o cabelo caiu-lhe para os olhos e a mochila escorregou-lhe do ombro. O de cabelo ruivo riu-se, pediu desculpa e afastou-se apressadamente. Ela afastou o cabelo dos olhos e procurou no chão de azulejos os impressos que estavam a ser pisados e amarrotados pelos inúmeros pares de ténis, sandálias e sapatos de salto alto.

Por fim, abriu-se uma brecha na multidão. Izzy pôs-se à frente de um grupo de alunos e ajoelhou-se para apanhar os papéis por entre os pares de pés apressados, tentando não ser pisada. Quando se esticou para apanhar o último impresso houve alguém que se antecipou. Ela levantou-se, pronta para correr atrás dessa pessoa.

— Hei! — exclamou ela.

— Só estava a tentar ajudar — respondeu um rapaz, estendendo-lhe o impresso. Os seus olhos azul-claros eram quase prateados, o seu cabelo preto-arroxeadado como as penas de um corvo.

— Obrigada — retorquiu ela, sentindo o sangue subir-lhe às faces.

— Não faz mal — revidou ele com um sorriso. Ele estava de mão dada com a namorada, embora ela tivesse continuado a andar. Então, a namorada dele parou e riu-se, olhou por cima do ombro para ver o que é que ele estava a fazer. Tinha cabelo louro comprido, as suas pernas eram macias e bronzeadas. Ela parecia ser fixe, bonita e divertida, o tipo de rapariga que Izzy sabia que nunca seria. A namorada do «Rapaz-Corvo» olhou para ela com desinteresse, depois puxou a mão dele forçando-o a avançar. Ele encolheu os ombros e desapareceu na multidão.

Izzy alisou os papéis amarrotados com as mãos, tentando não esborratar a tinta. Encontrou aquele que precisava, enfiou os outros dentro da mochila e seguiu atrás dos outros alunos para a sala de aula. Animais embalsamados estavam alinhados em exposição nas paredes: um castor, coelhos, uma raposa, um rato almiscarado, um corvo e um faisão. Frascos com embriões de leitões estavam alinhados nas prateleiras por cima das janelas, e um ténue odor a formol enchia o ar. O Prof. Hudson estava sentado à secretária a ler um livro enquanto os alunos conversavam e riam, sentados nas mesas ou nas costas das cadeiras. Um grupo de alunos de cabelo preto, roupas pretas, tatuagens e inúmeros *piercing*s estava sentado ao fundo da sala. Os rapazes que tinham chocado com Izzy estavam a mandar balões de água pelas janelas. Um grupo de atletas e *decheerleader*s estava sentado perto das janelas, abraçados uns aos outros.

Izzy cerrou os dentes e aproximou-se da secretária do Prof. Hudson, com o estômago às voltas. Não percebia porque é que estava tão nervosa. Já antes tinha passado por aquela situação. Quatro vezes para ser mais precisa. Depois de a

mãe ter sido presa, mudou-se para outra cidade para viver com a avó, onde teve de recomeçar tudo numa nova escola. Três anos mais tarde, depois da morte da avó, Izzy foi colocada numa família de acolhimento e teve de mudar de escola quando passou para o quinto ano. Ao fim de dois anos, o seu pai de acolhimento pôs a mulher no hospital depois de uma discussão sob a influência do álcool. Naquela noite, Izzy foi levada para outra casa de acolhimento. No dia seguinte, ela teve de começar o sétimo ano numa escola diferente. Quando os seus segundos pais de acolhimento se mudaram para outro estado, ela foi recolocada novamente, desta vez na casa de uma mãe de acolhimento alcoólica, quando estava prestes a iniciar o décimo ano. Durante três anos, Izzy esforçou-se por tomar conta dos outros dois miúdos, um rapaz de sete anos que era o filho biológico daquela mulher, e uma rapariga de dez anos que também estava no sistema. Quando a mãe de acolhimento estava demasiado embriagada para fazer fosse o que fosse, Izzy cozinhava e certificava-se que os outros miúdos tinham roupa lavada para levarem para a escola. Na véspera de Izzy acabar o décimo primeiro ano, a sua mãe de acolhimento levou a carrinha da família até um lago e afogou-se. Uma semana depois, Izzy foi colocada em casa da Peg e do Harry. Por isso, ela conhecia bem o esquema de ser a miúda nova.

Mas este ano era diferente por inúmeras razões. Integrar-se seria mais difícil do que o costume porque a maior parte dos alunos do décimo segundo ano estavam juntos desde os primeiros anos do ensino secundário. Pelo menos, no primeiro dia de aulas na última escola, estava em pé de igualdade com os outros alunos, eram todos caloiros. Ser a aluna nova numa turma de finalistas era como ir a uma festa sem ser convidada.

Naquele momento, ela estendia o impresso da secretaria, à espera que o Prof. Hudson levantasse os olhos e pegasse nele. Sentia os outros alunos a olharem com curiosidade para a parte da frente da sala, a acotovelarem-se uns aos outros, a apontarem e a olharem fixamente. O professor continuava de cabeça baixa, a ler o livro. Lentamente, a galhofa e a conversa desvaneceram.

— Hei, essa mochila é porreira! — gritou uma voz masculina. — Vais fazer montanhismo?

A risota foi geral. Izzy sentiu as faces a arder. Que mal é que tinha a sua mochila? Pigarreou para chamar a atenção do Prof. Hudson. Nessa altura, foi atingida na cabeça por um preservativo que depois caiu no chão. Ela olhou para

os novos colegas de turma. Um grupo de raparigas riu-se e voltou-lhe as costas. Uma das raparigas era a namorada do «Rapaz-Corvo». Este olhava para Izzy, procurando-lhe os olhos. Seria frieza ou piedade o que via espelhado nos olhos dele? Era difícil de dizer. Izzy pousou o formulário em cima da secretária, apanhou o preservativo do chão e estendeu-o ao professor. Finalmente, ele levantou os olhos.

— Penso que isto é para si — disse ela, fazendo rir toda a gente.

— Isto é alguma brincadeira? — perguntou o Prof. Hudson, com o cenho franzido.

— Não — respondeu Izzy. — Eu estava aqui à espera para lhe entregar os meus impressos e alguém atirou isto na sua direção, mas acabaram por me atingir a mim.

O Prof. Hudson pegou no preservativo, mandou-o para o lixo e levantou-se.

— Muito bem — disse ele. — Sosseguem e sentem-se nos vossos lugares.

Pegou no impresso de Izzy, leu-o e depois dirigiu-se à turma.

— Esta é a Isabelle Stone. Façam-na sentir-se bem-vinda, se fazem favor.

Olhou para Izzy.

— Senta-te onde quiseres.

Izzy passeou os olhos pela sala à procura de um lugar. A única mesa vazia era na última fila, ao fundo da sala de aulas. Deixou a mochila deslizar-lhe do ombro e caminhou em direção às janelas, planeando contornar as mesas em vez de passar pelo meio delas. Percebeu então, que para chegar ao seu lugar tinha de passar pela mesa do «Rapaz-Corvo» e da namorada. Por um momento, pensou em dar meia-volta e ir pelo outro lado. Mas isso seria demasiado óbvio. Continuou a andar. A meio do corredor passou pelo «Rapaz-Corvo» e pela sua namorada. Em seguida, um dos rapazes pousou um pé no parapeito da janela, cortando-lhe a passagem.

— Com licença — disse ela, forçando-se a sorrir.

— Como é que te chamas, mesmo? — perguntou o rapaz. Ele era atraente, com a pele clara e a espessa franja loura penteada para um dos lados por cima dos olhos azuis.

— Isabelle — respondeu ela, tentando soar afável. — Mas toda a gente me trata por Izzy.

— Izzy? — retorquiu o rapaz. — Como Izzy Pop?

— Não — revidou ela. — E é Iggy Pop.

— Sr. Anderson! — rosnou o Prof. Hudson da frente da sala. — É assim que vamos começar o ano letivo?

— Só me estou a apresentar — respondeu o rapaz. — A fazer com que a Izzy Pop se sinta bem-vinda, tal como nos pediu.

— Não sejas parvo, Luke — disse alguém por trás dela.

Izzy voltou-se para ver quem é que tinha falado. Tinha sido o «Rapaz-Corvo».

— Deixa-a sossegada — disse ele a Luke. A namorada do «Rapaz-Corvo» deu-lhe uma palmada no braço repreendendo-o. Ele ignorou-a.

Luke deixou cair o pé e piscou o olho a Izzy.

— Se precisares de alguém para te mostrar os cantos à casa — disse ele com um sorriso malicioso, — podes contar comigo.

— Obrigada — respondeu Izzy e continuou a dirigir-se para a sua mesa.

Isto está a começar bem, pensou ela enquanto deslizava para o seu lugar. E estou aqui há quanto tempo, cinco minutos?

Durante a chamada, Izzy ficou a saber que o «Rapaz-Corvo» se chamava Ethan Black e a namorada dele Shannon Mackenzie. Izzy analisou os outros alunos enquanto o Prof. Hudson falava sobre angariações de fundos, de comissões para a organização do baile de finalistas e de eleições para a associação de estudantes. Crystal, uma das raparigas que estava sentada ao pé de Shannon, olhou para trás para Izzy, depois inclinou-se e segredou qualquer coisa ao ouvido de Shannon. Olharam por cima dos ombros e riram-se. Quando outra rapariga, se Izzy não estava enganada, chamada Nicole, olhou para Shannon inquisitivamente, esta segredou-lhe ao ouvido. As três olharam para trás para Izzy, rindo-se como se partilhassem uma piada privada.

Izzy cravou as unhas nas palmas das mãos, lutando contra a vontade de lhes mostrar o dedo do meio. Havia sempre um grupo em todas as escolas, uma trupe de raparigas más que infernizavam a vida das outras. Não era preciso ser-se um génio para perceber quem eram as raparigas más desta escola. Ela sabia que o melhor era ignorá-las, e esperar que elas nunca descobrissem que a sua mãe estava a cumprir pena numa prisão de máxima segurança por ter morto o seu pai. Numa turma tão pequena, não ia ser fácil. Nesse instante, veio-lhe à mente uma recordação: duas raparigas, no corredor da sua última escola, a chamarem-na de «maluca», e a perguntarem-lhe se ainda tinha a arma da mãe. Ela quase que

conseguia sentir o sabor cuprífero do sangue por ter mordido o lábio para não lhes arrancar os olhos.

Naquele instante, ela agarrou nas mangas com os punhos, certificando-se de que estavam bem puxadas para baixo. As cicatrizes nos seus antebraços estavam finalmente a desaparecer, e ela tinha jurado que nunca mais se iria mutilar, independentemente do que acontecesse. Tinha deitado fora as suas lâminas há um mês, e não ia deixar que aquelas idiotas a fizessem quebrar uma promessa que tinha feito a si própria.

A primeira vez que se mutilou foi na noite a seguir à morte da avó. Entrou na casa de banho da antiga casa de campo para ir ao armário dos medicamentos buscar o pequeno suporte de vidro, em forma de homem, cheio de lâminas de barbear que tinham pertencido ao seu falecido avô. Tirou uma lâmina da cabeça do boneco, um barbeiro de cabelo preto e *T-shirt* azul, depois sentou-se na sanita e fez um golpe de quase três centímetros no antebraço. Desmaiou logo em seguida. Poucos minutos depois, acordou no chão da casa de banho e agarrou no braço, incapaz de olhar para a ferida recente. Foi nessa altura que percebeu que a dor física fazia com que a dor emocional desaparecesse por breves instantes, e que olhar para o seu próprio sangue a fazia perder os sentidos. Ao longo dos sete anos seguintes, ela mutilou-se para fazer desaparecer a sua raiva, frustração e dor, mas fê-lo sem olhar.

Depois de ter ido viver com a Peg e com o Harry, começou a perceber que era loucura automutilar-se. Quando mais não fosse, ela estava determinada a não ser como a mãe. Sofrer de uma doença do foro mental era o seu maior medo. Se ao menos ela conseguisse controlar as suas emoções, mais propriamente a sua raiva, talvez não se descontrolasse.

Já na parte dianteira da sala estava sentada outra rapariga, voltada para a frente, o seu cabelo preto liso caia-lhe pelas costas como uma capa de veludo. Rabiscava no caderno, absorta do caos que a rodeava, excetuando os rápidos e indiferentes olhares ocasionais que deitava aos outros estudantes. Izzy também já tinha conhecido raparigas daquele género. Provavelmente, namorava com um rapaz que já andava na universidade e ela não tinha tempo para as parvoíces dos colegas. Ou então, era líder da quadrilha das raparigas más.

Por fim, a campainha tocou e os alunos levantaram-se das suas mesas ruidosamente, dirigindo-se para a primeira aula do dia. Nenhum deles trazia

mochila. Propositadamente, Izzy arrumou as suas coisas devagar, à espera que todos saíssem da sala. Quando chegou à porta o Prof. Hudson chamou-a. Ela voltou-se na sua direção.

— Sim, Prof. Hudson?

— Deste-me o impresso errado — disse ele. — Este é para a enfermeira.

— Oh.

Izzy aproximou-se da secretária dele e pegou no papel, depois vasculhou na mochila à procura do impresso correto.

— Peço desculpa.

— Escuta — disse o Prof. Hudson, — esta é uma escola pequena e esta turma já está junta desde os primeiros anos do secundário. Há alguns anos que não têm um colega novo.

Izzy encolheu os ombros.

— OK. — respondeu ela.

— O melhor que tens a fazer se alguém te tentar chatear é ignorar.

Isso é fácil de dizer, pensou ela.

— OK. — disse novamente. — Obrigada.

À saída da sala de aula, a rapariga de cabelo preto aproximou-se de Izzy quando esta estava ao pé do cacifo.

— Olá, — disse a rapariga — bem-vinda ao inferno.

— Obrigada — respondeu Izzy, enfiando a mochila vazia no seu cacifo.

— Aqui ninguém usa mochila — explicou a rapariga. — A escola é tão pequena que nos intervalos toda a gente vai aos cacifos.

— Já reparei — retorquiu Izzy.

A rapariga ciciava ligeiramente, mas tirando esse pormenor a sua aparência permitir-lhe-ia integrar-se perfeitamente no grupo das raparigas más, a sua figura, a sua maquilhagem e a sua roupa eram perfeitas. Porque é que estava ali a falar com ela?

— Chamo-me Alexandra — disse a rapariga. — O meu diminutivo é Alex.

Izzy fechou a porta do cacifo e encostou o livro de matemática ao peito.

— Izzy, diminutivo de Isabelle.

— Gosto — disse Alex com um sorriso. — Combina contigo. Ouve, a Shannon e as amigas são perigosas. O melhor é ignorá-las e tentares não te atravessar no caminho delas.

— És a segunda pessoa que me diz isso.

— Porque é verdade — respondeu Alex.

Izzy encolheu os ombros.

— Elas não me afetam.

Alex sorriu.

— Tudo bem, mas depois não digas que eu não te avisei. Duvido que já tenhas conhecido alguém como a Shannon.

— O que é que ela pode ter contra mim? — perguntou Izzy. — Eu acabei de chegar.

Alex franziu o cenho.

— Para começar, o namorado dela defendeu-te — respondeu ela. — Essa foi a primeira falta.

— A culpa não foi minha — retorquiu Izzy.

— Eu sei — revidou Alex. — Mas a última rapariga que a Shannon considerou como uma ameaça ao namoro dela e do Ethan teve de mudar de escola.

— Porque é que não és amiga dela?

Alex desviou o olhar por uma fração de segundos, e bastou aquele pequeno movimento, aquela momentânea hesitação quando Alex desviou os olhos, para que Izzy se perguntasse se ela estava a falar verdade. Talvez Alex fosse uma espia das raparigas más, com a missão de se tornar sua amiga para depois lhes ir contar tudo.

— Nós já fomos muito chegadas — disse Alex. — Mas isso mudou há algum tempo.

— O que é que aconteceu?

Izzy sabia que podia parecer intrometida mas não se importou. Não ia correr o risco de cair numa armadilha.

— Porque é que não nos encontramos mais tarde? — respondeu Alex. — Se quiseres dou-te boleia para casa. Tenho um BMW de 1976. É uma lata velha mas fui eu que o paguei e dá para aquilo que eu quero.

Izzy cravou as unhas na capa do livro de matemática, a incerteza tremulava-lhe no estômago.

— Eu devia apanhar o autocarro para casa — respondeu ela. — Os meus pais de acolhimento disseram-me para não apanhar boleia de ninguém que eles não

conheçam.

— Bem, então e se eu for a tua casa mais tarde? — perguntou Alex. — Eu apresento-me aos teus pais e pode ser que eles nos deixem sair juntas.

Izzy estava prestes a concordar quando Alex olhou para o fundo do corredor, para trás de Izzy. Alex ficou de queixo caído. Nesse instante, Shannon e as amigas estavam ao lado delas, seguidas de uma forte nuvem de laca e perfume. Shannon sorriu para Alex com os olhos a brilhar, mal conseguindo disfarçar a sua excitação.

— Vais hoje à noite, não vais? — perguntou ela. — Os pais do Dave foram para a Flórida e ele tem o frigorífico atestado de cerveja!

Alex franziu o cenho, a sua testa engelhada. Começou a responder, mas nessa altura Shannon olhou para Izzy, como se reparasse nela pela primeira vez.

— Oh — disse ela.

Olhou para trás para as outras raparigas e depois sorriu para Izzy.

— Também podes vir, se quiseres. Eu apresento-te a toda a gente!

— Eu, — principiou Izzy.

— Não te esqueças — disse Shannon a Alex. — Prometeste levar tequila!

Antes que Alex pudesse reagir, Shannon afastou-se apressadamente, a rir com as outras raparigas. Izzy olhou para Alex à espera de uma explicação.

— Ela sabe que eu te estou a contar que não a suporto — disse Alex. — Ela fez isto para que eu passe por mentirosa.

— Se tu o dizes — retorquiu Izzy. — Tenho de ir para a aula.

Passou por Alex e começou a percorrer o corredor, a pensar que ia ser um longo ano.

— Vemo-nos por aí.

CAPÍTULO 4

CLARA

Casa de Repouso de Long Island

Dia de Ano Novo, 1930

Dois meses e meio depois da discussão que tinha tido com os pais, Clara estava parada perto da estreita janela apainelada do seu quarto, no terceiro andar da Norton Cottage, a olhar para os jardins principais da Casa de Repouso de Long Island. Era o princípio da manhã do dia de Ano Novo, nuvens cinzentas pairavam baixas e ameaçadoras no céu de inverno. Tinha estado mau tempo a noite toda, uma quase nevasca, e tudo estava coberto de branco. As árvores do bosque de cedros vergavam sob o peso da neve húmida, e a água que corria num ribeiro próximo tinha a cor das pedras tumulares. O jardineiro estava a limpar os passeios, de costas curvadas, o seu chapéu vermelho subia e descia à medida que empilhava a neve húmida em montes cada vez mais altos. Um pequeno trator preto limpava a larga estrada da entrada, as suas lâminas subiam e baixavam como se fossem asas de uma vespa gigante, o ronco do motor e o ruído áspero das lâminas a arranharem o asfalto ressoavam através do vidro estreito das janelas. O vento tinha parado finalmente, mas não passava muito tempo sem que o céu se abrisse e libertasse um turbilhão de espessos flocos de neve.

Fazendo um esforço para não chorar, Clara indagava-se onde é que estaria no próximo dia de Ano Novo. Imaginava-se a viver com Bruno, a criarem juntos o filho, finalmente livre do jugo dos pais. Mas primeiro, tinha de sair da Casa de Repouso de Long Island. Tinha de convencer o Dr. Thorn que não havia necessidade nenhuma de ela estar ali confinada. Até agora, nada tinha resultado. Ele acreditava mais nas palavras do pai do que nas dela.

Quando mais não fosse, ela estava aliviada por o passeio matinal ter sido cancelado. Não ficou contente apenas por não ter de ir lá para fora, para o meio da neve e do frio, mas também porque tinha passado a manhã na casa de banho a vomitar. O seu primeiro surto de enjoos matinais tinha-a deixado fraca e trémula. Deslizou a mão até ao abdómen, já sentido um instinto protetor em relação ao bebé que crescia dentro de si. Felizmente, ninguém conseguia perceber que

estava grávida só de olhar para ela, mas ela podia sentir a discreta mas firme protuberância por baixo do seu umbigo. O bebé era uma rapariga, ela tinha a certeza. Todas as noites, durante mais de uma semana, tinha sonhado com uma criança vestida com vestido de renda cor-de-rosa, de cabelo escuro aos caracóis e olhos castanhos, como os de Bruno, a olharem para ela. Naquele momento, Clara engoliu em seco para desfazer o nó que tinha na garganta, surpreendida pelo amor avassalador que já sentia pelo filho que ainda não tinha nascido.

Aquilo fez com que pensasse na sua mãe, Ruth. Enquanto estava grávida do seu primogénito teria Ruth posto uma mão protetora sobre a barriga que crescia, jurando amar e proteger o seu bebé para o resto da sua vida, independentemente do que acontecesse? Ou será que o aumento da sua cintura era um fardo para o seu sentido estético? Teria ela ansiado pelo dia em que poderia, finalmente, ter nos braços o seu filho recém-nascido e beijar-lhe a pequena testa de cheiro adocicado? Ou teria querido despachar a gravidez para que pudesse entregar o bebé a uma ama e continuar a viver a sua vida? Clara tinha de acreditar que a atitude da mãe tinha sido a última. De outra maneira, como é que uma mãe dedicada e carinhosa se tinha transformado numa mulher egoísta que não se importava com o que é que acontecia aos seus filhos?

Clara afastou da mente a imagem da mãe, certa de que tentar perceber a mulher que a tinha dado à luz não iria mudar nada. Voltou-se e sentou-se na cama estreita, aconchegando-se na sua camisola, e olhou para a carta fechada que estava em cima da secretária. Era uma carta do pai, a segunda que recebia desde que tinha sido internada na Casa de Repouso de Long Island há mais de dois meses, apesar de ela lhe escrever todos os dias a implorar para que a tirasse dali. O envelope marfim estava ali pousado desde que, há uma hora, tinha regressado do pequeno-almoço. Já tinha pegado neles umas vintes vezes, o polegar mesmo à beira da dobra, depois tornava a pousá-lo sem o abrir.

A primeira carta de Henry tinha sido entregue uma semana depois da chegada de Clara, dizia que a sua estadia na Casa de Repouso de Long Island era para o bem dela, que seria temporário, só até os médicos a conseguirem ajudar. Mas à medida que as semanas iam passando sem mais nenhuma palavra, Clara começou a recear que o pai tivesse mudado de ideias e que ela fosse ali ficar mais tempo do que estava inicialmente previsto. Agora, o seu futuro podia ser determinado pelas palavras escritas pelo pai na sua última carta, e, durante tanto

tempo quanto fosse possível, queria agarrar-se à esperança de que os pais iriam permitir que ela voltasse para casa. Quando James descobrisse que ela estava grávida de outro homem, o casamento seria cancelado. Os pais iriam deserdá-la e pô-la na rua. Mas qualquer coisa seria melhor do que aquilo. Qualquer coisa seria melhor que estar presa num manicômio, mesmo que fosse o mais caro.

Os quartos na Casa de Repouso de Long Island eram aquecidos e estavam limpos, os jardins bem tratados. E, na sua maioria, o pessoal era afável. Os pacientes comiam com talheres de prata e em luxuosa loiça de porcelana, e descansavam em salões mobilados com sofás Louis XV. O tratamento consistia em descanso, relaxamento, boa alimentação, ar puro, e atividades como andar de bicicleta ou jogar ténis nos relvados. E claro, sessões de terapia. Mas não havia dúvida que estava a ser mantida ali contra a sua vontade. Durante a sua primeira sessão, no dia seguinte a ter chegado, tinha perguntado ao Dr. Thorn o que é que aconteceria se tentasse ir-se embora.

— Porque é que quer ir-se embora? — perguntou ele, olhando para ela por cima dos seus óculos redondos. Ele era alto e extremamente magro, tinha uma enorme maçã de Adão que subia e descia na sua garganta coriácea como um peixe no bico de um pelicano.

— Porque eu não preciso de aqui estar — respondeu Clara. — Eu não tenho nenhum problema.

— Estou a perceber — retorquiu o Dr. Thorn, rabiscando na sua papeleta. — Então porque é que acha que veio parar à Casa de Repouso de Long Island?

Clara estava sentada numa cadeira de madeira, com os tornozelos cruzados entre as pernas da cadeira e as mãos cruzadas no colo. Cravou as unhas na palma da mão e tentou mostrar-se calma.

— O meu pai não está habituado a que eu diga aquilo que eu penso. Acha que as mulheres devem ser vistas mas não ouvidas. Esta é a maneira que ele tem de me silenciar, de tentar provar que me pode controlar. Está a tentar obrigar-me a fazer algo que eu não quero.

— Mas a função de um pai não é fazer aquilo que é melhor para os filhos?

— É — respondeu ela. — Claro que sim. Mas ele não está a fazer o que é melhor para mim! Ele quer obrigar-me a casar com um reles, imprestável...

Ela calou-se, o estômago às voltas, receosa de estar a falar de mais.

— O que é que o meu pai lhe disse sobre mim? Porque é que ele me mandou

para aqui?

— Ele disse que você estava a ter uma espécie de esgotamento. Está preocupado que você não esteja a pensar com clareza.

— Isso é um absurdo — retorquiu ela. — Ele apenas não consegue lidar com a verdade.

— E qual é a verdade, Clara?

— A verdade é que os meus pais dão mais importância ao dinheiro e ao poder do que aos filhos.

— Você parece estar muito zangada com eles por a terem mandado para cá.

Clara endireitou-se.

— É claro que estou zangada! — disse ela, levantando a voz. — Você não estaria?

O Dr. Thorn acenou com a cabeça e escreveu algo no seu bloco de apontamentos. Fez a pergunta seguinte sem levantar a cabeça.

— Acredita que o seu pai está a conspirar contra si, Clara?

Clara enrijeceu.

— Não — disse ela, abanando a cabeça. — Conspirar é uma palavra muito forte. O meu pai acredita que ao mandar-me para cá me vai ensinar uma lição. Ele não aprova o homem pelo qual estou apaixonada e acredita que quando eu voltar para casa vou aceitar os seus planos.

O Dr. Thorn pousou a caneta. Tirou os óculos e esfregou os olhos, depois cruzou as mãos em cima da secretária e olhou para Clara, escrutinando-lhe o rosto.

— Por vezes — disse ele num tom de voz calmo, — quando estamos ansiosos ou perturbados imaginamos coisas. O seu pai diz que o acusou de ter morto o seu irmão.

— Isso não é verdade! — exclamou ela. — O meu irmão suicidou-se porque achava que já não tinha mais nenhuma razão para viver. O meu pai arruinou-o e a minha mãe deixou que isso acontecesse.

— Responsabiliza os seus pais pela morte do seu irmão?

— Podiam ter lidado com a situação de uma forma diferente, — respondeu ela. — Em vez disso, exageraram, como é costume fazerem. Em vez de discutirem as coisas como os pais normais, livraram-se dele!

— E agora acredita que também estão tentar ver-se livres de si.

— Não foi isso que eu...

Clara calou-se e tentou acalmar o coração que troava, apercebendo-se subitamente que as suas palavras podiam ser distorcidas e usadas contra si.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou o Dr. Thorn, levantando as sobrancelhas.

Ela abanou a cabeça.

— Porque é que não acaba aquilo que ia a dizer? — perguntou ele.

Ela olhou para as mãos sentindo os olhos a ficarem cheios de lágrimas.

— Você não está a ouvir aquilo que eu lhe estou a dizer — respondeu. — Só está a ouvir aquilo que quer ouvir. Está a distorcer as minhas palavras e a fazer com que pareça que eu sou desequilibrada.

— Você parece desconfiar de toda a gente — retorquiu ele. — Dos seus pais, do homem com quem eles querem que case. Até mesmo de mim.

— Como é que se sentiria se a situação fosse ao contrário, Doutor? Não tentaria explicar-se e não pediria para que lhe dessem alta se você fosse uma pessoa completamente sã?

O Dr. Thorn fechou o seu bloco de apontamentos e voltou a colocar os óculos.

— Os pacientes da Casa de Repouso de Long Island só estão autorizados a ir-se embora com uma alta assinada por mim, ou a pedido da pessoa que os internou, neste caso o seu pai.

— Assim sendo, o que é que aconteceria se eu, simplesmente, arrumasse a minha mala e me fosse embora? E se eu descesse, calmamente, a estrada e saísse pelo portão principal?

O Dr. Thorn sorriu e fungou, como se estivesse a tentar sustentar uma gargalhada.

— Suponho que poderia tentar — respondeu ele. — Mas a Casa de Repouso de Long Island tem quase seis hectares e o portão principal ainda fica longe. Nós iríamos a apanhá-la antes que chegasse longe de mais. Além disso, o portão está trancado e eu vi o tamanho do baú que trouxe consigo. Não me parece que fosse muito fácil para si tirá-lo do seu quarto, muito menos carregá-lo escadas abaixo e através dos relvados.

As faces de Clara ficaram mais quentes. Estava prestes a dizer-lhe que não se importava minimamente com o seu baú. Que, se fosse preciso, ia-se embora sem o levar. Mas depois percebeu que ele podia interpretar a sua raiva de uma forma

diferente, como sendo um sintoma do seu «problema».

O seu primeiro erro no dia em que discutira com o seu pai tinha sido perder tempo a fazer uma mala. Devia ter saído do escritório, agarrado no casaco e fugido de casa naquele preciso momento. Devia ter fugido assim que ouviu o pai a dizer ao tenente para trazer um médico. Em vez disso, dirigiu-se apressadamente para o quarto e começou a arrumar o baú, esquecendo-se que teria de carregar a enorme arca pelas escadas abaixo sozinha, que o mordomo e motorista não seriam chamados para lhe levarem a bagagem para o carro. Afinal de contas, ela estava a fugir, não a partir para mais uma viagem ao estrangeiro. Mas ela não estava a pensar com clareza, a sua mente em pânico era incapaz de juntar dois pensamentos coerentes. Tudo o que ela pensava era que tinha de levar o maior número possível de coisas, porque, quando se fosse embora, as roupas que estavam no baú e as que trazia vestidas seriam tudo o que possuía no mundo.

Agora, olhando para trás, recriminou-se severamente por ter sido tão estúpida. Ela sabia que a polícia poderia estar em sua casa numa questão de minutos porque Ruth já lhes tinha telefonado em inúmeras ocasiões; quando não conseguia encontrar o seu colar de pérolas, quando os castiçais da sala de estar desapareceram, quando seu serviço de chá inglês favorito desapareceu. Em todas as ocasiões, a polícia tinha chegado e conversado calmamente com Ruth, enquanto ela andava de um lado para o outro e se lamentava, convencida que os empregados a estavam a roubar. Então, como se fossem vulgares criminosos, as criadas, os mordomos e os motoristas eram alinhados e interrogados. Por fim, surgia uma explicação lógica; o colar de Ruth tinha caído para trás do seu toucador, os candelabros estavam na despensa à espera de ser polidos, o serviço de chá tinha sido arrumado na cristaleira errada. Depois de Ruth perceber que as suas preciosas coisas já não estavam desaparecidas, agradecia à polícia por ter vindo tão depressa. Entretanto, Clara esforçava-se a pedir desculpa aos empregados.

Se ao menos Clara se tivesse lembrado da rapidez com que a polícia podia chegar, em vez de ser como Ruth e preocupar-se com as suas «coisas», talvez tivesse tido hipótese de fugir. Quando o pai levou ao seu quarto o tenente, dois polícias e o médico, o seu baú estava quase cheio e a hipótese de fuga já não existia. Henry ordenou aos homens que fechassem o baú e que o levassem, juntamente, com a sua única filha. Ainda conseguia ver a cara vermelha do pai e

os seus olhos alucinados, gesticulando como se estivesse a ordenar que tirassem um criminoso de sua casa.

— Ela estava a fazer uma série de terríveis acusações — disse Henry, abanando a cabeça. — Tenho receio que esteja a imaginar coisas.

— Isso não é verdade! — exclamou Clara. — Eu só...

Henry virou-se para o médico com um olhar suplicante.

— Pode ajudá-la?

Clara correu para a porta e um dos polícias agarrou-lhe no pulso. Ela lutou para se libertar mas sem resultado.

— Deixem-me — gritou ela. — Vocês não podem fazer isto! Eu não fiz nada!

— A Clara sofreu algum trauma emocional recentemente? — perguntou o médico a Henry.

— Perdeu o irmão — respondeu Henry. — E de alguma forma meteu na cabeça que eu... — Henry deixou cair a cabeça, levou os punhos à testa, como se fosse demasiado para suportar.

— Não foi por isso que eu... — gritou Clara. O polícia apertou-lhe o braço com mais força.

— Não! Deixem-me!

O tenente dirigiu a sua atenção para o médico, deixando que fosse ele a tomar a decisão. O médico assentiu com a cabeça. Antes que Clara pudesse protestar novamente, os polícias agarraram-lhe nos braços e conduziram-na para fora do quarto, pelas escadas abaixo até ao exterior, onde foi enfiada no banco de trás do *Buick* preto do médico, o seu casaco e as botas de inverno foram atiradas para ao pé dela e a sua bagagem arremessada para a bagageira. Lembrava-se de olhar pela janela do carro para a entrada de pedra da casa dos pais, para a familiar balaustrada de granito e para a flor de lis talhada por cima da porta. Não tinha a certeza porque é que tinha olhado; talvez tivesse uma pequena esperança de ver a mãe na escada a chorar, perturbada por ver a sua única filha a ser levada. Mas a única coisa que viu foi a bainha do casaco do pai quando ele desapareceu na entrada da casa, e a aldraba de bronze a balouçar quando a porta se fechou com estrondo.

Naquele momento, Clara mordia a bochecha enquanto tentava encontrar uma forma de convencer o Dr. Thorn a dar-lhe alta.

— Sinto muito — disse o médico. — Mas a nossa consulta terminou.

— Mas eu... — retorquiu Clara.

O médico levantou-se e contornou a secretária.

— Acabámos por hoje, Clara.

Clara levantou-se.

— É assim que vai ser? — perguntou ela, erguendo as mãos no ar. — Você vai tomar a sua decisão baseado numa conversa de vinte minutos?

— Falamos mais na tua próxima consulta — respondeu ele ao mesmo tempo que abria a porta.

— Quando? — retorquiu ela. — Amanhã?

O Dr. Thorn sorriu e abanou a cabeça.

— Sinto muito, mas amanhã tenho outros pacientes para ver. Encontramo-nos outra vez na próxima semana.

O estômago de Clara contraiu-se. *Na próxima semana?* Só de pensar que teria de ali ficar uma semana deu-lhe vontade de gritar. Com certeza o pai não queria que ela ali ficasse tanto tempo.

Uma jovem enfermeira estava no corredor à espera de Clara para a acompanhar ao seu quarto. Clara percorreu o corredor com os braços entrelaçados na cintura, fazendo um esforço para não se deixar abater. Não era aconselhável parecer emocionalmente instável em frente da enfermeira, mesmo que a mulher tivesse sorrido para ela quando saiu do consultório e os seus meigos olhos azuis mostrassem compaixão.

Um sentimento de medo apoderou-se do estômago de Clara causando-lhe arrepios. Os corredores pareciam intermináveis, a alcatifa verde e vermelha e os candelabros de cristal faziam com que parecesse estar na Casa Maldita em Coney Island, onde os visitantes eram perseguidos por um palhaço que tinha uma varinha elétrica através de salas tortuosas e corredores escuros com um soalho que rangia e paredes que se moviam. Ela detestava a Casa Maldita, recordando-se do pânico que sentiu quando uma rajada de ar lhe passou pelos tornozelos. Depois de muito lutar contra os outros visitantes para conseguir abrir caminho para sair de lá de dentro, jurou nunca mais lá pôr os pés, independentemente do quanto os seus amigos troçassem dela. A Casa de Repouso de Long Island era muito pior. Aqui não havia forma de sair, não havia saída, não havia luz do Sol, nem *corn dogs*, nem amigos a rir à gargalhada.

Quando Clara chegou ao seu quarto ficou parada à porta à espera que a

enfermeira a deixasse entrar. Ficou a olhar para o chão durante um minuto, pelo menos foi o que lhe pareceu, até perceber que a enfermeira tinha ficado para trás. A jovem enfermeira olhava para Clara de testa franzida, como se estivesse a tomar uma decisão.

— Já estive nos jardins? — perguntou a enfermeira.

Clara abanou a cabeça.

— Acabei de chegar.

— Eu sei quando é que chegou — retorquiu a enfermeira. — Eu estava com a enfermeira McCarn quando ela a conduziu ao seu quarto ontem à noite. Eu ajudei a arrumar as suas coisas.

— Peça desculpa — disse Clara. — Eu não me recordo. Eu...

— Não faz mal — respondeu a enfermeira com um sorriso. — Gostaria de ir até lá fora por um bocadinho? Ainda temos algum tempo antes de o almoço ser servido e este pode ser um dos últimos dias amenos antes da chegada do inverno. Os relvados são magníficos. — A enfermeira olhou para ambos os lados do corredor como se tivesse receio que alguém pudesse ouvir.

Clara abanou a cabeça.

— Eu só quero ficar sozinha por um bocadinho.

— Tem a certeza? — perguntou a enfermeira. — Está Sol e está tão quente que nem precisa de levar uma camisola. Dizem que amanhã já vai começar a arrefecer e...

Clara suspirou e deixou cair os ombros. Quando mais não fosse, talvez pudesse começar a conhecer os cantos à Casa de Repouso de Long Island e tentar descobrir uma saída. Assentiu com a cabeça e começaram a percorrer o corredor em sentido contrário, em seguida viraram para as escadas. A enfermeira começou a descer primeiro, depois parou no quarto degrau. A enfermeira McCarn vinha a subir as escadas.

— Oh — disse a enfermeira a Clara. — Deixa estar. Talvez numa outra altura.

Voltou-se e subiu rapidamente a escada. Clara seguiu-a.

— Enfermeira Yott! — disse a enfermeira McCarn por trás delas, os seus passos ressoavam nos degraus. A enfermeira Yott deixou cair os ombros. Parou e aguardou com o cenho franzido. A enfermeira McCarn chegou ao pé delas, pôs uma mão na cintura e olhou para elas com a testa franzida.

— Onde é que ia? As suas ordens eram para levar esta paciente para o quarto.

— Eu ia levar a Clara lá fora — respondeu a enfermeira Yott. — Para apanhar um bocadinho de ar.

A enfermeira McCarn lançou um olhar furioso à enfermeira Yott, o seu queixo tremia.

— Não lhe cabe a si decidir o que é melhor para os pacientes — retorquiu. — Leve-a imediatamente para o quarto.

A enfermeira Yott baixou os olhos.

— Sim, senhora.

— E lembre-se que você não é médica. — Disse a enfermeira McCarn. — O melhor que tem a fazer é seguir o meu exemplo. Trabalho na Casa de Repouso de Long Island há mais de vinte anos e sempre segui à risca as ordens dos médicos!

— Peço desculpa — respondeu a enfermeira Yott, corando.

A enfermeira McCarn abanou a cabeça e deu um estalido com a língua.

— É a segunda vez que tenho de a chamar à atenção. É melhor tomar cuidado, enfermeira Yott.

Clara engoliu em seco e deu um passo em frente.

— O Dr. Thorn disse-lhe para me levar lá fora — disse. — Eu estava a sentir-me um pouco claustrofóbica e ele perguntou se ajudava eu ir lá fora por uns momentos.

A enfermeira McCarn olhou para Clara, os lábios comprimidos. Clara sustentou o olhar dela. Por fim, a enfermeira McCarn voltou o olhar para a enfermeira Yott.

— É verdade? — perguntou a ela.

A enfermeira Yott assentiu com a cabeça.

A enfermeira McCarn cerrou os lábios, uma veia púrpura pulsava-lhe na testa. Estava a fazer um esforço para não perder a calma.

— Podem ir — disse, acenando com a mão na direção das escadas. — Têm dez minutos antes de o almoço ser servido. Certifique-se que a paciente está a horas na cafetaria. Se ela se atrasar vou responsabilizá-la a si.

Ela abanou a cabeça com desprezo e marchou pelo corredor fora.

A enfermeira Yott sorriu para Clara.

— Muito obrigada — disse ela. — Eu juro que ela tem alguma coisa contra mim.

Aquilo acontecera há dez semanas. Parecia que tinha sido há dez anos.

Naquele momento, Clara pegou na carta que estava em cima da secretária. Quando a viu pela primeira vez naquela manhã, o seu coração saltou-lhe no peito, na esperança que fosse uma carta de Bruno. Por fim, ele tinha respondido às missivas que lhe enviava diariamente. Então, viu a letra formal de Henry na frente do envelope e deixou-se cair em cima da cama, com o rosto enterrado nas mãos. Não conseguia perceber porque é que Bruno não lhe respondia. Ao princípio, receou que as suas cartas, de alguma forma, tivessem sido intercetadas. Mas isso não fazia sentido. Era ela que as levava à receção e que as deitava na caixa de correio que estava trancada. Ao fim de um mês sem receber notícias, começou a acordar encharcada num suor frio, em pânico que tivesse acontecido algo de grave. Era certo que o seu pai era um tirano sedento de poder. Mas ele não chegaria ao ponto de se livrar de Bruno, ou chegaria? Por instantes, passou-lhe pela cabeça a ideia de que Bruno a teria esquecido. Talvez o seu romance não tivesse significado nada para ele. Talvez ela fosse apenas mais uma numa longa lista de mulheres. Não, tinha sido mais do que isso. Muito mais. Ela tinha a certeza disso. Mesmo assim, ela preferia imaginar Bruno com outra mulher do que a imagem que a assaltava todas as noites: o corpo de Bruno a flutuar, ao lado do irmão dela, William, de barriga para cima no rio Hudson.

Afastou-se da secretária e pôs a mão sobre a boca, subitamente nauseada, nem a torrada seca que tinha comido ao pequeno-almoço tinha aliviado os seus enjoos. O seu pai não lhe tinha escrito para lhe dizer «olá» ao fim de quase três meses de silêncio. O Natal e o Ano Novo tinham passado sem que tivesse recebido um mero postal. Iria ela, finalmente, sair daquele lugar, ou seria forçada a permanecer mais tempo?

Inspirou profundamente e voltou a pegar na carta, jurando que desta vez a ia abrir. Mordeu o lábio e deslizou o polegar por baixo da dobra do envelope, abrindo-o em seguida. As mãos tremiam-lhe ao desdobrar a única folha do papel de carta marfim do seu pai. Deixou cair no chão o envelope e segurou a carta nas mãos trémulas.

Querida Clara,

Eu e a tua mãe esperamos que estejas bem e a receber a ajuda que precisas. É lamentável que a tua vida tenha dado esta volta. O Dr. Thorn assegurou-me que por vezes, independentemente o quanto tentemos, os pais não conseguem determinar o resultado da educação dos seus filhos. Mas isso agora não vem ao caso. O que está feito, feito está. A tua mãe e eu fizemos o nosso

melhor e isso é a única coisa que podemos exigir de nós mesmos. Estou a escrever-te para te dizer que a situação mudou desde a queda da Bolsa em setembro. Por causa das nossas perdas, e numa tentativa para manter a nossa casa e o estilo de vida a que a tua mãe e eu estamos habituados, lamento dizer-te que já não podemos continuar a pagar o teu tratamento na Casa de Repouso de Long Island. O Dr. Thorn e eu conversámos longamente sobre o teu problema, e sobre o que ambos acreditamos que imprescindivelmente deve ser o próximo passo. O Dr. Thorn vai explicar-te qual foi o nosso acordo. Tenta lembrar-te que a tua mãe e eu só queremos o melhor para ti.

Saudações cordiais,

Pai

Clara ficou a olhar para a carta, as palavras desvaneciam no papel, um nó formava-se-lhe na garganta. O que é que aquilo significava? Qual é que era, imprescindivelmente, o próximo passo? Iria ela ter alta? Iriam deixá-la ir-se embora para ficar entregue à sua sorte? Deixou cair a carta no chão e começou a andar de um lado para outro, a tremer. A sua consulta com o Dr. Thorn era só às onze horas. Ainda só eram nove e meia. Parou de andar de um lado para o outro e inspirou profundamente várias vezes, tentando acalmar o seu coração que batia aceleradamente. Não podia enervar-se, não fazia bem ao bebé. Tinha de se acalmar. Ao fim de um minuto, deitou-se na cama e fechou os olhos, puxando o fino cobertor para cima dos ombros trémulos.

De repente, sentou-se na cama, percebendo que havia algo que tinha de fazer. Ela tinha de escrever a Bruno. Se a situação ia mudar, se lhe iam dar alta ou mandá-la para casa, ele tinha de ser informado. Mesmo que ela não tivesse a certeza de que ele estava a receber as suas cartas, tinha de tentar informá-lo do que é que se estava a passar. Levantou-se, abriu a gaveta da secretária e puxou o papel de carta fornecido pela Casa de Repouso de Long Island. Afastou a cadeira e sentou-se, a caneta preparada em cima do papel, mas então percebeu que não sabia o que dizer. Como é que ela podia dizer a Bruno o que é que estava a acontecer se ela própria não sabia? A redação da carta teria de ficar para depois da sua consulta com o Dr. Thorn. Talvez ele a recebesse mais cedo. Talvez ela pudesse perguntar à enfermeira McCarn se o horário da consulta podia ser alterado. Levantou-se e dirigiu-se à porta, então ouviu vozes masculinas no corredor.

Dirigiu-se apressadamente à secretária e enfiou o papel de carta na gaveta, em seguida olhou à sua volta à procura de algo que pudesse aparentar que ela estava ocupada. A enfermeira McCarn costumava dizer que as mãos preguiçosas

empobreciam o homem, e se um paciente não tinha nada para fazer, havia muito chão para varrer e muitas casas de banho para esfregar. Clara tirou a Bíblia, fornecida pela instituição, da prateleira por cima da secretária, sentou-se na cama e abriu o livro numa página ao acaso. Umas estranhas tonturas apoderaram-se dela, como se não comesse há vários dias.

Nesse preciso momento ouviu uma batida ligeira na porta. O Dr. Thorn e outro homem que não reconheceu entraram no pequeno quarto com a enfermeira McCarn atrás deles. Uma pequena camada de neve cobria os ombros do casaco de lã do desconhecido e também lhe enchia as dobras das calças, pequenas poças de água já se formavam à volta das suas galochas.

— Bom-dia Clara — disse o Dr. Thorn. — Como é que te sentes hoje?

Ela forçou-se a sorrir e fechou a Bíblia no colo.

— Estou bem, obrigada. E o senhor?

O Dr. Thorn olhou para o outro homem.

— Tal como lhe disse — afirmou ele. — Ela é sempre afável. Não vos vai causar problemas.

O homem levou a mão enluvada ao chapéu e cumprimentou Clara. Ela correspondeu com uma espécie de cumprimento, os lábios retorcidos com o esforço que fazia para sorrir. O Dr. Thorn olhou para a carta que estava na secretária de Clara.

— Vejo que já leste a carta do teu pai.

— Sim — disse ela tentando manter a voz firme. — Ele disse que o senhor me explicaria o que é que se está a passar.

— Bem, sim — disse o Dr. Thorn. — É por isso que estou aqui.

Fez um gesto na direção do homem do casaco de lã.

— Este é o Sr. Glen. Ele é de Ovid, uma pequena cidade ao pé do lago Seneca.

A enfermeira McCarn deu um passo em frente e parou ao lado do Dr. Thorn, mantendo o seu braço estendido e ligeiramente atrás da costura lateral da sua saia branca. Clara vislumbrou algo comprido e prateado na mão dela. Parecia ser uma seringa. Uma sensação gelada apoderou-se do esófago de Clara, dificultando-lhe a respiração. Ela levantou-se. A Bíblia escorregou-lhe do colo e caiu com estrondo no chão. Nessa altura, viu dois auxiliares e uma enfermeira com uma capa azul à espera no corredor.

O Dr. Thorn levantou uma mão como se quisesse impedir Clara de fugir. A enfermeira McCarn aproximou-se mais, os seus olhos mais abertos e mais brilhantes, como se estivesse em estado de alerta.

— O Sr. Glen e a enfermeira estão aqui para te levar para Willard.

— Willard? — conseguiu dizer Clara. Engoliu em seco. A sua língua parecia uma pedra.

— É um hospital estatal para os dementes — informou o Dr. Thorn. — O teu pai quer assegurar-se que tu recebes a ajuda que precisas. Infelizmente, ele já não pode pagar a tua estadia aqui.

Clara deu um passo atrás, as suas mãos a apertarem a camisola.

— Mas eu não compreendo — disse ela, gotas de suor assomavam-lhe à testa.

— O meu pai disse que era temporário. Eu não preciso de ajuda. Eu só quero ir para casa!

A enfermeira McCarn deu um passo em frente, empunhando a seringa. O Dr. Thorn levantou a mão para a parar.

— Eu compreendo, Clara — disse ele. — Mas primeiro tens de te tratar. Vá, arruma as tuas coisas. O Sr. Glen tem um carro à espera lá fora.

— Mas o tempo — disse Clara, tentando encontrar uma razão qualquer para adiar a partida.

— Está a melhorar — informou o Sr. Glen. — Não vai haver problema se partirmos nas próximas horas. Chegaremos a Willard ao anoitecer.

— Não há razão para ter medo — disse o Dr. Thorn. — Vais ser bem tratada em Willard.

Clara colapsou em cima da cama, as pernas subitamente fracas, os seus braços inúteis. Foi preciso fazer um esforço enorme para não cair inerte no chão. Tentou dizer algo que os fizesse perceber que estava completamente sã, que o seu único crime tinha sido discutir com os pais. Ela estava a ser castigada por se defender a si própria, por defender com convicção aquilo que era certo e verdadeiro. Mas não encontrava as palavras.

— Enfermeira McCarn, — disse o Dr. Thorn. — Peça a uma das suas enfermeiras para vir ajudar a Clara a fazer as malas enquanto a senhora leva o Sr. Glen e a enfermeira que o acompanha à cafetaria. Tenho a certeza que lhes vai saber bem tomarem uma refeição quente antes da longa viagem de regresso a Willard. E peça para trazerem à Clara um chá quente e algo para comer antes de

ela se ir embora.

A enfermeira McCarn e o Sr. Glen saíram do quarto enquanto o Dr. Thorn permaneceu à porta, com uma mão apoiada na maçaneta.

— Vai correr tudo bem, — disse ele a Clara. — Você é uma jovem inteligente com um futuro brilhante à sua frente. Só precisa de uma pequena ajuda para descobrir o rumo certo para a sua vida. Se cooperar não haverá qualquer razão para temer a sua ida para Willard.

Em seguida, saiu do quarto e fechou a porta, deixando Clara entorpecida com os olhos fixos no soalho.

De uma forma que parecia estar a movimentar-se em câmara lenta, ela pôs-se de pé e tirou o diário de debaixo da cama. Sentou-se na secretária e abriu-o na última entrada, as palavras desfocadas na página. Tinha escrito no seu diário todos os dias desde que tinha chegado, mas não fizera qualquer menção ao bebé. Por alguma razão, tinha receio que alguma coisa pudesse não correr bem na gravidez, ou que os médicos encontrassem o diário e contassem ao pai. Se Henry descobrisse que ela ia ter um bebé de Bruno, era impossível saber o que é que ele era capaz de fazer. Provavelmente, mandá-la-ia embora para sempre.

Limpou os olhos e pegou na caneta, tentando encontrar uma forma de expressar o sentimento de ser descartada como se fosse lixo, de estar encarcerada como se fosse uma criminosa. Lembrava-se de ouvir histórias de pais que mantinham os filhos afastados dos olhares das outras pessoas; crianças com malformações, temperamentos incontroláveis, retardados, ou com lábios leporinos eram mantidas em reclusão, trancadas por trás de uma porta no piso mais alto da casa da família, ou escondidas num sótão escuro. Era isso que o pai estava a fazer? Estaria ele tão envergonhado por a filha estar apaixonada por alguém que ele não aprovava que a queria manter escondida? Ou estaria ele verdadeiramente convencido que um médico a poderia fazer perceber que estava a escolher o caminho errado e obrigá-la a casar com um homem que ela não amava? Ou estaria ele verdadeiramente convencido que ela estava doente? Aproximou a caneta do papel e começou a escrever.

O meu pai está a livrar-se de mim, está a mandar-me embora. Não sei o que é que ele espera conseguir com isso. Estou cada vez mais determinada, quando tiver alta, a viver a minha vida como bem entender e afastar-me dele. O meu pai está a mandar-me para Willard. Pergunto-me se devo recear de algo?

Pouco tempo depois, a enfermeira Yott entrou no quarto. Sorriu para Clara e olhou-a nos olhos, ao contrário do resto dos médicos e das enfermeiras que pareciam sempre ver através dela. Clara ponderou em dizer à enfermeira que a estavam a mandar embora, mas sabia que não valia a pena. Não havia nada que a jovem enfermeira pudesse fazer. Observou a enfermeira Yott tirar o seu baú do roupeiro e pousá-lo de lado no chão. A enfermeira Yott rodopiou nos dedos dos pés quando o contornou para abrir a tampa, as suas pernas, cobertas com collants brancos, e as suas mãos pálidas moviam-se propositadamente devagar, como uma bailarina a executar uma coreografia. Clara calculou que tivessem idades aproximadas, sendo a enfermeira Yott dois ou três anos mais velha. Imaginou os pais da enfermeira, sorridentes e orgulhosos no dia da formatura dela da escola de enfermagem. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e olhou para as mãos da enfermeira Yott para ver se ela era casada. Usava um anel de noivado na mão esquerda.

Subitamente, Clara sentiu-se oprimida, como se estivesse aprisionada debaixo de uma pedra enorme. O peito apertado, a agonia da dor empurrava-lhe os ombros para baixo. Tinha a certeza de ter ouvido o seu coração a partir. De repente, sentiu-se a ficar maldisposta. Levantou-se e correu para o balde do lixo deixando-se cair de joelhos. A torrada que tinha comido ao pequeno-almoço veio ao de cima, arranhando-lhe a garganta, e em seguida não sentiu mais nada a não ser dor e um sabor ácido na boca. Cuspiu repetidamente para dentro do balde, por fim levantou-se sentindo as pernas trémulas. A enfermeira Yott aproximou-se dela e pôs-lhe uma mão no ombro, com preocupação estampada no rosto.

— Está a sentir-se bem? — perguntou ela.

Clara limpou a boca com as costas da mão.

— Não — respondeu. — Não me estou a sentir bem.

— Está doente? Quer que chame o médico?

Clara tirou a camisola que tinha à cintura e sentou-se na cama.

— Eu não estou doente — disse com voz hesitante. — Estou grávida.

A enfermeira Yott arquejou. Clara enterrou o rosto nas mãos e inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Os seus ombros estremeciam, a sua respiração era ofegante.

A enfermeira Yott ajoelhou-se ao lado dela, ao mesmo tempo que lhe passava uma mão nas costas.

— Pronto, pronto — disse ela. — Vai correr tudo bem.

— Não — retorquiu Clara. — Vai correr tudo mal. É suposto os médicos ajudarem-me, mas como é que o vão fazer se não ouvem o que lhes digo?

Deitou-se na cama e enroscou-se no cobertor. A enfermeira Yott puxou a cadeira da secretária e sentou-se em frente a ela.

— Sinto muito — disse. — Há alguma coisa que possa fazer por si?

— Só se conseguir tirar-me daqui antes que me mandem para Willard, caso contrário não. Não há nada que possa fazer por mim.

— Perdoe-me por lhe perguntar isto — disse a enfermeira Yott. — Mas, e o pai do bebé? Ele sabe? Vocês estão juntos?

Clara sentou-se, uma mistura de um gemido e de uma gargalhada tresloucada escapou-lhe dos lábios.

— Sim — disse, com gotas de saliva a voarem-lhe dos lábios. Sabia que a enfermeira Yott não tinha culpa de nada mas não conseguia controlar a sua raiva. — Sim, estamos juntos. Não o viu quando ele veio buscar-me para irmos sair? É alto, moreno, bonito e trazia vestido o seu melhor fato. É impossível que não o tenha visto!

Falava num tom de voz alto e ríspido, e por um momento indagou-se se afinal não estaria a perder o juízo.

A jovem enfermeira cruzou as mãos no colo e baixou o olhar por um momento antes de falar. Quando olhou para cima os seus olhos estavam rasos de lágrimas.

— Ouça, — disse ela num tom de voz meigo, — eu só estou a trabalhar aqui há cerca de seis meses. Não é o emprego com que sempre sonhei mas foi o único que consegui arranjar. O meu noivo e eu queremos casar o mais depressa possível, mas ele tem estado desempregado e...

Fez uma pausa e mordeu o lábio inferior como se se perguntasse a si mesma se devia continuar a falar.

— Eu percebi assim que a vi que você não era louca. Não sei como, mas apenas percebi. Por favor não conte a ninguém, mas eu ouvi algumas das suas sessões com o Dr. Thorn para me certificar que o meu palpite estava correto. Eu ouvi-a dizer que o seu pai a mandou para aqui porque você não quer casar com o homem que ele escolheu. Eu sei o que isso é. O meu pai não aprova o meu noivo. É por isso que preciso deste trabalho. Estou a tentar poupar dinheiro suficiente para casar e sair de casa dos meus pais o mais depressa possível. O seu

pai enviou-a para aqui porque você está apaixonada por outra pessoa, não é? Bruno Moretti?

Clara levantou-se e balouçou as pernas para fora da cama.

— Como é que sabe o nome dele? — perguntou. — Eu nunca disse ao Dr. Thorn como é que ele se chama!

A respiração da enfermeira Yott tornou-se ofegante, o seu peito subia e descia cada vez mais rápido.

— Tem de me prometer que não diz a ninguém uma única palavra sobre isto — sussurrou ela. — Eu perco o meu emprego se alguém descobre.

— Prometo — disse Clara, sentindo-se tonta. — Diga-me só como é que sabe o nome dele! Ele esteve aqui? Ele veio à minha procura?

A enfermeira Yott olhou para a porta e em seguida inclinou-se para a frente.

— Eu vi as cartas — sussurrou. — As cartas que escreveu ao Bruno.

Clara abanou a cabeça, confusa.

— Do que é que está a falar? Como é que pode tê-las visto? Depois de as escrever eu pu-las na caixa de correio ao pé da receção.

A enfermeira Yott cerrou os lábios e levantou-se. Andou de um lado para o outro, em seguida, agarrou-se às costas da cadeira e olhou para Clara, os nós dos seus dedos estavam brancos.

— As cartas nunca foram enviadas — murmurou. — A enfermeira McCarn obrigou-me a passar revista a todo o correio que está para sair e a pô-las de parte. Disse que eram ordens do médico mas desconfio que na verdade fossem ordens do seu pai.

De repente, Clara ficou sem respiração. O seu pescoço e o seu rosto estavam em brasa, um nó ardente na garganta impedia-a de falar. Não era de admirar que Bruno não respondesse às suas cartas! O seu pai tinha-se certificado que ele nunca as receberia! Pôs-se de pé e empurrou a cadeira na direção da secretária, sentia os joelhos trémulos. Sentou-se e tirou o papel de carta da gaveta, agarrou na caneta e começou a escrever, os dedos tremiam-lhe enquanto tentava elaborar um texto coerente.

— Tem de pôr esta carta no correio por mim — disse, escrevendo e falando o mais depressa possível. — O Bruno não sabe onde é que estou nem para onde vou. Prometa-me que lhe envia esta carta.

Acabou de escrever a curta missiva, dobrou-a e enfiou-a num envelope, em

seguida olhou para a enfermeira Yott, à espera que esta concordasse. A enfermeira Yott torceu as mãos, os seus ombros magros estavam curvados e os olhos rasos de lágrimas.

— Não sei — respondeu ela. — E se sou apanhada?

— Esconda a carta — disse Clara. — No seu sutiã ou nas cuecas. Não me importa onde. Algures onde ninguém vá procurar. Quando chegar a casa ponha-a no correio. — Ela selou o envelope, rabiscou a morada de Bruno e estendeu-o à enfermeira.

A enfermeira Yott olhou para a carta enquanto mordida o canto dos lábios. Subitamente, ouviram vozes no corredor. Clara pôs-se de pé e enfiou a carta nas mãos da enfermeira. Esta desabotoou o primeiro botão do seu uniforme e colocou o envelope dentro do sutiã. Nesse instante, a porta abriu-se e a enfermeira McCarn entrou com um tabuleiro de comida. Ela interrompeu a sua marcha e olhou para o baú aberto no chão.

— O que é que se passa? — perguntou. — Porque é que ainda não acabaste de ajudar a Clara a fazer a mala?

A enfermeira Yott voltou-se e sorriu.

— A Clara estava perturbada e eu estava a tentar ajudá-la ao dizer-lhe como eram simpáticos os médicos e as enfermeiras em Willard. Penso que ela agora já se sente melhor. Não é, Clara?

As enfermeiras olharam para Clara à espera de uma resposta. Clara acenou com a cabeça.

— Sim — respondeu. — Muito obrigada.

Dirigiu-se à cómoda e começou a tirar as roupas, levando-as em pilhas bem ordenadas para o baú. As suas pernas pareciam água, prestes a transformarem-se em poças no chão. Ajoelhou-se e pousou as blusas dentro do baú, fazendo um esforço para que as mãos não tremessem.

A enfermeira McCarn suspirou ruidosamente.

— Enfermeira Yott, — disse ela — a sua tarefa era ajudar a paciente a arrumar os pertences. Você não é médica, lembra-se? Por favor, restrinja-se às suas funções ou serei obrigada a reportar a sua desobediência.

— Sim, senhora — respondeu a enfermeira Yott, pegando no tabuleiro da comida. — Vou certificar-me que a paciente acaba de arrumar a mala e que come algo antes de se ir embora.

A enfermeira McCarn observou Clara ajoelhada ao pé da sua mala, com os lábios franzidos e os olhos semicerrados. Clara olhou para cima e esboçou um leve sorriso. Por fim, a enfermeira McCarn foi-se embora.

— Não se demore — disse ela. — O Sr. Glen e a enfermeira May estão a acabar de comer, em seguida o Sr. Glen irá pôr o carro a trabalhar. Têm menos de meia hora para se despachar.

— Muito bem — respondeu a enfermeira Yott. — Tratarei de fazer com que Clara esteja na entrada principal daqui a pouco tempo.

Assim que a enfermeira McCarn saiu do quarto, a enfermeira Yott dirigiu-se apressadamente para a porta.

— Volto já. — Disse.

— Onde é que vai? — perguntou Clara, a pele a formigar de medo.

E se ela fosse entregar a carta ao Dr. Thorn? E se tudo não passasse de uma armadilha?

— Despache-se e acabe de arrumar a mala — respondeu a enfermeira Yott. — Quando terminar, vista o casaco e calce as botas mas não feche o baú. Fechamo-lo quando eu voltar.

E saiu deixando Clara sozinha.

Depois de ter arrumado as suas últimas vestimentas no baú, Clara calçou as botas e enfiou os braços no casaco. Dirigiu-se à janela e esticou o pescoço para espreitar para a entrada principal. A neve tinha parado de cair e podia ver o Sr. Glen na estrada principal a fumar um cigarro ao lado do *DeSoto* que já tinha o motor a trabalhar. O fumo do cigarro e o do tubo de escape do carro redemoinhavam em volta da sua escura silhueta, fazendo-a recordar a cena de um filme. Mas aquilo não era nenhum filme. E o Sr. Glen não era nenhum herói que iria resolver aquela situação.

Clara assustou-se quando a enfermeira Yott entrou de rompante no quarto com um cobertor apertado contra o peito.

— Tome — disse a enfermeira Yott, dirigindo-se apressadamente ao baú. — Eu disse à enfermeira McCarn que poderia precisar de um cobertor quente para a viagem.

Ajoelhou-se e desdobrou o cobertor. As cartas que Clara tinha escrito a Bruno espalharam-se por cima do conteúdo do baú.

— Pensei que gostasse de ficar com elas.

Clara arquejou e pegou num dos envelopes. A enfermeira Yott arrebatou-lho das mãos e enfiou-o, juntamente com as outras cartas, por baixo das roupas que estavam no baú de Clara.

— Não temos tempo para isso — disse ela com a respiração pesada.

Fechou o baú, trancou-o e endireitou-o.

— Talvez alguém em Willard as possa pôr no correio por si.

Clara abraçou a enfermeira Yott.

— Muito obrigada — disse ela enquanto tentava controlar as lágrimas.

A enfermeira Yott afastou-se e conduziu-a até à porta, contudo, Clara ainda conseguiu ver que os seus olhos se enchiam de lágrimas.

CAPÍTULO 5

IZZY

No sábado a seguir à primeira semana de aulas de Izzy, o tempo estava quente e húmido, e a brisa suave só agitava os ramos mais altos das árvores. Perto do chão o ar estava imóvel. Izzy percorria um passeio sombreado a caminho do trabalho, passando os dedos pelas folhas de bétula por cima da sua cabeça. Ainda era cedo, e uma camada de orvalho ainda cobria a folhagem, deixando as folhas húmidas e frescas. A Peg e o Harry tinham saído mais cedo do que era habitual, porque Peg estava ansiosa para começar a abrir as malas que tinham vindo de Willard. Izzy tinha pedido para caminhar os dois quilómetros até ao armazém do museu em vez de ir com eles de carro. Naquele momento, estava feliz por tê-lo feito, agradecida pelo tempo que tinha para si. Entre a escola, os trabalhos de casa e as refeições com os seus pais de acolhimento, a semana tinha passado a voar. E tinha sido uma semana dura.

Durante aqueles primeiros dias em que ainda estava a familiarizar-se com a escola, tinha chegado atrasada a quase todas as aulas. Nas poucas vezes em que pedira indicações para descobrir a sala de aula, uns quantos estudantes tinham-lhe dado informações erradas. Parecia que faziam de propósito e ela não conseguia perceber o porquê. Não lhes tinha feito nada. Tentou ignorar a forma como a tratavam, indagando-se se era assim que tratavam todos os alunos novos, ou se deveria levar aquilo a peito. Fosse como fosse, sentia-se magoada.

Na sua primeira aula de educação física, depois de finalmente ter percebido que o ginásio ficava num edifício diferente ligado à cafetaria através do longo corredor, havia um aviso na porta do balneário feminino que informava que o balneário estava fechado por causa de um problema na canalização. Quando ouviu gritos distantes e o chiar das bolas de ténis no soalho, ecoando noutra parte do edifício, o seu estômago contraiu-se. Já estava atrasada. Suspirou, contornou a esquina e quase abalroou uma das amigas de Shannon, que estava ajoelhada a apertar os ténis à saída do balneário masculino.

— Olha aí! — exclamou a rapariga, equilibrando-se numa das mãos.

— Desculpa — disse Izzy. — Eu não te vi.

Estendeu a mão para ajudar a outra rapariga a levantar-se, mas esta ignorou-a e continuou a apertar os ténis. *Como é que ela se chamava?* Pensou Izzy. *Crystal? Nicole? Tina?*

A rapariga levantou-se.

— Qual é a pressa? — perguntou.

Sacudi os joelhos e os calções e em seguida passou os dedos pela franja com madeixas. Tal como a Shannon e uma dúzia de outras raparigas na escola, usava o cabelo escadeado, esticado e arrebitado nas pontas, o mesmo penteado que usava a Rachel da série de televisão *Friends*. Os seus calções brancos ficavam-lhe justos, e a letra C brilhava na parte da frente da sua *T-shirt* curta e larga. *Crystal, era esse o nome dela.*

— Eu ia mudar de roupa para a aula de educação física, mas... — disse Izzy.

— Temos de usar o balneário masculino até arranjam a canalização do nosso — disse Crystal. — É melhor despachares-te. A professora Southard obriga-nos a correr mais voltas por cada minuto que nos atrasamos.

— Mas e... — retorquiu Izzy.

Crystal fez um gesto de desdém com a mão.

— Não te preocupes — disse. — A canalização está sempre a avariar, pelo menos uma vez por mês. Os rapazes só têm aula de educação física depois do almoço.

Izzy continuou pregada ao chão, tentando decidir o que devia fazer.

— Achas que vou ter problemas se for de chinelos e de calças de ganga para a aula? — perguntou ela.

Crystal riu-se e revirou os olhos.

— Acredita em mim — respondeu. — É pior do que chegar atrasada.

Agarrou no braço de Izzy e puxou-a na direção da porta do balneário.

— Anda lá. Só lá estão raparigas. Eu mostro-te.

Izzy deixou que Crystal tomasse a dianteira em direção ao balneário masculino, então parou à porta, desconfiada. Crystal abriu a porta e encostou-se a ela a sorrir. Izzy não se mexeu.

— Oh meu Deus! — disse Crystal. — Não sejas tão medricas! Eu vou contigo!

Izzy respirou fundo. Se a Crystal estava disposta a entrar, então talvez não

houvesse problema. Seguiu-a até um corredor sem teto que conduzia a uma segunda porta. O fedor a transpiração e urina que não tinha sido limpa atingiu as narinas de Izzy e o som de portas de cacifo a bater, de chuveiros a correr e pessoas a falar ecoava no espaço cimentado. Mas as vozes eram masculinas. Izzy estacou. Antes que pudesse virar-se e fugir, Crystal agarrou-lhe no pulso e escancarou a segunda porta. A Shannon e a Nicole estavam à espera do outro lado. As três raparigas agarraram Izzy e arrastaram-na para o balneário dos rapazes, puxando-lhe as roupas e os cabelos, as suas unhas bem tratadas cravavam-se nos braços dela.

A sala cheia de vapor estava apinhada de rapazes nus e outros meio vestidos. Quando viram as raparigas, riram-se e assobiaram, ao mesmo tempo que atiravam ao ar as suas toalhas molhadas e dançavam em cima dos bancos. Izzy manteve a cabeça abaixada e tentou escapar, mas foi inútil. No meio da luta perdeu um dos chinelos e deixou cair o saco com as roupas para a aula de educação física.

As raparigas arrastaram Izzy pela zona dos cacifos e empurraram-na para a zona dos duches. Com um último empurrão obrigaram-na a entrar no duche, depois viraram-se e fugiram. O pé descalço de Izzy escorregou e ela quase caiu. Uma mão molhada agarrou-lhe no pulso para a ajudar a manter-se de pé. Olhou para cima e viu Ethan ali parado, com o cabelo encharcado colado à testa, o seu peito nu coberto de espuma. Ela olhou para o rosto dele como um veado encandeado pelos faróis de um carro, depois virou-se e saiu do duche aos tropeções.

Com as faces a arder, saiu do balneário, apanhou o chinelo e o saco de ginástica ao mesmo tempo que tentava manter o olhar fixo no chão. Os rapazes gritavam e berravam, perguntando-lhe se tinha visto alguma coisa que lhe agradasse. Quando uma coquilha elástica encharcada a atingiu no meio do peito, ela voltou-se e olhou para eles.

— Já vi pénis maiores em crianças de quem tomo conta — disse ela tentando parecer forte. Os rapazes riram-se e disseram-lhe adeus.

Quando saiu do balneário, com uma das pernas das calças encharcada e uma das mangas da camisola rasgada, Shannon e as amigas estavam à espera no corredor. Izzy cerrou os punhos e afastou-se furiosa, com vontade de as esmurrar, mas sabia que elas não valiam o esforço.

— Não fiques chateada — disse Shannon por trás dela. — Foi só uma brincadeira. Fazemos isto a todas as alunas novas!

Praguejando baixinho e recriminando-se por ter confiado em Crystal, Izzy continuou a andar até chegar ao gabinete do diretor da escola. O diretor disse que ia pedir ao professor de saúde para preparar uma palestra sobre *bullying* para a próxima assembleia, e que se Izzy alguma vez se sentisse ameaçada podia ir falar com a enfermeira da escola. Mas quando ele pediu que lhe dissesse os nomes dos alunos envolvidos, Izzy recusou-se a dizê-los. Se o diretor questionasse Shannon e as amigas ela iria passar as passas do Algarve. Izzy queria que ele tivesse consciência do que é que se estava a passar na escola, mas não estava preparada para ser catalogada de delatora para que ele pudesse fazer o seu trabalho. Naquela noite, teve de fazer um grande esforço para não se esgueirar para a casa de banho do Harry e da Peg à procura de uma lâmina.

Como se o incidente do balneário dos rapazes não tivesse sido suficientemente mau, ontem tinha apanhado a Shannon e a Crystal a colarem pensos higiénicos, cheios de *ketchup*, na porta do seu cacifo. Quando as raparigas viram Izzy a aproximar-se, correram na direção oposta, onde Ethan as esperava ao fundo do corredor, de testa franzida e os lábios cerrados numa linha estreita. Quando ele viu Izzy, uma expressão de vergonha perpassou-lhe o rosto. Mas quando Shannon e Crystal chegaram ao pé dele, ele voltou-se e fugiu, numa das mãos levava um frasco de *ketchup* vazio. Aparentemente, ele era tão mau como os outros. Era verdade que mal lhe tinha dirigido a palavra, mas algo no seu sorriso e na forma como tinha evitado que ela caísse no duche tinham-na feito pensar que ele não era esse tipo de rapaz. Por algum motivo que desconhecia, ficou irritada e triste ao descobrir que estava enganada.

Pensando nisso agora, sentiu o coração a bater mais rápido e a raiva a acumular-se nos seus maxilares. Tinha de fazer alguma coisa para pôr um fim à perseguição que Shannon lhe fazia. Mas o quê? E como? Era óbvio que a Shannon mandava na escola. Ninguém tinha tido coragem para a enfrentar. Izzy tinha visto outras raparigas deixarem-se ficar para trás do grupo de Shannon, caminhando a uma distância segura, mesmo que estivessem atrasadas para as aulas. Algumas raparigas viravam costas e caminhavam na direção oposta se os corredores estivessem apinhados e não houvesse outra forma de evitar cruzarem-se no caminho de Shannon. Os rapazes que não se riam nem aplaudiam quando

Shannon e as amigas pregavam uma partida a alguém, evitavam cruzar o seu olhar com o delas, ou ficavam envergonhados em vez de defenderem as vítimas. Não passava pela cabeça de Izzy que uma pessoa pudesse ter assim tanto poder sobre todos os outros. Deixava-a enojada.

Falar com os pais de acolhimento não era opção. Já tinha visto demasiadas vezes o resultado de envolver os pais nestas questões *debullying*. Os pais, furiosos por alguém se meter com o seu filho, corriam para os professores e para o conselho diretivo, lançando ameaças a quem lhes desse ouvidos. Os professores e o conselho diretivo, com receio de uma ação judicial por acusarem uma criança *debullying*, não faziam nada. Então, era certo que a criança agredida iria pagar por ter envolvido os adultos. Os agressores arranjam sempre uma maneira de atingir as suas vítimas, aconteça o que acontecer. Se ela contasse aos pais de acolhimento e eles fossem falar com o diretor da escola, os maus tratos só iriam piorar. Ela tinha de descobrir sozinha o que é que iria fazer em relação à Shannon. Além disso, desde que tinha dez anos só podia contar com ela própria. Não era agora que ia começar a contar com mais ninguém.

Izzy abrandou o passo. Pensar em Shannon tinha feito com que algo cruel e vil lhe pressionasse as costelas, como um animal selvagem arranhando a sua gaiola. Ela odiava o nó no seu estômago, a forte e intensa dor no seu maxilar. O mundo oscilava à sua frente e ela parou, lembrando-se a si própria que devia respirar. Tinha de se livrar daquela raiva e daquela frustração antes que perdesse o controlo, como tinha acontecido com a mãe. Respirou fundo e olhou à sua volta para se certificar que ninguém a tinha visto parada no meio do passeio sem motivo aparente, certa de que parecia uma lunática.

Então viu a farmácia do outro lado da estrada. Cravou as unhas nas palmas das mãos, lutando contra o desejo de correr até lá e de comprar uma caixa de lâminas. Pôs um pé à frente do outro e continuou a caminhar, abrindo os punhos e contando até dez. Afastou da sua mente os pensamentos negativos, determinada a não deixar que ninguém a fizesse retroceder para aquele lugar escuro e solitário onde o seu único escape era a dor.

Por fim, Izzy chegou ao armazém. Encontrou Peg à espera, com os olhos muito abertos e a falar a mil à hora. Tinha o seu cabelo castanho encaracolado, preso numa extravagante desordem no topo da cabeça, calçava sandálias e tinha vestido uma saia comprida às flores e uma *T-shirt* de alças do Harry. Na outra

ponta do armazém, Harry gesticulava e sorria enquanto falava com um grupo de homens e de mulheres.

Peg mostrou a Izzy as quatrocentas e vinte e sete malas e baús que tinham vindo de Willard, todos alinhados em cima de mesas à espera de serem abertos e os seus conteúdos finalmente revelados. Quase sem conseguir respirar por causa do entusiasmo, entregou a Izzy um grande bloco de apontamentos encadernado a couro.

— Preciso que tomes nota dos nomes dos proprietários das malas — disse Peg. — Depois eu abro-as e digo-te o que é que está lá dentro. Temos de registar tudo, até ao mais ínfimo pormenor.

— OK. — Respondeu Izzy. — Parece ser bastante simples.

— Nós fazemos metade e o Harry e a equipa dele fazem a outra metade.

Nesse momento, Harry dirigia-se a elas acompanhado de outras duas pessoas. Era um homem alto, magro, de cabelo louro que começava a rarear, usava óculos com armação prateada, e como sempre, estava impecavelmente vestido com uma camisa às riscas e calças de pinças pretas. Atrás dele, um enorme homem de barba grisalha atravessava pesadamente o corredor, fazendo com que Harry parecesse uma criança. Izzy arquejou ao reparar na altura e na envergadura do gigante que caminhava na direção dela, na sua cara larga e vermelha, nas suas pernas que faziam lembrar o tronco de uma árvore. Nunca tinha visto um ser humano tão grande. A máquina fotográfica que trazia na mão parecia um brinquedo. Então, pela primeira vez, reparou na pessoa que caminhava ao lado do gigante. Ele trazia umas malas e um tripé, o seu cabelo era da cor das penas de um corvo. Izzy sentiu o sangue subir-lhe às faces.

Era Ethan.

— Este é o nosso amigo Peter e o filho, Ethan — disse Harry a Izzy. — Estão aqui para tirar as fotografias.

— E esta é a minha assistente, Isabelle — disse Peg. — Nós tratamo-la por Izzy.

Peter sorriu e agarrou na mão de Izzy, e os seus dedos delgados desapareceram no meio da manácula dele. Ethan apertou a mão a Peg, depois sorriu e cumprimentou Izzy. Ela acenou com a cabeça na direção dele, depois olhou para os seus ténis esfarrapados e para as suas calças de ganga demasiado largas. Peg tinha-lhe dito para vestir roupa de trabalho, umas roupas velhas

quaisquer que ela não se importasse se se estragassem. Naquele momento ela resmungava para si própria, desejando ter vestido uma camisola lisa em vez da camisola de manga comprida dos New Kids on the Block, com a frase «I love Jordan» escrita na parte da frente. Tinha aquela camisola desde o décimo ano e normalmente usava-a para dormir. Não só as suas roupas eram feias e fora de moda, como tinha decidido não tomar duche antes de ir trabalhar. O seu cabelo sujo estava apanhado num rabo de cavalo, com farripas gordurosas a caírem-lhe nos olhos sem maquilhagem. Já conseguia imaginar a chacota de que ia ser alvo na escola.

Peter e Ethan caminharam ao lado de Peg e Izzy em direção a uma das pontas do armazém enquanto Harry voltava para a outra. Felizmente, a enorme estatura de Peter funcionava como barreira entre Izzy e Peter. Quase que podia fingir que Ethan não estava ali. Aproveitou aqueles poucos momentos para inspirar profunda e lentamente, desejosa que o seu pescoço e rosto enrubescidos voltassem ao seu tom normal.

Quando chegaram ao pé da primeira bagagem, uma deteriorada mala de pele com uma pega castanha e uma fivela metálica, Ethan montou o tripé e tirou um foco de luz portátil de dentro de um saco. Peg e Izzy afastaram-se enquanto Peter tirava algumas fotografias. Izzy recriminava-se silenciosamente por ser incapaz de impedir que o seu olhar vagueasse em direção à figura musculada de Ethan. Ele calçava uns sapatos pretos e vestia calças de ganga justas, os seus bíceps bem trabalhados sobressaíam nas mangas enroladas da camisa branca. Uma imagem passou-lhe pela mente: o corpo dele, musculado e bronzeado, nu e a escorrer água no duche do balneário dos rapazes. *Porque é que ele tem de estar aqui?*, pensou ela. *E porque é que tem de ser tão giro?* Em seguida, viu-o com um frasco de *ketchup* na mão, a fugir com a namorada, como um miúdo da pré-primária que tinha sido apanhado a pôr um gato na sanita. Não importava quão bonito fosse por fora, por dentro ele era feio. Não havia no mundo músculos e queixos cinzelados que pudessem mudar esse facto.

Por fim, Peg dirigiu-se à mala e leu a etiqueta de identificação em voz alta, soletrando o nome e sobrenome para que Izzy os pudesse assentar, *Madeline Small*. Em seguida, Peg inspirou profundamente, calçou um par de luvas cirúrgicas, e com movimentos lentos e cuidadosos desapertou a fivela e abriu a mala. Peter aproximou-se para tirar fotografias antes de o conteúdo ser

remexido, deixando Izzy e Ethan lado a lado. Pelo canto do olho viu Ethan a olhar para ela, mas ela continuou a olhar em frente.

De forma cuidadosa e reverente, Peg tirou de dentro da mala os objectos frágeis e ressequidos um a um, enquanto Izzy tomava nota dos itens.

Uma Bíblia com três fotografias a preto e branco lá dentro; uma de um menino vestido com uma camisa branca e calças escuras, com o texto «Charles — 1919» escrito a lápis nas costas; uma de uma menina vestida com um vestido de folhos e toucado com flores, com texto «Esther — 1921» escrito a lápis nas costas e outra de uma mulher mais velha, usando um avental, de pé num alpendre, com o texto «Mãe — Cabana em Saratoga 1927». Quatro talheres de prata. Dois gorros de lã para bebé, um com fitas cor-de-rosa, o outro com fitas azuis. Estado: algo amarelados e manchados. Um par de botas de bebé com bordado branco.

Izzy aguardou que Peg continuasse, mas não havia mais nada dentro da mala, nem roupas nem camisas de dormir, nem cartas nem outros objetos pessoais.

— É tudo — disse Peg com os olhos a brilhar. Encolheu os ombros e olhou para Izzy, Peter e Ethan.

— Porque é que alguém traria roupas de bebé para um hospício? — perguntou Izzy.

— Não sei — respondeu Peg. — Talvez fossem as botas e os gorros dos filhos dela. Talvez fossem as únicas coisas importantes para ela. Mas não percebes? É por isso que estamos a fazer isto! Estamos a tentar descobrir mais sobre as pessoas que deixaram estas malas para trás.

— Mas como? — perguntou Ethan. — O que é que conseguem descobrir mais só por analisarem o que está dentro das malas?

— Estamos a tentar ter também acesso aos registos médicos — esclareceu Peg. — Neste momento estão selados, mas vamos escolher os casos mais apelativos e pedir autorização ao Gabinete de Saúde Mental para nos deixar investigar mais.

— Queres os objetos fotografados individualmente ou em conjunto? — perguntou Peter.

Peg levantou-se, apoiou um dedo nos lábios, pensativa.

— Julgo que dependerá da quantidade de coisas que esteja dentro de cada mala. Esta, por exemplo, penso que podemos fotografar o conjunto.

Ethan tirou um pano preto de dentro do seu saco e pousou-o em frente da mala, depois montou outro tripé para um segundo foco de luz. Peg deu a Izzy um

par de luvas e pediu-lhe que ajudasse a rearranjar os gorros, as fotografias e os talheres em cima do pano. Izzy estava agradecida por estar de luvas, e pegava cuidadosamente nos objetos frágeis. Desejava ter posta uma daquelas máscaras de papel que a Peg usava quando estava a restaurar pinturas ou retirar sujidade de um velho artefacto. Provavelmente era tolice, mas ela não queria inspirar poeiras com décadas ou sentir o estéril odor de decomposição que emanava de dentro da mala e das amareladas roupas de bebé. O aroma seco, pungente, e o sabor acre a morte fizeram-na lembrar-se de velhas sepulturas e do quarto dos pais selado.

Pelo menos num museu as antiguidades eram exibidas em pedestais ou em vitrinas. Não era suposto que lhes mexessem. Mas isto era diferente. Agora, tal como um dos primeiros arqueólogos numa escavação, ela estava a manusear coisas que, há décadas, não eram tocadas por outro ser humano. Ela estava a ajudar a revelar os segredos escondidos, contactando diretamente com objetos que outrora tinham sido pertença de pessoas que hoje em dia não passavam de um monte de ossos apodrecidos numa sepultura. Já para não falar que a dona destes itens era louca. Ela sabia que não fazia sentido, mas imaginava partículas microscópicas a soltarem-se dos gorros dos bebés e dos talheres, a flutuarem pelo ar e a entrarem-lhe nos pulmões e na corrente sanguínea, desencadeando uma psicótica reação em cadeia que, quando as células contaminadas chegassem ao seu cérebro, iria selar o seu destino ao da sua mãe. Sentiu-se tonta e tentou não inspirar profundamente, desejando que o dia passasse depressa para que pudesse ir para casa e tomar banho.

Peg e Izzy acabaram de rearranjar os objetos, em seguida Peter e Ethan tiraram as fotografias. Izzy e Peg afastaram-se, à espera que Peter lhes dissesse se os objetos precisavam de ser reposicionados. Os quatro juntos trabalharam em silêncio, pairando sobre os gorros dos bebés, dos talheres, das fotografias e da Bíblia, como um grupo de cirurgiões e enfermeiros numa mesa de operações. Assim que Peg ficou satisfeita com as fotografias de Peter, ela e Izzy tornaram a pôr, gentilmente, os objetos dentro da mala, fecharam a tampa e avançaram para outra peça.

Enquanto o processo era repetido nas quatro malas seguintes, Izzy tornou-se consciente de cada fôlego e de cada movimento; de cada posicionamento das suas mãos e pernas. Sentia Ethan a observá-la e conseguia perceber o cheiro do

seu perfume, uma fragrância acre e amadeirada que a faziam lembrar-se que eles eram jovens e que a morte ainda estava muito longe. Ela queria estar ao pé dele, inspirar o seu odor em vez do fedor a ossos secos que emanava das malas. Por vezes, ela roçava o braço no dele acidentalmente ou punha-se no caminho dele, e ele sorria para ela, um sorriso rasgado e luminoso. Ela ignorava-o e desviava o olhar, irritada por as suas faces enrubescerem. O que é que ele tinha que a fazia sentir-se tão vulnerável, trémula e exposta?

As borboletas no seu estômago faziam-na lembrar-se da forma como se sentia quando falava com a sua assistente social. Mas isto era diferente. Não fazia sentido. Ethan não sabia nada sobre ela. Não sabia nada sobre o seu passado, o seu presente, as suas provações e batalhas, as suas esperanças e sonhos. E nunca saberia. Ele era um rufia mimado, tal como a sua namorada. Izzy não queria ter nada a ver com ele. Precisava de se controlar, principalmente porque ainda lhes faltava analisar mais duzentas malas. Entre a proximidade de Ethan e o desconforto de mexer nos pertences de doentes mentais falecidos há muito tempo, os seus pensamentos estavam desordenados e confusos. Cada movimento exigia a sua concentração máxima.

As malas guardavam cartas e fotografias, talheres de prata e Bíblias, suspensórios e relógios, botões e sapatos, lenços bordados e copos de barbear, uma pequena estatueta de um cão e uma chávena de chá de porcelana, uma colcha feita à mão. Izzy tomava nota de cada objeto, pestanejando com frequência para sustar as lágrimas que lhe assomavam aos olhos. Não conseguia deixar de imaginar os esposos e os filhos dos donos das malas, confusos e a fazerem o luto pelos seus entes queridos, embora, fisicamente, eles ainda pertencessem a este mundo. Como devia ter sido difícil questionarem-se sobre o que é que tinha corrido mal, ficarem acordados noite após noite, indagando-se se haveria alguma coisa que pudessem ter feito. Perguntou-se se os familiares dos pacientes de Williard tinham sido surpreendidos pelo facto de os seus familiares terem sido atingidos pela loucura, ou se já estavam à espera. Fosse como fosse, a ideia de vidas inteiras perdidas — celebrações familiares, Natais e aniversários, romances e histórias para dormir, casamentos e formaturas, por causa de uma falha ou do caos inexplicável no cérebro de uma pessoa — oprimia-lhe o peito. Não era justo.

Ao meio-dia ainda só tinham analisado quinze malas, e Izzy começou a

perceber que aquele projeto ia demorar mais do que tinha pensado. A este ritmo, ia passar seis ou sete dias a trabalhar ao lado de Ethan. Seria muito óbvio se ela pedisse para ir antes ajudar o Harry? Contudo, se ela fosse honesta, a ideia de passar mais tempo com Ethan provocava-lhe uma inquietação no estômago. Estar tão próximo dele fazia-a sentir-se como se não dormisse nem comesse há vários dias. Sentia as pernas fracas e a cabeça tonta. Era extenuante, irritante e maravilhoso ao mesmo tempo. *Mas que raio é que se passa comigo?* Pensou ela.

Felizmente, na altura em que fizeram uma pausa, Peg perguntou a Izzy se ela queria ir almoçar lá para fora. Ela tinha posto umas sandes na geleira e podiam comê-las sentadas à sombra dos carvalhos, na ampla faixa de relva que havia ao pé do parque de estacionamento. O Peter, o Ethan e o resto dos homens iam ao MacDonald's mais próximo comer hambúrgueres e batidos. Normalmente, Izzy também queria ir, porque comer fora quando se estava em casas de acolhimento era um acontecimento raro, mesmo que fosse em restaurantes *defast-food*. Mas desta vez, Izzy estava aliviada por não ter ido, para poder desfrutar de alguma paz e sossego e de algum tempo e espaço longe de Ethan. Então ouviu Peg a falar com os outros e o seu estômago contraiu-se.

— Oh não! — disse Peg. — Eu trouxe comida que chega para todos! Tenho sandes de queijo e fiambre, salada de macarrão, húmus e pão pita, batatas fritas, melancia, chá gelado e limonada. Na bagageira do carro, há mais mantas e cadeiras desdobráveis. Venham lá, vai ser divertido!

— Desculpem, rapazes — disse Harry a sorrir. — A minha mulher tem uma fixação em alimentar pessoas.

Peter e os outros homens riram-se e aceitaram ficar. Dirigiram-se ao carro de Peg para descarregar as cadeiras. Esta voltou-se para Izzy.

— Podes dar-me uma ajuda com a comida? — perguntou.

— Claro — respondeu Izzy, gemendo por dentro. *Deixa que Peg sirva toda a gente*, pensou ela. *Trabalhar com Ethan era uma coisa, mas agora também ia ter de almoçar com ele?* Pouco antes de pararem para almoçar ela tinha começado a sentir fome, o seu estômago rosnava tão alto que ela tinha a certeza que toda a gente tinha ouvido. Agora, o seu estômago estava contraído numa estranha mistura de exaltação e terror.

Toda a gente se reuniu por baixo de uma fila de carvalhos de troncos grossos, os homens montavam as cadeiras enquanto Peg e Izzy esticavam as mantas e

organizavam a comida na mesa desdobrável. Os homens formaram uma fila e Peg servia as bebidas e deitava colheradas de salada de macarrão em pratos de papel enquanto Izzy tirava as sandes da geleira e distribuía pequenos pacotes de batatas fritas. Quando viu que Ethan era o próximo, manteve os olhos fixos no trabalho, esperançosa que ele se fosse sentar num lugar mais afastado. Estendeu-lhe uma sandes enquanto fingia procurar dentro do saco de compras um pacote de batatas fritas, mas sentiu os dedos dele roçarem nos dela. Ao princípio ela ignorou. Em seguida, entregou-lhe o pacote das batatas e ele agarrou na mão dela e no pacote ao mesmo tempo, esmagando as batatas entre os dedos deles. Ela levantou o olhar.

— Oh, desculpa — disse ele, a sorrir. — É difícil ver quando não estás a olhar. Ela tentou puxar a mão mas ele não a largou.

— Muito obrigado pela sandes, — disse ele — e pelas batatas.

Ela revirou os olhos.

— Podes devolver-me a mão? — perguntou ela.

— E pelo serviço afável.

— Estás a empatar a fila.

— És capaz de dizer, «Podes avançar, por favor»? — perguntou ele.

Ela deu-lhe um beliscão nas costas da mão.

— Por favor, avança — disse ela com a voz carregada de sarcasmo. Ele libertou-lhe a mão e pegou nas batatas.

— E que tal, «De nada»? — disse ele.

Izzy ignorou-o e sorriu para a próxima pessoa na fila.

— Porque é que ele tem direito a um sorriso e eu não? — perguntou Ethan. Izzy esboçou um sorriso ténue só para que ele a deixasse em paz.

— Assim está melhor — disse ele. — Agora já posso desfrutar do meu almoço.

Depois de Ethan se afastar, Izzy suspirou e tentou concentrar-se no resto das pessoas que estavam na fila, pois o seu peito estava um tumulto. Ela nunca tinha conhecido ninguém tão arrogante! Era inacreditável como se permitia ficar nervosa ao pé dele.

Mais tarde, depois de todos já terem comido, Izzy sentou-se numa manta de pernas cruzadas por baixo de um carvalho, a mordiscar um pão pita enquanto Peg tornava a encher os copos a toda a gente. Ethan estava sentado numa cadeira

a poucos metros de distância, a falar e a rir com Peter e Harry. De vez em quando, ele desviava o olhar e apanhava-a a olhar para ele. Sempre que era apanhada, ela jurava que não ia tornar a olhar mas os seus olhos eram atraídos pelo som da sua voz profunda e do seu riso contagioso. Desejou ter trazido o seu diário ou um livro para ler, qualquer coisa que fizesse parecer que estava ocupada em vez de estar apenas ali sentada. Já tinha passado demasiado tempo na casa de banho, a lavar as mãos e a arranjar o cabelo, na esperança de que todos tivessem acabado de comer antes de ela sair. Mas em vez disso, Peg estava a oferecer-lhe comida novamente, rindo-se e suplicando para que comessem mais porque não queria mandar comida fora.

Enquanto Peg acabava de distribuir o resto do chá gelado e da limonada, Izzy ajoelhou-se na manta e começou a arrumar os Tupperware vazios e os guardanapos que tinham sobrado, esforçando-se por pôr um ponto final naquele estranho piquenique. Logo depois, Peg aproximou-se e sentou-se, apoiando-se no tronco retorcido de um grande carvalho. Suspirou e limpou a testa com o pulso.

— Foi muito agradável — disse ela. — Adoro piqueniques. E tu?

— Hum-hum — respondeu Izzy.

— Vai por mim, ele é um rapaz fantástico — disse Peg. — Não achas?

Izzy esticou-se para apanhar os jarros de plástico vazios.

— Quem?

Peg riu-se.

— Sabes bem quem, o Ethan.

Izzy encolheu os ombros e colocou os jarros dentro do cesto.

— Talvez seja.

— Conhecemos os pais dele há anos — disse Peg. — São duas das pessoas mais simpáticas que já conhecemos.

— Só é pena que o filho deles seja um idiota — respondeu Izzy, juntando os pacotes de batatas fritas vazios, o dela e o de Peg, e enfiando-os no saco do lixo.

— Quem é que tem um filho idiota? — perguntou uma voz profunda por cima delas. Izzy voltou-se e viu Ethan de pé junto a elas, uma das mãos agarrava um ramo acima da sua cabeça e a outra estava no bolso das calças. Piscou-lhe o olho. Ela desejou pôr-se de pé e apagar-lhe da cara aquele sorriso convencido.

Peg ofereceu a Ethan um lugar na manta.

— Vem para aqui — disse batendo com a mão no espaço vazio entre ela e Izzy. — Senta-te. Ainda temos uns minutos antes de voltarmos ao trabalho.

Izzy enfiou um punhado de guardanapos usados no saco do lixo. *Mas que raio?*, pensou ela. *Lá porque gostas dos pais do Ethan não quer dizer que eu tenha de ser amiga dele.*

— Deixe estar, Sra. Barrows. — Respondeu Ethan. — Tenho a sensação de estar a interromper alguma coisa.

Sra. Barrows? Pensou Izzy. *Ugh. Que engraxador.*

— Oh não, não há problema — retorquiu Peg. — Eu estava só a explicar à Izzy como os teus pais são simpáticos. Disse-lhe também que são nossos grandes amigos.

— Então acho que isso faz de mim o idiota — revidou Ethan a rir.

— Oh não. — Peg endireitou-se com os olhos muito abertos, a agitar as mãos como se pudesse apagar do ar o seu comentário. — Não foi isso que eu...

— Não há problema — disse Izzy a Peg. — Não tem de me defender.

Ela agarrou nos garfos sujos e na faca que tinha sido usada para cortar a melancia, embrulhou-os numa folha de papel de cozinha e enfiou-os dentro do cesto de piquenique entre os Tupperware e os jarros de plástico. Sentiu uma dor instantânea e aguda assim que a faca lhe cortou o dedo indicador. Puxou a mão para fora do cesto, olhou para o golpe que tinha cerca de dois centímetros e os joelhos fraquejaram. Colocou os dedos entre os lábios, o sabor cuprífero do sangue encheu-lhe a boca, em seguida recostou-se na manta e fechou os olhos, à espera que as tonturas passassem.

— O que é que se passou? — perguntou Peg. — Cortaste-te?

Izzy assentiu com a cabeça e agarrou o cobertor com a outra mão, procurando algo a que se segurar enquanto o mundo girava à sua volta. Em seguida, sentiu que alguém lhe tocava no pulso e abriu os olhos. Ethan estava ajoelhado a seu lado, puxando suavemente para fora da boca o dedo dela.

— Deixa-me ver — disse ele.

Demasiado tonta para protestar, Izzy fez o que ele lhe pedia. Os dedos dele e a palma da mão eram quentes e suaves como a seda, como a barriga macia, e sem pelos de um cachorro adormecido. A sensação de que a sua cabeça andava à roda pareceu abrandar e os batimentos do seu coração voltaram ao ritmo normal.

— É uma ferida profunda — disse ele. — Mas não é grave.

Olhou para Peg.

— Tem algum penso rápido ou alguma gaze?

— Vou buscar o estojo de primeiros socorros — disse Peg pondo-se de pé.

— Eu estou bem — disse Izzy ao mesmo tempo que puxava a mão. — A sério.

Mas era tarde de mais. Peg já ia a meio do relvado, a sua saia florida ondulando atrás dela conforme ela corria.

— Não pareces estar bem — disse Ethan. Tirou do rolo uma folha de papel de cozinha limpa. — Estás branca como a cal.

— É a minha cor normal — respondeu ela, pressionando o pulso contra o estômago.

— Ninguém diria — retorquiu Ethan. — Pensei que a tua cor normal fosse o vermelho-fúria.

Ele inclinou-se para lhe pegar na mão novamente, mas ela afastou-a.

— Ah, ah — revidou ela. — Que gracinha.

— Enrola isto à volta do dedo para parar a hemorragia — disse ele ao mesmo tempo que lhe estendia o papel.

Ela pegou na folha e fez o que ele lhe disse, a desejar que ele se fosse embora. Ele estava demasiado perto, demasiado lavadinho e cheiroso, demasiado quente, demasiado bonito. Ela arrastou-se para trás em cima da manta e pôs-se de pé. Ele olhou para ela e riu-se.

— Eu não te mordo, sabias.

— Não — respondeu ela. — Não sabia.

Pegou no cesto de vime e dirigiu-se ao carro de Peg. Ele levantou-se e seguiu-a.

— Então achas que sou um idiota, hã?

Ela conseguiu perceber o divertimento na voz dele, o que fez com que o seu estômago desse uma volta.

— Eu não penso nada — respondeu ela. — Não te conheço.

Acelerou o passo mas ele acompanhou-a.

— É verdade, tu não me conheces. Por isso talvez não devesse chamar-me nomes.

— Oh! — exclamou ela ao mesmo tempo que revirava os olhos. — Já estou a perceber tudo. Tu podes pintar a manta mas depois não aguentas o tranco.

— Pintar a manta?

Ela parou e voltou-se para ele.

— Chamei-te idiota e tu ficaste chateado, mas não há problema nenhum em tu e a tua namoradinha pregarem partidas cruéis às outras pessoas. Pois não?

O sorriso na face dele desapareceu e ele olhou para ela com as sobrancelhas franzidas.

— Eu não sabia que era o teu cacifo.

— De quem era o cacifo não importa! Foi horrível e cruel.

— Tens razão — disse ele. — Mas a Shannon...

— A Shannon manda em ti e em toda a gente e vocês obedecem como uns atrasados mentais!

— Não, não é isso. É que ela...

Nesse preciso momento, Izzy viu que Peg atravessava rapidamente o parque de estacionamento em direção a eles, com o estojo de primeiros socorros, azul e branco, na mão. Harry seguia-a de perto, a testa franzida de preocupação.

Izzy abanou a cabeça.

— É precisamente isso. Mas eu não quero falar sobre isso agora. Tu e eu temos de trabalhar juntos até acabarmos de analisar todas aquelas malas. Por isso, vamos concordar em discordar, está bem?

Ethan seguiu o olhar dela e viu Peg e Harry a aproximarem-se deles.

— Podemos então falar sobre isso noutra altura? — perguntou ele. — Num outro lugar?

Izzy agarrou no cesto de vime com ambas as mãos, pressionando a ferida recente contra a pega de madeira. A dor aguda refletia a sensação que se emaranhava no seu coração e na sua mente à medida que sentimentos contraditórios lutavam para ganhar vantagem. Todos os seus instintos lhe diziam para se afastar de Ethan, que ele só lhe iria trazer problemas. Ao mesmo tempo não podia negar que se sentia atraída por ele. O seu estômago contraiu-se de fúria.

— Porquê? — perguntou ela.

Nesse preciso momento, Peg e Harry chegaram ao pé deles. Ethan pegou no estojo dos primeiros socorros.

— Eu trato disto — disse ele. — A culpa foi minha.

— Tens a certeza? — perguntou Peg. — Será que ela não precisa de levar

pontos?

Ethan riu-se.

— Ela não precisa de levar pontos. É só um pequeno golpe.

— OK, se tu o dizes. Afinal de contas, tu é que és o futuro médico. Nós tratamos de arrumar a confusão do piquenique enquanto tratas de Izzy.

Antes que Izzy pudesse protestar, a Peg e o Harry deixaram-nos sozinhos, voltando para o pé das árvores para irem buscar as cadeiras e as geleiras. Ethan abriu a porta do lado do passageiro do carro de Peg e ordenou a Izzy que se sentasse. Ela fez o que ele lhe mandou, sentou-se de lado no banco de pele quente, as suas longas pernas penduradas fora da porta. Ethan ajoelhou-se no chão à frente dela e colocou o estojo no chão. Em seguida, pegou-lhe na mão e gentilmente desenrolou o papel ensanguentado do dedo dela. Izzy encolheu-se e afastou o olhar.

— Não sejas mariquinhas — disse ele. — Não é pior que um corte com uma folha de papel. A hemorragia já parou.

— Pensei que tinhas dito que era profundo.

— E é, mas é pequeno. Vais ficar bem, prometo.

Ela sentiu os seus dedos quentes e sedosos a deslizarem-lhe pela mão, puxando-a na direção dele para que lhe pudesse ligar a ferida. Perguntou-se o que é que ele pensaria se soubesse que ela costumava cortar-se de propósito. *Provavelmente, pensaria que sou louca.* Pensou ela. *E provavelmente teria razão.*

— Oh, é verdade — disse ela, tentando distrair-se a fazer conversa de circunstância. — És o futuro médico.

— Os meus pais querem que eu seja médico — disse Ethan, abrindo o estojo de primeiros socorros e remexendo lá dentro. — Eu preferia ser paramédico.

— Eu nunca conseguiria ter essa profissão — retorquiu ela.

Observava Peg e Harry através do para-brisas empoeirado, tentando não olhar para o seu dedo. Na sombra por baixo das árvores, Harry deu a Peg um fugaz beijo nos lábios antes de lhe tirar uma geleira das mãos. Peg sorriu e fez-lhe uma festa no cabelo. Aquela cena fez Izzy recordar-se de estar na praia com os pais; a mãe e o pai a rirem-se e a correrem pela areia atrás um do outro, o pai a agarrar na mãe pela cintura, a beijá-la e a levá-la para dentro de água. Izzy recordou-se de sorrir enquanto os observava, sentindo-se segura e feliz, o seu mundo perfeito

repleto de pessoas felizes e que se amavam uma à outra, como devia ser. Em seguida, foi assaltada pela imagem do pai deitado de bruços na cama deles, os lençóis cobertos de sangue, um buraco negro viscoso na cabeça dele. Viu a mãe agachada num canto do quarto, a olhar fixamente em frente, a espingarda de caça caída perto dos seus pés cobertos de sangue. O estômago de Izzy contraiu-se. Afinal, todos os sorrisos na praia, todas as alegres manhãs do dia de Natal e os beijos de despedida, todas as brincadeiras à mesa do jantar, não passavam de uma ilusão. Indagava-se que terríveis segredos, capazes de destruir um mundo perfeito, é que a Peg e o Harry estariam a esconder um do outro.

— Obviamente — disse Ethan a rir. — Estás um bocadinho em desvantagem se não consegues ver sangue.

— Hum... o quê? — perguntou ela ao ser arrancada aos seus pensamentos.

— Estás bem? — perguntou ele, olhando para ela com a testa franzida.

— Sim — respondeu Izzy. — Desculpa. Tinha a cabeça noutro lado.

Atreveu-se a olhar enquanto ele deitava tintura de iodo por cima do dedo dela, à espera de um ardor que não chegou a sentir.

— Estávamos a falar que darias uma péssima paramédica — disse ele.

— Sim — retorquiu Izzy, voltando a olhar para Peg e Harry. — Quando era pequena queria ser veterinária. Mas não suporto ver os animais a sofrer. Seria incapaz de os operar mesmo que isso significasse salvar-lhes a vida.

Percebeu que estava a desabafar com ele e encolheu-se. Como de costume a sua boca movia-se mais depressa que o seu cérebro. Talvez ainda estivesse tonta por ter cortado o dedo.

— Eu também — disse Ethan. — No ano passado o meu Labrador amarelo foi atropelado e eu fiquei inconsolável durante dias. Nem conseguia ir à escola. Foi bastante angustiante.

— Mas não te faria impressão seres paramédico? Ver pessoas a sofrer?

— É diferente.

— É diferente como? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

— Não sei. Apenas é. Os animais são inocentes. As pessoas... bem, as pessoas não são inocentes. Os animais são melhores do que os humanos.

Ela olhou para baixo, para o alto da cabeça de cabelo escuro dele, para os seus ombros largos, para o seu pescoço bronzeado, e esqueceu-se completamente do

seu dedo ferido. Ele colocou um pedaço de gaze grossa à volta da ponta do dedo dela e abriu o rolo de fita adesiva, todos os seus movimentos eram lentos e suaves. Poderia existir um cérebro e um coração debaixo de todos aqueles músculos e fanfarronice? Ou era apenas mais um dos seus truques? Ela pensou na forma demasiado educada com que ele se tinha dirigido a Peg, «Sra. Barrows», lembrando-se a si própria que todos os rapazes que tinha conhecido e que eram assim tão corteses para com os adultos normalmente estavam a tramar alguma coisa. No entanto, de alguma forma, sentia que agora, pela primeira vez, estava a conhecer o verdadeiro Ethan.

— Como é que se chamava o teu cão — perguntou Izzy.

— Lucy — respondeu ele. — Era uma cadela.

— Sinto muito pela Lucy — retorquiu ela.

— Obrigada. Os meus pais compraram-me outra cadela no ano passado, outra Labrador amarelo. Pusemos-lhe o nome de Lucy Dois.

Ele enrolou duas tiras de fita à volta da gaze, depois sorriu para ela, os seus olhos azuis como o oceano, profundos como o mar. Quando percebeu que estava a olhar fixamente para ele, levantou-se rapidamente, quase mandando-o ao chão. Ele agarrou-se à porta do carro.

Nesse momento, Harry e Peter apareceram ao pé do carro, carregados com cadeiras e geleiras.

— Vejo que ela já te mandou ao chão — disse Harry a rir.

Ethan fechou o estojo de primeiros socorros e pôs-se de pé.

— Desequilibrei-me — respondeu ele ao mesmo tempo que corava.

— Claro que sim — retorquiu Peter a sorrir. — Abre aí a bagageira se não te importas.

Enquanto Ethan ajudava os homens a arrumar as coisas do piquenique, Izzy pegou no estojo de primeiros socorros e dirigiu-se ao armazém. Olhou por cima do ombro e viu Ethan a colocar um monte de cadeiras dentro da mala do carro enquanto a vi a afastar-se.

De volta ao armazém, a próxima mala que Peg abriu pertencia a um homem chamado Lawrence Lawrence. Enquanto Peg recitava o escasso conteúdo da degradada mala de pele; *um par sapatos de pele pretos masculinos; um par de suspensórios elásticos com botões brancos; um copo de barbear azul e branco, um pincel de barbear com cerdas amarelas quebradiças*; Izzy estava agradecida

por ter uma desculpa para manter os olhos no bloco de apontamentos. Estava concentrada em tomar nota de tudo numa caligrafia cuidada, tentando não pensar em Ethan. Quando chegou a altura de posicionar os objetos da mala para serem fotografados, Ethan agarrou nas luvas de Izzy e abriu uma delas, oferecendo-se para a ajudar a colocá-la por cima do seu dedo magoado.

Ela sentiu o rosto a ficar quente, pegou nas luvas e disse:

— Obrigada, eu consigo sozinha.

Depois de ter acabado de ajudar Peg a reorganizar os objetos da mala, ela tirou as luvas e pousou-as novamente. Ethan pegou nelas e pô-las no bolso. Na próxima vez que ela precisasse das luvas teria de lhas pedir. Quando ela viu que ele tinha pegado nas luvas outra vez, pediu licença e foi buscar outro par.

Durante três horas seguintes, eles analisaram mais dez malas. Uma tinha lá dentro recortes de jornais filipinos, uma fotografia de turma da Escola Preparatória Bryant em Salt Lake City, um pequeno caderno pertença de Roberto Torres intitulado «As Minhas Memórias Escolares na América», e um velho uniforme de marinheiro completado por um gorro de lã. Izzy folheou o caderno. Numa das entradas constava: *Na Escola Pública Walbash estudei as seguintes disciplinas: Inglês; Gramática; Aritmética; Geografia; Higiene; Música; Soletração e Carpintaria. Aqui adquiri alguns conhecimentos sobre as obras de Henry W. Longfellow*³. *Nesta escola há cinco alunos orientais, contando comigo.* A última página do caderno acabava com uma frase inacabada. *Não sei ao certo quando recuperarei a minha liberdade. Eu quero escrever...*

— Será que este era o seu pai, — disse Peg enquanto segurava num recorte de jornal com a fotografia de um asiático de ar carrancudo. — Devia ser banqueiro ou político ou algo desse género.

Izzy observou uma das muitas fotografias que havia na mala. Nela estava retratado um jovem asiático com um livro nas mãos, o seu rosto bonito estava tranquilo e compenetrado. Nas costas estava escrito a lápis um nome: *Roberto Torres*. Ela não conseguia imaginar a longa e complicada jornada que Roberto tinha sofrido desde as Filipinas para acabar num hospício no estado de Nova Iorque.

Outra mala continha uma Bíblia, cartões de boas festas, hinários, um livro de orações e uma carta de uma freira para um Bispo. Uma velha mala de médico, feita de pele de crocodilo falsa, albergava um diploma de enfermagem e uma

coleção de chávenas de chá com pires a condizer, cuidadosamente embrulhada. Uma mala grande tinha lá dentro tachos e panelas, um candeeiro, um conjunto de frascos de vidro verde da altura da Grande Depressão, e um par de patins no gelo.

A última mala do dia era um enorme baú coberto de carimbos de viagens já desvanecidos; um deles tinha a imagem de um transatlântico preto e as palavras «Cunard — Boston para Europa» impressas a vermelho; noutro via-se a palavra «França» escrita a negrito por cima de uma Torre Eiffel cor-de-rosa; tinha ainda outros carimbos de Zurique, Itália, Maine, Cairo, Londres e Bremerhaven. Peg, Izzy, Ethan e Peter juntaram-se em volta do baú, cada um deles perdido nos seus pensamentos enquanto examinavam a elegante madeira, as ferragens de bronze e os desvanecidos carimbos referentes ao registo de bagagem. Era a maior de todas as malas, um monólito no meio de um mar de malas de tamanho vulgar.

Izzy tentou imaginar o dono do baú. Imaginou um homem velho, talvez um escritor ou um professor, viajando pelo mundo à procura de descobrir novos conhecimentos sobre culturas nativas ou costumes tradicionais. Talvez tivesse sido um cientista ou um arqueólogo, que depois de explorar os túmulos e as antigas ruínas egípcias, tivesse, eventualmente, sofrido o desgaste da velhice e tivesse perdido o juízo por causa da demência ou do Alzheimer. Por algum motivo, ele tinha sido mandado para Willard, sem família que o reivindicasse.

Depois de Peter ter fotografado o baú de todos os ângulos, ele e Ethan levantaram-no. Quando Peg leu o nome na etiqueta de identificação, Izzy ficou surpreendida. O dono do baú era uma mulher; *Clara Elizabeth Cartwright*. Tomou nota do nome enquanto Peg destrancava o fecho de bronze e abria os outros fechos. Peg inspirou profundamente e abriu o baú. Quando o interior foi revelado, Peg e Izzy arquejaram e Peter começou a tirar fotografias.

Das gavetas com um padrão florido e pegadas de couro, espreitavam penas e fitas de seda; pérolas e camisas de cores pastel; pautas de música e fotografias com as margens recortadas. Numa barra estavam penduradas blusas aos folhos, saias pregueadas, vestidos de franjas e lentejoulas, meias de seda, um casaco de malha com laços de cetim, e um vestido de noite, sem alças, com um corpete feito de um material metálico dourado. Enfiados nos cantos da mala estavam dois cloches desbotados, que eram chapéus de mulher em forma de bola, uma mala de lentejoulas, vários livros e um par de sapatos de salto alto. No meio

disso tudo, estava uma pilha desorganizada de cartas por abrir.

— Vamos precisar de mais espaço para organizar isto — disse Peg, o seu tom de voz soava mais alto com a excitação. — Ethan, podes pedir ao Harry para ajudar a trazer uma das mesas suplentes?

Ethan fez o que lhe era pedido. Ao fim de poucos minutos, ele e Harry pousavam uma grande mesa ao lado do baú.

— Tenho mais pano preto na carrinha — disse Ethan, e dirigiu-se ao exterior.

— Já agora traz também mais um rolo de fotografias — gritou Peter.

Enquanto Ethan ia à carrinha buscar mais panos e mais um rolo de fotografias, Peter aproveitou para ir à casa de banho. Peg começou a abrir as gavetas enquanto Izzy começava a tomar nota de tudo.

Um exemplar de «O Grande Gatsby» de F. Scott Fitzgerald — Estado: Excelente. Um exemplar de «O Amante de Lady Chatterley» de D. H. Lawrence — Estado: Excelente. Uma pasta de pautas de música. Postais de Alemanha, Espanha e França — Estado: Bom. Uma boa de penas cor-de-rosa. Três colares de pérolas. Quatro pulseiras de prata e pedras semipreciosas. Uma fotografia a preto e branco de uma rapariga vestida com um vestido de franjas, sentada numa mesa redonda com quatro raparigas sorridentes, também com vestidos de franjas, atrás da sua cadeira, nas costas está escrito: «18º aniversário, Cotton Club». Uma fotografia da mesma rapariga com um rapaz de fato e camisola de gola alta, nas costas está escrito: «Bruno e eu, julho de 1929». Uma fotografia da mesma rapariga com um homem mais velho, de chapéu e casaco de lã, e uma mulher mais velha, com uma estola de peles e um chapéu de penas, nas costas está escrito: «Mãe e Pai, Natal de 1928». Um diário com capa de couro verde — Estado: Bom.

Em todas as fotografias, a rapariga, Clara, estava radiante, com o cabelo curto e ondulado solto, ou habilmente preso por baixo de um cloche. Era bastante bonita para ser uma estrela de cinema, o rosto largo, os olhos arredondados com pestanas longas, as maçãs do rosto bem definidas, e lábios escuros e grossos. Na fotografia de Clara e dos pais, a boca do pai estava descaída por baixo de um bigode farfalhudo. A mãe de Clara era uma mulher pequena, de rosto contraído, a olhar para a direita da fotografia como se estivesse a planear fugir assim que o fotógrafo tivesse despachado. Pareciam infelizes.

Enquanto Peg começa a organizar os objetos do baú, Izzy pegou na fotografia

de Clara e de Bruno para observar com mais atenção. Bruno tinha cabelo escuro, um largo maxilar quadrado e uma pele imaculada. Tinha o braço à volta de Clara e estava ligeiramente virado para ela, como se fosse beijá-la na face. Clara estava a olhar para a câmara, os seus olhos meigos, e o sorriso feliz. Izzy olhou para a fotografia, indagando-se se algum deles teria tido uma vaga ideia de que as suas vidas não iriam ser como eles desejavam. Se alguém encontrasse esta fotografia noutro sítio que não o sótão de um manicómio, seria fácil imaginá-los a casarem numa cerimónia extravagante, a serem levados por uma limousine preta, a viverem numa casa grande com um bando de filhos lindos. Seria fácil imaginar que tinham envelhecido juntos e morrido satisfeitos, depois de terem vivido uma vida feliz e normal.

Quando Izzy olhou para o rosto feliz de Clara, foi assolada por um sentimento de tristeza. Será que Clara fazia ideia de que iria enlouquecer? Teria ela alguma ideia de que a sua vida iria sofrer uma volta tão terrível? Izzy olhou para Bruno e ficou com os braços arrepiados. O que é que lhe teria acontecido? Teria ele ideia de que se apaixonara por uma pessoa louca? Esperava que ele tivesse saído do relacionamento ileso.

Quando Peg, de cabeça baixa, pegou nas cartas e começou a passá-las em revista, algo torpe e escuro retorceu-se no estômago de Izzy. Não era isto que esperava quando concordou ajudar com as malas. Qualquer sítio para onde olhasse era uma recordação da inimaginável reviravolta que a sua vida tinha sofrido. Naquele momento, as pilhas de cartas por abrir lembravam-na o envelope de papel pardo escondido por trás da sua cómoda, a abarrotar de cartas, postais de aniversário e de Natal, correspondência que a mãe lhe tinha enviado e que até agora se tinha recusado a ler.

Tinha dito à sua assistente social que se recusava a ler as cartas porque odiava a mãe. Mas era mentira. Independentemente do quão zangada estivesse com a mãe, da pena que sentia dela, ou do quanto receava acabar como ela, Izzy não a odiava. Se quisesse ser honesta, ela tinha tantas saudades da mãe como tinha do pai, se não mesmo mais. Ainda se recordava da mãe a fazer bolachas numa cozinha banhada pelo Sol, a plantar amores-perfeitos à volta do alpendre dianteiro, entrançando-lhe o cabelo com uma fita cor-de-rosa. A mulher que Izzy amava e de quem tinha saudades não era a mesma que tinha matado o seu pai. Algo tinha mudado dentro do cérebro da sua mãe transformando-a noutra

pessoa. Era a única coisa que fazia sentido. A ideia de a mãe ter perdido o juízo era aterrorizante mas isso não fazia com que Izzy a odiasse. Sentia apenas tristeza e medo. Ela tinha de acreditar que a mãe não tivera voto na matéria.

A assistente social pensaria que Izzy era louca se esta lhe dissesse a verdade, que não queria ler as cartas porque tinha medo que de alguma forma os envelopes estivessem contaminados. E se as cartas estivessem repletas de desvarios de uma mulher enlouquecida? E se as palavras da mãe a influenciassem de alguma forma, empurrando-a para a escorregadia colina da loucura? A coisa mais fácil que podia fazer, a forma mais fácil de pôr um pé à frente do outro e tentar prosseguir com a sua vida, era fingir que as cartas não existiam. Era verdade que levava o envelope cheio de cartas de uma casa de acolhimento para a outra, juntando as novas cartas que entretanto chegavam. Mas tinha-se tornado boa a reagir a elas como reagia à fotografia do pai, que estava numa moldura que ela guardava no bolso exterior da sua mala. As cartas e a fotografia eram apenas pertences, parte do pouco que ela tinha, tal como a sua roupa interior ou um par de calças de ganga, coisas sem importância.

Mas havia uma grande diferença entre as cartas de Clara e as de Izzy. Nos envelopes encontrados no baú de Clara não havia selos nem carimbos dos correios porque as cartas não tinham sido enviadas.

— Estão todas endereçadas à mesma pessoa — disse Peg a olhar para o último envelope.

— Bruno? — perguntou Izzy.

Peg arqueou as sobrancelhas.

— Sim! Bruno Moretti! Como é que sabes?

Izzy mostrou-lhe a fotografia de Clara e Bruno. Com os olhos semicerrados, Peg olhou para a fotografia.

— Oh meu Deus — disse ela. — Que casal tão bonito.

— O que será que aconteceu? — perguntou Izzy, olhando para a fotografia novamente. — Ela parece tão normal. E tão feliz.

Peg encolheu os ombros.

— Se tudo correr bem, iremos conseguir descobrir.

— Talvez isto nos ajude — disse Izzy, pegando no diário.

A capa de couro verde tinha gravada uma flor-de-lis debruada com verniz preto. Izzy pegou no caderno e começou a ler em voz alta.

janeiro 1925

Querido Diário,

Neste momento estou na Suíça. A Mãe comprou-me este diário numa linda loja de recordações em Engleberg. Gostava de poder viver aqui. O William e eu temo-nos divertido imenso a explorar. Adoro as montanhas e os chalés. A Mãe e o Pai também parecem estar felizes. Mas amanhã temos de regressar a casa.

Izzy parou de ler folheou até à últimas páginas. Deslizou o dedo pelos longos parágrafos e leu a última entrada.

O meu pai vai enviar-me para Willard. Pergunto-me se deverei recear alguma coisa?

Izzy olhou para Peg, tentando desfazer o nó cada vez maior que tinha na garganta. Que catastrófico acontecimento condenara esta mulher a ir parar a um sítio como Willard? Se não fora um terrível mero acaso, então que inexplicável condição subjacente é que a tinha feito enlouquecer? Porque é que o seu próprio pai a mandaria para um manicómio? Pareceria ela normal num determinado momento e louca no momento seguinte? Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa, ou ao Bruno? Teria Clara morto o amor da sua vida num acesso de loucura ou de ciúmes?

Nesse momento, Ethan e Peter voltaram, trazendo mais panos pretos e rolos de fotografias. Izzy pousou o diário e voltou a arranjar as fotografias e os postais para tentar esconder os olhos cheios de lágrimas. Praguejou baixinho quando o seu nariz começou a pingar, limpou esperançosa que ninguém tivesse reparado. Quando olhou para Ethan, ele estava a olhar para ela com a testa franzida.

CAPÍTULO 6

CLARA

No assento traseiro do DeSoto que roncava, Clara encostou-se à porta e olhou pela janela, o cobertor que a enfermeira Yott lhe tinha dado tapava-lhe as pernas. A luz do pôr do sol iluminava as nuvens estreitas, pintando o céu de tons de rosa e lavanda. Os edifícios e as árvores distantes tornavam-se cada vez mais escuros, transformando-se em silhuetas recortadas no céu colorido de tons pastel. Era a única altura do dia em que Clara acreditava que uma pessoa podia ver a representação terrena do Céu e do Inferno, luz e escuridão, bom e demoníaco. A Terra, e tudo o que dela fazia parte, era lançada para a escuridão naqueles últimos minutos de luz do dia, como se o Demónio mandasse no mundo durante aquele curto período de tempo antes da Lua e das estrelas aparecerem e iluminarem o céu noturno, e lembrarem tudo e todos que havia realmente luz e bondade no universo, que na verdade o Céu e a esperança existiam. Naquele momento em que o mundo estava prestes a ser coberto pela escuridão total, Clara imaginava que o Sr. Glen continuasse a conduzir até serem engolidos pela noite. Procurou no céu fusco a primeira estrela da noite e suspirou aliviada quando viu um pontinho de luz a piscar por cima dos ramos despidos de uma árvore negra. Depois de quase seis horas de silêncio, o Sr. Glen anunciou finalmente que estavam a chegar ao Sanatório Willard. A enfermeira May estava sentada, direita que nem uma tábua ao lado de Clara, as mãos pousadas no colo e o rosto contraído, a olhar para a frente. Três horas antes, depois de terem saído da Casa de Repouso de Long Island, Clara suplicara ao Sr. Glen que parasse numa estação de serviço ou num restaurante à beira da estrada para poder ir à casa de banho. Tinha estado à espera de uma oportunidade para fugir, talvez pela porta de trás de um restaurante ou da janela da casa de banho das senhoras. Mas a enfermeira nunca a tinha perdido de vista, chegando ao ponto de entrar na casa de banho da estação de serviço atrás dela, mantendo-se hirta e silenciosa enquanto Clara fazia as suas necessidades.

Clara até tinha olhado à volta da casa de banho enquanto lavava as mãos,

procurando desesperadamente algo com que pudesse atingir a enfermeira May na cabeça. Mas a única coisa que tinha encontrado tinha sido um balde do lixo de vime. Era demasiado leve para provocar qualquer estrago. Além disso, Clara não tinha a certeza de ser capaz de magoar a outra mulher, mesmo que fosse para se salvar.

Quando Clara se viu no espelho da casa de banho, uma estranha devolveu-lhe o olhar. Até àquele momento, em que viu as feições cansadas e o cabelo desgrenhado, sentia que o que se tinha passado nas últimas horas tinha acontecido a outra pessoa. Sentia-se desligada, certa de que tudo acabaria, como um pesadelo ou uma partida. Alguma coisa ou alguém havia de a salvar, ela tinha a certeza. Afinal de contas, ela era Clara Elizabeth Cartwright, filha da única herdeira do Bridge Bros. Clothing Emporium e do dono do Banco Swift. Ela adorava pastilhas elásticas Teaberry, dálmatas, batons com sabor a cereja e dançar o charleston. Estas coisas não aconteciam a pessoas como ela.

Mas nessa altura reparou nos seus olhos encovados e na sua pele pálida, e percebeu que, na verdade, isto estava a acontecer-lhe. De alguma forma, ela estava a ser levada para um sanatório. Era este o rumo que a sua vida tinha tomado. Naquele momento, era impossível imaginar que os seus lábios eram os mesmos que Bruno tinha beijado, que as suas faces eram as mesmas que ele tinha acariciado ternamente. Perguntava-se o que é que os médicos e as enfermeiras viam quando olhavam para ela.

Depois de terem parado na estação de serviço, fizeram o resto da viagem em silêncio, exceto quando o Sr. Glen assobiava ocasionalmente uma música de jazz ou uma melodia da Broadway. A chuva martelava o tejadilho de metal e o vento assobiava através de cada uma das juntas do carro, como espíritos furiosos dos campos despidos, desesperados por entrar.

Naquele momento, a chuva tinha parado mas ainda estava claro o suficiente para Clara conseguir distinguir vários celeiros e o que pareciam ser pomares e campos de cultivo. Ali, o terreno estava vazio, e ela podia ver carreiros de espigas de milho castanho e de trigo amarelo cortadas, como se tivessem sido bordados no terreno. Fora dos celeiros, os porcos e as vacas alimentavam-se nos comedouros e uma pequena manada de cavalos pastava num pasto cercado. Mais à frente, havia galinheiros, uma serralharia, e vários edifícios de aspeto industrial. Ela sobressaltou-se quando subitamente o Sr. Glen começou a falar.

— O Sanatório Willard foi inaugurado em 1869 e tem-se expandido até neste momento atingir a dimensão considerável de uma aldeia — disse ele. — Os nossos pacientes trabalham na quinta e na ferrovia, e a nossa padaria e as nossas cozinhas fornecem a maior parte das refeições dos pacientes e do pessoal. Temos os nossos próprios pomares e plantamos as nossas colheitas, e as nossas oficinas fazem roupas, sapatos, e até os caixões de pinho usados para sepultar os pacientes no cemitério de Willard.

Os cabelos no pescoço de Clara eriçaram-se. Nunca tinha imaginado que houvesse pessoas quemorressemem Willard. Só os tinha imaginado a serem tratados e enviados para casa. Por que razão um sanatório precisaria de um cemitério?

— O que é que tinham os pacientes que morreram?— perguntou ela timidamente.

— Todo o tipo de coisas — respondeu o Sr. Glen. — Tuberculose, febre tifoide, cólera, velhice.

— Velhice? — perguntou Clara.

— Claro — retorquiu o Sr. Glen. — Há pacientes que ficam décadas em Willard.

— Não há necessidade de se falar sobre esses assuntos, Sr. Glen — repreendeu a enfermeira May, no seu tom de voz austero.

Clara engoliu em seco e puxou o cobertor para cima dos ombros. Depois de terem passado por um dos pátios da ferrovia iluminado por candeeiros a óleo onde uma dezena de homens empurrava carrinhos de mão cheios de carvão na direção da central elétrica, à distância ela viu as silhuetas escuras dos edifícios que eram do tamanho de fábricas, ligados a uma enorme estrutura central que se assemelhava a uma gigantesca mansão de quatro andares. À medida que se aproximavam, viu surgirem luzes por trás das janelas altas e sem cortinas, silhuetas que se movimentavam, que andavam, que se dobravam, que estavam paradas perto das janelas. As janelas estavam cobertas de grades. O estômago de Clara deu um salto.

Nesse preciso momento, o Sr. Glen começou a assobiar a música «Someone to Watch Over Me» e Clara sentiu um aperto no coração e um ardor na garganta. Quando a enfermeira May também começou a trautear a melodia, Clara teve vontade de gritar.*Teriam escolhido aquela música de propósito? Era aquela a*

primeira etapa do plano deles para a enlouquecerem? Cravou as unhas nas palmas das mãos, certa de que estava a dormir, na esperança de que a dor a acordasse. Mas isto não era um pesadelo. Era a vida real, a sua vida. Em breve estaria do outro lado daquelas janelas, a olhar cá para fora, sem ninguém que tomasse conta dela. Foi invadida por um sentimento de nostalgia, tão forte que quase desatou a chorar.

No exterior da janela do carro, os edifícios de três andares sucediam-se, alas enormes, umas a seguir às outras, ligadas entre si nos cantos mais distantes, como degraus laterais que conduziam ao edifício principal. Tentou calcular quantas pobres almas estariam a sofrer por trás das paredes de tijolo de Willard. Se a quantidade de edifícios e janelas era uma referência, o número era elevado. A sensação de pânico que anteriormente lhe tinha apertado a garganta tinha-se transformado num turbilhão no fundo do seu estômago.

O DeSoto percorria aos solavancos a estrada esburacada, em seguida voltou à esquerda para percorrer a parte da frente da colossal estrutura. No exterior do carro, à sua direita, o terreno tinha uma inclinação ligeira. Mas já estava muito escuro para poder vislumbrar mais alguma coisa. Mais ao longe, o que parecia ser um conjunto de nuvens baixas estava aninhado num vale profundo, depois o solo tornava a erguer-se. Então ela viu as luzes refletidas no vale e percebeu que estava a olhar para uma extensão de água.

O Sr. Glen parou o carro em frente da gigantesca mansão vitoriana. Era o edifício principal, com uma dezena de alas de cada lado. Uma escadaria dupla conduzia à porta da frente e havia luzes elétricas a brilharem por trás das janelas. Uma das enormes portas abriu-se e um homem num fato escuro saiu para o pórtico de pedra. O Sr. Glen desligou o carro e saiu.

— Espere que eu volte para a vir buscar — disse-lhe a enfermeira May.

Clara engoliu o amargo sabor do medo que tinha na garganta, os seus braços e pernas tremiam. Surgiram-lhe gotas de suor por cima do lábio superior. Apesar de subitamente ter começado a ferver, ela abotoou todos os botões do seu casaco, para reforçar a sua única proteção. O Sr. Glen tirou a bagagem de Clara da mala do DeSoto, depois contornou o carro e abriu a porta de trás. A enfermeira May aproximou-se e Clara saiu do veículo, com os olhos presos no monolítico edifício que tinha à sua frente. Por cima do pórtico, numa placa de mármore esculpido podia ler-se «Chapin Hall». Clara ficou com a boca seca ao olhar para

as janelas com vitrais, para as águas-furtadas, para as enormes chaminés e para a cúpula com a altura de três andares. Era um castelo, uma fortaleza, uma prisão sem escapatória. E ela estava a ser levada lá para dentro.

O homem que estava no pórtico percorreu a balaustrada em curva, desceu os degraus de pedra e foi ao encontro deles no fim do passeio.

— Como é que correu a viagem? — perguntou ele ao Sr. Glen. Cumprimentou com a cabeça a enfermeira May, e em seguida observou Clara dos pés à cabeça, com as mãos atrás das costas. Era um homem pequeno, magro, com uma barbicha aparada milimetricamente e sobrancelhas baixas, o seu cabelo escuro estava penteado para trás, para longe do seu rosto bronzeado. O seu fato azul-escuro assentava-lhe que nem uma luva, o colarinho alto era de um branco fantasmagórico, os seus sapatos de couro refletiam a luz dos candeeiros a gás do alpendre.

— Durante a primeira hora, as estradas estavam um pouco perigosas — respondeu o Sr. Glen. — Mas depois conseguimos fugir à tempestade.

— Ótimo, ótimo — retorquiu o homem. — E esta deve ser a Clara?

— Esta é a Clara Elizabeth Cartwright, Dr. Roach — esclareceu a enfermeira May. — De dezoito anos e em boa forma física.

— Não é preciso isolamento?

— O Dr. Thorn assegurou-nos que ela não tem estado doente — respondeu a enfermeira May, com os olhos presos no médico como se estivesse à espera de algum reconhecimento.

— Causou-vos algum problema? — perguntou o médico ao Sr. Glen, ignorando o olhar da enfermeira.

— Nenhum, senhor — respondeu o Sr. Glen. — Veio calada que nem um rato.

— Muito bem — retorquiu o Dr. Roach. — Tragam-na para dentro e vamos tratar de a instalar.

Clara cerrou os maxilares, uma dor crescente pulsava-lhe na base do crânio. Estavam a falar dela como se ela não estivesse ali, como se fosse um ser humano inferior que não conseguisse ouvir nem falar. Ela estendeu a mão, na esperança de que o médico percebesse que ela não devia ali estar.

— Muito gosto em conhecê-lo, Dr. Roach — disse ela, forçando um sorriso.

O Dr. Roach enrijeceu e olhou para a mão que ela lhe estendia, ainda com os braços atrás das costas. A enfermeira May empurrou a mão de Clara de volta à

sua posição inicial, com os lábios retorcidos de desdém.

— Comporte-se — disse ela.

O Dr. Roach voltou-se e dirigiu-se para o interior do edifício. O Sr. Glen fez um gesto às mulheres para o seguirem. Clara continuou pregada no passeio, indagando-se se deveria tentar fugir. Talvez fosse capaz de correr mais rápido do que a enfermeira May, mas tinha quase a certeza que o Sr. Glen a apanharia rapidamente. A enfermeira May deu-lhe um toque nas costas, incitando-a a mexer-se. Clara olhou para ela e em seguida começou a dirigir-se a Chapin Hall.

O Dr. Roach manteve uma das portas aberta à espera que os outros entrassem, observava Clara com os olhos semicerrados, como se tivesse receio que tentasse tocar-lhe novamente. Lá dentro, o Sr. Glen e a enfermeira May despiram os seus casacos e penduraram-nos no cabide de metal. Clara esboçou qualquer intenção de tirar o seu.

— Por agora, ela pode ficar com o casaco, — disse o Dr. Roach, não se dirigindo a ninguém em particular, a sua voz ecoando no vasto saguão de pedra. — Vamos colocá-la na Enfermaria Feminina B. Sr. Glen, traga a bagagem dela, por favor.

O médico percorreu o saguão, com as mãos atrás das costas, os seus sapatos duros a baterem com estrépito no chão de mármore branco. Uma enfermeira que estava sentada por trás de uma secretária levantou o olhar por breves momentos, o seu rosto pálido iluminado pela luz do candeeiro da secretária, o seu feixe triangular fazia lembrar um farol na sala escura. O pé direito tinha pelo menos seis metros de altura, no centro havia uma cúpula de vitral ladeada por candeeiros a petróleo, que não estavam acesos, decorados com folhas de latão *eabat-jours* de vidro. Um lambrim de mármore estendia-se a toda a volta da sala, e imagens de paisagens pastorais bem como dos Alpes cobertos de neve alinhavam-se nas paredes verde azeitona. Um sofá e várias cadeiras profusamente almofadadas formavam uma sala de estar perto das janelas que iam até ao teto num dos lados da porta principal, na retaguarda do saguão uma grande escadaria de mogno conduzia ao segundo piso. A decoração lembrava a Clara a casa dos pais, mas numa escala muito maior. Os seus joelhos abanavam e ela começou a tremer, as pernas prestes a ceder.

O Dr. Roach conduziu-os através do saguão para um pequeno corredor com várias portas, parando em frente à primeira porta do lado direito.

— Enfermeira May — disse ele, mantendo os olhos fixos em Clara. — Por favor, leve a Clara para dentro e ajude-a a escolher, de entre os seus pertences, um par de sapatos confortáveis, roupa interior e três mudas de roupa práticas. Nada de meias. Nós iremos providenciar-lhe roupa de dormir e iremos guardar o resto dos seus pertences. Certifique-se que ela fica com o seu casaco de inverno e com as botas para as atividades ao ar livre.

— Com certeza, Dr. Roach — respondeu a enfermeira May, num tom de voz cortante.

Abriu a porta e conduziu Clara para dentro do vestiário, resmungando algo em voz baixa. O Sr. Glen seguiu-as, pegou no baú e pousou-o numa mesa comprida, com um vigoroso grunhido, em seguida deixou as duas mulheres sozinhas.

— Ouviu o que disse o doutor — disse a enfermeira May.

Fechou a porta e sentou-se numa cadeira, encostada à parede oposta, com os braços cruzados.

— Despache-se.

Clara inspirou profundamente e abriu os fechos do baú, rezando para que as cartas que tinha escrito a Bruno não se espalhassem. Manteve-se perto da mesa, a tentar diminuir o campo de visão da enfermeira May, e abriu a tampa. Não sabia se devia tirar algumas cartas e escondê-las no bolso, ou esperar que mais tarde tivesse acesso ao baú, caso conseguisse convencer alguém a pô-las no correio. Mas e se a enfermeira May a apanhasse e lhe tirasse as cartas? Por alguma razão, o humor da enfermeira tinha piorado consideravelmente desde que tinham chegado. E se ela decidisse descarregar as suas frustrações em Clara? Decidiu não arriscar. Por agora, iria deixar as cartas no baú.

Dentro do baú, um envelope com o nome de Bruno estava pousado em cima da sua camisa de seda. Ela tapou-o com uma mão, dobrou a camisa e empurrou-a mais para dentro da pilha de roupas. Tirou de uma das gavetas os seus sapatos castanhos e pousou-os em cima da mesa, em seguida, procurou cuidadosamente a sua roupa interior e três vestidos práticos, tentando não desarrumar o resto do baú. Quando viu o vestido de franjas, cor de pêssego, que usava na noite em que conheceu Bruno, a sua garganta ficou apertada. Alguma vez voltaria a dançar com ele?

Por fim, encontrou aquilo que procurava: um vestido de algodão azul com gola redonda bordada; uma saia castanha direita e uma blusa cor-de-rosa que

apertava no pescoço e um simples vestido amarelo de trazer por casa. Tirou as roupas de dentro do baú e pousou-as na mesa. Nesse preciso momento, a enfermeira May pôs-se de pé. Clara fechou a tampa do baú com estrondo, trancou os fechos de bronze, pegou nas roupas e voltou-se, pendurando-as no braço.

— Servem estes? — perguntou.

A enfermeira May analisou as roupas rapidamente, depois tirou-as das mãos de Clara.

— Servem — respondeu a enfermeira May, com a boca retorcida de raiva.

A enfermeira mandou as roupas para cima da mesa, abriu a porta e conduziu Clara de volta ao corredor, onde o Sr. Glen e o Dr. Roach, que agora vestia uma bata branca, a aguardavam. Uma outra enfermeira aguardava ao pé deles, uma mulher alta e corpulenta, de ombros largos e cabelo ruivo encaracolado. O seu pescoço era grosso e parecia ter as faces inchadas, estendendo-se para lá da sua boca como balões demasiado cheios. Os seus olhos estreitos mal se distinguiam no seu rosto gordinho e o seu batom contrastava com a sua pele pálida, como o sangue contrasta com a neve. Apesar de ter as características faciais de uma pessoa obesa, ela não era gorda. O tamanho substancial dos seus braços e pernas era apenas músculo. A enorme enfermeira segurava um pano branco debaixo de um braço.

— Sr. Glen — disse o Dr. Roach, com as mãos nos bolsos da sua bata branca. — Leve o baú de Clara para o saguão. Tratamos dele amanhã.

— Com certeza, senhor — respondeu o Sr. Glen.

Dirigiu-se ao vestiário para ir buscar a bagagem de Clara, em seguida dirigiu-se para o saguão.

— Enfermeira May — prosseguiu o Dr. Roach. — Pode voltar para a residência das enfermeiras.

Pela primeira vez desde que tinham chegado, ele olhava a enfermeira May nos olhos. A enfermeira sorriu mas ele desviou o olhar rapidamente, com os maxilares a pulsarem.

— A enfermeira Trench trata de tudo a partir de agora.

— Devo regressar ao meu quarto habitual? — perguntou a enfermeira May, com os olhos a brilharem de expectativa.

— Pode ficar no quarto que quiser — respondeu o Dr. Roach. Por fim, sorriu

para ela, um sorriso hipócrita e presunçoso encapotado de requinte.

A enfermeira May assentiu com a cabeça, o rosto corado. Olhou para o Dr. Roach mais tempo do que era necessário, um acordo silencioso transmitido no olhar de ambos. A enorme enfermeira pigarreou. A enfermeira May baixou os olhos e seguiu o Sr. Glen pelo corredor.

— Vamos instalar a Clara — disse o Dr. Roach à enfermeira Trench. — Tratamos da papelada amanhã. Está quase na altura de se desligarem as luzes e não queremos interferir com o horário.

— Com certeza, Doutor — respondeu a enfermeira Trench.

O Dr. Roach fez um gesto a Clara e começou a percorrer o corredor.

— Venha por aqui — disse ele.

Clara mordeu a bochecha e seguiu o médico, cada nervo do seu corpo vibrava como se fosse percorrido por corrente elétrica, os seus braços e pernas estremeciam como se tivesse posto os dedos numa tomada e os tivesse lá deixado. Para onde é que ele a levava? Iria partilhar o quarto com outra paciente, ou teria um quarto só para si? Já era suficientemente mau ter sido mandada para ali sem saber o que é que iria acontecer, ou quanto tempo é que teria de ali ficar, mas e se fosse obrigada a partilhar o quarto com uma estranha que podia ser violenta ou perturbada? Era quase insuportável pensar nisso.

Apressou o passo para tentar acompanhar o Dr. Roach e a enfermeira Trench, mantendo as mãos nos bolsos do casaco. No fim do corredor viraram à esquerda, depois pararam em frente a uma porta de ferro rebitada, com uma pequena janela de rede ao centro. O Dr. Roach afastou-se enquanto a enfermeira Trench destrancava e abria a porta, as dobradiças de ferro rangeram. O Dr. Roach fez um gesto a Clara para que entrasse e depois seguiu-a para o corredor gelado.

O forte odor a urina e lixívia atingiu o nariz de Clara, ela agonizou-se e pôs uma mão por cima do nariz e da boca. Seguiu atrás do Dr. Roach e da enfermeira Roach, a desejar ter tentado fugir quando teve oportunidade. Duvidava que tivesse conseguido escapar ao Sr. Glen, mas devia ter tentado. Qualquer coisa teria sido melhor do que tê-los deixado trazê-la para aquele lugar horrível.

O longo corredor parecia ser suficientemente largo para albergar dois comboios lado a lado, inúmeras portas forravam as altas paredes. Cada edifício de Willard parecia ter sido desenhado para acolher gigantes, e Clara não conseguia perceber porquê. A meio do corredor uma porta abriu-se de rompante

e dois assistentes arrastaram uma mulher para o corredor, o cabelo viscoso dela caiu-lhe para o rosto contorcido, a parte de baixo da sua camisa de dormir estava molhada e colava-se às suas pernas nuas. Uma enfermeira saiu apressadamente da sala e seguiu os ajudantes que tanto carregavam, como arrastavam a mulher na direção oposta. A mulher gritava, os seus pés descalços não conseguiam fixar-se no chão, e Clara estacou, o seu coração batia rapidamente dentro do peito. O Dr. Roach hesitou e olhou para trás, para ela. Sem perder tempo, a enfermeira Trench virou-se, agarrou no braço de Clara com a sua manápula e puxou-a para a frente.

— Vamos — disse ela, num tom de voz firme.

Clara tentou livrar-se do domínio da enfermeira Trench, mas foi escusado. A enfermeira continuou a andar, imperturbável pela luta dela, o seu rosto estava calmo e impassível, como se estivesse a levar um cão a dar um passeio. Através de uma porta aberta do lado esquerdo do corredor, havia pacientes a gritarem de dentro daquilo que lhe pareceu serem enormes berços com tampas fechadas com cadeados. Clara sentiu estar prestes a vomitar.

No fim do corredor voltaram novamente à esquerda, passaram por outra porta de ferro que também estava trancada e entraram noutro corredor exatamente igual ao primeiro. Pararam em frente da quarta porta à direita. A enfermeira Trench soltou o braço de Clara.

— Dê-me o seu casaco — disse ela.

Com os dedos trémulos, Clara desabotoou o casaco e despiu-o. Por sorte, tinha vestido uma camisola antes de deixar a Casa de Repouso de Long Island, mesmo sem saber que Willard era um lugar tão frio.

— E as botas também.

Mais uma vez, Clara fez o que lhe era dito, deslizando os pés cobertos com meias para fora das botas, o chão parecia gelo nas plantas dos seus pés.

— Amanhã de manhã leve-a ao meu gabinete para ser examinada, — disse o Dr. Roach.

— Com certeza, Doutor — respondeu a enfermeira Trench. — Ela estará lá.

— Muito bem — disse o Dr. Roach. Olhou para Clara. — Lembre-se que estamos aqui para a ajudar. Não tem de recear nada.

A enfermeira Trench observou-o, enquanto ele se afastava, dando estalidos com a língua. Cerrou os lábios e abanou a cabeça, um lampejo de dor cruzou-lhe

o rosto balofo. Em seguida, ela destrancou a porta e entrou na sala. O estômago de Clara contraiu-se. A enfermeira Trench manteve a porta aberta, à espera. Clara avançou devagar, com as mãos cruzadas sobre o seu coração que batia desenfreadamente.

O cheiro a fezes e urina era tão denso como a tinta verde-claro das paredes esmaltadas. Clara puxou a manga da sua camisola por cima da sua mão e tapou a boca com ela. Na sala fria estavam alinhadas cinquenta camas de metal, aparafusadas ao chão, todas com almofadas e lençóis encardidos, e colchões de crina de cavalo. As pacientes femininas estavam sentadas nas camas ou vagueavam pela sala, vestiam camisas de noite leves mas não usavam roupa interior, as formas flácidas dos seus seios soltos eram perfeitamente visíveis. Algumas tinham camisolas vestidas e meias calçadas mas a maior parte estava descalça. Havia várias em coletes de força. Uma estava sentada num canto, com uma boneca esfarrapada no colo, a baloiçar e a cantar uma canção de embalar. Outras duas estavam paradas ao pé da alta janela gradeada, uma a olhar para a escuridão, a outra a bater com a cabeça na rede que protegia o vidro. Uma pequena camada de gelo orlava as vidraças.

— Hora de apagar as luzes! — gritou a enfermeira Trench. As mulheres dirigiram-se apressadamente para as suas camas. A mulher que tinha a boneca pôs-se de pé, em cima de umas pernas descarnadas e tortas, e arrastou-se para o berço mais próximo, com a boneca enfiada debaixo da camisola. A enfermeira Trench manteve-se em silêncio, vigilante e à espera. Quando todas as mulheres estavam sentadas ou deitadas numa das camas, só havia uma vazia. Era ao lado da mulher que tinha a boneca. A cama parecia já ter sido usada, os lençóis e almofada descoloridos estavam torcidos e amachucados. A enfermeira Trench tirou o pedaço de pano dobrado de debaixo do braço e estendeu-o a Clara. Era uma camisa de dormir.

— Vista isto — disse ela.

Clara ficou sem respiração.

— Aqui?

— A primeira regra de Willard é «Faz aquilo que te mandam» — retorquiu a enfermeira Trench. — Obedeça a isso e iremos dar-nos às mil maravilhas.

— Não há aqui perto um vestiário? — perguntou Clara. — Algum sítio com privacidade onde me possa trocar?

A enfermeira Trench sorriu, um dos cantos dos lábios pintados de carmim subiu mais do que o outro.

— A segunda regra de Willard é «Não me questione».

Clara baixou os olhos e virou-se de costas para as pacientes, as suas pernas e braços tremiam. Tirou as meias e a camisola, em seguida despiu o vestido e deixou-o cair no chão. Depois voltou-se e pegou na camisa de dormir que a enfermeira Trench lhe estendia.

— É para despir tudo — informou a enfermeira Trench. — É melhor não testar a minha paciência, rapariga.

Clara despiu as cuecas e o sutiã, colocando um braço por cima dos seus seios despidos e voltou a estender uma mão para pegar na camisa de dormir. Desta vez, a enfermeira entregou-lha. Clara deslizou a leve camisa por cima da cabeça e afastou-se da sua roupa interior. Fez tenção de se baixar para apanhar a sua camisola do chão mas depois hesitou. A tremer, olhou para a enfermeira Trench.

— Posso? — perguntou, apontando para a camisola.

— Eu não sou insensível — respondeu a enfermeira.

Clara pegou na camisola e enfiou os braços nas mangas, agradecida por a lã ainda estar quente.

— Lembre-se daquilo que o Dr. Roach disse — continuou a enfermeira Trench. — Nós estamos aqui para ajudar.

Fez um gesto na direção do berço vazio.

— É difícil ajudar alguém se esse alguém não obedece às regras.

Clara dirigiu-se à cama, com o estômago às voltas. Engoliu em seco várias vezes, tentando não vomitar. A mulher na cama em frente baloiçava para trás e para a frente, fazendo um barulho estridente e tolo, que soava como «Uh-oh, uh-oh, uh-oh». Outra puxava o seu longo e sujo cabelo, rindo-se e arrancando várias madeixas ao mesmo tempo. Clara aproximou-se da cama e sentou-se, ainda tapando o nariz com a manga da camisola.

— Hora de apagar as luzes! — gritou a enfermeira Trench novamente. As mulheres deitaram-se e taparam-se com os cobertores. Clara fez o mesmo, encolhendo-se quando tocou na roupa de cama suja. Deitou-se de costas, abominando a ideia de pousar a face na almofada.

— E esta noite não saís da cama, Charlotte! — berrou a enfermeira.

A sala ficou às escuras.

A enfermeira abriu a porta e saiu, a sua silhueta enorme recortada num retângulo de luz fraca. A porta fechou-se com um último baque e a sala voltou a mergulhar na escuridão. A chave deu a volta na fechadura. E em seguida, a toda a volta de Clara, as mulheres começaram a fazer barulhos; a choramingar, a tossir, a cantar, a trautear, a balbuciar, a soluçar. Clara ouviu o ranger das molas da cama a seu lado e sentiu alguém a tocar-lhe no braço. Estava alguém parado aos pés da sua cama, alguém com a respiração ofegante. Clara puxou o cobertor sujo para cima da cabeça e enrolou-se na posição fetal. Tapou a cara molhada com as mãos trémulas e soluçou, rezando para que a manhã chegasse rapidamente.

CAPÍTULO 7

IZZY

Na noite a seguir à abertura do primeiro lote das malas que tinham vindo de Willard, Izzy estava esticada na cama de *T-shirt* cuecas, a ver vídeos de música na MTV para tentar não pensar em nada. Era escusado. Cada jovem casal que via aos beijos, fazia-a lembrar-se de Clara e Bruno. E de Ethan. E dos pais. O dedo latejava por baixo do penso, recordando-a de Ethan ajoelhado a seus pés. Lembrava-se do seu toque suave e do cabelo escuro, do seu sorriso quando levantou a cabeça e olhou para ela. *Ele tem namorada*, disse para si própria. *E mesmo que não tivesse, estaria melhor com outra pessoa. Além disso, ele é um idiota arrogante, lembraste? Ele ajuda a namorada a atenazar as outras pessoas. Porque é que estás sequer a pensar nele?*

À meia-noite desligou a televisão e deitou-se de barriga para baixo, à espera de flutuar para a abençoada insipiência do sono. Mas apesar de estar exausta, o rosto de Ethan surgia-lhe na mente, o seu cabelo negro, os seus olhos prateados. Em seguida, o rosto de Ethan transformou-se no rosto do pai dela, os seus olhos mortos a olharem fixamente, a sua cabeça a sangrar. Izzy levantou-se da cama e foi abrir a janela pra deixar entrar ar fresco. *É assim que começa*, pensou. *É assim que uma pessoa se torna lentamente doente mental? As mesmas imagens e pensamentos insinuem-se repetidamente no seu cérebro e não as consegue controlar? O que é que se passa comigo?*

Entrou na casa de banho, lavou os dentes pela segunda vez, bebeu um copo de água e olhou-se no espelho. Os seus olhos estavam vermelhos e inchados, sem dúvida que a causa tinha sido as lágrimas que tinha vertido naquela tarde.

Willard, as malas, Clara. Era tudo demasiado familiar. Se tivesse adivinhado que o projeto das malas iria recordar-lhe tudo aquilo que tentava esquecer, teria feito um esforço maior para se esquivar a ajudar. E, no entanto, ela não queria desapontar a Peg e o Harry, independentemente do que lhe custasse a ela.

Surpreendia-a que, depois de todo este tempo, a recordação dos seus pais, e

das horríveis imagens do que tinha acontecido naquela noite ainda mexessem tanto com ela. Ela tinha quase dezoito anos. Por esta altura, já devia ter conseguido pôr aquilo para trás das costas, arrumá-lo juntamente com todas as coisas do seu passado e prosseguir com a sua vida. E, no entanto, cada vez que pensava na mãe e no pai, sentia-se como se tivesse sete anos outra vez, como uma criança aterrorizada, confusa e abandonada. E também havia o receio de acabar como a mãe, passar o resto da vida sozinha, trancada numa instituição mental ou numa prisão. Aquilo tinha sido o que a tinha feito chorar, concluiu ela.

Alguma vez teria uma vida normal com aqueles terríveis genes a flutuarem no seu cérebro, à espera de se revelarem? Como é que ela podia sonhar em ter um relacionamento ou casar, sabendo que podia estar a pôr outra pessoa em perigo? Como é que poderia ter filhos, sabendo que os podia abandonar sem aviso prévio?

Passou os dedos pelas cicatrizes dos antebraços, lutando contra a ânsia de cravar as unhas na pele. *Não*, pensou ela, controlando as lágrimas que lhe assomavam aos olhos. *Já percorri um caminho muito longo para voltar para trás agora.* Agarrou-se à borda do lavatório com tanta força que os nós dos dedos começaram a ficar brancos. *Não vou ceder. Não vou deixar o meu passado determinar o meu futuro. Eu não sou a minha mãe.*

Respirou fundo e lavou a cara, depois voltou a deitar-se com o cabelo puxado para cima da almofada, deixando que a fresca brisa noturna flutuasse por cima das suas pernas nuas. Apagou a luz, fechou os olhos, e começou a contar de trás para a frente, sabendo que era uma palermice, mas fazendo tudo o que estava ao seu alcance para impedir a enxurrada contínua de pensamentos e imagens de lhe invadir a mente.

Então algo bateu na janela. Ela abriu os olhos. Pareciam unhas a bater no vidro e a arranharem a tela. Tornou a acontecer e ela sentou-se. Ouviu qualquer coisa a rebolar pelo telheiro. Lançou as pernas para fora da cama e susteve a respiração e ficou à escuta. Mais dois toques; *clic, clic*, no painel superior da janela. Acendeu a luz.

— Izzy? — sussurrou uma voz masculina lá fora.

Ela tornou a apagar a luz e levantou-se. Enrolou-se no cobertor e dirigiu-se à janela. Outro *clic* mais forte sobressaltou-a.

— Izzy! — disse novamente a voz de forma mais insistente.

Ela espreitou pelo parapeito da janela, tentando vislumbrar alguém no relvado escuro. A lua cheia criava longas sombras na relva, e havia cinco, que lembravam figuras humanas, paradas perto do estendal, as suas calças e as suas camisas ondulavam com a brisa, os seus cabelos longos e desgrehados esvoaçavam como uma fila de bandeiras negras. Izzy sentiu um aperto no coração. O seu primeiro pensamento foi que um grupo de piratas *zombies* do filme de John Carpenter, *O Nevoeiro* estava a olhar para ela. Depois percebeu que estava a olhar para as silhuetas escuras de ramos e folhas, que balouçavam na árvore em frente do quarto dela. Deu um suspiro de alívio e apertou mais o cobertor em redor dos ombros.

— Aqui em baixo! — disse a voz.

Izzy aproximou-se mais da janela e olhou para o caminho de gravilha. Ethan estava parado na esquina da garagem a olhar para ela, o seu rosto parecia uma máscara na penumbra. Quando a viu, deixou cair as pedras que tinha na mão, pegou numa lanterna e segurou-a por baixo do queixo.

— Surpresa! — disse num sussurro ruidoso.

Ele sorriu, a luz lançava sombras por baixo dos olhos dele e do nariz, fazendo lembrar a máscara, a preto e branco, de um demónio do Halloween.

Izzy inclinou-se para fora da janela.

— O que é que estás a fazer aqui? — perguntou, tentando ignorar os batimentos do seu coração.

— Trouxe-te um presente — respondeu o Ethan. Mostrou-lhe uma coisa chata e quadrada, mais ou menos do tamanho de um livro de bolso.

— Já passa da meia-noite! — sussurrou Izzy. — Estás maluco?

Ah, espera, pensou ela, esquece. A maluca sou eu.

— Desce! — disse Ethan.

— Não! — respondeu Izzy. — Vais arranjar-me problemas!

Nesse momento, um carro dobrou uma curva na rua, os faróis varreram o relvado e a entrada da casa. Ethan agachou-se por trás da garagem. Quando o carro se afastou ele saiu do esconderijo.

— Anda lá — disse ele. — É rápido, prometo!

Izzy mordeu o lábio. O que é que ele estava a fazer ali? O que é que podia ter para lhe dar? Era sábado à noite. Porque é que ele não estava com Shannon? O coração dela começou a bater mais rápido. E se fosse um truque? E se Shannon

também estivesse lá em baixo, à espera para lhe pregar outra partida?

— Eu não vou descer — disse ela. — E é melhor ires-te embora.

— A sério? — perguntou ele, com um tom de descrença na voz. — Eu vim bater-te à janela, a meio da noite, para te trazer uma surpresa e agora tu dizes para eu me ir embora? Pensei que éramos amigos.

Izzy estava prestes a dizer-lhe que ele lhe podia dar a surpresa na escola quando ele disse:

— Se não desceres eu toco à campainha e peço para te chamarem.

Ela suspirou.

— Dá-me um minuto — respondeu.

Fechou as cortinas, atirou o cobertor para cima da cama e vestiu uns calções. Começou a dirigir-se à porta, mas voltou atrás e entrou na casa de banho para se ver ao espelho. Tinha o cabelo desgrenhado e o rímel esborratado. Lambeu o dedo e esforçou-se por tirar o que restava da maquilhagem, depois penteou o cabelo e prendeu-o num rabo de cavalo no alto da cabeça. Despiu a *T-shirt* dirigiu-se apressadamente à cómoda para ir buscar uma camisola.

Na cozinha, pegou nas sandálias, esgueirou-se pela porta de correr que dava para o terraço e atravessou o alpendre traseiro em bicos de pés. Quando chegou ao relvado, calçou as sandálias e apressou-se em direção à garagem com os ombros curvados. Felizmente, o quarto da Peg e do Harry ficava na parte de trás da casa, por isso provavelmente não tinham ouvido nada. Ethan estava à espera do outro lado da garagem, encostado à parede e a apontar a lanterna para um pequeno livro que tinha aberto na mão. Quando a viu, fechou o livro e endireitou-se.

— O que é que estás a fazer aqui? — perguntou ela.

— Boa-noite para ti também — respondeu ele a sorrir.

— O que é que queres?

— Como é que está o teu dedo?

Ela estendeu o dedo magoado, a gaze branca brilhou como um pequeno fantasma no escuro.

— Está ótimo — respondeu ao mesmo tempo que cruzava os braços. — Muito bem, eu desci como pediste. Qual é a grande surpresa?

Ele mostrou-lhe o livro enquanto apontava a lanterna para a capa. A luz refletiu na encadernação de couro verde, com a flor de lis gravada, fazendo

brilhar o verniz preto do debrum. O diário de Clara.

Izzy arrebatou-o das mãos dele.

— O que é que estás a fazer com isto? — perguntou ela. — Não tinhas o direito!

— Calma — respondeu ele. — Só o trouxe emprestado.

— Não é da tua conta! — disse ela com um silvo.

Ethan franziu a testa.

— Tu estavas a lê-lo. Além disso, aquela maluca já morreu há muito tempo...

— Isso não interessa! Não o devias ter trazido.

— Eu vi-te a olhar para ele e pensei que o quisesses ler.

— Sabes a quantidade de problemas que podes ter por teres tirado isto? — disse ela, surpreendida com a sua raiva. — Isto é propriedade do Estado!

— Meu Deus — disse Ethan ao mesmo tempo que revirava os olhos. — Queres fazer o favor de te acalmar? Podemos devolvê-lo quando acabares de o ler. É só pô-lo de volta no baú no próximo sábado quando voltarmos ao armazém. Não é nada de mais. Ninguém vai sequer perceber que o diário não estava lá.

Ela estendeu-lhe o diário.

— Devolve-o.

— OK — disse ele, encolhendo os ombros. — Eu devolvo-o. Desculpa ter-te incomodado.

Ele pegou no diário e começou a afastar-se.

— Vemo-nos por aí.

Ela cerrou os dentes. Ele tinha razão. Por algum motivo, a coisa que mais queria era ler o diário de Clara. Mas não desta maneira. Não quando tinha medo de se meter em problemas por ter o diário consigo. Mas e se ela não tivesse outra oportunidade?

— Espera — disse ela.

Ele voltou atrás a sorrir.

— Mudaste de ideias?

— Talvez — disse ela.

Ele encostou-se à garagem e entregou-lhe o diário.

— Dizem que está assombrado, sabias? — disse ele.

Ela franziu a testa, confusa.

— O que é que está assombrado?

— O Sanatório Willard.

Izzy olhou para o diário.

— Oh — disse, esperançosa que ele não tivesse reparado que se tinha encolhido.

— Alguns amigos meus entraram lá para dentro há umas semanas e apanharam um grande cagaço. Um deles foi arranhado no pescoço na ala das mulheres e ouviram o que parecia ser um gemido por todo o hospital.

Izzy estremeceu.

— Isso é nojento — retorquiu ela.

— Eu acho que é espetacular — revidou Ethan a rir.

— Bom, tu és esquisito.

— O diário não é a única razão por que estou aqui — disse ele, com um tom de voz subitamente sério. — Eu quero pedir desculpa por ajudar a Shannon a pôr aqueles... aquelas coisas no teu cacifo. Tens razão. Foi horrível e cruel. Quando estavas a ler o diário na armazém, percebi que estavas a chorar e...

Izzy enrijeceu.

— Ouve — disse ela. — As coisas estão finalmente a correr bem para mim e eu não quero estragá-las. Se a Peg e o Harry descobrem que eu tenho este diário, provavelmente pedem-me para me ir embora.

— Lê-o durante o fim de semana e leva-o para a escola na segunda-feira. Eu devolvo-o. Ninguém vai sequer saber que tu o tiveste. Prometo.

Izzy suspirou e passou os dedos pelo couro verde. Durante todos aqueles anos, o que queria acima de tudo era entrar na cabeça da mãe, para tentar perceber o que é que levava uma pessoa completamente sã a perder subitamente o juízo. Ela não podia perguntar aos médicos. Eles tinham declarado que a mãe estava sã. Mas Izzy sabia que não era verdade. E naquele momento, nas suas mãos, podiam estar as respostas que procurava. Estava prestes a perguntar a Ethan se lhe devia entregar o livro na sala de aulas quando se lembrou de outra coisa.

— Então e a Shannon? — perguntou ela. — Acho que ela não vai ficar muito contente de saber que estiveste aqui.

Para sua surpresa, Ethan calou-se e começou a coçar a parte de trás do pescoço, com os olhos fixos no chão. Depois olhou para Izzy e franziu a testa.

— Ela não é tão má como pensas — respondeu ele.

— É, sim — retorquiu Izzy. — Primeiro fingiu que queria ser minha amiga, depois começou a pregar-me partidas. Ela é horrível.

— Pode parecer que é assim quando ela está ao pé de outras pessoas, mas quando estamos só os dois...

— Ah, — disse Izzy, cruzando os braços. — Então não te incomoda a forma como ela trata as outras pessoas, desde que te trate bem a ti.

— Não — retorquiu Ethan. — Não é isso. Nós estamos juntos desde o oitavo ano e foi só desde o ano passado que ela começou a comportar-se... não sei como dizer... de forma diferente. Só quero que saibas que ela passou por muita coisa.

Izzy revirou os olhos.

— Isso não é desculpa. Ela devia tentar ultrapassar o que quer que lhe tenha acontecido e não perpetuá-lo. Detesto quando as pessoas culpam toda a gente menos elas próprias pelo seu comportamento.

— O pai dela foi-se embora e a mãe é alcoólica.

— Isso não lhe dá desculpa para ser uma cabra!

Assim que as palavras saíram da boca de Izzy, o seu estômago contraiu-se de remorsos. Ethan suspirou e deixou descair os ombros.

— O pai costumava bater nela e na mãe. Quando Shannon tinha doze anos, meteu-se no meio da discussão e foi parar ao hospital com uma contusão na cabeça e um braço partido. Mas a mãe não disse a verdade aos médicos. Mentiu e disse que a Shannon tinha saltado do telhado do alpendre porque achava que conseguia voar.

Izzy engoliu em seco. Não conseguia imaginar um pai a magoar um filho. Ou uma mãe a não proteger o filho. Era certo que a sua mãe tinha morto o pai, mas ela tinha enlouquecido. Izzy queria acreditar que a mãe não tinha pensado nas consequências. A mãe tinha de estar louca para não perceber que Izzy iria ficar devastada pela perda do pai, e que quando a polícia descobrisse o que ela tinha feito, Izzy perderia ambos os progenitores. Só uma pessoa doente mental é que não pensaria nas consequências. O mais irónico era que antes daquela noite fatídica, a sua mãe era superprotetora, não a deixava ir a pé para a escola com as suas amigas, embora o estabelecimento de ensino ficasse apenas a um quarteirão. Obrigava-a a usar um colete salva-vidas na praia enquanto os outros miúdos eram livres de chapinhar nas ondas ou brincar na areia, libertas de um

grosso colete cor de laranja. O pai de Izzy adorava-a, comprava-lhe vestidos bonitos e levava-a às aulas de dança, até lhe tinha prometido comprar-lhe um pônei quando ela fizesse dez anos. Mesmo agora, depois de tudo o que tinha acontecido, Izzy não conseguia imaginar nenhum dos pais a magoá-la intencionalmente.

— Depois desse episódio — continuou Ethan. — O pai de Shannon levantou todo o dinheiro da conta bancária e foi-se embora deixando-as sem nada. Desde essa altura que não têm notícias dele.

Ethan olhou para o chão e depois para Izzy com olhos suplicantes.

— Por favor, não digas a ninguém que te contei. Já falei de mais. Toda a gente já sabe o que aconteceu aos pais de Shannon, mas ela mata-me se souber que fui eu que te contei. Eu só quero que percebas o que é que ela passou.

Izzy suspirou.

— Ouve, — disse — eu tenho muita pena dela. A sério que tenho. Mas queres que seja honesta? Saber isso só me deixa mais confusa. Eu não percebo porque é que ela quer magoar as pessoas quando sabe como isso dói.

— Eu acho que ela tem tanto medo que a magoem que faz tudo para que ninguém se meta com ela. Ela pensa que há uma grande hierarquia ou algo assim, e que precisa de estar no topo para se proteger.

— Acreditas mesmo nisso?

— Sim — respondeu Ethan. — Eu tenho tentado falar com ela, tenho tentado que ela perceba que não tem de ser assim...

Ele desviou o olhar, a dor refletia-se no seu rosto.

— Sinto que sou tudo o que lhe resta neste momento. Eu sou a única pessoa que compreende porque é que ela é como é. A mãe não se importa minimamente e o resto das pessoas alinha porque tem medo dela.

Oh, meu Deus, pensou Izzy. *Ele ama-a mesmo.* Izzy pensou no pai, que não fazia ideia que iria casar com uma pessoa que um dia perderia o juízo. Ela quis dizer a Ethan para ter cuidado. Em vez disso, respirou fundo e mudou de assunto.

— Como é que te vou devolver o diário sem a Shannon saber? Ela pareceu ficar muito chateada quando me defendeste no outro dia.

— Pois — disse ele. — Ela é muito ciumenta, por isso temos de ter cuidado.

Izzy abriu a boca para dizer que a Shannon parecia uma grande carga de

trabalho mas mudou de ideias.

— Deixa o diário no teu cacifo — disse Ethan. — Eu vou buscá-lo num dos intervalos.

— OK. O número do meu cacifo é... Ah, espera — disse ela com um sorriso.
— Tu já sabes qual é.

Ethan levantou as mãos.

— Culpado.

CAPÍTULO 8

CLARA

Willard — O Dia Depois da Admissão

Feixes de luz do Sol poeirentos entravam pelas redes das gigantescas janelas, cortando a penumbra na sala com um enorme pé-direito mas fazendo pouco para afastar o frio. Seis banheiras com pés em forma de garras estavam alinhadas numa das paredes, cada uma delas tinha uma cortina presa a um tubo de metal, que se fechava a toda a volta da banheira. O chão era revestido de ralos, o bolor preto escurecia os azulejos partidos. As enfermeiras latiam ordens e as pacientes discutiam, gritavam e lutavam, tentando resistir a serem postas dentro das banheiras de água gelada.

Clara estava nua em frente de uma das banheiras, com um braço à frente do peito, com o outro tentava tapar a zona púbica. O chão de mosaico preto e branco parecia-lhe gelo debaixo dos pés. Tremia a ver a enfermeira encher a água com cubos de gelo. A enfermeira Trench e uma paciente musculada, com um olho descaído, estavam paradas ao pé das torneiras, à espera. Na banheira ao lado, o rosto pálido de uma mulher surgiu num buraco reforçado da cortina, os seus lábios estavam azuis. Do outro lado da sala, dois auxiliares tiraram da água uma mulher inconsciente e carregaram-na para uma maca que estava encostada à parede mais distante.

— Entre — disse a enfermeira Trench a Clara.

— Mas eu... — começou Clara a dizer.

— Faça aquilo que lhe mandam, lembra-se? — perguntou a enfermeira. — É para o seu próprio bem.

— Mas eu... — disse Clara, num tom de voz débil.

A enfermeira Trench deu um passo em frente e agarrou no braço de Clara com a sua grande manápula.

— Nós estamos aqui para a ajudar — disse, num tom de voz firme. — Isto vai acalmá-la. Vai limpar-lhe a mente.

Antes que Clara percebesse o que é que estava a acontecer, a enfermeira Trench pegou nela e pô-la dentro da banheira, mergulhando na água gelada. Um

golpe de dor rasgou o peito de Clara conforme o ar lhe era sugado dos pulmões. Respirou sem querer, engasgando-se com uma golfada de água. Agarrou-se à borda da banheira e ergueu-se para a superfície da água, as mãos escorregavam na porcelana. Lutou para se levantar enquanto tossia e tentava recuperar o fôlego. Por um momento deixou de ver e tinha a certeza que ia desmaiar. Em seguida, a paciente zarolha agarrou-lhe num ombro e começou a esfregar-lhe o rosto e o pescoço, roçando um pano áspero e desbotado na sua pele. Por fim, Clara conseguiu inspirar sofregamente. A paciente esfregou por baixo dos braços de Clara e nas partes íntimas, abrindo-lhe as pernas com mais força do que era necessário.

A água gelada picava a pele de Clara como milhares de agulhas. Foi preciso um grande autocontrolo para não se levantar e sair da banheira. Deixou que a paciente a esfregasse, o seu corpo tremia violentamente, na esperança de que quanto mais depressa a paciente acabasse mais depressa a deixavam sair. A enfermeira Trench estava parada aos pés da banheira a observar, os seus braços enormes cruzados por cima do seu peito amplo, o seu torto sorriso carmin destorcia-lhe a metade inferior do seu rosto balofo.

— Por favor — disse Clara, olhando para ela. — Eu...

— Cale-se — disse a enfermeira Trench, agitando um dedo grosso no ar. — A boa vida na Casa de Repouso de Long Island amoleceu-a, é só isso.

Clara fechou os olhos com força, à espera que a paciente acabasse de lhe esfregar o cabelo com lixívia. Quando lhe deitaram baldes de água gelada por cima da cabeça, ela puxou os joelhos para o peito e abraçou as pernas, quase a hiperventilar e tremer tanto que o coração parecia prestes a rebentar. Por fim, o banho brutal terminou e a paciente zarolha afastou-se a arquejar.

— Saia — disse a enfermeira Trench.

A tossir e a cuspir água, Clara teve dificuldade em sair da banheira. A paciente zarolha limpou-a rapidamente com uma toalha áspera.

— Normalmente, obrigá-la-íamos a ficar mais tempo — disse a enfermeira. — Mas hoje tem a sua primeira consulta com o Dr. Roach. Agora, faça o que lhe mandam e iremos dar-nos às mil maravilhas.

A paciente zarolha entregou a Clara o seu vestido amarelo de trazer por casa e a roupa interior. Os dentes de Clara batiam descontroladamente, as suas pernas estavam tão fracas que mal conseguia ficar de pé. De alguma forma, conseguiu

vestir-se e apertar os sapatos. A enfermeira Trench ordenou a Clara que a seguisse, em seguida marchou em direção da porta. Clara fez o que lhe foi dito, com o cabelo a escorrer água para o seu rosto e para o seu pescoço. Limpou a testa com a manga da camisola e depois seguiu a enfermeira Trench. No corredor, pôs uma mão no abdómen. *Conseguiria um pequeno feto sobreviver a um tratamento daqueles?* Os seus olhos encheram-se de lágrimas e o seu coração abrandou, uma massa escura e pesada oprimia-lhe o peito. Se algo acontecesse ao bebé de Bruno não sabia se conseguiria sobreviver.

— Bom-dia enfermeira Trench — disse a mulher.

Parecia ser jovem, mais ou menos da idade de Clara, maçãs do rosto bem definidas, cabelo platinado e uma pele de porcelana. Quando sorria o seu rosto iluminava-se. Mas havia laivos de tristeza no seu olhar. Em seguida, Clara reparou no estômago dilatado da mulher. Não conseguia imaginar o que é que uma jovem grávida estava ali a fazer, à espera de uma consulta com o Dr. Roach.

— Bom-dia Sra. Roach — respondeu a enfermeira Trench. — Já está à espera há muito tempo?

Clara baixou o olhar tentando esconder o seu choque. O que é que fazia uma jovem, bonita, casada com um homem vinte anos mais velho, principalmente um médico que trabalhava num hospício?

— Oh, não sei — respondeu a Sra. Roach. — Não há demasiado tempo.

— Ele sabe que está aqui? — perguntou a enfermeira Trench, com uma mão apoiada na porta do gabinete.

A Sra. Roach acenou com a cabeça.

— Eu telefonei a avisar que vinha, como faço sempre — respondeu ela. — Ele disse que viria falar comigo quando tivesse tempo.

— Deixe-se ficar aí sossegada, — disse a enfermeira, com um sorriso. — Eu vou ver o que é que consigo saber.

A enfermeira Trench entrou e conduziu Clara para o interior. Uma elaborada secretária talhada estava no centro da sala, um retrato, com uma moldura dourada, de um homem mais velho, careca, com um monóculo, estava pendurado na parede por trás da secretária. Diplomas médicos emoldurados e fotografias a preto e branco de homens com chapéus altos e mulheres com vestidos compridos de anquinhas a pousarem em frente a Chapin Hall rodeavam o retrato. As outras paredes estavam cobertas de fotografias da ferrovia, das

fábricas, dos pomares e da farmácia repleta de frascos de vidro.

Sentado à secretária o Dr. Roach sorria, por cima do seu cachimbo, para a enfermeira May que estava sentada na beira da pequena cadeira, tinha as pernas de meias brancas traçadas, a bainha da saia subida até meio da coxa. Levantou-se de um salto quando a porta se abriu, as suas faces coraram. O Dr. Roach levantou o olhar, assustado. A enfermeira Trench conduziu Clara até à secretária.

— Quantas vezes é que tenho que lhe dizer para bater à porta antes de entrar no meu gabinete? — perguntou o Dr. Roach.

— Peço desculpa, Dr. — respondeu a enfermeira Trench, fulminando o médico com o olhar. — Suponho que ainda não estou habituada às suas novas regras. Talvez me conseguisse recordar se não as mudasse todas as semanas.

— Pode deixar a paciente — retorquiu o médico num tom de voz áspero. — Está dispensada, enfermeira Trench. A enfermeira May leva-a à cafetaria quando estivermos despachados.

— A sua mulher está à espera no corredor, Doutor — informou a enfermeira Trench. — Quer que a mande entrar?

O Dr. Roach levantou-se.

— Não — respondeu. — Eu vou lá fora falar com ela.

— Muito bem — retorquiu a enfermeira Trench. Ela fungou e virou as costas, depois marchou para fora da sala e bateu com a porta. A enfermeira May olhava para o Dr. Roach, um sorriso nervoso brincava-lhe nos lábios. O Dr. Roach fez um gesto na direção de uma porta de vidro, com a testa enrugada.

— Leve a paciente para a sala de observação — disse ele. — Eu volto já.

A enfermeira May pegou numa papeleta que estava na secretária e abriu a porta de vidro.

— Por aqui, Clara — disse ela um pouco mais alto do que o necessário.

Clara acompanhou-a até sala de observação ao mesmo tempo que fazia um esforço para parar de tremer. Um radiador de ferro fundido silvava e chiava por baixo de uma janela octogonal, enchendo a sala de um calor húmido e constante. Clara teve vontade de se ajoelhar no chão e encostar-se ao radiador.

— Suba para a balança, Clara — disse a enfermeira May, ainda a falar alto, como se Clara fosse retardada, surda ou não conseguisse perceber inglês.

A enfermeira May apontou na papeleta a altura dela e o peso, mediu-lhe a temperatura e a pressão arterial. Por fim, o Dr. Roach entrou na sala e fechou a

porta. A enfermeira May puxou um pequeno banco para perto da maca.

— Dispa o vestido e sente-se na maca, Clara — disse ela.

— Sabe que está a falar comigo — retorquiu Clara. — Eu sei como é que me chamo.

— Desculpe? — revidou a enfermeira May, arqueando as sobrancelhas desenhadas a lápis.

— Não precisa de gritar e de estar sempre a dizer o meu nome — respondeu Clara enquanto desabotoava o vestido. Tirou a camisola e puxou as roupas por cima da cabeça, pendurando-as depois num dos braços.

— Eu falo inglês e não tenho problemas auditivos. E também não sou idiota.

Clara subiu para a maca coberta com um lençol de papel e sentou-se.

Com a testa franzida, a enfermeira May arrebatou as roupas das mãos de Clara e atirou-as para cima de uma cadeira. Olhou para o Dr. Roach com os olhos muito abertos, como se estivesse à espera que ele a defendesse. Ignorando a troca de palavras, o Dr. Roach dirigiu-se ao lavatório para desinfetar as mãos, calçou um par de luvas de borracha, em seguida tirou o estetoscópio do suporte na parede e colocou nos ouvidos os auriculares. Colocou o frio diafragma por cima do seio direito de Clara e escutou, com as sobrancelhas franzidas. O cheiro da borracha e da brilhantina atingiu as narinas de Clara e ela quase que vomitou. Agora que o seu corpo estava a aquecer, o seu estômago revirava-se numa mistura acre de fome e náuseas.

— Sinceramente, não percebo porque é que isto é necessário, Doutor — disse Clara. — Posso garantir-lhe que não tenho problema nenhum.

— É apenas parte do processo de admissão — respondeu o Dr. Roach, com um sorriso condescendente. — Não precisa de se preocupar.

— Mas eu não preciso de ser internada — retorquiu Clara. — Eu estou muito bem.

— Hum, hum — revidou ele, pegando na papeleta que a enfermeira May lhe estendia e tomando nota de algo. A enfermeira olhava fixamente para ele, como um cão à espera de um biscoito.

— O que é que ela disse?

O Dr. Roach olhou para ela com o cenho franzido.

— Falamos sobre isso mais tarde — respondeu ele com uma expressão severa.

— Por favor — disse Clara. — Ouçam-me. Eu não preciso de aqui estar. O

meu pai apenas...

— Este é um exame físico — interrompeu o Dr. Roach. — Mais tarde falaremos sobre os motivos que a trouxeram aqui. Por agora, só tem de cooperar, está bem?

— Quando? — perguntou Clara.

— Uma enfermeira irá buscá-la quando for altura.

Clara suspirou e cerrou os dentes de frustração. O Dr. Roach devolveu a papeleta à enfermeira May, que agarrou nela com as duas mãos, os seus dedos pousados no braço dele durante vários segundos. Por fim, ele sorriu para ela com uma expressão de entendimento no olhar. Os ombros da enfermeira May descontraíram-se. O Dr. Roach testou os reflexos de Clara com um martelo de borracha e depois observou-lhe os ouvidos com uma lupa. Pediu-lhe para descer da maca e dobrar-se para ele ver a curvatura da coluna dela. Ela fez o que lhe tinha sido pedido e correu os dedos ao longo da sua coluna vertebral, depois puxou-lhe os braços para trás e esticou-lhe os pulsos.

— Sente alguma dor nas costas ou nos ombros? — perguntou ele, pressionando a sua pélvis contra as nádegas dela.

— Não — respondeu Clara, estremecendo.

O Dr. Roach soltou-a e ela endireitou-se enquanto esfregava os pulsos. Ainda por trás dela, o médico pousou-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. Apalpou-lhe as vértebras do pescoço e pressionou os dedos contra o escalpe dela, analisando o formato do seu crânio. Esticou os braços para a frente a apalpou-lhe as clavículas, em seguida levantou-lhe os braços e pediu-lhe que os mantivesse assim enquanto lhe fazia a palpação das axilas.

— Enfermeira May — disse ele. — Esta noite vai ficar novamente na residência das enfermeiras?

— Sim, Dr. Roach — respondeu a enfermeira com voz melosa.

— E o que é que acha do alojamento? Sabe como nos esforçamos aqui em Willard para manter os nossos empregados confortáveis.

— O alojamento aqui em Willard é o melhor onde já fiquei.

Clara sabia o que é que se estava a passar, o Dr. Roach tinha as mãos nos seus seios. Apertou-os uma, duas vezes, depois beliscou-lhe os mamilos e soltou-a. Tinha acontecido tudo tão depressa que era difícil de dizer se aquilo tinha feito parte do exame ou se era outra coisa qualquer. Ela baixou os braços e cruzou-os

por cima dos seios, voltou-se de frente para o médico com as faces a arder. O Dr. Roach ignorou-a e tirou as luvas. Dirigiu-se ao lavatório e voltou a desinfetar as mãos, ensaboou-as e passou-as por água duas vezes, a água estava tão quente que deitava vapor. Secou as mãos numa toalha limpa e voltou a calçar as luvas, depois tirou uma espátula de madeira de dentro de um frasco de vidro que estava no armário dos medicamentos.

— Sente-se novamente na maca — disse ele. Clara voltou a subir para a maca, com os braços ainda cruzados por cima dos seios.

— Então gosta mesmo de estar em Willard, enfermeira May?

— Oh sim — respondeu a enfermeira, aproximando-se mais como se também tivesse de examinar a garganta de Clara. — Gosto muito.

O Dr. Roach deu um sorriso afetado e levantou a espátula.

— Abra a boca — disse ele a Clara. — Diga «ahh».

Clara fez o que ele lhe tinha pedido e o médico pressionou-lhe a língua com a espátula de madeira. Aquilo foi de mais. Clara agonizou-se e vomitou para cima das mãos e da bata dele. Ele recuou e olhou para as suas roupas, com os braços estendidos e a boca torcida de desdém. A enfermeira May arquejou e deixou cair ao chão a papeleta de Clara, que aterrou, virada ao contrário, no meio da poça de vômito. Por um momento, ficaram gelados, a olhar fixamente com os olhos arregalados.

Por fim, a enfermeira May recuperou o discernimento. Abriu umas portas por baixo do armário dos medicamentos e tirou uma pilha de toalhas, depois passou por cima da poça de vômito e começou a limpar a sujidade da parte da frente da bata do Dr. Roach. O médico permaneceu imóvel, com os lábios cerrados numa linha fina e severa. A enfermeira desabotoou-lhe a bata e despiu-a cuidadosamente para que não lhe tocasse nas roupas. Depois descalçou-lhe as luvas, deitou-as para o lixo e lavou rapidamente as suas mãos. O Dr. Roach afastou-se, passando cuidadosamente por cima do vomitado, em seguida dirigiu-se ao lavatório e esfregou as mãos com uma escova dura, fazendo tanta força que a sua pele ficou vermelha. A enfermeira May agarrou Clara por um braço, cravando-lhe as unhas na pele.

— Como é que se atreve! — sibilou ela. — Quer ser posta no isolamento? É isso?

— Está tudo bem — disse o Dr. Roach enquanto secava as mãos. — Eu acho

que ela não fez de propósito. Limpe só essa confusão, vamos despachar isto.

A enfermeira May franziu o cenho e foi buscar mais toalhas ao armário.

— Quer que chame a enfermeira Trench para limpar isto? — perguntou.

— Não — respondeu o Dr. Roach. — Dê uma toalha à Clara para ela se limpar e vamos acabar o exame.

— Sinto muito — disse Clara, limpando os salpicos dos braços e das pernas.

— Não foi intencional. É só que...

— Está a sentir-se bem? — perguntou o Dr. Roach. — Tem estado doente?

— Não — respondeu Clara.

Inspirou e prendeu a respiração, na dúvida se devia dizer-lhe a verdade. Talvez fosse melhor tratada se soubessem que estava grávida. Talvez a libertassem. Um hospício não era lugar para se ter um bebé. De certeza que o médico iria concordar. Mordeu a bochecha, lutando contra a ânsia de vomitar novamente.

— Eu não estou doente. Estou grávida.

O Dr. Roach franziu a testa, as suas sobrancelhas uniram-se.

— Talvez esteja apenas nervosa, ou tenha comido alguma coisa que lhe fez mal — disse ele.

Clara abanou a cabeça.

— Não — retorquiu ela. — Eu tenho um namorado e o bebé é dele.

O Dr. Roach levantou o queixo, acenando ligeiramente com a cabeça como se tivesse confirmado uma suspeita.

— Pode contar-me isso mais tarde — disse ele. — Eu estou aqui para a ajudar, lembra-se? Agora o que você precisa é de ir à cafetaria tomar o pequeno-almoço.

— Mas você é médico — disse Clara. — Consegue perceber se eu estou grávida ou não. Com certeza que concorda que um hospício não é sítio para uma mulher grávida.

— Nós temos uma médica que faz os exames ginecológicos — disse o Dr. Roach. — Mas infelizmente, ela não está cá hoje.

Clara sentiu-se tentada a perguntar-lhe porque é que ele tinha tido necessidade de lhe examinar os seios se tinham uma médica para fazer aquele tipo de exames, mas sabia que era perda de tempo. O mais importante era fazê-lo compreender que ia ter um bebé. Ela pôs uma mão no abdómen.

— Veja o meu estômago — disse ela. — Está inchado.

O Dr. Roach fez um gesto na direção das roupas de Clara que estavam na

cadeira.

— Vista-se — disse ele. — Saberemos dentro de pouco tempo se está grávida ou não, certo? Enfermeira May, pode fazer o favor de levar Clara até à cafetaria?

A enfermeira May estava de gatas a limpar o chão, com a boca retorcida. Levantou-se e esperou ao pé da porta que Clara se vestisse.

— Quer que peça à enfermeira Trench para vir acabar de limpar o chão?

O Dr. Roach abanou a cabeça.

— Não, esta manhã ela tem outros pacientes para tratar. Peça a um dos auxiliares para a vir ajudar.

O rosto da enfermeira May ficou rubro, o seu maxilar pulsava. Clara abotoou a camisola, pensando que por agora, teria de fazer o que eles queriam. O Dr. Roach tinha dito que falariam mais tarde. Ela ainda tinha uma hipótese para o fazer compreender, para lhe mostrar que ela não precisava de ser institucionalizada. Ela seguiu a enfermeira May para fora do gabinete, através do saguão de Chapin Hall, até ao fim da primeira ala. Um auxiliar destrancou duas portas de ferro e deixou-as passar, o ranger e o bater do metal ecoava pelos corredores. A enfermeira conduziu Clara para umas escadas estreitas que acabavam na cave, onde elas seguiram através de uma pequena passagem de pedra até à cafetaria.

As paredes de cimento da cafetaria eram de um cinzento desbotado e com manchas, nos cantos superiores e nas esquinas da sala ainda havia restos de uma antiga camada de tinta branca. O chão azul estava gasto e cheio de buracos; faltavam pedaços circulares como se alguém tivesse arrancado a pedra com uma colher. O ar cheirava a leite azedo, couves e gordura. Dezenas de pacientes femininas estavam sentadas ou paradas ao pé das mesas compridas enquanto os empregados da cafetaria percorriam o perímetro da sala de refeições, a observá-las enquanto comiam. A enfermeira Trench e outras duas enfermeiras andavam para trás e para a frente na zona mais distante da cafetaria, tentando manter na linha uma fila de pacientes. As pacientes transportavam tabuleiros e a comida era-lhes entregue por empregados da cafetaria no outro lado de um balcão comprido. Entre as mulheres que estavam na fila, estava a mulher da boneca e a mulher que se balouçava constantemente na sua cama. Para onde quer que olhasse, Clara só via olhares vazios, olhos inchados, e bocas franzidas.

— Está na hora de ir para o solário! — gritou um dos auxiliares para as

pacientes que estavam sentadas às mesas. — Limpem a vossa confusão!

As pacientes levantaram-se e recolheram os seus pratos, mas algumas permaneceram sentadas, mastigando os seus pequenos-almoços em transe. Os ajudantes puxaram as mulheres não cooperantes dos bancos onde estavam sentadas e tiraram-lhes os utensílios das mãos. Uma das pacientes tentou trepar para cima da mesa, colocando um pé descalço dentro de um prato. Um ajudante esticou-se e agarrou-lhe no braço, praguejando ao mesmo tempo que a puxava para baixo. Por fim, os auxiliares conseguiram que toda a gente arrumasse a sua loiça e saísse da sala. Quatro funcionários da cafetaria recolheram a restante loiça enquanto as mulheres da ala de Clara se arrastavam para as mesas, carregando os seus tabuleiros. A enfermeira May conduziu Clara através da sala para a entregar à enfermeira Trench.

— Esta paciente sujou a sala de observação do Dr. Roach, — disse ela à enfermeira Trench. — O Dr. Roach quer que depois do pequeno-almoço leves lá um auxiliar e que limpem aquilo.

— Não tenho tempo para isso — retorquiu a enfermeira Trench de testa franzida. — Tu és a assistente dele. É da tua responsabilidade tratar dessas coisas.

— Estou apenas a cumprir ordens — revidou a enfermeira May de queixo levantado. — Ele pediu para te dizer que fosses lá.

Girou nos calcanhares para se ir embora, depois mudou de ideias.

— Mais uma coisa.

Apontou um dedo na direção de Clara.

— Esta aqui pensa que está grávida.

Esta última frase foi dita num tom de voz alto, como se estivesse a fazer um anúncio.

A enfermeira Trench arregalou os olhos. Descruzou os braços e dirigiu-se a Clara, mas era demasiado tarde. Meia dúzia de pacientes largou os seus tabuleiros e dirigiram-se apressadamente na direção de Clara, uma agarrou-lhe no estômago, outro tocava-lhe no cabelo, uma terceira gemia e puxava-lhe as faces. Clara baixou-se e pôs os braços por cima da cabeça para se proteger. Um punhado de dedos sujos tocou-lhe na boca e arranhou-lhe as faces. A enfermeira Trench e os auxiliares afastaram as mulheres, ordenando-lhes que se afastassem de Clara. A enfermeira May afastou-se para observar, com um sorriso satisfeito

no rosto.

— Deixem-na em paz! — gritou a enfermeira Trench às pacientes. — Peguem nos vossos tabuleiros e sentem-se! Imediatamente ou ponho-vos a todas no isolamento!

A maior parte das mulheres fez o que lhe era dito. Uma delas caiu no chão, a uivar com a cabeça entre as mãos. Dois auxiliares puseram-na de pé e arrastaram-na para fora da cafetaria. A enfermeira Trench lançou um olhar fulminante à enfermeira May.

— Vou participar aquilo que fizeste — disse ela.

A enfermeira May encolheu os ombros.

— Só mais uma coisa — disse ela. — Será que o Dr. Roach tem conhecimento do pouco controlo que tens sobre as tuas pacientes?

— Eu já trabalho com o Dr. Roach há mais de quinze anos — respondeu a enfermeira Trench entredentes. — E depois de tu te ires embora eu irei continuar a trabalhar com ele.

A enfermeira May revirou os olhos e saiu da cafetaria. A enfermeira Trench pegou no braço de Clara e conduziu-a ao balcão para que fosse buscar o pequeno-almoço.

— Se o que ela disse é verdade ou se estás apenas a inventar — disse ela baixinho, — é melhor não fales sobre isso. Contar a toda a gente não te vai ajudar em nada. Os médicos não se interessam e as outras pacientes vão desfazer-te.

Deixou a Clara na fila e afastou-se. Outro grupo de mulheres começava a entrar pelas portas no outro extremo da sala. Clara pegou num tabuleiro que estava no balcão e tentou recuperar o fôlego, o seu coração batia rapidamente dentro do peito. O tabuleiro tinha uma caneca branca grosseira cheia com o que parecia ser um chá fraco, quatro ameixas e uma fatia de pão duro. Levou o tabuleiro para a mesa e encontrou um lugar vazio. Assim que se sentou, a mulher que estava ao lado dela roubou-lhe o pão do prato. Clara debruçou-se sobre a comida e pegou no chá com as mãos trémulas. Não tinha apetite mas sabia que tinha de comer e de beber por causa do seu bebé. Deu um gole no chá. Estava quase frio e sabia a urina. Mesmo assim engoliu-o. As ameixas eram duras e secas e ela fez um esforço enorme para não se agoniar quando as pôs na boca.

Os auxiliares andavam na cafetaria para trás e para a frente, a ordenarem às

mulheres que se despachassem para que o próximo grupo se pudesse sentar. No extremo oposto da mesa, a mulher da boneca levantou-se e começou a gritar ao mesmo tempo que puxava as mãos e o cabelo de outra paciente. A outra paciente batia nos braços da mulher da boneca tentando afastá-la. Os ajudantes correram em direção a elas para porem fim à zaragata.

— A minha filhinha está esfomeada! — guinchava a mulher, agarrando na fatia de pão do tabuleiro da outra paciente. — Não a ouvem chorar? Ela precisa de comida!

Um auxiliar pegou na mulher que gritava por baixo dos braços e arrancou-a da mesa. O outro auxiliar deu-lhe uma bofetada, depois rasgou a boneca e atirou-a para o outro lado da sala. A mulher uivou e correu atrás do brinquedo, o seu rosto contorcido de dor. Caiu de joelhos e pegou na boneca, aninhando-a nos braços a chorar. Os auxiliares puseram-na de pé e conduziram-na de volta à mesa com os rostos inexpressivos. A mulher sentou-se e começou a cantar uma canção de embalar, balouçando a boneca para trás e para a frente, o seu cabelo gorduroso caído sobre o rosto. Toda a gente recomeçou a comer.

Clara olhou para a última ameixa murcha que tinha no prato, sentindo-se cada vez mais agoniada. Ainda pensou em dar a ameixa à mulher da boneca, mas depois pegou nela e pô-la na boca, tentando não vomitar à medida que mastigava e engolia a fruta.

CAPÍTULO 9

IZZY

Na segunda-feira à tarde, o diário de Clara ainda estava na prateleira de cima do cacifo de Izzy, pousado em cima dos livros de matemática e inglês. Infelizmente, o diário não lhe tinha dado nenhuma resposta. Em vez disso, tinha-a deixado confusa. O vislumbre do que era a vida durante os anos de 1920 era fascinante, e as palavras de Clara eram iguais às de qualquer outra jovem normal, lidando com a confusão e frustração de estar à beira da idade adulta. Mas não sugeria que Clara tivesse perdido o juízo. Nada de nada. Excetuando o que parecia ter sido uma educação extremamente severa e a dor pela perda do irmão, parecia que Clara estava destinada a ter um futuro brilhante. Até ter conhecido Bruno. Foi aí que as coisas começaram a mudar.

Poderia o receio de Clara, de não ser autorizada a ficar com o homem que amava ter-se manifestado numa doença mental? Poderia a sua educação severa ter feito com que se tornasse nervosa, paranoica ou delirante? Não, não parecia ser verdade. O diário de Clara parecia ser o de uma rapariga com uma firme noção da realidade. Izzy sabia que, naquela altura, os médicos não compreendiam muito bem a depressão e certos comportamentos das mulheres, mas o que ela achava incompreensível era o facto de o pai de Clara tê-la mandado embora porque ela se tinha apaixonado por um homem que ele considerava ser de uma classe inferior. Mas ainda mais inacreditável era a mãe de Clara ter concordado com a decisão do marido! Toda a situação era inimaginável. Agora, Izzy era assombrada pela história de Clara. Mais do que nunca, queria descobrir o que lhe tinha acontecido depois de ela ter sido mandada para Willard.

Durante o pequeno intervalo entre o oitavo e o nono período, Izzy estava parada ao pé do cacifo, mordendo o lábio e perguntando-se porque é que o Ethan ainda não tinha ido buscar o diário. Ele tinha ido à escola; ela tinha-o visto a passar nos corredores com a Shannon. Tinha-a ignorado quando tinha passado por ele, rindo-se e falando com os amigos como se ela fosse invisível. Foi

preciso fazer um grande esforço para não ir ter com ele e perguntar-lhe se achava que ela era idiota. Ela sabia quando estava a ser enganada. Tirou o livro de psicologia debaixo do saco de ginástica e bateu com a porta do cacifo. Mas que raio é que ele estava a tramar? Já tinha tido muito tempo para vir buscar o diário.

A campainha tocou e ela apressou-se a atravessar o corredor, com um aperto no peito, pensava que provavelmente teria de ser ela a levar o diário de volta para o museu. Perguntava-se o que é que Peg faria se a apanhasse. Depois, a meio caminho da aula, percebeu que tinha deixado o seu trabalho «Compreender a Mente Criminosa» dentro do seu outro caderno. Voltou-se e correu pelos corredores vazios, praguejando baixinho porque ia chegar atrasada. Quando chegou ao pé do cacifo, o Ethan estava lá a tirar o diário. Ele sobressaltou-se quando a viu.

— Finalmente — disse ela. — Já estava a começar a pensar se o que dissesse na outra noite não era só bazófia.

— Desculpa — respondeu ele, com o rosto corado e sem fôlego. — A Shannon hoje tem estado esquisita. Ela obrigou-me a levá-la a todas as aulas mesmo quando isso me fazia chegar atrasado às minhas.

— Não tens psicologia com ela agora?

— Tenho. — Disse ele ao mesmo tempo que olhava de um lado para o outro do corredor. — Pedi-lhe para me guardar o lugar porque tinha de ir à casa de banho.

— Porque é que estás a ser tão paranoico?

— Eu acho que ela desconfia que se passa alguma coisa.

— O que é que queres dizer com isso?

— Ela sabe que eu estou a trabalhar contigo no museu — disse Ethan. — E não está nada contente com isso.

Izzy revirou os olhos.

— E então? Isso não quer dizer que se passa alguma coisa!

— Tu não conheces a Shannon.

Izzy resfolegou.

— Oh, eu acho que conheço. Como é que ela descobriu que nós estávamos a trabalhar juntos no museu?

Nesse momento, Ethan olhou para trás de Izzy. Ficou boquiaberto e ela voltou-se para ver o que se passava. Shannon estava parada perto do fim do

corredor, com os braços cruzados a olhar para eles.

— Oh merda — sussurrou Ethan. Enfiou o diário nas mãos de Izzy e apressou-se a ir ter com Shannon. — Olá amor — disse ele, tentando soar casual, — a porta do cacifo de Izzy estava presa e ela pediu-me ajuda para a abrir.

Shannon manteve os olhos fixos nele até ele chegar ao pé dela, depois olhou para Izzy. Que guardou novamente o diário, fechou o cacifo e caminhou na direção deles com o livro apertado contra o peito como se fosse um escudo à prova de bala. Shannon observou Izzy a dirigir-se na direção deles com a testa franzida, até que Ethan lhe pegou na mão e a levou para a aula de psicologia. Izzy seguiu-os, esperançosa de não ter de se sentar ao pé deles. Shannon continuava a olhar para trás, depois sussurrava ao ouvido de Ethan e ria-se; uma gargalhada alta e deliberada, como se estivesse a partilhar uma piada privada. Quando Shannon e Ethan chegaram ao pé da sala de aula, pararam em frente da porta. Shannon pôs os braços à volta do pescoço de Ethan e beijou-o na boca. Ethan correspondeu ao beijo e depois afastou-se.

— Vamos — disse ele. — Já estamos atrasados.

Shannon olhou para trás para Izzy, com a boca retorcida de desdém.

— O que é que isso importa — retorquiu ela. — Pomos as culpas na Izzy Pop.

Ethan abriu a porta e puxou Shannon para dentro da sala.

Izzy seguiu-os, lutando contra a vontade de dizer a Shannon porque é que Ethan estava ao pé do seu cacifo. Na parte da frente da sala, o Prof. Defoe escrevinhava no quadro, manchas de suor marcavam as axilas da sua camisa azul, as suas calças de ganga debotadas estavam presas dentro das suas botas de montanhismo de marca. Fosse qual fosse a estação do ano, o Sr. Defoe calçava sempre as suas botas de montanhismo. Corria o rumor que ele morava num apartamento por cima da estação de comboios e doava a maior parte do seu dinheiro para a caridade. Espreitou por cima dos óculos para Ethan, Shannon e Izzy.

— É muito gentil da vossa parte terem-se juntado a nós — disse ele. — Despachem-se a sentarem-se.

Para alívio de Izzy havia uma carteira vazia ao fundo da sala.

Ela dirigiu-se para lá apressadamente enquanto Ethan e Shannon se sentavam à frente.

O Prof. Defoe terminou o que estava a escrever no quadro e depois sentou-se na sua secretária e pediu aos alunos que fossem passando os seus trabalhos. Quando todos os trabalhos estavam reunidos ele levantou-se para começar a aula.

— Hoje vamos falar sobre o que é que leva uma pessoa aparentemente normal a cometer um crime hediondo — disse ele. — Como por exemplo, assassinar os esposos, ou trazer uma caçadeira para a escola para matar os colegas.

Começou a andar de um lado para o outro, as suas botas de montanhismo a arrastarem-se no chão.

— De vez em quando, os noticiários explodem com notícias sobre vulgares pessoas pacatas que, sem que nada fizesse desconfiar, cometem atos terríveis. Cometem crimes que chocam os que viviam à sua volta, mesmo aqueles que os conheciam muito bem. Toda a gente fica desaustinada, a tentar perceber o que é que aconteceu. Quando a maior parte das pessoas ouve falar do crime, o seu primeiro pensamento é que a pessoa que conhecem não pode ter sido o seu autor...

Izzy afundou-se na cadeira, tentando abafar as palavras do Prof. Defoe. Pegou na caneta e desenhou um quadrado no caderno, delineando o desenho repetidamente, fazendo cada vez mais força até que a ponta da caneta furou a capa.

— A questão é esta, — disse o Prof. Defoe — estarão estas pessoas a agir de uma forma completamente diferente do que era o seu comportamento normal, ou a tendência para explodir teria sido sempre uma parte oculta da sua personalidade? Qual é a sua opinião, menina Stone?

Izzy olhou para cima. Alguns estudantes tinham-se virado nas cadeiras a olharem para ela, com as sobrancelhas arqueadas.

— Hum — disse ela. — Peço desculpa. Pode repetir a pergunta?

Toda gente se desatou a rir.

— Eu agradecia que deixasse de rabiscar e prestasse atenção, menina Stone — disse o Prof. Defoe.

Shannon levantou a mão e o Prof. Defoe apontou para ela.

— Sim, menina Mackenzie?

— Tenho uma ideia — disse Shannon. — Talvez possamos pedir à mãe de Izzy para vir explicar-nos como é que funciona uma mente criminosa.

Izzy sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Nunca ninguém tinha descoberto o que se passava com a sua mãe assim tão depressa. Ela olhou para Shannon.

— O que é que queres dizer com isso? — perguntou Nicole com fingida preocupação, um sorriso pintado com *lip gloss* estampado no rosto. — O que é que a mãe de Izzy fez?

— Ah, desculpem — disse Shannon, fingindo surpresa. — Pensei que toda a gente soubesse.

Franziu a testa e olhou para Izzy.

— A mãe de Izzy matou o pai dela enquanto ele dormia. Está a cumprir prisão perpétua no estabelecimento prisional de Bedford.

Um arquejo coletivo encheu a sala. Um mar de cabeças virou-se para Izzy. Uma imensidão de olhos arregalados de choque olhava para ela. As raparigas tapavam a boca com as mãos. Os rapazes saudavam-se com «Dá cá mais cinco!», e riam-se. Toda a gente começou a falar ao mesmo tempo.

— Ela está no corredor da morte? — perguntou um dos rapazes.

— Podes trazê-la cá para uma sessão de perguntas e respostas? — perguntou Luke com um ronco.

— A cor preferida dela é cor de laranja? — questionou Nicole.

O Prof. Defoe deu um passo em frente.

— OK, acalmem-se — disse ele, levantando as mãos. — Estejam todos calados!

Ninguém fez caso. A rapariga que estava sentada ao lado de Izzy levantou-se e mudou de lugar. Luke pôs-se de pé na cadeira e esticou as mãos como se estivesse a apontar uma arma, os dedos indicadores a imitarem o cano de uma pistola.

— Bang! Bang! — disse ele, a disparar balas imaginárias na direção de Izzy. Disparou também na direção dos amigos. Alguns mandaram-se das cadeiras para o chão, a gemerem e fingirem-se de mortos.

Izzy levantou-se repentinamente, juntou os livros e começou a dirigir-se para a porta. Ethan levantou-se e pôs-lhe uma mão em cima do braço, impedindo-a de sair.

— Espera — disse-lhe ele. Em seguida gritou. — Calem-se todos! Porque é que não crescem e deixam de ser tão idiotas!

Toda a gente se calou e olhou para ele de olhos arregalados.

— Mas que raio Ethan — disse Luke. — Tens um fraquinho pela Izzy Pop?

— Sim, Ethan — disse um rapaz ruivo com a cara cheia de sardas. — A tua namorada sabe da tua paixão pela miúda nova?

A sua voz era aguda, como a de uma mulher, num forte contraste com a sua constituição abrutalhada. Não era gordo, apenas largo e musculado, como um touro ou um camião. Se a memória de Izzy não falhava, ele chamava-se Josh.

Shannon levantou-se e arrancou a mão de Ethan do braço de Izzy.

— O que é que estás a fazer? — disse ela com um silvo, o rosto contorcido de raiva.

Ficaram todos sossegados à espera para ver o que é que Shannon faria a seguir.

— Todos sentados! — disse o Prof. Defoe tomando conta da situação. — Se ouvir mais uma palavra que seja de qualquer um de vós, ficam todos de castigo!

Shannon afastou Ethan de Izzy e sentou-se, amuada. Izzy lançou-lhe um olhar fulminante e depois dirigiu-se para a porta.

— Por favor, volte para o seu lugar, menina Stone, — disse o Prof. Defoe — e não deixe que este bando de delinquentes juvenis entediados leve a melhor sobre si.

Izzy parou virada para a porta, o seu coração martelava-lhe o peito. Pestanejou para controlar a enxurrada de lágrimas que lhe assomava aos olhos. Estava na dúvida se devia ficar ou sair, sem saber que problemas é que poderia ter se fosse embora.

Em seguida, o Prof. Defoe disse:

— E para si menina Mackenzie, uma semana de castigo.

— O quê? — perguntou Shannon a choramingar. — Mas o que é que eu fiz?

— Mas o que é que eu fiz? — disse uma voz alta e zombeteira do fundo da sala. — Como de costume eu só me estou a divertir um bocadinho às custas de outra pessoa.

Izzy voltou-se para ver quem é que tinha falado. Era Alex. Estava encostada ao parapeito da janela, de testa franzida e a falar num tom de voz sarcástico.

— Toda a gente sabe que a minha mãe é alcoólica e que o meu pai nos abandonou. Por isso posso sempre sair impune de qualquer situação porque sou uma pobre menina confusa.

— Cala-te! — gritou Shannon. Saltou do seu lugar e começou a dirigir-se a

Alex. Ethan segurou-a.

— Menina Mackenzie! — gritou o Prof. Defoe. — Quer ser suspensa?

— Ela é uma mentirosa! — disse Shannon, lutando para se libertar de Ethan.

Alguns dos outros estudantes entreolharam-se, abanando a cabeça e revirando os olhos. Outros baixaram o olhar como se estivessem envergonhados por verem Shannon a descontrolar-se.

— Acalma-te — disse Ethan a Shannon.

— És uma vaca! — gritou Shannon a Alex. — Tal como a tua mãe!

— Chega — disse o Prof. Defoe. — Ethan e Shannon para o conselho diretivo. Agora. Saiam daqui!

Ethan agarrou no pulso de Shannon e puxou-a para fora da sala. Shannon foi a gritar obscenidades o caminho todo. Os estudantes irromperam em conversas animadas. Izzy ficou parada na parte da frente da sala com os livros colados ao peito e um nó ardente na garganta. Não conseguia decidir se devia voltar para o lugar ou se devia pedir para ir à casa de banho para se recompor. O Prof. Defoe tentou recuperar o controlo da sala de aula. Ninguém fez caso. Izzy limpou os olhos e voltou para o seu lugar. Por fim, toda a gente sossegou e o Prof. Defoe acabou a sua aula. Izzy não ouviu uma única palavra.

Depois da aula acabar, Izzy dirigiu-se apressadamente ao seu cacifo, enfiou o trabalho de casa e o diário de Clara dentro da mochila e foi à casa de banho. Estava ansiosa para que o dia acabasse. Nessa noite, diria a Peg que tinha o diário. Tinha esperança que Peg a perdoasse e que não a mandasse para outra casa de acolhimento. Izzy abriu a porta da casa de banho e dobrou a esquina em direção às divisórias mas parou em seguida. Shannon estava encostada ao radiador, com o rosto vermelho e os olhos inchados. Crystal e Nicole rodeavam-na, estendendo-lhe lenços de papel e fazendo-lhe festas nos ombros.

— Desaparece daqui! — gritou Shannon. Izzy fez tenção de sair, mas depois mudou de ideias. Voltou-se para encarar Shannon.

— Ouve — disse ela mantendo-se perto da porta. — Eu não sei porque é que me odeias tanto, mas eu compreendo aquilo que estás a passar. É difícil ter pais problemáticos.

Shannon fungou e endireitou-se.

— Presta atenção ao que te vou dizer, assassina — disse ela com sarcasmo, atirando a Izzy um lenço de papel usado. — Tu não sabes nada sobre isso. E

nunca vais saber.

Izzy mordeu a bochecha, lutando para não berrar na cara de Shannon. Mais do que tudo, queria dizer-lhe que crescesse e deixasse de dirigir a raiva dela contra as outras pessoas. Mas teve receio de não conseguir parar de gritar depois de ter começado. Quando mais não fosse, talvez ela e Shannon pudessem chegar a uma espécie de entendimento. Pelo menos, podiam ser civilizadas uma com a outra até à formatura. Valia a pena tentar. Como costumava dizer a avó, não é com vinagre que se apanham moscas.

— Bom — disse ela. — Talvez possamos falar noutra altura? Quando aqui cheguei pareceu-me que querias ser minha amiga. Talvez possamos começar de novo?

— A única coisa que vais começar é um trabalho novo. Não te quero mais a trabalhar com o meu namorado.

Izzy encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— Desculpa, mas isso não vai acontecer.

Shannon dirigiu-se a ela. Crystal e Nicole seguiram-na, com os braços cruzados à frente do peito.

— Se sabes o que é bom para ti vais fazer com que aconteça — disse Shannon.

Antes que Izzy pudesse responder, as raparigas agarraram-na e empurraram-na contra a parede.

Izzy debateu-se, tentando libertar-se, torceu os ombros para trás e para a frente. Shannon colocou-se atrás delas, bloqueando qualquer escapatória. As raparigas seguravam Izzy pelos braços enquanto Shannon batia com um dedo nos lábios, pensativa.

— Hum — disse ela. — O que é que devo fazer para te dar uma lição?

Nesse preciso momento, alguém pontapeou a porta de uma das divisórias, um forte som metálico ecoou como um trovão na sala de teto alto.

Uma voz feminina gritou:

— Deixem-na!

As raparigas libertaram Izzy que se desequilibrou para a frente. Alex estava parada ao pé dos lavatórios, com o rosto vermelho e a respiração ofegante.

— A sério? — gritou Alex para Shannon. — A atacam em bando a miúda nova? Não achas que está na altura de crescer?

— Hoje estás a abusar da sorte — disse Shannon.

Ela empurrou Alex que se desequilibrou. Alex tentou manter-se de pé, agarrando-se à borda do lavatório antes de cair. Shannon aproximou-se dela e Izzy meteu-se no meio.

— Deixa-a — disse ela.

Shannon inclinou o rosto na direção de Izzy.

— E o que é que tu vais fazer em relação a isso? — roncou ela. — Vais buscar a pistola da mamã para me dares um tiro?

— Não — retorquiu Izzy. — Roubo-te o namorado. Pareceu-me muito interessado na noite em que foi a minha casa.

Shannon arregalou os olhos, o seu rosto ficou rubro. Guinchou e atirou-se a Izzy, as suas garras bem arrançadas tentavam alcançar o pescoço de Izzy. Alex puxou Izzy para fora do alcance de Shannon e saíram disparadas da casa de banho, atravessaram os corredores a correr até chegarem à rua, dirigindo-se depois para a fila de autocarros.

— Obrigada — disse Izzy ao mesmo tempo que tentava recuperar o fôlego.

— Ao dispor — disse Alex. — Eu disse-te para teres cuidado com ela.

Voltou-se para olhar para trás.

— Oh merda!

Izzy olhou por cima do ombro. Shannon, Crystal e Nicole corriam através do relvado na direção delas.

— Anda — disse Alex, arrastando Izzy para o parque de estacionamento.

Serpentearam por entre três filas de carros, desviando-se das portas abertas e contornando apressadamente outros alunos. Por fim, chegaram ao carro de Alex. Esta abriu as portas e elas atiraram-se lá para dentro. Alex enfiou a chave na ignição e ligou o carro.

— Põe o cinto de segurança!

— Mas eu tenho de apanhar o autocarro para casa — disse Izzy. — Eu não devo apanhar boleia de pessoas que a Peg e o Harry não conhecem, lembras-te?

— Então vai, — disse Alex, agarrando na manete das mudanças. Fez um gesto com o queixo na direção dos autocarros. — Vê lá se consegues chegar ao autocarro antes de elas te apanharem.

Izzy olhou pelo para-brisas. Os autocarros estavam do outro lado do parque de estacionamento, depois do passeio e de uma larga faixa de relva. Shannon e as

amigas estavam paradas entre dois carros, a três lugares de distância.

— Prometes que noutra altura vais lá apresentar-te? — perguntou ela a Alex.

— Claro — disse Alex ao mesmo tempo que metia a primeira. Saiu do lugar onde estava estacionada, virou à esquerda, e disparou para fora do parque de estacionamento, os pneus chiaram e as penas de pavão que estavam penduradas no espelho retrovisor balouçaram para trás e para diante. À medida que se afastavam, Izzy virou-se para trás e viu Shannon, Crystal e Nicole paradas no passeio, os rostos vermelhos e os cabelos a esvoaçarem. Shannon fez um gesto obsceno com o dedo.

Alex olhou para o retrovisor.

— Eh pá! — disse ela. — Agora estás definitivamente na lista negra dela.

— Para começar, porque é que tu estás na lista negra? — perguntou Izzy.

Alex pegou na mala e tirou um maço de cigarros, oferecendo um a Izzy.

— Não, obrigada. — Recusou ela.

Alex tirou um cigarro do maço com os dentes e rebuscou a mala à procura do isqueiro.

— Nós já fomos a melhor amiga uma da outra — disse ela, com o cigarro na boca.

Acendeu-o, voltou a colocar o isqueiro para dentro da mala e deu uma longa tragada. Baixou o vidro e soprou o fumo para fora do carro.

— Até a minha mãe ter contado à mãe dela o que é que pai lhe andava a fazer.

— Eu pensava que a mãe dela sabia que o pai lhe batia.

Alex olhou para Izzy e franziu a testa.

— Como é que sabes que o pai lhe batia?

— O Ethan contou-me.

— Ele foi mesmo a tua casa?

— Sim.

Alex assobiou.

— Eu pensava que tinhas dito aquilo para chatear a Shannon. O que é que aconteceu? Quer dizer, o que é que ele foi lá fazer?

— Nós trabalhamos juntos no museu — respondeu Izzy. — Ele queria pedir desculpa por me ter pregado uma partida. Quer que sejamos amigos.

— Ena — disse Alex. — Agora é que estás mesmo no topo da lista negra de Shannon!

Ela riu-se e deu mais uma passa no cigarro.

— Mas assim, pelo menos, estás a tirar o alvo das minhas costas.

— Porque é que ela te odeia tanto?

Alex parou num semáforo e olhou para Izzy, como se conseguisse avaliar se ela era uma pessoa de confiança pela cor dos seus olhos.

— Se eu te disser — disse ela, — não podes contar a ninguém. Nunca.

— OK. — respondeu Izzy.

— Não é que eu esteja a tentar proteger a Shannon, nem que sinta qualquer tipo de lealdade para com ela. Ela tem sido tão má para mim que eu não lhe devo nada. Só quero que o ano chegue ao fim com o mínimo possível de confusões, para me pôr a andar daqui para fora depois da formatura. Vou-me embora e nem sequer olho para trás.

— Eu não digo nada — disse Izzy. — Prometo.

A luz do semáforo mudou e Alex atravessou o cruzamento, dando outra passa no cigarro. Izzy esperou, prendendo a respiração.

— Eu não me estou a referir ao facto de o pai de Shannon lhe bater — disse Alex num tom de voz baixo. — Estou a falar de algo pior.

Izzy encolheu-se. Levou um momento a formular mentalmente a sua próxima pergunta. Engoliu em seco antes de falar.

— O que é que ele lhe fazia?

Alex apagou o cigarro no cinzeiro e fechou a janela.

— Como já te contei, — disse ela — eu e a Shannon éramos as melhores amigas. Ela queria ficar sempre a dormir em minha casa durante o fim de semana, mas nunca quis que eu ficasse na dela. Nunca levei aquilo a mal, e na verdade ficava aliviada porque o pai dela sempre me deu arrepios. Sentia que ele estava sempre a olhar para mim. Um dia, tínhamos cerca de doze anos, eu encontrei-a a chorar na casa da árvore que ela tinha e senti que se tinha passado algo. Ela contou-me que o pai dela ia ter à cama dela durante a noite e, tu sabes...

Izzy sentiu algo vil retorcer-lhe as entranhas, a raiva que lhe contraía os maxilares desapareceu, foi substituída por algo vazio e frio.

— Oh meu Deus — disse ela.

A cólera que se tinha estado a acumular na sua mente como um balão de ar quente esvaziou-se repentinamente, transformando-se numa emoção primitiva.

— Shannon fez-me prometer que não contava a ninguém — disse Alex. — Nunca. Durante alguns dias não soube o que fazer. Não ia a casa dela, não falava com ela na escola, nada. Eu estava chocada e não conseguia perceber aquilo, sabes? Por fim, cheguei à conclusão que não podia manter segredo. Tinha de ajudar a Shannon. Ela era a minha melhor amiga. Por isso contei à minha mãe que contou à mãe dela. Mas a mãe de Shannon já sabia.

Izzy encolheu-se, com o estômago às voltas.

— A mãe de Shannon sabia e não fez nada? E ela admitiu-o?

— Sim e não. Depois de a minha mãe a ter confrontado, a mãe de Shannon acabou por falar com o pai dela. Envolveram-se numa enorme discussão que descambou em violência física, como era costume. Mas daquela vez, a Shannon tentou impedir que o pai batesse na mãe e foi parar ao hospital. Quando eu a fui visitar ela estava furiosa. Disse-me que se tinha metido no meio da discussão dos pais porque tinha sido a primeira vez que a mãe a tinha tentado proteger. Disse-me que a mãe sempre soube e que eu ter aberto a minha grande boca só tinha piorado as coisas. Disse-me que nunca mais me queria ver. Eu fui para casa a chorar e a minha mãe chamou a polícia.

— Ele foi preso?

— Não. A Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens nunca chegou a ser envolvida. Ele foi-se embora nessa noite e nunca mais voltou. A Shannon, a mãe dela, a minha mãe e eu somos as únicas pessoas que sabem o que é que lhe fazia.

— C’um caraças — disse Izzy. — Então ele safou-se.

— Basicamente.

— Mas eu ainda não compreendo. Porque é que a Shannon te odeia.

— Porque não cumpri a minha promessa. Contei à minha mãe o que é que se estava a passar.

— Mas estavas a tentar ajudar.

Alex olhou para Izzy com os olhos rasos de lágrimas.

— Gostava que alguém soubesse que o teu pai se metia contigo?

— Em primeiro lugar, acho que não deixaria que isso acontecesse.

— Tu não podes saber isso. Ele começou quando ela era muito pequena, demasiado pequena para perceber.

Izzy olhou para os ténis, sentindo que ia ficar maldisposta.

— Oh. Isso é terrível.

— É o pior.

— Mas ao fim de todos estes anos, a Shannon ainda não conseguiu perceber que tu só contaste o que se estava a passar porque gostavas dela?

— Seria de esperar que ela ficaria feliz por ele se ter ido embora e por nunca ninguém ter descoberto o que é que se passava. Eu acho que é isso que a preocupa mais, que toda a gente descubra. Mas isso nunca aconteceu. Eu e a minha mãe nunca contámos a ninguém. Talvez devêssemos tê-lo feito. Talvez para Shannon tivesse sido melhor ser afastada também da mãe. Seria de esperar que ela conseguisse ultrapassar toda aquela situação e perdoar-me. Mas eu quebrei a sua confiança, tal como os pais dela fizeram. Eu acho que ela nunca vai conseguir perceber o que é alguém gostar dela. E acho que também nunca vai conseguir perceber o que é ser amada e retribuir esse amor. Ela não sabe o que é ser acarinhada e protegida. Nunca sentiu o que isso é, nem mesmo dos próprios pais. Como é que ela podia esperar isso de mim?

— Então e o Ethan?

— O Ethan não passa de um troféu nas mãos de Shannon, o atleta bonito que todas as raparigas gostavam de namorar. A Shannon morre de ciúmes, mas não gosta dele. Anda a dormir com metade da equipa de futebol. Ela engana-o bem enganadinho.

— Ele sabe o que é que o pai lhe fez?

— Acho que não. Não me parece que ela lhe tenha contado.

Izzy cravou os dedos na borda do assento de pele e ficou a olhar pelo parabrisas. Por um lado, sentia pena de Shannon. Por outro, não conseguia perceber porque é que Shannon magoava os outros para se sentir melhor. Izzy compreendia o que era estar zangado e querer descarregar em alguém. Mas ela tinha optado por se magoar a ela própria em vez de magoar os outros. Lá porque o pai de Shannon era um monstro, isso não significava que ela também tivesse de ser.

Aquilo fê-la pensar em Clara. O pai dela também era um monstro, de uma forma diferente. E a mãe também não a tinha protegido. Clara e Shannon, ambas tinham sido traídas pelos progenitores. Izzy não conseguia compreender. Pensou no seu pai. Ele era um homem bom, o melhor pai que uma rapariga podia desejar. Pelo menos tinha tido isso. Mas ele estava morto. A mãe tinha-lho

tirado. *Porque é que as pessoas se dão ao trabalho de ter filhos se só os vão traumatizar?*

- Só para que saibas — disse Alex, arrancando Izzy aos seus pensamentos.
- Tu e eu temos mais uma coisa em comum. O meu pai também já morreu.
- Sinto muito — disse Izzy. — O que é que lhe aconteceu?
- Morreu num acidente de carro quando eu tinha nove anos — disse Alex.
- Então és só tu e a tua mãe?

Alex encolheu os ombros.

— Sim. Ela é fixe mas trabalha muito. E quando não está a trabalhar está sempre a consultar médiuns e a participar em sessões. Eu também adoro aquelas cenas, mas parece que ela está obcecada em tentar falar com o meu pai.

- Bom, pelo menos sabes que ela o amava — disse Izzy.
- Suponho que sim — retorquiu Alex. — Hei, posso perguntar-te uma coisa?
- Claro — respondeu Izzy.
- Mas se não quiseses falar sobre isso, diz-me.
- O quê?
- Porque é que a tua mãe matou o teu pai?

Izzy encolheu os ombros.

- Não sei — respondeu ela, com lágrimas a queimarem-lhe os olhos.
- Oh — disse Alex. — Bem, isso é uma chatice.
- Pois é. — Retorquiu Izzy.

Depois de Alex a ter deixado em casa da Peg e do Harry, Izzy fez os trabalhos de casa, tomou duche, e pôs o diário de Clara em cima da mesa da cozinha. Depois esperou que a Peg e o Harry chegassem a casa, com o coração na boca.

CAPÍTULO 10

CLARA

O primeiro inverno que Clara passou em Willard foi o mais longo da sua vida. Quase todas as semanas, tempestades furiosas fustigavam as janelas com enormes nevões, cobrindo os vidros com cortinas de gelo. Quando todas as vidraças estavam cobertas de neve húmida e a única coisa que Clara conseguia ver através dos pequenos orifícios dos montículos de neve eram as nuvens cinzentas no céu carregado, sentia-se presa dentro de uma enorme fortaleza de gelo. Imaginava que ela e as outras pacientes também eram feitas de gelo, prestes a estilhaçarem-se ou a explodirem a qualquer momento. O gelo era feito de lágrimas, misturadas com lama e sangue, e ela conseguia sentir o sabor da mistura salgada nos seus lábios gretados.

Tal como todos os pacientes durante as suas primeiras semanas em Willard, tinha sido obrigada a ficar sentada no solário, durante oito horas por dia, sete dias por semana. Os pacientes só eram autorizados a abandonar o solário para tomarem as refeições e para pausas programadas para irem à casa de banho. Durante o resto do dia, até depois do jantar, tinham de ficar sentados nos bancos duros que forravam as paredes, enquanto os auxiliares os vigiavam para se garantirem que eles não se portavam mal nem se levantavam. Clara fazia o que podia para mudar o peso de uma anca para a outra, mas no final da primeira semana as suas nádegas pareciam estar em carne viva e a sangrarem.

Foi numa manhã de sábado que ela se levantou pela primeira vez sem permissão, lágrimas de dor queimavam-lhe os olhos, e pediu se podia ir à casa de banho. Os auxiliares encarregados de as vigiar nesse dia eram o Dan e o Richard, que estavam sentados em cadeiras desdobráveis no meio da sala, a jogar póquer numa mesa de jogo. Os outros pacientes permaneceram sentados, com as cabeças penduradas, encostados às paredes, a dormirem, a chorarem, a babarem-se, a cantarem ou a olharem em redor da sala como se vigiassem pessoas invisíveis.

— Acho que estou a ficar maldisposta — disse Clara, pondo uma mão em

cima do seu estômago.

Richard pousou as cartas em cima da mesa e levantou-se. Virou-se para encarar Clara, com uma expressão zangada.

— Sente-se — disse ele, sacudindo o seu queixo mal barbeado na direção do banco. — A pausa para ir à casa de banho é daqui a uma hora.

— Mas eu preciso de ir agora — disse ela. — Por favor.

Richard aproximou-se dela, com o queixo levantado e os ombros para trás. Parou a uma curta distância.

— Já lhe disse para se sentar.

— Vocês não podem fazer isto às pessoas — disse ela, abanando a cabeça. — Não está certo!

Richard revirou os olhos e deitou a língua de fora, fazendo pouco dela. Clara sentiu que estava a olhar para um miúdo de seis anos à bulha no recreio da escola. Em seguida ele deu um passo em frente.

— As minhas ordens são para vos manter sentados — disse ele, torcendo o lábio superior.

Clara tentou passar por ele, com a mão por cima da boca, mas ele agarrou-lhe o braço, os seus dedos pareciam garras em volta do pulso dela. Ela bateu-lhe no braço e ele puxou-a em direção ao centro da sala. Ela torceu o pulso, tentando libertar-se, mas era escusado. O aperto de Richard era demasiado forte.

— Largue-me! — gritou ela. — Vocês deviam ajudar as pessoas e não torturá-las!

Em seguida, incapaz de se controlar, dobrou-se e vomitou no chão, falhando por pouco os sapatos de Richard.

O outro auxiliar levantou-se. Um dos pacientes começou a gritar e a chorar, outro correu para a porta. Outro levantou-se e começou a balouçar para frente e para trás, enquanto um quarto paciente andava para trás e para diante ao mesmo que abanava a cabeça e torcia as mãos. A enfermeira Trench entrou apressadamente dentro da sala e obrigou os outros pacientes a sentarem-se.

— Leva-a para a sala C! — gritou ela.

Richard puxou Clara para fora da sala e através do corredor, arrastando-a atrás de si como se ela não fosse maior que uma criança. Abriu uma porta e, com um colérico grunhido de desdém, enfiou-a dentro de uma sala sem janelas e com apenas uma cama. Entrou na sala atrás dela e fechou a porta. Ela tropeçou mas

conseguiu recuperar o equilíbrio. Ele avançou em direção a ela, que recuou com os braços e as pernas a tremer. Então ficou encurralada contra a parede. Antes que ela pudesse perceber que ele a tinha levantado, a mão aberta de Richard colidiu com a sua face num negro raio de dor. O seu pescoço deu um esticão para o lado, o cabelo voou-lhe para a cara. Ela levou as mãos à face quente e latejante e olhou para ele, com lágrimas a queimarem-lhe os olhos.

Ele agarrou-a pelos braços, lutou com ela para a levar na direção da cama que estava no meio da sala, pegou nela e atirou-a para cima do colchão imundo. Outro auxiliar entrou na sala e prendeu-a, as suas mãos quentes esmagavam-lhe os braços. Ela debateu-se na cama, usando toda a força que tinha para tentar escapar. Mas o esforço foi infrutífero. Enquanto o outro auxiliar a segurava, Richard apertava tiras de couro à volta dos seus pulsos e tornozelos, atando-a à cama.

— Porque é que estão a fazer isto? — gritou ela. — Eu só queria ir à casa de banho!

A porta abriu-se e outra enfermeira entrou apressadamente na sala, com uma seringa reluzente na mão. Deslizou entre Richard e a beira da cama, prendeu a carne do braço de Clara entre o seu polegar e o indicador e espetou a agulha na pele dela.

— Não! — gritou Clara. — Deixem-me levantar!

— Isto é para o seu bem — disse a enfermeira.

Richard e o outro auxiliar afastaram-se e olharam para Clara, com as testas a brilhar de suor e os ombros erguidos.

— Parece que todos têm de aprender da maneira mais difícil, — disse Richard, limpando a testa com as mãos.

— Por favor — disse Clara. — Deixem-me sair.

A enfermeira e os ajudantes ignoraram-na e saíram da sala, batendo com a porta de ferro atrás deles. As chaves chocalharam e giraram na fechadura. Alguns minutos mais tarde, o chiado agudo de metal a deslizar em cima de metal fê-la encolher-se, parecia que alguém tinha aberto a janela quadrada coberta de grades na parte superior da porta. Ela levantou a cabeça para espreitar, mas só conseguiu ver parte de uma testa e dois olhos a piscar. Em seguida, a janela fechou-se e ouviu vozes abafadas no corredor. Clara voltou a pousar a cabeça no colchão. O teto estava cada vez mais indistinto e baixo. Ela olhou para as

paredes. Os cantos da sala pareciam curvar para dentro, o revestimento das paredes e os frisos pareciam pulsar com cada batida do seu coração que retumbava. De repente, percebeu que estava a ficar maldisposta outra vez. Virou a cabeça para um dos lados e vomitou, tossindo e engasgando-se com o seu próprio vômito. Sentia as pálpebras pesadas e pestanejou duas vezes, depois o mundo desapareceu.

A primeira coisa de que Clara tomou consciência foi da dor no seu estômago e do ardor na pele à volta dos pulsos e dos tornozelos. Sentiu-se como se estivesse estado envolvida numa rixa, todos os seus músculos latejavam e estavam doridos. Tentou virar-se de lado, mas estava amarrada à cama. O lençol por baixo dela estava frio e molhado, o ar estava impregnado do fedor a vomitado e urina. Começava a recordar-se de tudo. Estava no isolamento.

Levantou a cabeça pesada e olhou à volta da sala, pestanejando para tentar focar a visão. A lâmpada que estava no teto abobadado enchia a sala de um vago brilho amarelo. Então as paredes começaram a girar e ela pousou a cabeça, à espera que as tonturas passassem. Quando sentiu que era seguro voltar a abrir os olhos, olhou para os pés da cama na direção da porta. Começou a gritar por ajuda, depois viu a enfermeira Trench sentada a um canto, a ler um livro.

— Pode soltar-me, por favor? — disse Clara, num tom de voz rouco e fraco.

A enfermeira Trench emitiu um ligeiro som de surpresa, levantando a cabeça rapidamente. Para surpresa de Clara, os olhos dela estavam vermelhos e húmidos. A enfermeira Trench limpou as faces e levantou-se, pousando o livro em cima da cadeira, depois aproximou-se da cama. Olhou para Clara com a testa franzida.

— Não sei,— respondeu ela. — Vais portar-te como deve ser?

— Por favor — retorquiu Clara. — Estou gelada e cheia de fome.

— Talvez devesse ter pensado nisso antes de causares tamanha confusão no solário.

— Eles não me deixavam ir à casa de banho e eu...

A enfermeira Trench abanou a cabeça.

— As regras existem por um motivo — disse ela. — Como é que te podemos ajudar se não as cumprires?

— Mas eu estava a ficar maldisposta e...

— O auxiliar disse que te levantaste sem pedir autorização.

— Sim, mas...

— Não te disseram para pedires autorização antes de te levatares?

Clara assentiu com a cabeça.

— É isso mesmo — disse a enfermeira Trench. — Agora, antes de te deixar levantar, tens de me dizer que te vais lembrar disso.

— Eu vou lembrar-me — disse Clara.

— E de agora em diante, vais fazer o que te mandarem?

— Sim.

— Tens de dizê-lo Clara.

— De agora em diante, vou fazer o que me mandarem.

— Muito bem! — disse a enfermeira Trench com um sorriso. — Hoje podes dormir na ala, desde que não faças mais tropelias. Caso contrário, vens parar aqui outra vez. Compreendeste?

Clara acenou com a cabeça.

— Compreendi — respondeu ela.

A enfermeira Trench baixou as grades da cama, desapertou-lhe as tiras de couro e depois afastou-se. Clara sentou-se e esfregou os pulsos, a sua cabeça latejava. Balançou os pés para fora do colchão e afastou o cabelo da cara. Estava pegajoso e cheirava a vomitado. A sala inclinou-se para um dos lados. Fechou os olhos e inspirou fundo, tentando manter o equilíbrio. Finalmente, a sala parou de girar e ela deslizou do colchão, a sua camisa de dormir molhada colava-se às pernas. Envolveu os braços à sua volta, tentando parar de tremer.

— Posso lavar-me e vestir uma camisa de dormir limpa? — perguntou ela, com os dentes a bater.

— Já é muito tarde para isso — disse a enfermeira Trench, dirigindo-se à porta. — Já está quase na hora de apagar as luzes. Tens de esperar até amanhã.

— Mas eu não como nada desde hoje de manhã — disse Clara.

— Desde ontem de manhã — disse a enfermeira Trench.

Pegou no livro que estava na cadeira e virou-se para olhar para Clara, com um dos braços a segurar o livro de romance contra o peito farto.

— Estiveste a dormir durante dois dias.

Clara colocou uma mão sobre o abdómen.

— Vão fazer-me esperar até amanhã de manhã para comer?

Abriu a boca para dizer qualquer coisa sobre estar grávida mas depois parou.

A enfermeira Trench tinha-lhe dito para não tornar a falar do bebé.

— Sinto muito — disse a enfermeira Trench, alcançando a porta. — Mas quando se infringem as regras é-se castigado.

Clara mordeu o lábio. De alguma forma, tinha de chegar até esta mulher, de a fazer compreender que não era como o resto dos pacientes. A enfermeira Trench tinha de ter coração, algures por baixo daquela dura e máscula aparência. Clara olhou para o romance que a enfermeira tinha na mão. Na capa estava uma mulher encostada a uma árvore, a cabeça inclinada e os olhos fechados. O livro chamava-se *O Sol Nasce Sempre* de Ernest Hemingway. Clara lembrava-se do dia em que ela e a enfermeira Trench tinham surpreendido o Dr. Roach e a enfermeira May. A enfermeira Trench tinha ficado zangada, enojada que o médico fizesse esperar a mulher no corredor enquanto namoriscava com a amante. Mas tinha visto algo mais nos olhos da enfermeira nesse dia, algo que se assemelhava à dor de um coração partido.

Clara engoliu em seco, tentando ignorar o estômago vazio e a cabeça que latejava.

— Tive muita pena da personagem principal desse livro — disse ela, fazendo um gesto com a cabeça na direção do romance. — E você?

A enfermeira fez uma careta e franziu a testa. Parecia que ia dizer alguma coisa, expressar os seus sentimentos acerca do livro, mas depois mudou de ideias. Recompôs-se, abriu a porta e espetou o queixo em direção ao corredor.

— Vamos — disse ela.

Clara atravessou a porta com as pernas a tremer.

— Parte-se-me o coração por estar longe do homem que amo — disse ela, tentando soar afável. — Ele chama-se Bruno.

A enfermeira ignorou-a e percorreu o corredor com o livro preso numa das mãos enormes. Clara seguiu-a.

— Não imagino a dor que é amar alguém e não ser correspondido.

— Já chega de conversa — disse a enfermeira Trench.

— Principalmente se ele estivesse apaixonado por outra pessoa — disse Clara. — E se eu soubesse que ele nunca poderia ser meu. Isso seria uma verdadeira tortura.

A enfermeira Trench parou e virou-se para Clara, com o braço estendido a apontar para o fundo do corredor.

— Se quiseres posso voltar a pôr-te naquela sala — disse ela, o rosto rubro.

Clara abanou a cabeça e baixou os olhos. A enfermeira Trench grunhiu e começou novamente a andar, os ombros descaídos, a boca torcida de frustração.

Daquele dia em diante, Clara sentou-se nos bancos do solário sem dizer uma palavra, tentando imaginar o cabelo escuro de Bruno e os seus olhos cintilantes, ou a cantar silenciosamente as letras das suas músicas favoritas, qualquer coisa que lhe desviasse a atenção das nádegas que vociferavam e das pernas dormentes. Fazia tudo o que estava ao seu alcance para limpar as lágrimas dos olhos antes que lhe rolassem pelo rosto, tentando não chamar a atenção. Felizmente, no fim da primeira semana, foi decidido que ela era suficientemente digna de confiança para ser posta a trabalhar. No dia que foi mandada para a cozinha para descascar batatas, rezou uma oração de agradecimento, o seu coração apertado pelas infelizes mulheres que nunca teriam a mesma oportunidade.

A cozinha principal ficava num grupo de grandes edifícios por trás de Chapin Hall, perto do centro do enorme e estonteante *U* formado pelas alas interligadas. As estruturas com aparência fabril incluíam a cozinha principal, a padaria, a lavandaria, a sala das caldeiras, e o depósito de carvão. A partir da cozinha, a comida era distribuída para as alas através de uma série de túneis subterrâneos e elevadores.

Todos os dias ao longo do inverno infundável, Clara sentou-se num banco de madeira, a descascar batatas no calor opressivo da cozinha. O assento do banco era duro e estava rachado, e oscilava para trás e para a frente por causa de uma perna mais curta do que as outras, mas pelo menos Clara podia levantar-se quando precisava de mudar de posição. Ela não conseguia crer na quantidade de pacientes que não eram autorizados a trabalhar, e que tinham de passar dias intermináveis sentados nos bancos do solário. Se não eram loucos quando chegaram a Willard, de certeza que o eram agora. Clara não conseguia perceber porque é que os médicos pensavam que aquele tipo de tortura era benéfico para alguém.

Independentemente das condições climatéricas, Clara ficava satisfeita quando era a sua vez de sair para ir depositar as cascas das batatas no cercado que havia no pátio, de onde eram depois retiradas para servirem de alimento às galinhas e aos porcos que havia em Willard. Mesmo durante o inverno, quando o seu rosto

parecia enregelar por causa do ar frio, o vento forte a fazia lacrimejar, ela ficava lá fora o máximo de tempo possível, pois sabia que podia ser o seu único escape durante dias. Nas manhãs em que o ar estava limpo e sereno, ela conseguia ouvir o chiar das rodas e som do vapor que era libertado das locomotivas que chegavam, e o profundo *thump thump* que faziam as placas de gelo do lago ao moverem-se, o trago cavernoso de um esgoto gigantesco. Mesmo não conseguindo vislumbrar, detrás de Chapin Hall a extensão de água, sentia que havia entre elas uma afinidade, estavam ambas congeladas no tempo, à espera.

Por volta do final de fevereiro, podia perceber, ao olhar para as suas pernas e braços descarnados, que nunca tinha estado tão magra. Excetuando uma pequena e protuberante intumescência por baixo do seu umbigo, ninguém diria que ela estava grávida. A maior parte das vezes sentia-se fraca e com tonturas, como se o bebé que crescia dentro dela lhe estivesse a sugar a energia que tinha no corpo. Mas fazia um esforço para comer toda a comida que lhe era dada, mesmo quando não passava de uma tigela de um caldo ralo ou um ovo mal escalfado que a fazia agoniar-se quando tentava engoli-lo. Enquanto trabalhou na cozinha todos os dias, escondia uma batata no monte das cascas, trincando-a quando ninguém estava a ver. As batatas cruas sabiam a terra e a fécula fria, mas mesmo assim ela comia-as.

Num cinzento e chuvoso dia no final de março, no pátio da cozinha, uma gorda e encharcada ratazana fugiu do topo da pilha de restos de comida e esgueirou-se através de uma pequena abertura no fundo da alta vedação de madeira. Clara dirigiu-se à cerca, pousou o cesto com as cascas das batatas, e ajoelhou-se na lama. A abertura era do tamanho de uma bola de basebol, a madeira à sua volta estava encharcada e lascada. Ela levantou-se e pontapeou as ripas à volta da abertura, tentando partir a madeira, em seguida ajoelhou-se e partiu alguns bocados com as mãos. As farpas enterravam-se nas palmas das suas mãos mas ela continuou a trabalhar, partindo um bocado do tamanho de uma tigela. Ela espreitou pelo buraco e viu mais lama e, alguns metros mais à frente as fundações de pedra de outro edifício. Atirou a madeira partida através do buraco, em seguida escondeu a abertura atrás de uma pilha de cascas de batata e de restos de legumes. No dia seguinte, ela partiu mais alguns bocados da vedação. No final da semana, as palmas das suas mãos e os seus dedos estavam em carne viva, mas a abertura já quase que tinha tamanho suficiente para ela se

esgueirar por ali.

Na tarde seguinte, ela foi até à pilha de compostagem, deitou fora as cascas e partiu mais um pedaço de madeira. Ajoelhou-se no chão ensopado ao lado da vedação, deitou-se de costas para não magoar o bebé, depois rastejou até a sua cabeça e os ombros terem passado pela abertura. Fincou os calcanhares e tentou empurrar o resto do corpo, mas o seu estômago era demasiado grande. O bebé estava a estorvar. Mesmo na altura em que ela estava prestes a sair dali para aumentar o tamanho do buraco, sentiu alguém a agarrá-la pelos calcanhares e a puxá-la para fora do buraco, arrastando-a pela lama.

— Você está bem? — perguntou um homem, a arquejar por cima dela.

Ele vestia um casaco de lã de xadrez e umas jardineiras imundas, as suas botas estavam cobertas de lama.

— Você caiu?

Clara sentou-se.

— Eu... — disse ela, o seu coração parecia um comboio no peito dela.

— Está a tentar fugir?

Olhou para ela com o olho bom, o outro estava fechado devido ao inchaço.

Clara abanou a cabeça e tentou levantar-se. O homem estendeu a mão para a tentar ajudar, fazendo um gesto na direção da vedação com a outra.

— Não lhe vai servir de nada passar essa vedação — disse ele. — A sala das caldeiras é já ali. Não se consegue contornar.

— Como é que entrou aqui? — perguntou ela, limpando as mãos ao vestido. Sentia o cabelo pegajoso e frio a bater-lhe no pescoço, a parte de trás dos braços e das pernas estava húmida da lama.

O homem cuspiu para a lama, um fio de saliva a escorrer-lhe do canto da boca. Ele apontou para a vedação perto da parede traseira da cozinha.

— A porta é já ali — disse ele. — Recebemos uma nova vara de porcos. O patrão mandou-me buscar mais restos. Eu vi-a deitada no chão e...

Clara franziu os olhos e olhou para a vedação, tentando vislumbrar a entrada. O único indício de uma entrada era um espaço ligeiramente maior entre duas tábuas. Era quase impercetível. Uma pá e um carrinho de mão estavam dentro da vedação encostados à pilha dos restos de comida. Ela marchou pela lama até chegar à entrada e enfiou as unhas na fenda, tentando abrir a porta. Mas a fenda era muito estreita. Não conseguia que os dedos entrassem o suficiente para

conseguir agarrar na tábua.

— Como é que abre a porta? — perguntou ao homem.

Ele dirigiu-se a ela e parou em frente da porta.

— O patrão deu-me uma chave para entrar — disse ele. — E mostrou-me um truque para sair.

Bateu com o punho na madeira e a porta abriu-se. Ele segurou na beira da porta e fechou-a.

— Vê?

— Posso experimentar? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros e afastou-se. Clara bateu com o punho no mesmo sítio. A madeira vibrou e saltou, mas a porta não se abriu.

— Eu disse-lhe que era um truque — disse o homem, sorrindo.

Clara inspirou fundo e bateu na madeira novamente, usando toda a sua força. Desta vez, o bordo da porta afastou-se da vedação. Ela agarrou na porta e escancarou-a. Do outro lado, uma estrada esburacada seguia paralela ao edifício, depois contornava a esquina de pedra e desaparecia. Clara saiu disparada da vedação, correndo o mais rápido que conseguia, a sua pulsação rugia-lhe nos ouvidos. A poucos metros da esquina, o homem agarrou-a por trás e levantou-a do chão, os braços cruzados à volta da sua barriga, a apertarem com tanta força que ela mal conseguia respirar. Ele carregou-a de volta para a vedação, pousou-a no chão e fechou a porta com força, ao mesmo tempo que tentava recuperar o fôlego.

— Você enganou-me — disse ele, o rosto vermelho contorcido. — O patrão disse para não deixar ninguém usar esta porta. Nunca.

— Desculpe — disse Clara, tentando recuperar o fôlego. — É só que... Sabe, eu não devia estar aqui.

— Você não pode ir-se embora — disse o homem, abanando a cabeça. — Isso é quebrar as regras. Você vai meter-se numa catrefada de problemas se quebrar as regras.

— Eu sei — disse ela. — É só que...

Ela hesitou, tentando encontrar as palavras certas. — Já agora, como é que se chama?

— Stanley — disse ele. — O meu pai deu-me o nome de Stanford mas a minha mãe chama-me Stanley.

— Também é paciente aqui, Stanley? — perguntou ela, na esperança de o conseguir fazer perceber que estavam do mesmo lado.

— Há vinte anos — disse ele, acenando com a cabeça. — Desde que tinha dezassete.

O estômago de Clara apertou-se.

— Porque é que foi mandado para aqui?

— Os meus pais morreram — disse ele. — Eu só arranjava problemas e estava a ficar demasiado velho para ser mandado para um orfanato.

— Bem, eu não quero arranjar-lhe mais problemas, Stanley — disse ela.

Mordeu o lábio inferior tentando pensar numa outra forma de aproximação.

— Quando eu era pequena vivia numa quinta. Eu adoro animais. Acha que pode mostrar-me os novos porcos?

— Não — disse ele. — O patrão não ia gostar disso. O patrão diz que mais ninguém pode ir ao chiqueiro.

— Então, e que tal deixar-me passar apenas por essa porta? — perguntou ela. — Ninguém precisa de saber.

Stanley abanou a cabeça, balançando para trás e para diante como se estivesse a marchar sem sair do lugar e sem tirar os pés do chão. Nesse momento, aproximou-se da vedação um motor a roncar.

— Tenho de voltar ao trabalho — disse ele, com o olho bom a pestanejar. — O patrão está a chegar.

Ele dirigiu-se apressadamente para o carrinho de mão e começou a enchê-lo com restos de legumes. Clara seguiu-o.

— Quando é que costuma vir buscar os restos? — perguntou ela. — A que horas costuma vir?

Stanley enfiou a sua forquilha nos restos de comida da cozinha e mandou uma pilha de restos de legumes para dentro do carrinho.

— Antes de o Sol nascer — respondeu ele, de cabeça baixa. — Quando ainda estão todos a dormir e ninguém me chateia.

Um veículo parou fora da vedação, com a engrenagem a ranger. Uma pesada porta de metal abriu-se e fechou-se, metal a bater contra metal. Em seguida, a porta da vedação abriu-se e um homem de jardineiras imundas entrou.

— Mas por que raio te estás a demorar tanto, Stanley? — perguntou ele. — Devíamos ter-nos encontrado na estrada há dez minutos!

Stanley continuou a trabalhar, os seus ombros curvados.

— Desculpe patrão — disse ele. — Esta menina estava presa na vedação e eu tive de a ajudar.

O homem olhou para o buraco e depois para Clara, com as sobrancelhas franzidas.

— O que é que se passa aqui?

— Nada.

Clara pegou no seu cesto e dirigiu-se para a cozinha.

— Estávamos só a falar.

O homem seguiu-a, entrou na cozinha atrás dela.

— Deixe o Stanley em paz — disse ele. — Está a ouvir-me? Ele é um bom trabalhador e não se mete em problemas. Que isso fique bem claro.

Clara continuou a andar e o patrão de Stanley tomou a direção contrária. Ela olhou por cima do ombro e viu-o a passar pelos lava-louças e pelos balcões onde era preparada a comida. Depois ele virou à esquerda e desapareceu. Clara voltou para o seu posto e começou a trabalhar, engolindo a sensação de pânico que ameaçava cortar-lhe a respiração. De certeza que o patrão de Stanley ia fazer queixa dela. As outras mulheres olhavam para ela, sem dúvida que se questionavam porque é que os braços e as pernas dela estavam cobertos de lama seca.

Alguns minutos mais tarde, o patrão de Stanley e a rechonchuda encarregada da cozinha aproximaram-se. A mulher encurvada marchou na direção de Clara, o queixo torcido para um dos lados. Tinha de ter pelo menos sessenta anos e no entanto os seus pálidos e grossos braços estavam repletos de músculos.

— Que história é esta que eu ouvi de teres ficado presa na vedação lá de fora? — perguntou ela.

— Escorreguei na lama — disse Clara. — A minha perna ficou presa num buraco. Foi um acidente.

A encarregada pegou-lhe num braço a arrastou-a lá para fora. Stanley estava à espera ao pé da vedação, o seu carrinho de mão estava cheio. Baixou o olhar, remexendo na bainha do casaco.

— Foste tu que fizeste aquele buraco? — perguntou a encarregada a Clara.

— Não — respondeu ela. — Já lhe disse eu caí e ...

— Arranje aquela tábua imediatamente — disse ela ao patrão de Stanley.

Depois arrastou Clara de volta, conduziu-a para fora da cozinha e levou-a ao gabinete do Dr. Roach.

— Para onde é que teria ido se tivesse conseguido fugir, Clara? — perguntou o Dr. Roach. — Willard é composto por centenas de hectares, incluindo densas florestas. A cidade mais próxima fica a quilômetros de distância.

— Não sei, — respondeu ela, os punhos pousados no colo. — A única coisa que sei é que preciso de sair daqui!

— E se lhe acontecesse alguma coisa? Como é que eu iria explicar isso ao seu pai?

— Eu não me importo com o meu pai! — respondeu ela. — Pode dizer-lhe o que quiser. Você e ele sabem que eu não preciso de estar aqui.

O Dr. Roach franziu a testa, claramente surpreso.

— Eu não sei tal coisa — retorquiu ele. — Você está aqui por um motivo, Clara. E eu quero ajudá-la a tratar-se.

— Tal como já lhe tinha dito anteriormente — disse ela. — Eu estou aqui porque tive uma discussão com o meu pai. Eu não preciso de ajuda!

— Mas não consegue perceber? — disse o Dr. Roach. — Tentar fugir só reforça a minha opinião de que não está a pensar com clareza. Uma mulher no seu estado e de constituição frágil não deve andar por aí sozinha. Não é seguro!

— Eu não sou tão indefesa como pensa.

— Sabe que tipo de hospital é Willard, não sabe?

— Claro que sei, — respondeu ela. — É uma instituição para malucos. Mas eu não ouço vozes. Não tenho alucinações. Eu sei que o meu pai lhe disse que eu sou louca, mas ele está a mentir!

— A mentir? — perguntou o Dr. Roach. Deu-lhe um sorriso triste. — Minha querida Clara. Porque é que ele faria isso?

— Para me manter aqui.

— Acredita verdadeiramente nisso?

— Acredito sim! Ao princípio, pensei que ele só me queria dar uma lição e que acabaria por me deixar voltar para casa. Agora acho que ele está feliz por se ter visto livre de mim.

O Dr. Roach abanou a cabeça, a testa franzida.

— Você começa a preocupar-me, Clara — disse ele. — Você continua a

acreditar que o seu pai está a conspirar contra si, que nós a mantemos aqui para a magoar de alguma forma.

— Por favor — disse ela. — Deixem-me ir embora. Pode dizer ao meu pai que eu ainda aqui estou. Diga-lhe que enlouqueci completamente e que você tem de me manter trancada para o resto da minha vida. Eu não quero saber. Deixe-me só ir embora! Ele não precisa de saber!

— Está a ser irracional, Clara — retorquiu ele. — Eu sou médico. Jurei ajudar as pessoas. É só isso que eu estou a tentar fazer.

— Nunca fui tão racional na minha vida — revidou Clara. — Estou a ser mantida num hospício contra a minha vontade. A minha mente é tudo o que me resta e garanto-lhe que está muitíssimo clara! Eu não sou como o resto dos pacientes que aqui estão, que acreditam cegamente em tudo o que lhes diz, que permitem que os tranquem como animais. Não é isso que um médico deve fazer. Isso é criminoso.

O Dr. Roach franziu a testa, os olhos semicerrados.

— Talvez esteja a precisar de uma pausa — disse ele. — Talvez lhe faça bem um tempo para refletir. Tentar fugir é uma transgressão muito grave que normalmente acarreta tratamentos mais severos. Mas estou disposto a ser tolerante porque acho que é suficientemente inteligente para aprender com os seus erros...

Ela esticou-se por cima da secretária dele e agarrou-lhe as mãos, a lama seca dos cotovelos dela manchando o imaculado mata-borrão. Ele recuou e tentou afastar-se, um breve som assustado escapou-lhe dos lábios. Ela apertou-lhe as mãos com mais força.

— Como é que se sentiria se eu me recusasse a soltá-lo? — perguntou ela. — Eu sei que não gosta que as pessoas lhe toquem. Não faço ideia do porquê, mas isso assusta-o. E caso não saiba, os homens de moral não traem as mulheres. Talvez quem precise de ajuda seja você, Doutor. Talvez seja o Doutor que precise de ser aprisionado! Iria gostar que isso lhe acontecesse?

Ele pôs-se de pé e puxou as mãos do aperto dela, o seu rosto vermelho, as narinas dilatadas.

— Não sei que tipo de jogo está a tentar fazer, — disse ele. — Mas eu não vou permiti-lo.

Fechou a pasta com o historial dela.

— Voltaremos a falar na sua próxima consulta. Entretanto lembre-se que eu não sou o inimigo. Talvez já tenha mudado de ideias na altura da próxima consulta.

Durante os seis dias que se seguiram, Clara esteve trancada numa sala de paredes de cimento, com um odor fétido, na ala de isolamento, a única mobília era uma sanita e uma cama de grades aparafusada ao chão. Duas vezes ao dia, um tabuleiro com pão seco e uma tigela de um caldo ralo era enfiado por baixo da porta rebitada através de uma portinhola. A única forma que tinha de saber se era de dia ou de noite era através de uma lâmpada que estava no teto, que se ligava e desligava. O tilintar de correntes e o bater das portas de metal ecoavam no corredor, pautados por gritos e gemidos. No sexto dia, a enfermeira Trench abriu a porta e deixou Clara sair. Demasiado fraca para falar, Clara seguiu a enfermeira de volta à ala sem dizer uma palavra.

Por volta do meio de abril, aproximadamente dois meses antes da data que Clara tinha estimado para o nascimento do bebé, a sua barriga cresceu o suficiente para fazer com que os vestidos lhe ficassem apertados. Mas ela já tinha visto estômagos idênticos noutras pacientes; talvez elas fossem obesas antes de ficarem famintas em Willard, ou talvez todo o seu peso se concentrasse nos seus abdômens, por isso sabia que não havia nada digno de nota numa mulher com uma barriga grande. Ninguém prestou atenção ao facto de Clara estar a ficar cada vez maior. Ninguém acreditou nem se importou que ela fosse mesmo dar à luz, e ninguém se tinha dado ao trabalho de verificar se ela estava a dizer a verdade.

No último dia de maio, durante a sua segunda consulta com o Dr. Roach, Clara sentou-se na cadeira que estava em frente da secretária, o assento rijo fazia bastante pressão contra os seus ossos pélvicos. Doíam-lhe os ossos como se tivesse noventa anos de idade e não dezanove. Não tinha a certeza se o seu corpo estava rígido porque estava grávida e sofria de malnutrição, ou se era por causa dos colchões finos e cheios de altos, onde tentava dormir nos últimos cinco meses.

Todas as noites, o seu sono intermitente era invadido por pesadelos sobre entrar em trabalho de parto na ala, sem mais ninguém para a ajudar a dar à luz que as outras pacientes. No sonho, ela estava na cama imunda a gritar, as outras mulheres reunidas à sua volta, a balouçarem para a frente e para trás, a babarem-

se, a chorarem. Ela sentava-se, agarrada aos bordos do colchão, e fazia força, o rosto contorcido pelo esforço. A mulher da boneca esfarrapada arrancava o recém-nascido de entre as pernas de Clara e fugia da ala, arrastando o cordão umbilical ensanguentado atrás dela.

Agora, como acontecia sempre, Clara estava sentada com uma das mãos pousada em cima da barriga, à espera de sentir o bebé a mexer-se. O seu maior receio era que o feto tivesse morrido e que ela só soubesse quando desse à luz. Como de costume, não sentiu movimento nenhum. A única altura em que sentia alguma coisa era à noite. Mesmo assim, receava que tivesse sido imaginação sua; tão leve era o movimento que sentia debaixo da mão. Pela milionésima vez pensou que ou o bebé era anormalmente pequeno ou que algo tinha algum problema terrível. Esse pensamento fazia com que o seu coração se apertasse.

Do outro lado da secretária, o Dr. Roach observava-a, a sua caneta em riste sobre a ficha dela. Ela olhou para a elegante caneta trabalhada que ele tinha na mão. Que tola tinha sido ao achar que iria ter acesso a tinta e papel para escrever cartas a Bruno, ao pensar que iria encontrar alguém que as pusesse no correio. Em Willard ninguém se importava porque é que ela estava ali, muito menos com a sua vida anterior. Ela pensou na enfermeira Yott. Por algum motivo, a jovem enfermeira tinha conseguido perceber imediatamente que Clara era sã. Porque é que ninguém em Willard conseguia fazer a mesma coisa? Clara tinha de acreditar que a enfermeira Yott tinha mudado de ideias sobre mandar a carta, ou que de alguma forma tinha sido apanhada. Caso contrário, o Bruno já teria ido em seu auxílio. Uma dor persistente instalara-se por baixo das suas costelas.

— No que é que estava a pensar Clara? — perguntou o Dr. Roach, num tom de voz profundo e tranquilo.

— Estava a questionar-me como é que pensa ajudar os seus pacientes se nunca os vê — respondeu ela.

O médico franziu a testa.

— Peço desculpa, mas não compreendo onde é que quer chegar — retorquiu ele.

— Eu estou aqui há cinco meses e esta é a segunda consulta que tenho consigo. A outra única altura em que o vi foi quando me meti em sarilhos.

Ele recostou-se na cadeira, afagando as pontas da sua barba impecavelmente aparada.

— Nós temos mais de três mil pacientes em Willard — disse ele. — Homens e mulheres. Não pode esperar que a tratemos de forma especial, pois não? Isto não é a Casa de Repouso de Long Island.

— Eu não estou a pedir tratamento especial — retorquiu ela. — Mas você alega que me quer ajudar. Como é que me pode ajudar se nunca me vê? Começo a pensar que Willard só serve para manter as pessoas presas.

— Esta instituição foi fundada na crença de que a loucura pode ser curada através de uma disciplina firme mas humana, um porto seguro do bulício da vida, descanso e trabalho regular. Está a ter todas essas coisas, não está, Clara?

Clara mudou de posição na cadeira, as suas costas latiam de dor.

— Em primeiro lugar, eu não sou maluca. Em segundo, isto não é um porto seguro do bulício da vida. Eu estou a ser mantida aqui contra a minha vontade. É suposto isso fazer-me sentir tranquila e despreocupada?

— Como é que eu posso aliviá-la de algumas das suas perturbações?

— Deixe-me ir embora. Já estou aqui há demasiado tempo. Tenho a certeza que até o meu pai concorda.

O Dr. Roach abanou a cabeça.

— Receio que esteja enganada — disse ele. — O seu pai está a contar comigo para a curar. Infelizmente, ainda não me disse nada que mostrasse que fez progressos.

— O que é que quer que lhe diga? Diga-me e eu repito-o.

— Ainda acredita que o seu pai a mandou para aqui para se ver livre de si?

Ela deixou descair os ombros.

— É a décima vez que me faz essa pergunta.

— É a minha função fazer perguntas.

— Mas você distorce as minhas respostas para que encaixem nas suas noções preconcebidas de quem eu sou. Você está convencido que eu só tenho algum problema porque estou aqui.

— Limite-se a responder à pergunta, por favor.

Ela respirou fundo e suspirou ruidosamente.

— Tudo o que sei é que o meu pai me mandou para aqui. Se me mandar para casa, farei tudo o que ele quer.

— Está a dizer que finalmente compreende que o seu pai só quer o melhor para si?

Ela mordeu a bochecha e acenou com a cabeça. Naquela altura, ela concordaria com qualquer coisa se isso significasse recuperar a sua liberdade. O que quer que acontecesse quando ela chegasse a casa era melhor do que estar presa. O Dr. Roach escrevinhava na ficha dela, a testa vincada pela concentração. Depois olhou para cima.

— Alguma vez teve pensamentos suicidas, Clara?

Ela abanou a cabeça.

— Porque é que me está a perguntar isso? Não lhe dei motivo nenhum para pensar...

— Eu não sei se sabe, mas o suicídio pode ser genético. Eu só queria ter a certeza...

— Não — disse ela. — Tal como já lhe disse anteriormente, tudo o que quero é uma oportunidade para viver uma vida normal, para estar com o homem que amo, para criar o nosso bebé. Mas não posso fazer nada disso se me mantiver aqui.

— Presumo que esteja a falar do Bruno.

A respiração de Clara ficou-lhe presa no peito.

— Como é que sabe o nome dele? Foi o meu pai que lhe disse?

O Dr. Roach olhou para a ficha dela, de cenho franzido e a rolar a caneta entre os dedos. Em seguida, olhou para cima procurando-lhe o rosto.

— Receio que tenha chegado a altura de lhe dizer a verdade, Clara.

Ela chegou-se para a frente na cadeira, o coração troava-lhe no peito.

— A verdade sobre o quê? — perguntou ela.

— Você está certa sobre uma coisa — disse o Dr. Roach. — O seu pai falou-me de Bruno Moretti.

— Sim? — disse ela, incapaz de respirar. — O que é que ele lhe disse?

O Dr. Roach pousou a caneta e cruzou as mãos em cima da secretária.

— Clara — disse ele, com um sentimento de piedade estampado no rosto. — O Bruno Moretti não existe.

Por volta da primeira semana de junho, as chuvas primaveris tinham finalmente parado. Agora que os terrenos de Willard estavam secos, os pacientes eram autorizados a ir para o exterior em passeios supervisionados. Cada ala formava um grupo, alinhado em filas de quatro como uma banda de marcha mal ensaiada.

Alguns pacientes viravam à esquerda quando o grupo virava à direita, outros atrasavam-se, incapazes de acompanharem o ritmo. As mulheres eram mandadas numa direção, os homens na outra. Semicerrando os olhos por causa do Sol resplandecente, Clara seguiu as mulheres da sua ala, olhando para lá das águas cintilantes do lago Seneca.

Uma mulher alta e magra cantarolava ao lado de Clara, arregaçando as mangas e virando a cara para o Sol. Esther estava em Willard há seis semanas, tinha sido internada pelo marido quando este a apanhara aos beijos com outro homem. Mesmo sem estar maquilhada e vestida com um simples vestido de trazer por casa azul, ela parecia uma estrela de cinema, com um abundante cabelo loiro e uma pele rosada acetinada. A primeira vez que Clara a tinha visto na cafetaria, a olhar para as outras pacientes com o medo estampado nos olhos, percebeu que ela, tal como Clara, não deveria estar em Willard. Mais tarde, na ala, Clara falou-lhe do solário e disse-lhe que a única forma de escapar dali era portar-se bem. Desde então, tinham construído uma amizade e Clara estava extremamente agradecida por ter alguém com quem falar.

A caminhar do outro lado de Esther estava Madeline, uma mulher pequena, com vinte e poucos anos, internada em Willard há mais de um ano, depois de ter perdido dois bebés e de ter deixado o marido que a maltratava. Ela e Clara tinham-se tornado amigas quando ambas trabalhavam na cozinha, onde Madeline lavava pratos.

— No dia em que vim para Willard o Sol também brilhava assim, — disse Madeline, levantando o queixo em direção ao céu. — Os edifícios e o lago pareciam tão bonitos nesse dia. Eu pensei que finalmente alguém ia tomar conta de mim.

— Neste lugar ninguém toma conta de nós — disse Esther. — Quando eu sair daqui, vou arranjar um velho rico para me sustentar e nunca mais tenho de me preocupar com ninguém que tome conta de mim.

— Talvez fosse isso que eu devia ter feito — retorquiu Madeline, com um sorriso. — Devia ter arranjado um velho rico para pagar a renda àquela velha miserável que era minha senhoria.

— Provavelmente, ela fazia queixa de ti à polícia na mesma — revidou Esther. — Provavelmente, diria que tu eras prostituta ou algo do género.

— Mas não estavas doente na cama quando os polícias chegaram? —

perguntou Clara. — Não foi por isso que não conseguiste pagar a renda?

— Eu não estava doente — respondeu Madeline. — Eu tinha ido pedir ao inútil do meu ex-marido que me desse algum dinheiro para comprar comida. Ele deu-me um enxerto de porrada. Durante uma semana só consegui sair da cama para ir à casa de banho. Depois de os polícias me levarem, o médico disse que fisicamente eu estava abaixo do que é normal e que devia ser hospitalizada. Mas aquela maldita senhoria disse que eu usava linguagem vulgar e que falava sozinha, por isso, em vez de me levarem para o hospital trouxeram-me para o manicómio.

Clara abanou a cabeça. Olhou para as outras mulheres na fila à sua frente, a arrastarem-se com as cabeças penduradas ou os ombros curvados, mulheres que, tal como ela e Esther e Madeline, tinham acreditado que iriam viver vidas normais e felizes. É claro que algumas delas estavam verdadeiramente doentes, com problemas mentais que as impediam de terem um comportamento normal e de serem úteis. Mas quantas seriam vítimas das circunstâncias, mulheres deixadas sem um tostão pelos maridos que as abandonavam ou que morriam, mulheres que tinham perdido os seus filhos e que precisavam de ajuda para lidar com a dor insuportável, mulheres que tinham sido banidas pelos pais que desaprovavam as suas decisões? Quantas estariam em Willard por causa de um único acesso de raiva, ou porque tinham ficado velhas e tinham sido abandonadas pelos filhos, ou tinham perdido os pais em tenra idade e tinham crescido em orfanatos? Quantas seriam sãs quando ali chegaram, mas ao fim de meses de maus tratos e de tratamentos excessivos com água gelada e sedativos, nunca mais voltariam a ser racionais?

Há algum tempo, Madeline contara a Clara a história de Ruby, uma emigrante italiana que vindo para a América com o marido há doze anos. Dois anos depois de terem chegado, o marido de Ruby tinha morrido num acidente na construção civil. Esfomeada e sem abrigo, Ruby dedicou-se à prostituição nas ruas de Nova Iorque, incapaz de dizer mais do que meia dúzia de palavras em inglês. Finalmente, acabou por ser presa e enviada para Willard. Aquilo tinha-se passado há dez anos. Hoje em dia, ela ficava sentada no solário todo o dia, com a cabeça pendurada, a beliscar silenciosamente a pele dos braços.

Estar presa já era mau o suficiente, mas Clara não conseguia imaginar a tortura de ser incapaz de comunicar, ou não encontrar as palavras certas para

tentar explicar como é que ela tinha ido ali parar, ou que estava completamente sã. Porque é que os médicos não tinham arranjado ninguém que falasse a língua de Ruby. E se Ruby tivesse família em Itália, que se estivesse a questionar onde é que ela estava ou o que é que lhe tinha acontecido? E se tudo o que bastasse fosse uma simples carta para a tirar deste inferno? Pensando sobre como tudo aquilo era injusto, Clara sentiu uma dor entorpecedora a corroer-lhe o peito.

— Como é que te sentes hoje? — perguntou-lhe Esther. — Já não falta muito para a tua filha nascer.

Clara colocou uma mão protetora por cima do estômago, o seu coração inundado de uma estranha mistura de amor e medo. Tinha contado tudo a Esther e Madeline; sobre o Bruno e o seu pai, sobre a sua crença que ia dar à luz uma menina.

— Estou bem — respondeu ela. — Um pouco fraca, mas tirando isso...

— O que é que achas que vai acontecer depois de o bebé nascer? — perguntou Esther a Madeline. — Achas que vão deixar a Clara ir-se embora?

Madeline encolheu os ombros.

— Não sei — respondeu ela. — Nunca ouvi falar de ninguém que tivesse dado à luz aqui.

Virou o rosto na direção do lago para evitar o olhar de Clara. Clara respirou fundo, tentando ignorar a sensação de que Madeline não estava a ser totalmente honesta. Não a podia culpar por isso. Se Madeline sabia de alguma coisa que não estava a contar, só estava a tentar ser gentil. Madeline compreendia que se Clara se permitisse pensar mais além do que o dia do nascimento do seu bebé, poderia não ter forças para prosseguir. Por agora, Clara tinha de acreditar que as coisas iriam mudar para melhor. Não havia outra hipótese.

— Espero que me deixem ir embora — disse Clara. — Isto não é sítio para criar um bebé.

— Eu acho que tens razão — disse Esther, a sorrir. — Eles vão deixar-te ir embora.

O grupo de mulheres seguia pela estrada principal de Willard em direção a um frondoso boque de pinheiros do outro lado de Creek Mears, um longo e largo ribeiro que afluía no lago Seneca. Devido a semanas de vento e chuva forte, o ribeiro de margens relvadas corria para oeste como um rio tempestuoso, quase transbordando, ramos e folhas rodopiavam e redemoinhavam na veloz água

cinzenta. As mulheres atravessaram uma ponte de madeira, a corrente impetuosa abafava-lhe as vozes. Clara pensou em saltar por cima da balaustrada, deixando que a forte corrente a arrastasse até ao lago, onde um velejador que fosse a passar a pudesse apanhar ou que ela conseguisse chegar até à outra margem. Mas o ribeiro era muito fundo e a corrente muito forte, a água agitada partia ramos grossos nas pedras e nas rochas. Além disso, ela não sabia nadar, tinha feito pouco mais do que entrar e chapinhar na água na praia de Coney Island. Mesmo que não estivesse grávida, o risco de se afogar era demasiado alto. De que é que lhe serviria a liberdade se estivesse morta?

No fim da ponte, as mulheres voltaram à direita, seguindo uma estrada de terra em direção ao lago. À direita delas, entre a estrada e o pinhal, um vasto campo estava cheio de filas atrás de filas de lápides de ferro, cada uma delas com uma altura de sessenta centímetros e uma largura de trinta. Na fila de trás, um homem de jardineiras e botas de borracha estava a cavar um buraco. Quando viu as mulheres, parou o que estava a fazer e enterrou a sua pá num monte de terra, tirou o seu boné e acenou.

— Aquele é o coveiro, Lawrence Lawrence — disse Madeline. — Está em Willard há mais de trinta anos e pode fazer quase tudo o que quiser. Eu ouvi dizer que houve um verão em que ele começou a dormir ali naquela barraca ao pé do bosque de cedros.

Ela apontou na direção de uma pequena casa térrea aninhada à beira do bosque, o seu telhado repleto de pinhas e agulhas dos pinheiros. Clara não fazia ideia de quanto tempo aquela casa tinha estado vazia, mas a ela parecia-lhe gasta; pronta a colapsar num monte de pó, anos de madeira ressequida e ar estagnado a serem libertados numa poderosa nuvem de serradura e lascas de madeira afiadas. Ela não conseguia imaginar em que estado estava o interior da barraca.

— O Lawrence pediu aos médicos se podia ficar naquela casa em vez de ficar na ala dos homens — continuou Madeline. — Disse-lhes para não se preocuparem que não iria fugir porque não tem para onde.

— Ele nunca tentou fugir? — perguntou Esther com os olhos arregalados.

— Ele diz que é feliz aqui.

— Deve ser louco — disse Esther. — Ninguém pode ser feliz aqui.

No lado esquerdo da estrada havia um edifício de quatro andares com um

telhado de telhas verdes que afundava no meio, como se estivesse a suportar um peso invisível. Em determinada altura, o edifício de tijolos tinha sido pintado de branco. Agora, a pedra exposta parecia granulosa e cor-de-rosa, com pedaços acinzentados de tinta descamada presos por baixo dos beirais e dos caixilhos das janelas. Barras de ferro cruzavam as janelas encardidas, como uma teia preta numa meia remendada. Ao lado da estrutura, uma árvore alta e escura estendia-se em direção ao céu, os ramos retorcidos e dobrados.

No pátio ao lado, dois grupos de pacientes arrastavam-se ao longo da berma irregular da relva cheia de espinhos, alguns tinham os pulsos amarrados, outros coletes de força ou luvas de couro com correntes, estavam amarrados uns aos outros por cordas atadas às suas cinturas. Um grupo era constituído por homens, o outro por mulheres. As suas batas de hospital brancas estavam rasgadas e endurecidas por causa da sujidade, as pernas, braços e cabelos encrustados de fezes, vomitado e urina. Uma mulher estava constantemente a cair e a ser arrastada pelos outros, até os auxiliares pararem o grupo o suficiente para ela se levantar. Mais ou menos a cada dez passos, a mulher caía outra vez. Algumas pacientes gaguejavam ou coxeavam, outras gritavam por socorro. Uma tentava bater em toda a gente à sua volta, outra tentava virar-se e caminhar na direção oposta. Um paciente masculino mandava o ombro para a frente a cada passo que dava, primeiro o esquerdo, depois o direito, como um jogador de futebol a treinar os seus movimentos. Um dos homens tinha uma mordaca na boca. Vários praguejavam a plenos pulmões.

Clara tentou desviar o olhar, mas não conseguiu.

— Quem são eles? — perguntou a Esther.

— São demasiado violentos para estarem juntos com o resto dos pacientes — explicou Esther. — Os médicos mantêm-nos aqui na Rookie Pest House. Ouvi dizer que não têm aquecimento e que amarram os pacientes às camas.

Clara estremeceu, embora não estivesse com frio, e olhou para lá do lago. Um barco de madeira de teca deixava um rasto de espuma branca nas ondas, uma fila de bandeiras coloridas, que ia do mastro à proa, ondulava ao vento. Ela semicerrou os olhos, tentando ver as pessoas sentadas no convés por trás da cabine, interrogando-se sobre o que é que pensariam quando olhavam para Willard. Saberiam que tipo de lugar era aquele? Será que pensavam nos pacientes como pessoas reais, ou considerá-los-iam como não-humanos, que de

qualquer forma, nunca tiveram hipótese de ter uma vida normal? Estariam satisfeitos por os pacientes estarem presos, aliviados por poderem desfrutar das suas vidas sem estarem sobrecarregados com alguém que pudesse ter problemas. Teriam consciência que a maior parte dos pacientes também já tinha tido esperanças e sonhos próprios? Que alguns deles eram mantidos ali contra a sua vontade?

Nesse momento, Clara foi arrancada aos seus pensamentos pelos gritos de alguém. Um homem nu tinha escapado da Rookie Pest House, uns olhos alucinados por cima de uma barba desgrenhada. Corria em direção ao lago, o mais depressa que as suas pernas esqueléticas lhe permitiam. Dois auxiliares corriam atrás dele. O homem nu tropeçou no tronco de uma árvore e caiu, depois pôs-se de pé de forma atrapalhada. Os dois auxiliares apanharam-no e mandaram-no ao chão. Em seguida, puseram-no de pé e arrastaram-no de volta ao edifício de tijolo. Clara afastou o olhar, ficou aliviada quando os ajudantes conduziram o seu grupo para outro caminho, em direção à casa dos barcos e ao cais, para longe da Rookie Pest House.

Mais tarde, quando estava na cozinha, não conseguia deixar de pensar no homem da Rookie Pest House, indagando-se de que horrores estaria ele a fugir? Como é que era possível haver um sítio como Willard, onde as pessoas eram tratadas como animais, enquanto toda a gente prosseguia com as suas vidas? Perguntava-se se o seu pai sabia quão terrível era Willard, ou mesmo se ele se importava. De onde estava sentada a descascar as batatas conseguia ver Madeline a lavar os pratos, o suor escorria-lhe da testa. A mulher responsável pela cozinha não permitia que os trabalhadores conversassem, mas Clara estava feliz por ter Madeline perto de si, para trocarem um sorriso ou um aceno, para a recordar que ela e outras pessoas em Willard ainda estavam sãs. A mulher que estava sentada no banco à esquerda de Clara nunca tinha dito uma palavra. Limitava-se a sentar-se ali com a cabeça baixa, a descascar batatas e a murmurar para si própria.

Como se Madeline tivesse lido os pensamentos de Clara, voltou-se e levantou uma mão cheia de espuma, os seus olhos estavam cansados mas ela sorria. Nesse momento, a responsável pela cozinha atravessou a sala passando à frente de Clara e de Madeline, com a boca torcida numa carranca determinada. Madeline virou-se e pôs o polegar no nariz e deitou a língua de fora, fazendo uma careta

nas costas da encarregada da cozinha. Um prato molhado escorregou-lhe da outra mão, estilhaçando-se em mil pedaços no chão de mosaico.

A responsável da cozinha estacou e virou-se para ver o que tinha acontecido. Sem perder tempo, dirigiu-se apressadamente na direção de Madeline, que recuou até ficar encurralada entre a parede e o lava-loiça de metal. A responsável pela cozinha cravou os dedos nos braços de Madeline, puxou para a frente, e depois empurrou-a contra o balcão. A nuca de Madeline bateu contra o armário com um ruído seco, fazendo tilintar os talheres que estavam nos seus suportes. A responsável pela cozinha levantou uma mão para a esbofetear, gritando qualquer coisa sobre o custo dos materiais. Clara deixou cair o descascador e caminhou em direção a elas.

— Deixe-a em paz! — gritou ela.

Agarrou no pulso da responsável pela cozinha, para a afastar de Madeline. A responsável pela cozinha voltou-se, com o rosto carmin e a arquejar, e empurrou Clara com as duas mãos. Naquilo que lhe pareceu ser câmara lenta, Clara voou para trás, a esbracejar e com os olhos arregalados. Desengonçadamente tentou manter o equilíbrio, mas escorregou no chão molhado, depois caiu e bateu com a cabeça nos mosaicos com uma pancada seca que lhe provocou náuseas, um raio de dor atravessou-lhe o crânio. Olhou para cima e pestanejou, as negras cortinas da inconsciência ameaçavam fechar-se. Então ela sentiu um jorro quente e húmido entre as pernas e desmaiou.

Clara pestanejou e abriu os olhos, tentando focar-se nas luzes brilhantes que cintilavam por cima de si. Ela estava a mover-se para a frente, os pés avançavam primeiro, correntes de ar fétido deslizavam-lhe pelo rosto e pelos braços. Não fazia ideia de onde estava. Depois percebeu que as indistintas luzes que passavam por cima dela eram candeeiros de teto. Virou a cabeça e viu quartos vagamente iluminados e camas de hospital, enfermeiras inclinadas sobre os pacientes a darem injeções, a medirem a tensão, a escreverem em fichas. Ela estava numa maca, a ser transportada rapidamente através dos corredores de uma enfermaria. De repente, os músculos do seu estômago retorceram-se e dilaceraram-se, como se lhe cravassem uma faca no baixo-ventre. Tentou levantar-se, para puxar os joelhos para o peito e curvar-se numa bola, mas uma mão forte obrigou-a a deitar-se novamente. Ao olhar para cima para ver quem é

que ia a empurrar a maca, viu uma enfermeira que não reconheceu.

A enfermeira guiou a maca em torno de uma esquina e para o interior de uma sala de observação onde estava um médico à espera. Ele parecia um sapo, baixo e inchado, a sua papada formava um queixo duplo.

— O que é que aconteceu? — perguntou ele à enfermeira.

— Ela caiu e bateu com a cabeça — respondeu a enfermeira, dando a volta para se posicionar ao lado da maca. — Acabou de acordar.

— Esteve inconsciente durante quanto tempo? — perguntou o médico.

Inclinou-se e segurou nas pálpebras de Clara, observando-lhe as pupilas com uma luz pequena e brilhante.

— Talvez quinze minutos. — Disse a enfermeira.

— Como é que se está a sentir? — perguntou ele a Clara num tom de voz alto. — Está tonta?

Clara abanou a cabeça. Começou a sentir outra contração e levantou os joelhos, tentando parar a dor dilacerante e ardente no seu baixo-ventre. Sentia-se como se estivesse a ser despedaçada. Mordeu o lábio, gemendo baixinho.

— Está a sentir dores na cabeça? — perguntou o médico.

— Não — respondeu Clara. — Estou em trabalho de parto.

O médico arqueou as sobrancelhas de espanto e olhou para a enfermeira com ar inquisidor. A enfermeira encolheu os ombros.

— Consegue levantar-se e passar para outro sítio para eu a observar? — perguntou ele a Clara.

Clara levantou-se com a ajuda dos braços trémulos, a cabeça latejava ao mesmo ritmo que o seu coração. Balançou as pernas por cima do colchão e desceu da maca, com uma das mãos pousada na barriga. Um líquido quente escorria-lhe pela parte de dentro da perna, molhando-lhe os sapatos de couro. O médico dirigiu-se ao lavatório para lavar as mãos.

— Ela tem de tirar os sapatos — disse ele à enfermeira.

Clara descalçou os sapatos sem os desapertar, a dor que sentia na barriga impossibilitava que se endireitasse. A enfermeira aproximou-se e começou a levantar o vestido de Clara, para lhe tirar a roupa interior. Clara afastou as mãos da enfermeira e despiu ela própria a sua roupa interior, tentando fazê-lo sem cair. Subiu para a cadeira ginecológica, fazendo um esforço para respirar devagar e profundamente.

O médico puxou os estribos para fora e fez um gesto a Clara para que se deitasse. Ela fez o que lhe era pedido, a sua cabeça repousou numa pequena almofada irregular. O médico guiou-lhe os pés para os estribos e ela fechou os olhos, tentando visualizar o rosto de Bruno, o seu cabelo escuro e o sorriso branco. Quando sentiu as mãos do médico a tocarem-lhe, ela sobressaltou-se e virou a cabeça, olhando fixamente para o seu reflexo no vidro de um armário branco repleto de espátulas, bolas de algodão, e instrumentos brilhantes de aparência afiada. Quando o exame acabou, o médico deu-lhe uma palmadinha no joelho e disse-lhe que se sentasse.

— Esta pobre rapariga está prestes a dar à luz — disse ele à enfermeira. — Vamos levá-la para um quarto.

A enfermeira olhou para Clara, os lábios comprimidos, depois pegou numa papeleta e entregou-a ao médico.

— Quem é o médico dela? — perguntou ele, escrevinhando qualquer coisa na ficha.

— O Dr. Roach — respondeu a enfermeira. — Quer que vá buscar uma cadeira de rodas?

— Sim — respondeu o médico. — E despache-se.

A enfermeira saiu da sala e o médico dirigiu-se a Clara.

— Sabe quem é o pai?

Clara acenou com a cabeça, não tinha a certeza de ser capaz de responder. As contrações estavam cada vez mais próximas.

— O meu namorado Bruno — respondeu ela a arquejar.

— E onde é que está o Bruno agora?

— Não sei. — Conseguiu responder ela.

— É paciente aqui?

Clara abanou a cabeça, gotas de suor formavam-se na sua testa e por cima do lábio superior. A enfermeira voltou a entrar na sala com a cadeira de rodas e tirou uma camisa de dormir de um armário. Clara desceu da cadeira ginecológica e sentou-se na cadeira de rodas, dobrando-se no assento. As suas entranhas pareciam querer sair, e em breve teria uma pilha ensanguentada no colo. Subitamente, a ânsia de se levantar tomou conta dela, e tentou levantar-se da cadeira.

— Sente-se! — disse a enfermeira, empurrando-a de volta para o assento.

Antes que Clara pudesse protestar, a enfermeira começou a empurrar a cadeira através da sala.

— O bebê está a nascer! — gritou Clara.

O médico abriu a porta com violência e a enfermeira empurrou Clara para o corredor. Voltou à direita e correu por um corredor, gritando para as outras enfermeiras e pacientes saírem do caminho. Um auxiliar empurrou uma cadeira de rodas na direção delas, com uma das mãos tentava manter direito o homem inconsciente. O auxiliar não conseguiu virar com a rapidez necessária e quase chocaram. Por fim, a enfermeira virou para um pequeno corredor e conduziu Clara para dentro de um quarto com uma única cama.

— Levante-se — disse a enfermeira.

Uma segunda enfermeira ajudou Clara a sair da cadeira de rodas e começou a despir-lhe as roupas.

— Vamos vestir-lhe a bata do hospital — disse ela, tirando o sutiã de Clara. — Você está prestes a ter um bebê. Compreende?

— Sim — disse Clara, a arquejar. — Eu disse ao Dr. Roach que estava grávida mas ele não ligou.

Enfiou os braços na bata do hospital, subiu para o colchão e deitou-se. Outra vaga de dor cravou-se à volta da sua cintura e mais uma vez ela sentiu uma vontade avassaladora de fazer força.

A primeira enfermeira tapou Clara com um leve lençol enquanto a segunda lhe agarrava nos tornozelos para lhe manter as pernas fechadas, dizendo-lhe para não fazer força enquanto o médico não chegasse. Clara contorceu-se na cama, lutando contra a vontade de fazer força. Parecia-lhe que o seu corpo se ia rasgar ao meio, os tendões e os músculos a torcerem-se em direções opostas, as veias a esticarem até rebentarem. Finalmente, o médico entrou na sala apressadamente, instruindo as enfermeiras para que fossem buscar cobertores, toalhas e uma bacia de água quente.

— Vamos precisar de morfina e de escopolamina — disse ele, com a voz carregada de urgência.

As enfermeiras saíram rapidamente da sala e ele examinou-a novamente. Ela ergueu-se nos cotovelos e olhou para o médico, escrutinando-lhe o rosto à procura de um sinal que pudesse indicar o estado do seu bebê. O seu coração bradante apertava-lhe a garganta.

Se os seus cálculos estavam certos, o bebé ia nascer duas semanas mais cedo. E agora, por causa do rápido desenvolvimento do seu trabalho de parto, estava aterrorizada que, para além de tudo o resto, a sua filha nascesse prematura e não sobrevivesse. Depois, tão subitamente como tinha começado, a forte contração parou. Clara deixou-se cair para trás, a arquejar.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

— Deixe-se ficar deitada, o mais quieta que conseguir — respondeu o médico.
— Eu vou tratar de si.

As enfermeiras voltaram a entrar na sala, com o braços carregados de toalhas, uma bacia, a mala do médico, e um jarro de água a ferver. O estômago de Clara apertou-se novamente e outra contração começou, todos os seus músculos pareciam estar a ser espremidos por um torno gigante. Ela respirou fundo, pôs as mãos nos joelhos e fez força. O bebé estava a sair; ela conseguia sentir a sua cabeça larga e húmida a abrir caminho para fora do seu corpo em direção ao mundo.

Clara começou a hiperventilar, a sua respiração era rápida e pouco profunda. Um jato de fluido jorrou-lhe de entre as pernas. A picada de uma agulha na sua pele sobressaltou-a. Ela voltou-se para ver a enfermeira espetar-lhe a seringa no braço, a boca dela comprimida numa linha fina. Clara tentou sentar-se novamente, mas já não tinha forças. Ela olhou para o médico, a sua expressão determinada foi a última coisa que viu antes de o mundo ficar escuro.

CAPÍTULO 11

IZZY

Willard

No banco de trás do Mitsubishi da Peg e do Harry, Izzy beliscava as pontas das unhas, enquanto observava os edifícios de Willard a passarem pela janela do carro. O Sol brilhava num céu azul de setembro carregado de nuvens em forma de bigorna, que podiam ser o prenúncio de uma tempestade. Do lado esquerdo do veículo, o lago Seneca brilhava à distância, pequenas vagas ondulavam na direção da margem oposta. As copas das árvores balouçavam na brisa suave e as gaivotas reuniam-se nas telhas partidas do telhado da casa de barcos de Willard.

Contudo, os edifícios e os terrenos de Willard pareciam dormentes e imóveis. Nem uma folha de relva se mexia, nem uma videira nem uma folha de hera se agitava. Nem um pássaro voava por cima dos telhados nem aterrava nas chaminés. Em contraste com as paredes de tijolos vermelhos, as janelas da ala pareciam estar queimadas e enegrecidas, como se tivesse havido um fogo no interior, ou fosse impossível a luz do Sol penetrar na escuridão que havia lá dentro.

Izzy não conseguia acreditar que estava de volta ao velho hospício, para ir ao hospital abandonado consultar os registos médicos antigos. Fazia um esforço para respirar fundo e para afastar os seus medos, concentrando-se antes no entusiasmo de descobrir mais sobre Clara.

Há três noites, depois de ter jantado e de ter feito os trabalhos de casa, Izzy tinha finalmente confessado a Peg que tinha o diário de Clara. Peg ficou desapontada mas não se zangou. Percebeu o fascínio de Izzy e acreditou que ela realmente fazia tenção de o devolver. Depois de lhe agradecer por ter contado a verdade e dando-lhe um meigo sermão sobre as virtudes da honestidade, Peg parecia entusiasmada com tudo o que Izzy tinha descoberto.

— Obrigada por não ter ficado zangada — disse Izzy.

— Faz-me só um favor, fazes? — pediu Peg. — Para a próxima, pede.

Izzy acenou com a cabeça.

— Prometo.

— E uma vez que está tão interessada neste projeto, — disse Peg — gostarias de vir connosco a Willard no sábado? Ainda não consigo acreditar que o estado nos deu autorização para analisar os registos médicos.

— Vão analisar os registos de Clara? — perguntou Izzy.

— Desculpa. — Disse Peg a abanar a cabeça. — Mas foi muito fácil reconstituir a vida dela a partir das coisas que descobrimos no baú. Ela não foi uma das pacientes que escolhemos para investigar mais a fundo. E tal como tu disseste, o diário dela explica muita coisa. Mas se quiseses vir connosco, podes tentar descobrir os registos dela. Só fomos autorizados a permanecer algumas horas dentro do hospital, por isso temos de ser rápidos.

Agora, quanto mais perto estavam do edifício abandonado, mais depressa o coração de Izzy batia. Harry subiu uma estrada estreita e estacionou o carro perto de um edifício de tijolo de quatro andares. Ele desligou o motor e saiu. Izzy desceu do banco traseiro, e viu dois carros estacionarem ao lado deles. A Peg e o Harry dirigiram-se à traseira do Mitsubishi e abriram a bagageira. Dois funcionários do museu saíram do primeiro veículo enquanto o outro carro estacionava do outro lado. Izzy não conseguia ver quem é que ia no banco da frente, mas sabia que o segundo carro pertencia ao pai de Ethan, porque Peg lhe tinha dito que o fotógrafo também os iria acompanhar. A porta abriu-se e Peter saiu, o tejadilho do carro subiu e a carroceria chiou. Izzy prendeu a respiração, à espera para ver se Ethan estava com ele. Peter contornou o veículo e abriu a bagageira. Mas ninguém saiu do carro.

De certa forma, Izzy estava aliviada. Em vez de se preocupar em evitar Ethan, estaria livre para se concentrar na procura dos registos de Clara. Já se tinham passado quatro dias sobre aquela cena na aula de psicologia e Izzy ainda não tinha trocado uma palavra com ele. Quando ela se cruzava com ele e com a Shannon nos corredores, eles ignoravam-na. Nenhum dos outros alunos trouxe à baila o assunto da mãe de Izzy, nem tinham gozado com ela. De repente, era como se se tivesse tornado invisível. A única pessoa que falava com ela era Alex. Por algum motivo que Izzy não conseguia identificar, a indiferença de Shannon parecia-lhe a calma antes da tempestade. Até mesmo Alex achava que era estranho.

Izzy dirigiu-se à bagageira do carro e ficou surpreendida por ver a Peg e o

Harry a vestirem uma farda de hospital por cima das suas roupas. Peg estendeu-lhe uma lanterna e uma farda verde.

— O que é tudo isto? — perguntou Izzy.

— Este velho hospital está contaminado com amianto e tinta de chumbo — explicou Harry. — É importante que estejamos protegidos.

Izzy olhou para os outros veículos e viu que os funcionários do museu também estavam a vestir equipamento de proteção. Peter dirigiu-se pesadamente em direção ao carro de Peg e de Harry com um sorriso largo no rosto, o seu equipamento fotográfico pendurado num ombro, a fita larga do que parecia uma lanterna gigante pendurada no outro. A Peg e o Harry penduraram máscaras de papel ao pescoço e dirigiram-se para o edifício. O Harry carregava uma lanterna e um saco desportivo, Peg levava um saco de lona pendurado no ombro. Izzy e os outros seguiram-nos. Quando chegaram ao pé de um conjunto de portas duplas, entaipadas no interior, e que estavam fechadas com correntes e cadeado, Peg deu a cada um deles, um par de botas de papel para protegerem os seus sapatos.

— Tens alguma coisa para pôr por cima das tuas roupas? — perguntou Harry a Peter.

Peter acenou uma mão despreocupadamente.

— Não te preocupes — respondeu.

— Bom, devias pelo menos usar isto — disse Peg, estendendo-lhe uma máscara e um par de botas.

Peter pegou na máscara e colocou-a. Inclinou-se para tentar pôr as botas por cima dos seus sapatos enormes mas aquelas eram demasiado pequenas. Ele sorriu e colocou-as nas orelhas. Toda a gente se desatou a rir.

— O Ethan hoje não vem? — perguntou-lhe Peg.

Ele abanou a cabeça.

— Tem treino de basquetebol — respondeu ele.

Depois sorriu para Izzy.

— Pediu-me para que te dissesse olá e que tem pena de não poder estar aqui.

Izzy sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Dobrou-se e colocou as botas de papel por cima dos seus ténis, perguntando-se porque é que Ethan se tinha dado ao trabalho de dizer olá. Se não era homenzinho para a cumprimentar em público, qual é que era o objetivo? Teria ele vergonha de admitir que eram amigos, ou

tinha medo da namorada? Cerrou os dentes e endireitou-se, com esperança que o seu rosto já não estivesse vermelho.

Harry tirou do bolso um conjunto de chaves, abriu o cadeado, e tirou as correntes que estavam à volta dos puxadores de latão das portas.

— Este foi o hospital que construíram em último lugar — disse Peg. — Ao princípio, Chapin Hall albergava as alas médicas, os blocos operatórios e a morgue. Por fim, transferiram os pacientes com doenças infecciosas para uma velha casa de campo e construíram isto, o hospital principal.

Harry abriu a porta, um súbito redemoinho de ar estagnado lançou um pedaço de papel encarquilhado além da soleira rachada. Um retângulo oblíquo de luz solar estendeu-se através da penumbra do chão, iluminando anos de sujidade e de bolor seco. Todos eles colocaram as máscaras nos rostos e entraram. A fraca luz do dia penetrava pelas portas abertas da entrada, cruzando o longo e escuro corredor. Harry acendeu a lanterna e olhou à sua volta. Papéis amarelados, pedaços de tinta seca, garrafas de plástico e lixo acumulavam-se no chão de mosaicos. Uma cadeira de rodas estava encostada a uma parede cuja tinta estava descascada e um carrinho de metal partido estava virado ao contrário no meio do saguão. Cortinas de pó caíam do teto, como milhões de pequenas larvas a flutuarem na água do mar.

— Achas que vamos ter luz suficiente para ver o que estamos a fazer? — perguntou Peg com a voz abafada pela máscara de papel.

— Sim — respondeu Harry. — O Peter trouxe uma luz usada para iluminar trabalhos na construção civil, e deve haver alguma luz a entrar pelas janelas. Deve ser suficiente. Disseram que o arquivo dos registos é ao fim deste corredor à esquerda.

Izzy seguiu o grupo pelo corredor fora, apontando a sua lanterna pelas portas abertas, sentindo o estuque e a tinta seca desfazerem-se por baixo dos seus ténis. Numa sala à sua direita, uma fila de lavatórios forrava uma parede coberta de mofo, as suas bacias e porcelana estavam repletas de estuque partido e poeira, fios de ferrugens escorriam das torneiras cobertas de alforra. Uma dezena de chuveiros estavam pendurados num cano comprido que corria ao longo do teto, as juntas de metal estavam esverdeadas e a escamar. A sala seguinte estava atafalhada de cadeiras de rodas que, em vez de terem assentos de tela ou de plástico, tinham, em lugar destes, sanitas sem tampa. Uma das salas estava vazia,

excetuando um colchão imundo e um grande pedaço de estuque bolorento que estava pendurado no teto. O som de água a pingar ecoava algures ao fundo do corredor.

Por fim, tinham chegado a uma porta com uma placa que dizia «Registos». Harry experimentou três chaves antes de encontrar a chave certa. Ele abriu a porta e todos o seguiram. Duas janelas altas na parede mais distante deixavam entrar luz suficiente para que pudessem ver. A poeira pairava no ar pesado, iluminada pelos débeis raios de Sol.

Peg levou uma mão ao peito e olhou à sua volta de olhos arregalados. O espaço estava repleto de uma variedade de mesas de vários tamanhos, de arquivos, armários, e prateleiras, todos atafalhados de pastas, papéis e caixas. Formulários com os bordos rasgados estavam espalhados pelo chão enquanto outros estavam amarrados com elásticos secos formando pilhas de quinze centímetros de altura. Raios X e pastas atravancavam o chão de mosaicos, espalhados pelo pavimento como se alguém os tivesse atirado lá para dentro e tivesse fechado a porta.

— Como é que vamos conseguir ver isto tudo? — perguntou Peg

— Não sei — respondeu Harry. — Temos de trabalhar depressa.

O Peter montou a luz que tinha trazido num dos cantos, iluminando o centro da sala. Tirou algumas caixas de cima de uma mesa pequena, colocou-a no centro da sala e começou a preparar o seu equipamento. Peg dirigiu-se ao canto mais longínquo da sala e pegou numa pasta grossa. Folheou-a durante alguns segundos depois voltou a pousá-la e pegou noutra que estava a pouca distância. Depois de ter analisado meia dúzia de pastas disse:

— Parece ter havido um esforço para os manter por ordem alfabética.

— Porque é que cada um de nós não escolhe o nome de um paciente e procura os seus registos? — sugeriu Harry.

— Boa ideia — disse Peg.

Tirou um papel do seu saco, atribuiu um nome a cada um deles, exceto a Izzy e a Peter, e entregou-lhes umas pranchetas.

— Tomem nota do nome do paciente e de qualquer informação que achem que podemos usar. Deixem o Peter tirar o máximo de fotografias possível de cada um dos ficheiros importantes. Só temos esta oportunidade, por isso trabalhem depressa. Izzy, tu podes ajudar-me.

Toda a gente se afastou em direções diferentes e começou a trabalhar. Izzy seguiu Peg para o lado mais longínquo da sala.

— O que é que quer que eu faça? — perguntou ela.

— O sobrenome do paciente que eu estou à procura começa por C, tal como o de Clara — disse ela. — Por isso, talvez encontres ali o que procuras.

Peg tirou uma pasta com cerca de dez centímetros de grossura, e juntas analisaram a primeira página. Presas à pasta estavam duas fotografias a preto e branco; uma de uma mulher de meia-idade vestida com uma blusa com um laço no colarinho. Tinha cabelo curto, um sorriso tímido e olhos meigos. Na parede por trás da cabeça dela estavam cinco números, números negros inscritos numa faixa branca. A segunda fotografia mostrava a mesma mulher com a pele enrugada, acinzentada, e olheiras profundas marcavam-lhe os olhos. Estava de testa franzida, os seus lábios afundavam-se nas gengivas desdentadas. Era o rosto mais triste que Izzy já tinha visto.

— Esther Baldwin, — disse Peg.

Fechou a pasta e voltou a colocá-la no sítio.

— Estamos no B.

Deslocou-se alguns centímetros ao longo da parede, tirou outra pasta de cima de um armário de medicamentos e abriu-a. Izzy manteve os olhos fixos em Peg, evitando olhar para a fotografia de outro rosto devastado pelos anos passados numa instituição.

— Dmitry Cabell — disse Peg. — Agora já estamos no C.

Voltou a pousar a pasta e baixou a voz.

— Continua e vê se consegues encontrar os registos de Clara.

Izzy deslocou-se ao longo da parede e tirou uma pasta das prateleiras. Pertencia a alguém cujo sobrenome era Cahill. Voltou a pô-la no sítio e tirou outra, duas prateleiras abaixo. O sobrenome da mulher era Callahan. Izzy tirou outra pasta, e depois outra, apertando os maxilares cada vez que via mais um olhar triste e um rosto desdentado. Era inconcebível que tantas pessoas tivessem sido postas de lado, algumas até ao fim das suas vidas. Perguntava-se quantos teriam sido como Clara, pessoas normais num determinado momento, e presas no outro. O que é que teria acontecido se tivessem perguntado aos pacientes o que é que lhes tinha acontecido em vez de lhes perguntarem que problema é que tinham? A maior parte das pastas tinha vários centímetros de grossura,

abrangendo anos de institucionalização. Algo frio e triste contorcia-se no estômago de Izzy.

Começou a perguntar-se porque é que se estava a sujeitar àquilo, tentando descobrir mais informação sobre uma mulher que já estava morta e enterrada. Alguém que nunca tinha tido a oportunidade de viver a vida normal que merecia. Izzy já tinha problemas de sobra. Porque é que estava a investigar os problemas de outra pessoa?

Um dos funcionários do museu levou uma pasta para o centro da sala, onde Peter estava a fotografar fichas e raios X e papéis repletos de textos médicos. Izzy observou-os por uns momentos, depois tirou uma pasta grossa debaixo de uma mais fina. Abriu a capa e quase a deixou cair. Clara olhava para ela com olhos assustados, os lábios comprimidos numa linha fina, como se estivesse a fazer um esforço para não chorar. Escritas por baixo do nome dela estavam as palavras a negrito «Delírio paranoico com alucinações».

Izzy engoliu em seco, os olhos a encherem-se de lágrimas. Sentou-se num banco perto dos arquivos e ligou a lanterna, esperançosa que ninguém estivesse a prestar atenção. Pôs a pasta grossa no colo, virou a primeira página e começou a ler.

1 de janeiro de 1930: A paciente parece estar em boa condição física. Tem bons hábitos de higiene e instalou-se calmamente na ala. É bastante reservada e parece não ter ideia nenhuma do motivo por que foi trazida para aqui. O Dr. Thorn avisou-me que a paciente não acredita que tenha uma doença mental. Pode sofrer de alucinações e de delírios. É razoavelmente cooperativa e come e dorme bem.

2 de janeiro de 1930: Depois de a ter examinado não encontrei nenhuma causa física para o padecimento da paciente. A temperatura e a tensão estavam normais. O exame do tórax e do esqueleto não revelou nada de anormal. Tem a ilusão de que está grávida, mas não encontrei nenhuns sinais de gravidez. Está bastante magra. Os delírios da paciente podem dever-se em parte às manifestações alucinogénias mais frequentes da sua doença.

Izzy arquejou. Clara pensava que estava grávida? Porque é que não tinha mencionado isso no diário? Poderia estar tão desesperada para fugir que tinha começado a imaginar coisas? Ter sido afastada de Bruno tinha sido demasiado para ela? Izzy folheou as páginas seguintes lendo o mais depressa que conseguia.

5 de março de 1930: A paciente tentou fugir. Sem dúvida que tem pensamentos paranoicos e continua a expressar delírios sobre a sua admissão e internamento aqui. Foi hostil durante a entrevista. Foi confinada ao isolamento durante seis dias numa tentativa de controlar a paranoia.

31 de maio de 1930: A paciente continua a mostrar-se paranoica e delirante. Tal como o seu pai, Henry Cartwright, disse na sua carta, continua a acreditar que está apaixonada por um homem chamado Bruno. O se pai assegurou-me que este homem não existe. Todas as tentativas para forçar a paciente a encarar a realidade falharam.

1 de junho de 1930: A paciente causou distúrbios enquanto trabalhava na cozinha. Ela perdeu os sentidos e mais tarde apresentava agudas dores de estômago. O traumatismo craniano não punha em risco a sua vida. Algumas horas mais tarde, a paciente deu à luz uma menina saudável, embora com peso a menos. Pai desconhecido.

O coração de Izzy caiu-lhe como um rochedo dentro do peito. Não conseguia acreditar no que estava a ler. Clara e Bruno tinham tido uma filha! E o pai de Clara tinha dito ao médico que Bruno não existia! Izzy não conseguia conceber que um pai mandasse uma filha para um hospício porque ela estava apaixonada por alguém que ele não aprovava. A sua mente voava, indagando-se sobre o que é que teria acontecido ao bebé. Seria a recém-nascida forte o suficiente para sobreviver? Haveria crianças em Willard? Imaginou duas lápides no cemitério de Willard, mãe e filha lado a lado para toda a eternidade, nunca tendo tido a oportunidade de viverem uma vida normal. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Tentou pensar noutro cenário, mas não lhe ocorreu mais nenhum.

Izzy folheou as páginas, procurando algo que lhe desse mais informações. Havia mais entradas sobre delírios e paranoia e alucinações. Eventualmente, as entradas tornaram-se mais espaçadas, registavam principalmente o estado físico de Clara e como é que ela se relacionava com os outros pacientes. Havia entradas nas fichas escritas numa dezena de caligrafias diferentes, registos de medicação, listas de iniciais que correspondiam às dosagens administradas. Izzy saltou para as últimas páginas, à procura de um relatório de autópsia ou de uma certidão de óbito. Mas não encontrou nada.

Perguntava-se se Bruno fazia alguma ideia de onde tinha estado Clara aqueles anos todos? Será que sabia que tinha tido uma filha? Teria esquecido Clara e prosseguido com a sua vida? Em seguida, Izzy lembrou-se dos envelopes no baú de Clara, dezenas de cartas escritas a Bruno que nunca tinham sido enviadas. Fechou a pasta e olhou para a fotografia de Clara.

Vou descobrir o que é que aconteceu à tua filha, pensou Izzy. E se por algum milagre ainda estiver viva, dou-lhe o teu diário e as tuas fotografias com o Bruno. Vou contar-lhe o quanto tu a amavas e que ela não precisa de ter medo. Vou contar-lhe a verdade a teu respeito.

CAPÍTULO 12

CLARA

Enfermaria de Chapin Hall
Setembro de 1930

N o exterior da janela da enfermaria, as folhas das árvores começavam a cair e o sol brilhava como milhares de espelhos partidos na superfície do lago Seneca. Se os cálculos de Clara estavam corretos, tinham passado quase quatro meses no quarto de Chapin Hall, vendo as cinzentas chuvas de maio darem lugar aos nebulosos dias de verão, e os vastos relvados de Willard ficarem castanhos por causa de uma prolongada vaga de calor no mês de agosto. Traziam-lhe comida três vezes por dia, despejavam-lhe o penico duas vezes por dia, e uma vez por semana era acompanhada por enfermeira à casa de banho para que pudesse tomar banho. Tirando isso, mantinham-na aprisionada. Mas era melhor do que estar na ala. Naquele momento, calculando que estivessem quase na segunda semana de setembro e perguntando-se durante quanto tempo é que lhe iriam permitir aquele tratamento relativamente decente, estava sentada numa cadeira de metal almofadada num retângulo de Sol que entrava pelas janelas encardidas. Como de costume, o radiador estava silencioso, um bloco de ferro frio por baixo dos parapeitos de tijolos. De acordo com as enfermeiras, ainda era muito cedo para ligar o aquecimento, embora o quarto de teto alto se tornasse cada vez mais frio durante a noite e não chegasse a aquecer durante o dia. Clara tinha de calçar as meias e vestir a camisola quando se ia deitar.

Hoje, parecia estar mais quente junto ao lago do que dentro do quarto. Desejava poder abrir as janelas e deixar entrar um pouco de ar fresco. Ela sabia o que era sentir o mundo lá de fora. A sua brisa outonal era amena e o dia cheirava a limpo, uma combinação fértil de terra húmida e folhas secas. Teria feito qualquer coisa para poder inspirar o ar livre. A enfermaria estava impregnada com o cheiro a estuque húmido, a tinta descascada, urina e desinfetante. Clara tinha a certeza de conseguir sentir o sabor quente e cuprífero odor do sangue e o gosto acre da morte. Imaginava o seu nariz e os seus pulmões cheios de poeira e bolor negro, o tecido cor-de-rosa a lutar para respirar, as vias respiratórias

entupidas pelas infeções e pelas doenças.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas e ela olhou para a sua filha, Beatrice Elizabeth Moretti, que dormia nos seus braços. Um amor avassalador e um desejo de a proteger trespassaram-lhe o coração. Algum dia seriam autorizadas a sair de Willard? Para viverem livres, sob a luz do Sol e respirarem o ar puro? Esta confinada instituição fedorenta não era lugar para se criar uma criança. O ar húmido e cheio de germes do hospital, os medicamentos e as doenças não eram bons para os pequenos pulmões de Beatrice. Mais uma vez, como acontecia várias vezes ao dia, a mão gelada do medo apertou o coração de Clara e ela quase que soluçou alto.

— Sinto muito que tenhas vindo aqui parar — disse num murmúrio. — A culpa é minha. Eu devia ter casado com o James. Eu podia ter dito que eras filha dele e tu terias tudo. Mas eu não sabia. Eu não sabia que o meu pai me ia fazer isto. Eu não sabia que ele ia deixar de me amar.

O Dr. Roach tinha dito a Clara que tinha informado os seus pais do nascimento do bebé, mas que não tinha tido resposta. Clara calculou que a notícia de que ela tinha dado à luz um bastardo só tenha enfurecido Henry ainda mais. Tinha a sensação, que de agora em diante, ela e Beatrice estavam sozinhas. Se sobrevivessem.

Na sua ida semanal à casa de banho, com Beatrice embrulhada num cobertor e colada ao seu peito, ouviu os médicos e as enfermeiras falarem sobre tuberculose, febre tifoide, cólera e disenteria. Daquilo que conseguiu perceber, os pacientes mais afetados eram mantidos noutro piso, isolados do resto da enfermaria. Mas morriam pessoas todos os dias, e havia uma grande preocupação em controlarem as doenças infecciosas. O que é que lhe aconteceria a ela e à sua filha se ficassem doentes? As enfermeiras queriam dar banho e pegar na Beatrice ao colo, mas Clara recusou. Desde o dia a seguir a ter dado à luz que não deixava que ninguém tocasse no seu bebé, com medo que fossem portadoras de germes. Se acontecesse alguma coisa à sua filha, não havia necessidade de Clara se ir embora de Willard porque, de uma vez por todas, perderia o juízo.

Agora, Clara esforçava-se por afastar os seus medos. A histeria e o pânico não a ajudariam em nada. Tinha de conservar o seu juízo se queria sobreviver. Em vez do medo, um consistente sentimento de raiva redemoinhava-lhe na boca do

estômago, tornando-se maior e mais intenso a cada respiro. Como é que era possível que os pais lhe tivessem feito aquilo? Como é que tinham sido capazes de a abandonar nas mãos de médicos e enfermeiras que não sabiam nada sobre o tipo de pessoa que ela era na realidade? Ia toda a gente abandoná-la a ela e à filha naquele quarto, para que enlouquecessem, para que ficassem doentes, para que apodrecessem? Ela pensou na sua mãe, perguntando-se se seria possível algumas mulheres não terem instinto maternal? Que tipo de mãe não se importa se nunca mais vir ou falar com o seu filho?

Pensou no dia em que Beatrice tinha nascido, no acordar depois de dar à luz, a pestanejar e a tomar consciência da luz brilhante e de duas figuras indistintas paradas por cima dela. Quando a sua visão se focou, ela viu o Dr. Roach e uma enfermeira a olharem para ela.

— Onde é que está o meu bebé? — perguntou ela, com um sentimento de pânico a rasgar-lhe o peito a uma velocidade de fazer parar o coração, roubando-lhe o ar dos pulmões. Ela tentou sentar-se e sentiu uma guinada aguda de dor, bem fundo no seu abdómen. Ela ignorou-a, decidida a descobrir se a filha estava viva.

— Deixe-se ficar sossegada por agora — disse o Dr. Roach.

— O seu bebé está aqui — respondeu a enfermeira, pousando a mão num berço de madeira. — É uma menina e é saudável.

A sensação de pânico abandonou o corpo de Clara ao mesmo tempo que ela expirava, o seu coração que batia aceleradamente começou a abrandar. Levantou-se com a ajuda dos braços trémulos e espreitou para a sua filha recém-nascida, que estava embrulhada num cobertor branco e a dormir profundamente. Quando Clara se encostou novamente às almofadas, estremeceu. Parecia que lhe estavam a cravar uma faca no baixo-ventre.

— Tem de ficar quieta — disse o Dr. Roach. — Sofreu um grande golpe na cabeça. Pensamos que vai ficar bem, mas tem de ficar na cama durante os próximos dias.

— O que é que se passa comigo? — perguntou ela, pondo as mãos sobre o seu abdómen.

— O Dr. Slade fez-lhe uma pequena intervenção — disse o Dr. Roach num tom de voz calmo. — Não é nada de preocupante. Vai ficar como nova num instante.

— Que tipo de intervenção? — perguntou ela. — O que é que ele fez?

O Dr. Roach dirigiu-se aos pés da cama e pegou na papeleta que ali estava.

— Como médico — disse ele, tirando uma caneta do bolso da bata, — é minha responsabilidade pensar no público como um todo. Se a sociedade quer prosperar, temos de encorajar aqueles com sangue bom a procriar e desencorajar os que têm sangue mau a terem descendência. A esterilização é um processo comum nos hospícios estatais. É da nossa responsabilidade impedir os inaptos de transmitirem o gene da insanidade.

Um nó ardente obstruía a garganta de Clara. Ela pensou em Bruno, como os olhos dele tinham brilhado quando tinham falado em casarem-se e em terem filhos, ele queria dois meninos e duas meninas.

— Como é que se atreve! — gritou ela.

O Dr. Roach escreveu algo na ficha e depois pendurou-a aos pés da cama.

— Falaremos mais tarde — disse ele. — Quando estiver recuperada.

— Não tinha o direito de tomar essa decisão por mim! — exclamou ela, lutando contra a vontade de se levantar e de o estrangular. — Eu não tenho problema nenhum e você sabe!

Ele virou-se e começou a andar em direção à porta, os seus sapatos polidos batendo no chão de mosaicos. Clara chamou-o.

— Este bebé é do Bruno — disse ela, num tom de voz inflamado. — O Bruno existe, independentemente daquilo que o meu pai diz.

Ao pé da porta, o Dr. Roach virou-se.

— Tal como lhe expliquei — disse ele. — Falaremos daqui a uns dias. Pelo menos não se vai meter em mais nenhum sarilho. Por agora, deve descansar.

Nesse preciso momento, o bebé começou a mexer-se, a gemer e a choramingar preparando-se para começar a chorar. O Dr. Roach saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Agora acalme-se — disse a enfermeira a Clara.

Dirigiu-se ao berço e pegou na recém-nascida. O rosto da bebé estava rubro, a sua boca aberta a berrar.

— Tem de pensar na sua filha.

A enfermeira puxou o cobertor até à cintura de Clara, pousou-lhe a bebé chorosa nos braços, e afastou-lhe a camisa de dormir com dedos ásperos, expondo-lhe os seios inchados. Clara pôs uma mão em cima do peito, as suas

faces corando de fúria e humilhação. Pela primeira vez desde que tinha acordado, percebeu que os seus mamilos estavam doridos. Enquanto tinha estado inconsciente, alguém lhe tinha posto a bebé a mamar.

— Ela come bem — disse a enfermeira.

Clara pestanejou e olhou para a recém-nascida que tinha nos braços, o seu rosto pequenino era apenas uma névoa por entre as suas lágrimas, e esqueceu-se da enfermeira que estava parada por cima dela. As faces da sua filha eram rosadas e macias, como a barriga de um cordeiro, as suas pestanas eram longas e escuras, curvando a partir das pálpebras como as de Bruno. Clara tocou na mão pequena e diáfana da filha, e a bebé envolveu os seus pequenos dedos no dedo dela. A criança choramingou e estremeceu, a sua boca rosada e macia à procura do mamilo de Clara. Assim que o encontrou e se agarrou a ele, acalmou e fechou os olhos inchados. Como o fluxo e o refluxo da maré, a cabeça e o estômago de Clara latejavam em vagas poderosas, que aumentavam e diminuíam em perfeita sincronia com a amamentação da sua filha. Ela beijou a testa da filha e deixou cair a cabeça, os seus ombros estremeciam à medida que um amor e um arrependimento avassaladores ameaçavam romper-lhe o coração.

Agora, sentada no quente feixe de luz solar que entrava pela janela da enfermaria, Clara pressionava os seus dedos na linha fina e dura no seu baixo-ventre e foi assolada por uma profunda onda de dor. Os pontos tinham sido tirados há meses, mas aquela zona ainda estava sensível, a sua fúria por aquilo que os médicos tinham feito sem o seu consentimento, ainda estava em carne viva e a sangrar. Passou os seus dedos pelas faces macias de Beatrice, tentando ignorar as sombras que as barras da janela lhe lançavam na pele alva. Clara pensou na sua mãe, a pegar-lhe ao colo quando era bebé, e perguntava-se se Ruth também teria sentido o mesmo amor avassalador pela sua pequena filha indefesa. Indagava-se como é que uma mulher podia dar à luz um bebé e depois, assim que o bebé tivesse crescido, não se preocupar se voltariam a falar? Perguntava-se como é que uma mãe podia ser indiferente ao facto de a filha ter sido presa, agredida, drogada e esterilizada. Como é que uma mãe não tentava saber se a sua filha tinha frio ou fome ou se estaria com medo? Era incompreensível. A cada dia que passava, Clara apaixonava-se cada vez mais por Beatrice, o seu coração explodia de uma afeição tão feroz que chegava a ser doloroso. Não imaginava sentir algo diferente. Durante os longos e solitários meses passados na penumbra

do quarto do hospital, Beatrice tinha estado deitada ao lado de Clara, olhando para ela com olhos curiosos enquanto Clara lhe falava dos pardais e dos tordos pousados nos ramos das árvores lá fora. Beatrice ouvia atentamente, balbuciando ou ficando calada nas alturas certas, enquanto Clara inventava histórias sobre castelos e príncipes e lhe falava do lago, da relva e das árvores. Os olhos cor de chocolate de Beatrice arregalavam-se, como se compreendesse cada palavra, quando Clara lhe descrevia Bruno, quando se tinham conhecido, e que ele iria ser um pai maravilhoso se algum dia elas fossem libertadas.

Para surpresa de Clara, e por motivos que ela não conseguia compreender, o Dr. Roach tinha-se tornado mais atencioso para com ela. Ele vinha ao quarto de Clara para consultas semanais, demorando-se um pouco mais no final das visitas perguntando como é que estava a bebé e dizendo como ela parecia estar saudável e forte. Na sua última sessão, Clara contraíra-se quando o Dr. Roach se aproximou do berço e puxou o cobertor para trás, como se quisesse ver melhor a bebé. Clara pegou na filha e afastou-se para o pé da janela.

— Por favor, não se aproxime dela — disse Clara. — Não quero que ninguém lhe toque.

— Mas eu sou o médico dela — disse o Dr. Roach. — Não precisa de se preocupar. Eu só quero o melhor para ela.

— Ela não precisa de nenhum médico! — retorquiu Clara. — E se realmente quer o que é melhor, deixe-nos ir embora deste lugar!

— Não posso, em boa consciência, dar alta a nenhuma das duas, — disse ele. — Você não está bem, Clara. E enquanto eu não determinar o contrário...

— O que é que vai fazer? — interrompeu Clara. — Manter-nos trancadas neste quarto para sempre?

— Não — disse ele. — Estou à espera de notícias do seu pai, e depois eu...

Clara ficou com a respiração presa na garganta.

— Do meu pai? — perguntou ela. — Pensei que não tinha notícias dele desde que o informou do nascimento do bebé. Disse-lhe que eu não quero um tostão? Que a única coisa que quero é a minha liberdade?

O Dr. Roach abanou a cabeça, os lábios comprimidos.

— Não, não — disse ele fazendo um gesto despreocupado com a mão. — Eu não tive notícias nenhuma.

— Há alguma coisa que não me está a contar — disse ela. — O que é?

— O seu pai pode precisar de algum tempo para processar o facto de ter uma neta, — disse ele. — De certeza que foi um grande choque, principalmente porque não sabemos que é o pai.

— O Bruno é o pai da Beatrice — disse ela, os seus olhos ardiam. — Pergunte ao meu pai.

— Eu perguntei — disse o Dr. Roach dirigindo-se para a porta. — E a resposta dele vai determinar o que acontece a seguir. Se ele chegar a responder.

Desde essa altura que Clara rezava todas as noites para que o pai dissesse a verdade ao Dr. Roach. Que motivo é que ele podia ter para querer que ela ficasse em Willard durante mais tempo? Neste momento, casar-se com James Gallagher estava fora de questão. Tudo o que o pai tinha que fazer era dizer ao Dr. Roach que o Bruno existia e ela seria libertada. Será que era pedir muito?

Agora, ela enterrava o nariz no cabelo espesso de Beatrice, a mesma cor castanha e textura ondulada do cabelo de Bruno, e inspirava o seu doce aroma de bebé, instando para que fossem fortes. Beatrice tinha estado invulgarmente inquieta nos últimos dias, e Clara perguntava-se se seria porque ela precisava de começar a comer alimentos sólidos. Enquanto crescia, Clara não tinha passado muito tempo com bebés, e Ruth certamente não lhe tinha transmitido nenhuma sabedoria maternal. Mas Clara sabia que a partir de determinada altura o leite materno não era suficiente. Clara tinha perguntado às enfermeiras o que é que elas achavam, mas elas tinham-se limitado a encolher os ombros ou a dizer que iam tentar arranjar algo mais adequado.

Para sua surpresa, as suas refeições na enfermaria eram comparáveis às da Casa de Repouso de Long Island; ovos e torrada para o pequeno-almoço, sandes de queijos e fiambre e fruta para o almoço, e frango ou carne de porco com um pãozinho, e para acompanhamento feijões, milho ou ervilhas. Quando mencionou isso a uma das enfermeiras, ficou ainda mais surpreendida por saber que tinha sido o Dr. Roach a pedir aquela alimentação para que ela tivesse leite suficiente para alimentar a bebé. Mas apesar da sua alimentação equilibrada, o seu leite estava a diminuir. Não tinha o suficiente para manter satisfeita uma bebé que estava a crescer.

Pouco depois de ter dado à luz, as enfermeiras tinham conseguido arranjar fraldas de pano e três camisas de dormir infantis. As camisas de dormir tinham sido remendadas e estavam esgaçadas nos cotovelos, mas eram melhores do que

as batas hospitalares que Clara tinha estado a usar para vestir Beatrice.

Por causa dessa anterior gentileza, Clara tinha esperança que as enfermeiras arrajassem comida adequada para uma bebé que estava a crescer; papas de arroz ou puré de frutas ou pelo menos leite de vaca.

Nesse momento, ouviu a chave na porta da enfermaria. Ela levantou-se e virou-se, segurando Beatrice nos seus braços, perguntando-se quem é que vinha ao seu quarto àquela hora. Era muito cedo para lhe virem dar o almoço, e ela só tinha outra consulta com o Dr. Roach no fim de semana. Será que o seu pai tinha finalmente respondido à carta do Dr. Roach? Clara prendeu a respiração vendo a porta a abrir-se.

Uma enfermeira entrou e afastou-se, segurando a porta. Clara reconheceu-a como sendo uma das enfermeiras que tinha trazido as camisinhas de dormir e as fraldas. Ela tinha sorrido e tinha falado para Beatrice de uma forma terna, dizendo a Clara que ela tinha uma bebé linda. Agora, a enfermeira mantinha os olhos fixos no chão, como se estivesse a evitar o olhar de Clara. O Dr. Slade e uma mulher vestida com roupas civis entraram no quarto, os rostos sérios. A mulher usava um casaco de lã comprido e um chapéu *bucket* verde, madeixas de cabelo castanho espreitavam por debaixo das abas curtas. Com um cobertor cor-de-rosa dobrado em cima do braço, olhou em redor com a boca franzida, rugas vincavam-lhe o lábio superior como linhas numa régua. Dois ajudantes seguiram o Dr. Slade e a mulher para dentro do quarto, depois fecharam a porta atrás deles. Clara não conseguia perceber porque é que o Dr. Slade estava ali. Tinham-se passado semanas desde a última vez que a tinha ido ver.

— O que é que se passa? — disse ela.

— Esta é a Sra. Mason — disse o Dr. Slade, com o rosto impassível.

Ele e a mulher aproximaram-se de Clara.

— Ela é da Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens.

A Sra. Mason cumprimentou Clara com um ligeiro aceno de cabeça, depois pousou os olhos em Beatrice. Os auxiliares permaneciam à entrada, alertas e a observarem. A enfermeira mantinha a cabeça baixa, as mãos entrelaçadas na cintura enquanto continuava a olhar para o chão. Passava-se alguma coisa. Clara recuou com Beatrice colada aos seios, o seu coração batia desenfreadamente.

— O que é que quer? — perguntou ela.

— Isto não é lugar para um bebé — disse a Sra. Mason. — Eu prometo

encontrar-lhe um bom lar.

A agonia apoderou-se do peito de Clara, como se uma mão gigante lhe tivesse atingido o tórax e lhe tivesse arrancado o coração. A sua respiração tornou-se mais acelerada e o seu estômago contorceu-se, uma guinada de dor lancinante que quase a fez dobrar-se.

— Não! — gritou Clara. — Ela é minha! Não a podem levar!

Recuou até que bateu na parede ao lado da janela, as suas pernas estavam trémulas, os braços gelados. Começou a engasgar-se, tinha a certeza que ia vomitar.

O Dr. Slade e a Sra. Mason contornaram a cama e aproximaram-se cada vez mais. O Dr. Slade agarrou no braço de Clara. A Sra. Mason pendurou o cobertor nos pés da cama e estendeu os braços para pegar em Beatrice.

— Não! — gritou Clara.

Ela desviou-se para o lado e libertou-se da mão que a prendia, correndo para o canto mais longínquo do quarto. Os auxiliares deixaram os seus postos e caminharam na direção delas, as suas bocas apertadas. O Dr. Slade e a Sra. Mason seguiram Clara e encurralaram-na num canto, os braços estendidos como se estivessem a cercar um animal selvagem.

— Dê-nos o bebé — disse a Sra. Mason. — Não a quer deixar cair, pois não?

— Afastem-se de nós! — gritou Clara. — Eu não vou deixar que a levem!

O Dr. Slade deu um salto para a frente e agarrou o braço de Clara com as duas mãos, grunhindo com o esforço. A Sra. Mason dirigiu-se a Beatrice, as suas mãos ásperas tentando libertar a bebé dos braços da mãe. Clara empurrou-a e a Sra. Mason cambaleou para trás, a esbracejar com os olhos arregalados. Beatrice acordou e começou a berrar, o seu rosto vermelho e enrugado. A Sra. Mason recuperou o equilíbrio e avançou novamente, com as mãos estendidas. Clara contorcia-se para se libertar do forte aperto do Dr. Slade. Ela pontapeou-o nas canelas. Ele praguejou e segurou-a com mais força, cravando-lhe os dedos grossos nos músculos. Antes que Clara percebesse o que é que estava a acontecer, os auxiliares estavam em cima dela, um posicionou-se atrás dela agarrando-lhe os braços e o outro à sua frente para que não deixasse cair a bebé. A Sra. Mason fez um esforço para pôr as mãos por baixo de Beatrice.

Clara libertou um dos braços e esmurrou a Sra. Mason na boca. A Sra. Mason tocou no seu lábio inferior e afastou a mão, os olhos arregalados a olharem

fixamente para o sangue que tinha na ponta dos dedos. Os auxiliares puxaram o braço de Clara para trás das costas dela. A Sra. Mason olhou para ela e limpou a boca, manchando o queixo de sangue. Clara prendia Beatrice ao seu peito com uma mão, contorcendo-se para se tentar libertar. Mas era escusado. Os ajudantes eram muito fortes.

— Não! — gritou ela com a garganta em carne viva. — Por favor! Vocês não podem levar a minha bebé!

— Podemos e vamos levar — replicou a Sra. Mason.

Com a ajuda do Dr. Slade, a Sra. Mason tirou Beatrice dos braços de Clara, com um sorriso presunçoso no rosto. Com toda a força que ainda lhe restava, Clara atirou-se para a frente e libertou-se dos auxiliares. Cravou as unhas nas faces da Sra. Mason e pegou na filha. A Sra. Mason gritou, levando as mãos ao rosto. Clara apertou Beatrice contra o peito e tentou fugir mas os auxiliares agarraram-na pelos ombros. O Dr. Slade arrancou Beatrice dos braços de Clara, o seu rosto contorcido de determinação.

— Não — disse Clara a soluçar. — Por favor. Não a levem.

— Sinto muito — retorquiu o Dr. Slade. — Um dia vai perceber que foi melhor assim.

A enfermeira tinha pegado numa toalha para limpar o rosto da Sra. Mason, os seus olhos estavam marejados de água. A Sra. Mason arrancou a toalha das mãos da enfermeira e limpou a cara, depois pegou no cobertor e esticou-o em cima da cama. O Dr. Slade entregou Beatrice à Sra. Mason, amparando-lhe com uma mão a cabeça pequenina e de cabelo escuro. A Sra. Mason deitou Beatrice na cama, embrulhando o cobertor às pernas que esperneavam, depois levantou-a, embalando nos seus braços a bebé chorosa.

— Está claro que tomou a decisão certa — disse ela ao Dr. Slade. — Esta mulher não está apta para ser mãe.

O Dr. Slade acenou com a cabeça, ainda a tentar recuperar o fôlego.

— Nãaaaaaaaooooooooo! — gritou Clara até sentir o gosto a sangue na sua garganta.

Contorceu-se, com toda a força que tinha, para se conseguir libertar dos auxiliares. A Sra. Mason começou a caminhar em direção à porta e Clara caiu de joelhos no chão, todos os músculos e ossos do seu corpo lhe doíam de agonia e tristeza. Os auxiliares empurraram-na para baixo, a sua face bateu nos mosaicos

frios com um baque de ossos a chocalharem. Sentiu uma picada no braço e voltou a sua cabeça para a porta. A última coisa que viu foi a Sra. Mason a sair do quarto com a sua filha nos braços, o cobertor cor-de-rosa pendurado num dos lados do seu casaco de lã. Beatrice estava a gritar.

Clara virou a cabeça na almofada dura, a luz cinzenta do princípio da manhã entrava através de uma janela gradeada. Ela conseguia ver um conjunto de cedros, e um homem de botas de borracha a caminhar ao longo de uma estrada com uma pá em cima do ombro. Em seguida, ouviu alguém a gritar. Sentou-se e olhou em redor da sala. Meia dúzia de mulheres estavam sentadas em camas imundas, as pernas acorrentadas aos pés das camas. Clara olhou para baixo. Tinha uma corrente presa ao seu tornozelo. Ela estava na Rookie Pest House.

CAPÍTULO 13

IZZY

N uma límpida e fresca noite de sábado no princípio de outubro, a lua cheia brilhava num céu de cobalto, uma esfera pintalgada rodeada de milhões de pontos de luz. Vestindo calças de ganga, ténis e uma camisola com capuz, Izzy viajava no banco de pele do *BMW* de Alex, tentando não se sentir culpada por ter mentido à Peg e ao Harry novamente. Primeiro, não lhes tinha dito que tinha sido Ethan que tinha tirado o diário, e agora isto. É certo que era apenas uma mentira inocente; que ia dormir a casa de Alex quando na verdade ia acampar com os finalistas de Lakeshore e da Romulus Central, que era ali perto. Mas mesmo aquela pequena mentira fazia-a sentir mal. A Peg e o Harry eram tão bons para ela.

Alex tamborilava com os dedos no volante, cantando ao mesmo tempo a música «You Oughta Know» de Alanis Morissette que vociferava no rádio. Quando Alex saiu da autoestrada de duas faixas e virou para uma estrada de terra o peito de Izzy apertou-se. Ainda não tinha a certeza que isto fosse uma boa ideia. Alex diminuiu a velocidade quando entrou na estrada esburacada, baixando o rádio na altura em que entrou num túnel escuro e frondoso formado por árvores baixas, encolhendo-se no banco quando um ramo raspou no tejadilho do carro.

Os faróis saltitavam ao longo da estrada de cascalho esburacada, iluminando pequenos olhos brilhantes na vegetação rasteira.

— Tens a certeza que é este o caminho? — perguntou Izzy.

— Tenho — disse Alex. — Costumamos fazer muitas festas aqui. Nunca ninguém vem patrulhar esta área. É propriedade estatal, faz parte do velho Hospício Willard.

Izzy engoliu em seco. Decididamente, isto tinha sido um erro.

— Eu não devia ter vindo — disse ela, olhando para os bosques. — Com tudo o que se passou com a Shannon, não quero que haja problemas.

— Vão estar lá tantas pessoas que nem vais dar conta que ela lá está. Só tens

de a ignorar.

— E se ela não me ignorar a mim?

— Vais estar comigo e com os meus amigos da Romulus. Eles também não vão aturar as merdas de Shannon. Não vais ter problemas.

— Não sei...

— Queres fazer o favor de relaxar e viver um bocadinho? É o teu último ano! Tens de amalucar enquanto podes!

Não, obrigada, pensou Izzy. *É precisamente isso que eu estou a tentar NÃO fazer.* No fim da estrada de terra desembocaram numa clareira relvada apinhada de carros, carrinhas e motas. Izzy mordeu o lábio. Através das árvores do outro lado da zona de estacionamento ela conseguia ver um grupo de jovens a beber, a fumar e a dançar à volta de uma grande fogueira perto da margem. Fagulhas saltitavam no céu noturno, como pequenos pirilampos girando descontroladamente. Ao fundo, o lago Seneca surgia como uma enorme taça preta, a lua cheia refletia-se na sua superfície numa faixa larga e ondulada.

Alex estacionou e saiu do *BMW*, tirando do banco traseiro os sacos delas, os cobertores e a tenda. O ritmo da música alta batia dentro do peito de Izzy como se fosse o coração de outra pessoa. Uma brisa fresca trazia o cheiro, que até não era desagradável, do lume e da madeira que ardia, de peixe em decomposição e algas húmidas, de água fresca num recipiente de ferro.

Izzy agarrou no casaco que trouxera a mais, pendurou o saco no ombro, e seguiu Alex em direção ao outro lado da zona de estacionamento. Atravessaram uma passarela de madeira por cima do pântano, depois continuaram por um trilho sinuoso através de grupos de árvores pequenas e tiras de areia até chegarem à margem. Dezenas de adolescentes estavam reunidos na praia, de pé ou sentados em cadeiras desdobráveis à volta da fogueira, montando tendas, reunidos em cima de mantas, a comer piza e batatas fritas, a fumar charros e a beber cerveja. Um grupo estava sentado em volta de um cachimbo de água enquanto outro jogava voleibol e um terceiro passava de mão em mão uma garrafa de *Jack Daniels*. Alguém tinha trazido o seu *Pontiac Sunfire* até à areia e tinha aberto a bagageira, o baque das colunas estéreo fazia vibrar o carro. A festa tinha começado às três da tarde, mas Izzy e Alex tinham chegado mais tarde porque tinham tido que trabalhar.

— Vamos pousar as coisas ali — disse Alex, apontando para um lugar vazio

perto do declive relvado de uma duna. Izzy seguiu Alex através da multidão, procurando os rostos das pessoas que ela conhecia, perguntando-se se alguém iria perguntar que raio é que ela estava a fazer ali. Ela viu um rapaz a fazer o pino enquanto Luke e Josh o seguravam pelas pernas e deitavam cerveja para um funil, que corria através de um tubo para a boca do rapaz. Uma multidão juntou-se, a gritar, «Vai, vai, vai!», enquanto o rapaz, de pernas para o ar, tentava engolir a cerveja sem a entornar.

Izzy reparou nalguns casais sentados perto da fogueira, a «curtirem» de mãos dadas. Quando viu Ethan e Shannon embrulhados num cobertor, a falarem e rirem-se com Crystal e o namorado dela, Dave, desviou o olhar.

— Pelo visto os rumores não são verdadeiros — disse Alex, deixando cair o seu saco na areia. — Pelo menos, ainda não.

— Que rumores?

Alex acenou com a cabeça na direção de Ethan e Shannon.

— Toda a gente diz que ele vai acabar com a Shannon para te convidar para saíres com ele.

Izzy sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

— Isso não vai acontecer.

— O quê? Ele não vai acabar com ela, ou não te vai convidar para sair?

— Nem uma nem outra.

— Estás a dizer-me que não estás interessada? — disse Alex com um sorriso no rosto.

Ela ajoelhou-se e desenrolou a tenda.

— Não estou. Principalmente, porque não estou interessada que a arruaceira da escola venha atrás de mim.

— Quer dizer que se não fosse pela Shannon estarias interessada?

— Não foi isso que eu disse.

— Já percebi. Ainda namoras com um rapaz da tua antiga escola.

Izzy abanou a cabeça.

— Estou apenas concentrada em chegar ao final do ano. Tenho de decidir o que é que vou fazer depois de fazer dezoito anos. Não preciso de um estúpido relacionamento a atrapalhar-me a vida.

— Hum-hum — disse Alex.

Nesse momento, um grupo de rapazes e raparigas aproximaram-se, traziam

mantas, uma tenda, sacos e uma geleira. Os rapazes pousaram a geleira e puseram mãos à obra para montarem a tenda enquanto as raparigas abraçavam Alex, que depois as apresentou a Izzy.

— Estas são a Kim e a Jackie da Lakeshore.

Fez um gesto com a mão na direção dos rapazes.

— O Chris é da Lakeshore, e o Fin e o *Turtles* são da Romulus.

— Olá — disse Izzy a sorrir.

Jackie rebuscou dentro da geleira e passou a Izzy e a Alex uma manga refrigeradora. Ela era alta e magra, tinha o cabelo loiro preso numas longas tranças, a sua pele macia e bronzeada. Parecia saída de um anúncio da *Coppertone*. Kim era pequena e gorducha, com cabelo castanho e óculos grossos. Os rapazes pararam de trabalhar, pegaram numas cervejas, e juntaram-se às raparigas.

— A Alex contou-te porque é que chamamos *Turtle* ao *Turtle*? — perguntou Fin a Izzy.

Izzy abanou a cabeça e o *Turtle* esmurrou o braço de Fin.

— Está mas é calado! — disse ele.

Fin apontou-lhe para a zona púbica.

— Porque aquilo parece uma tartaruga bebé com a cabeça de fora.

Desataram todos à gargalhada e *Turtle* saltou para as costas de Fin, tentando fazê-lo cair na areia.

— Não lhes lighes — disse Jackie a Izzy. — São uns idiotas.

— Oh, oh — disse Alex.

Ela estava a olhar para trás de Izzy, na direção da fogueira. A Jackie e a Kim seguiram o olhar dela, arqueando as sobrancelhas de surpresa. Izzy voltou-se para olhar e o seu coração acelerou. Ethan, Shannon, Josh, Crystal e Dave dirigiam-se a eles. Izzy olhou para Alex, perguntando-se o que é que devia fazer. Alex encolheu os ombros. Quando Ethan e os outros chegaram ao pé deles, os rapazes cumprimentaram-se, levantaram as cervejas e brindaram. Izzy manteve os olhos fixos no chão.

Shannon e Crystal disseram olá ao grupo de uma forma absurdamente melosa. Alex revirou os olhos. A Jackie, a Kim e os rapazes deram as boas-vindas a todos, oferecendo cerveja e vinho. Os rapazes começaram a falar sobre carros e futebol enquanto as raparigas falavam sobre quantas almofadas tinham trazido e

o banho de sol que tinham planeado para a manhã seguinte. Izzy manteve os olhos fixos em Alex, Kim e Jackie. Então alguém lhe tocou no braço e ela sobressaltou-se. Era Shannon.

— Posso falar contigo? — disse ela num tom de voz adocicado. — A sós?

Izzy bebeu um grande gole de vinho e olhou para Alex, que observava de testa franzida. A Shannon olhou para Izzy com olhos tristes, o seu lábio inferior quase curvado para baixo.

— O que é que queres falar com ela? — perguntou Alex em voz alta.

Ethan parou de brincar com Fin e Dave e olhou para ver o que é que se passava. Aproximou-se, com uma expressão estampada no rosto.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Shannon deu-lhe a mão. Crystal puxou a camisola de Dave e disse-lhe que estivesse sossegado. Um a um, todos acabaram por se calar. Izzy tinha a sensação inquietante que eles estavam prestes a fazer um ritual na praia e que ela estava em vias de se tornar a vítima.

— Pronto, está bem — disse Shannon, revirando os olhos. — Eu digo à frente de toda a gente.

— Isto deve ser interessante — murmurou Alex.

— Eu sei que tenho sido uma cabra e peço desculpa — disse Shannon. — Eu estou a falar a sério. Este é o nosso último ano e eu quero ter boas recordações e não más. Eu ia começar por pedir desculpa à Izzy. Mas sei que também tenho de te pedir desculpas a ti, Alex.

Alex deu uma gargalhada.

— Achas mesmo que vai ser assim tão fácil? — disse ela. — Tens sido mais do que uma cabra para mim, e também para uma data de gente.

— Porque é que não ouvem aquilo que ela tem para dizer? — resmungou Crystal.

— Estou a ouvir, não estou? — perguntou Alex.

— Está tudo bem, Crystal. — Disse Shannon.

Depois, como se tivesse ficado com frio de repente, esfregou os braços e chegou-se mais a Ethan, que despiu o seu casaco e embrulhou-a em redor dela. Ela sorriu e deu-lhe um beijo na face, depois olhou para Alex e Izzy com o queixo a tremer. Aquilo parecia uma encenação montada para inglês ver.

— É-me difícil dizer isto — disse Shannon. — Mas a Alex tem razão. Eu

tenho sido pior que uma cabra. Tenho sido uma pessoa má, egoísta e horrível. Tenho tratado as pessoas abaixo de cão e estou arrependida. Não há nada que o justifique.

— Então, — disse Alex, num tom de voz desconfiado — depois de termos passado anos a sermos aterrorizados por ti, é suposto acreditarmos que de repente reconheces os teus erros? É suposto engolirmos as tuas merdas e dizermos «Huuuummmmmmm, tão bom»?

Shannon olhou para ela com as faces a enrubescerem.

— Eu sei que é pedir muito — disse ela. — Mas todos estes anos a ouvir o que as pessoas diziam do meu pai e da minha mãe...

Ela baixou os olhos.

— Eu sei que pensas que tenho um coração de pedra. Mas não tenho. Magoa ouvir o que as pessoas dizem da minha família. Acho que eu apenas... não sei. Eu queria vingar-me e também magoar as pessoas. Eu sei que isso é errado.

Izzy ouviu as palavras a saírem da sua boca antes que pudesse impedi-las.

— As pessoas vão continuar a falar — disse ela. — Não há nada que possas fazer em relação a isso. Só tens que as ignorar.

Shannon inclinou a cabeça e sorriu para Izzy, como se fosse uma menina pequenina a ver um cachorro na montra de uma loja de animais.

— Vês, — disse ela — eu sabia que a Izzy iria compreender. Peço desculpa por ter dito em frente a todos na aula que a tua mãe está presa.

Izzy estremeceu e olhou para os amigos de Alex, à espera da reação deles.

— Oh, meu Deus, acabaste de fazer a mesma coisa! — disse Alex, num tom de voz alto. — A Izzy acabou de conhecer os meus amigos e tu acabaste de pôr a boca no trombone.

Shannon pôs uma mão em cima da boca.

— Ups — disse ela. — Não foi de propósito. Desta vez não foi, juro!

Alex abanou a cabeça.

— Não sei — disse ela. — Parece que aproveitaste esta ocasião para envergonhar a Izzy outra vez.

— Não — disse Shannon. — Não foi. A sério. Vá lá. Tens de me dar uma oportunidade. Vou demorar algum tempo a mudar. Peço muita desculpa, Izzy.

Shannon olhou para Izzy com os olhos marejados de lágrimas. Ao lado dela, Ethan observava a cerveja que tinha na mão, a areia, o Fin e o *Turtle*, tudo menos

Izzy. As palavras de Shannon, o seu tom de voz, a sua postura, a forma como o seu lábio tremeu quando ela falou, parecia tudo genuíno. E no entanto, Izzy podia jurar que tinha visto o brilho ardente da fúria a dançar nos olhos de Shannon. Mas pelo menos por esta noite, ela decidiu alinhar.

— Não posso falar por todos — disse ela. — Mas eu estou disposta a dar-te outra oportunidade.

Na verdade, estava aliviada. Mesmo que Shannon voltasse ao seu comportamento maléfico quando voltassem à escola na segunda-feira, talvez por uma noite, Izzy pudesse descontraír, divertir-se e fazer novos amigos.

— A sério? — perguntou Alex a Izzy. — Vais perdoá-la assim tão facilmente?

— Está tudo bem, Alex — disse Shannon. — Eu sei que foi a ti que te tratei pior. Tens todos os motivos para nunca mais me dirigires a palavra. Não és obrigada a desculpar-me se não conseguires. Mas eu espero que pelo menos possamos ser civilizadas uma com a outra até à graduação.

Toda a gente olhou para Alex, à espera de uma reação, Izzy encolheu os ombros, esperançosa que Alex não estivesse chateada com ela por ter cedido tão facilmente. Por fim, Alex revirou os olhos.

— Seja — disse ela. — Vou dar-te outra oportunidade porque estou farta de todas as discussões e traições. Mas aviso-te já, não me faças de parva que eu não te perdoo novamente.

— Prometo! — disse Shannon.

Começou a dirigir-se em direção a Alex com os braços estendidos, mas esta deu um passo atrás com a mão levantada. Shannon parou a curta distância.

— OK, já percebi — disse ela a sorrir. — Ainda é muito cedo.

Esticou a garrafa de vinho que tinha na mão.

— Podemos ao menos brindar aos novos começos?

— Claro — respondeu Alex, levantando ligeiramente a sua garrafa.

Depois de todos terem bebido, Shannon disse:

— A nossa tenda é ali ao pé dos vidoeiros. Depois de se instalarem, porque é que não vão lá ter?

— Vamos ver — respondeu Alex.

Shannon olhou para Izzy.

— Vais lá ter connosco?

Izzy encolheu os ombros.

— Claro — respondeu.

— Ótimo — disse Shannon a sorrir. — O Josh trouxe bombinhas. Vamos esperar por vocês para as acendermos.

Ela beijou Ethan e puxou-o, pequenas nuvens de areia saltavam da parte de trás dos seus chinelos à medida que ela se dirigia apressadamente para a fogueira. A meio caminho, ela levantou a sua garrafa no ar e gritou:

— Festaaaaaaaaaaaaaaa!

Fin e os rapazes foram acabar de montar as tendas enquanto Jackie e Kim abriam as cadeiras e esticavam as mantas. Izzy ajoelhou-se na areia para ajudar Alex a montar a tenda delas.

— Que raio é que foi aquilo? — perguntou ela baixinho para que os outros não pudessem ouvir.

— Não faço ideia — respondeu Alex. — Mas conheces aquele velho ditado que diz «Mantém os teus amigos por perto mas os teus inimigos ainda mais perto»?

— Achas que é isso que ela está a tentar fazer? — perguntou Izzy.

— De certeza absoluta — disse Alex. — O que significa que tens de ter ainda mais cuidado.

— Eu? — perguntou Izzy. — Porquê?

— Porque esta foi, minha ingénua amiga, a primeira vez que ela pediu desculpas. Nunca tinha acontecido. Deve ter ficado para morrer. Deve sentir-se mesmo ameaçada por ti.

O estômago de Izzy contraiu-se. Ela tivera esperança que o pedido de desculpas de Shannon tivesse sido sincero, que ela ia mesmo virar a página. Mas já devia saber. Nunca nada era assim tão fácil.

Por volta da meia-noite, cerca de metade dos adolescentes estava desmaiada na areia, nas suas tendas, ou sentados a discutir política e religião, a suas vozes eram altas, as palavras arrastadas. Alex, Izzy, Jackie e cerca de uma dezena de outras pessoas, incluindo Shannon e Ethan, estavam sentados em troncos que tinham dado à costa, à volta da fogueira. Izzy agitava as brasas alaranjadas com a ponta de um pau comprido, partindo pedaços carbonizados e bocados de madeira em brasa enquanto Alex e Fin tinham um aceso debate sobre o aquecimento global. A noite tinha corrido melhor do que Izzy esperava. Na verdade tinha-se descontraído e brincado; atirara bombinhas para a fogueira e

observara alguns rapazes e raparigas a brincarem ao desafio no lago. Estava prestes a dizer à Alex que ia voltar para a tenda quando Josh se levantou e arrastou-se em redor da fogueira na direção dela. Ela continuava a ficar «maravilhada» com o seu tamanho gigantesco e a sua voz fininha. Ele era a estrela da defesa da equipa de futebol e não conseguia evitar uma certa risota quando o imaginava a incentivar a equipa, «'Bora lá!», no campo.

— Hei, queres companhia? — perguntou ele.

Estava descalço e sem *T-shirt*, o seu peito nu estava coberto de pelos ruivos. Izzy praguejou baixinho.

— Na verdade, estou prestes a ir-me deitar — respondeu ela.

Ele ignorou-a e cruzou as pernas grossas por baixo dele, como um sapo-boi gigante, sentando-se ao lado dela no tronco. A sua coxa tocou na dela e Izzy desviou-se.

— Então, gostas de viver nas lindas margens do lago Seneca?

Ele sentou-se no tronco com os braços apoiados nos joelhos, e uma garrafa de cerveja na mão carnuda e sardenta.

Izzy manteve o olhar nas brasas cintilantes.

— Está-se bem.

— Tenho a certeza que as coisas vão ser mais fáceis agora que tu e a Shannon são amigas.

Ela olhou para ele. Os seus olhos estavam vidrados e o rosto vermelho, rubro do excesso de Sol e álcool. Mas não parecia estar bêbedo. Izzy calculava que ele conseguisse beber uma grade de cervejas sem ficar tocado.

— Esperemos que sim — disse ela. — Há quanto tempo é que tu e a Shannon são amigos?

Josh franziu a testa, um lampejo de incerteza passou-lhe pelo rosto. Em seguida, a confusão desapareceu e ele sorriu.

— Oh, ela e eu já nos conhecemos há muito tempo — disse ele. — Somos os melhores amigos desde o jardim de infância. Costumávamos dar beijinhos atrás do piano.

— O Ethan sabe que costumavas curtir com a namorada dele? — perguntou Izzy.

Era uma tentativa desajeitada de tentar ter graça, mas não se conseguiu lembra de mais nada. E por outro lado, talvez estivesse a tentar descobrir mais sobre o

Ethan e a Shannon.

Josh pôs um dedo nos lábios, como que a pedir que ela se calasse.

— O Ethan e eu somos amigos. Ele sabe que eu e Shannon éramos os melhores amigos.

— Eram?

Josh torceu os seus lábios grossos, como se estivesse a repensar naquilo que tinha dito.

— Ela agora namora com o Ethan. Ele é o melhor amigo dela. Mas nós ainda somos amigos.

— Ah — disse Izzy.

Subitamente sentiu o braço pesado de Josh nos seus ombros. As suas narinas foram invadidas pelo cheiro a suor e cerveja.

— Talvez tu e eu possamos ser os melhores amigos — disse ele.

— Hum — respondeu Izzy.

Afastou o braço dele dos seus ombros e levantou-se.

— Acho que me vou deitar.

O Josh agarrou-lhe o braço, a sua mão gigante parecia uma algema quente e suada à volta do pulso dela.

— Senta-te — disse ele, puxando-a. — Não podemos falar por um bocadinho? Ficarmos a conhecer-nos um bocadinho melhor?

Ela puxou a mão.

— Desculpa — respondeu. — Mas eu estou cansada e vou para a cama.

Nessa altura, o Dave levantou-se, dirigiu-se ao carro e desligou o rádio.

— Hei pessoal! — gritou ele, voltando para o pé da fogueira que se estava a apagar. — É meia-noite! Vocês sabem o que é que isso significa!

Josh levantou-se e esticou o punho no ar.

— Sim! — gritou ele. — ‘Bora lá fazer isso!

Umhas dezenas de outros adolescentes puseram-se de pé num salto, a falarem entusiasmados e pegarem em lanternas e cerveja. Do outro lado da fogueira que se apagava, Ethan pôs-se de pé e testou a sua lanterna. Shannon e Crystal puseram os carapuços dos casacos e esperaram com sorrisos excitados, as pernas a tremer de antecipação.

— Vamos fazer o quê? — perguntou-lhe Izzy.

— Vamos explorar Willard! — disse Josh.

Acabou de beber a cerveja e atirou a garrafa para as brasas.

— Anda! Eu trouxe lanternas a mais.

O estômago de Izzy começou a revirar-se. Ao lado dela, Fin e Alex tinham-se levantado e estavam a dobrar a manta que tinham enrolado à volta dos ombros.

— Tu não vais, pois não? — perguntou Izzy a Alex.

— Claro que vou! — respondeu Alex com os olhos a brilhar. — Eu adoro fantasmas e sessões espíritas e essas tretas todas. Vai ser espetacular! Nós costumávamos ir pela margem do lago até Willard para entrarmos na velha casa dos barcos. Era assustador como o caraças mas nunca vimos nada. Agora podemos explorar os edifícios *todos*!

— Bom, então divirtam-se, — disse Izzy. — Eu vou ficar aqui a dormir.

— Oh, anda lá — disse Alex. — Não sejas desmancha-prazeres. São só cerca de dois quilómetros.

— Eu não estou preocupada com a distância — disse Izzy.

Alex inclinou a cabeça.

— Anda lá. Se começar a ser de mais para ti vimos embora. Prometo.

— Se ela não quiser ir, — disse Josh, — não é obrigada. Eu fico aqui a fazer-lhe companhia.

Ele pôs o braço à volta de Izzy novamente e puxou-a na direção do seu corpo corpulento e suado. Izzy tirou-lhe a mão do seu braço e afastou-se do seu aperto.

— Pensando melhor, — disse ela a Alex. — Talvez a caminhada me faça bem.

Toda a gente calçou os sapatos e vestiu as *T-shirts*, e puseram-se ao longo da margem, as lanternas balouçavam, iluminando as rochas, o céu, a areia e a floresta. A lua cheia refletia-se no lago, dando à água um brilho azulado transcendental. Luke e Josh iam à frente, escolhendo o caminho mais fácil para contornarem árvores caídas e rochedos enormes, levando ao colo algumas raparigas para que não molhassem os pés nas zonas pantanosas. Quando avistaram a casa dos barcos e o cais de Willard, Luke parou e virou-se de frente para o resto do grupo.

— Vamos dividir-nos por grupos, — disse ele. — Assim conseguimos cobrir mais território. Se alguém vir alguma coisa, reagrupamo-nos e vamos explorar todos juntos. Tenho uns amigos que andaram pelos túneis por baixo de Chapin Hall e encontraram a morgue. Viram aquilo que parecia ser uma mulher perto da cripta onde guardavam os corpos.

Crystal e uma das amigas guincharam e abraçaram-se, rindo de forma estridente. Luke levantou uma mão para as calar.

— O rosto da mulher estava inchado e negro, — disse ele. — Como se tivesse estado debaixo de água ou algo do género. Abriu a boca como se fosse gritar e depois desapareceu.

— Oh, meu Deus! — gritou uma das raparigas.

— Cala-te! — disse alguém.

— Os médicos costumavam praticar a terapia dos choques elétricos na cave de Chapin Hall, — disse Luke. — Nos anos 40, houve uma grande inundação e vários pacientes morreram afogados lá em baixo. Acho que foram cerca de cinquenta. Pensamos que a mulher era um deles.

— Tretas! — gritou um dos rapazes.

— Depois contas-me como é que foi — disse Jackie a Alex. — Eu vou voltar para o acampamento.

— Oh, vá lá — disse Alex. — Vai ser divertido.

Jackie abanou a cabeça.

— É demasiado intenso para mim.

— Eu vou contigo — disse Izzy.

— Não me podem abandonar as duas — disse Alex. — Vá lá, Izzy. Por favor? Tens de ficar.

Izzy resmungou interiormente.

— Está bem — disse ela.

Quando mais não fosse, talvez encontrasse qualquer coisa que lhe desse mais informações sobre Clara e a sua filha.

— Se alguém quiser voltar para trás, — disse Josh — está à vontade. O resto da malta vai entrar. Agora vamos meter os pés a caminho. Eu, o Bryan, o Paul e o Ethan vamos ser os líderes dos grupos. Um grupo vai explorar as alas, outro a morgue por baixo de Chapin Hall, outro a Hadley Hall e outro a Rookie Pest House. Luke e Dave, que tal nós explorarmos a morgue?

— Estamos lá — disse Dave. Pôs um braço à volta de Crystal, que sorriu e acenou com a cabeça em consentimento.

— Eu também — disse Luke.

— Fantástico! — disse Josh. Olhou para Alex e Izzy. — Vocês querem ficar no nosso grupo?

Alex olhou para Izzy.

— Era fantástico explorar a morgue — disse ela.

Izzy encolheu os ombros.

— Para mim é indiferente em que grupo fico — retorquiu ela.

— Parece que ficamos no vosso grupo — disse Alex a Josh.

— Já tenho o meu grupo! — anunciou Josh.

Izzy cerrou os maxilares. Entrar em Willard durante o dia já era suficientemente mau, mas ir à morgue por baixo de Chapin Hall à noite? E com alguns dos amigos de Shannon? Parecia uma péssima ideia. Mas o que é que ela podia fazer? Se tentasse voltar para trás, o Josh provavelmente iria oferecer-se para a acompanhar. E ela não queria admitir que estava com medo. Pelo menos eram muitos. O melhor era despachar logo aquilo.

— Pessoal, desliguem as vossas lanternas até chegarmos aos edifícios — disse Josh.

Trepam o declive relvado em direção aos edifícios degradados de Willard, o luar e as sombras estendiam-se pelos vastos terrenos. Quando chegaram a Chapin Hall, toda a gente parou e ficou a olhar, apontando as lanternas para as janelas gradeadas e para as águas-furtadas escurecidas. O enorme edifício Vitoriano parecia dez vezes mais assustador à noite. Izzy sentiu a primeira centelha de ansiedade revoltear-lhe no peito. Como diabos é que ela se encontrava ali pela terceira vez? E nada mais, nada menos, prestes a entrar na morgue depois da meia-noite?

— Oh meu Deus — disse Crystal. — Este é o edifício mais assustador que eu já vi!

— Aposto que a morgue ainda é mais assustadora — disse Alex com um risinho.

Crystal agarrou na mão de Dave.

— Brrr — disse ela, a saltitar de um pé para o outro. — Estou com tanto medo que acho que vou fazer chichi nas cuecas!

Na decadente e esburacada estrada em frente a Chapin Hall, os grupos separaram-se, o grupo de Ethan dirigiu-se para as alas dos pacientes, o grupo de Bryan dirigiu-se à Rookie Pest House, o grupo de Paul encaminhou-se para Hadley Hall e o grupo de Josh seguiu para a morgue.

Josh conduziu o grupo em torno das alas para as traseiras de Chapin Hall, o

edifício de tijolo de dois andares prolongava-se em blocos, com inúmeras alas, extensões e acrescentos no telhado que faziam com que parecesse que uma miscelânea de edifícios mais pequenos tinha sido adicionada depois uma reflexão posterior. Pilhas de folhas mortas amontoavam-se nos cantos dos alicerces e velhos ninhos estavam pendurados nos altos beirais.

Por trás de Chapin Hall, Josh parou ao fundo de uma escada de emergência enferrujada. Tal como as escadas de emergência das alas dos pacientes, a saída do segundo andar e os degraus que conduziam ao solo estavam dentro de gaiolas de arame. Izzy ainda não tinha reparado, mas ao fundo das escadas havia outra gaiola, grande o suficiente para albergar uma dezena ou mais de pessoas, com uma porta de arame fechada a cadeado pelo lado de fora. Se tivesse havido um incêndio, as pessoas que estavam no interior poderiam ter saído pela porta e descido as escadas, mas teriam tido que esperar dentro da gaiola que alguém os deixasse sair. Izzy estremeceu, percebendo que aquilo era uma medida preventiva contra eventuais fugas.

Josh entregou uma lanterna a Izzy, dizendo-lhe que a apontasse para a gaiola ao fundo das escadas de emergência. Uma linha vertical tinha sido cortada ao longo da berma da estrutura de aço da gaiola.

— Foi por aqui que os meus amigos entraram — disse ele.

Ele fincou os dedos maciços nos buracos em forma de diamante da rede, puxou-a e rastejou lá para dentro. Toda a gente, exceto Izzy, seguiu-no. Luke, Dave e Crystal apressaram-se a subir os degraus de ferro até ao patamar do segundo andar, os seus ténis ressoavam no metal, enquanto Alex esperava por Izzy. Josh ajoelhou-se na gaiola para ajudar Izzy a entrar. Ela ignorou a mão que ele lhe estendia e arrastou-se lá para dentro.

Dave deslizou a sua lanterna pela saída no topo da escada de emergência. Uma tábuia de contraplacado cobria a parte superior da porta.

— Como é que vamos entrar? — perguntou ele.

— Espera! — respondeu Josh. — Eu trato disso!

A Alex e a Izzy esperaram ao fundo das escadas enquanto Josh subia apressadamente os degraus. Ele agarrou no fundo da tábuia e arrancou-a da porta, os pregos chiaram. Por trás da tábuia havia uma janela sem vidro.

— O teu rabo enorme não vai passar por aqui! — disse Dave a rir.

— Queres apostar? — perguntou Josh.

Virou-se de lado e enfiou a parte superior do seu corpo através da abertura, os seus pés ficaram suspensos no ar. Dave ria-se, pensando que Josh estava preso. Em seguida as suas ancas e as pernas desapareceram e ouviu-se um alto *thump-thump*. Depois não se ouviu mais nada.

Dave aproximou-se da porta, apontando a sua lanterna através da janela.

— Estás bem grandalhão? — perguntou ele, rindo-se baixinho.

Nesse momento, Josh saltou no corredor escuro, o seu rosto contorcido, as mãos arranhando o ar.

— Deixem-me saaaaaaiiiiiiiiiirrrrrrrrr! — gritou ele.

Toda a gente se assustou. Dave aproximou-se da abertura, o rosto vermelho, as narinas dilatadas.

— Eu vou matar-te! — disse ele, içando-se para entrar.

Um a um, todos rastejaram pela abertura. Dave e Josh conduziram-nos pelo corredor, caminhando devagar e apontando as lanternas ao longo das paredes e do chão. O resto do grupo seguia-os a curta distância, pedaços de tinta e de estuque estalavam por baixo dos pés deles. Os tetos altos faziam-nos sentir como se não houvesse nada acima das cabeças deles, como se o telhado tivesse desaparecido, deixando um buraco sombrio de espaço negro. Tinta verde-acinzentada pendia das paredes em retalhos irregulares, como crustáceos agarrados a destroços submarinos. Papéis bolorentos, jarros de plástico e pedaços de cartão atulhavam o chão. O som de água a pingar ecoava ao longo do corredor.

Izzy olhava para cada uma das portas fechadas, na esperança de encontrar uma sala de arquivo ou de registos, tentando ignorar a sensação que as portas se abriam lentamente depois de ela passar. Alex caminhava ao lado dela, com a mão agarrada ao cotovelo de Izzy num aperto mortal. Mais à frente, no fim do corredor, uma porta alta encimada por um arco largo conduzia a um abismo negro.

— Oh, meu Deus! — guinchou Crystal. — O que é aquilo?

Toda a gente parou.

— O quê? — perguntou Josh, virando a cabeça de um lado para o outro.

— Ali ao fundo! — respondeu Crystal, apontando para o fim do corredor.

Josh apontou a lanterna para a porta. Do outro lado, um banco e o que parecia parte de uma roda estavam no meio da entrada, virados de lado parecendo um

anão deformado.

— É só uma cadeira de rodas! — disse Alex.

— Jesus! — disse Dave. — Não voltes a fazer isso!

Crystal suspirou.

— Desculpa — disse ela.

Começaram a andar outra vez. Em seguida Dave e Josh pararam.

— O que é que se passa? — perguntou Luke. — Porque é que estamos a parar?

— Acabei de ouvir qualquer coisa — disse Dave.

— Eu também — corroborou Josh.

— O que era? — perguntou Crystal.

— Não sei — respondeu Dave. — Parecia algo a mover-se na sala ao lado. Como um sussurro ou algo do género.

— A sala ao lado não tem porta — disse Dave.

— E então? — perguntou Alex.

— Tu vais primeiro — disse-lhe Josh, gesticulando a sua lanterna na direção da entrada escura e vazia à sua esquerda.

Alex agarrou na lanterna, inspirou fundo, e parou em frente à entrada, apontando o feixe da lanterna para dentro da sala.

— Brutal — disse ela, e atravessou a entrada.

Toda a gente a seguiu. O luar entrava pelas inundadas janelas gradeadas, lançando longas faixas de sombras no chão de mosaicos. Enormes pedaços de estuque estavam pendurados no teto, deixando ver a velha canalização e enormes manchas de bolor negro. Por baixo das janelas, viam-se os tijolos exteriores através de buracos irregulares por cima de pilhas de poeira e estuque. No centro da sala, havia um grosso varão de metal preso ao chão, de onde se projetava uma haste em forma de Salongado. No fim da haste encurvada, uma cadeira plástica azul e o seu cinto estavam suspensos no ar como um baloiço de um parque de diversões. O estômago de Izzy contorceu-se, pensando nas centenas de almas torturadas que se tinham sentado naquela mesma cadeira a quem tinham feito sabe-se lá o quê. À esquerda, um cano ferrugento e meia dúzia de banheiras cobriam uma parede esmaltada. As banheiras estavam rodeadas por estruturas de metal e todas menos uma estavam cobertas por telas imundas e rasgadas. Todas as telas estavam aparafusadas às estruturas de metal, com uma abertura

reforçada, para a cabeça do paciente, a fazer lembrar uma boca aberta a bocejar numa das pontas. Izzy estremeceu, a desejar ter-se esforçado mais para não vir.

— Mas que raio é isto? — perguntou Luke, sentando-se na cadeira de plástico presa ao varão. Deu um empurrão no chão com os pés e a cadeira girou.

— Não faço ideia — disse Alex. — Mas estas banheiras eram usadas para os banhos de água gelada. Costumavam mergulhar os pacientes em água gelada e mantinham-nos lá até perderem os sentidos.

— Vá lá — disse Josh. — Eu pensei que tínhamos vindo aqui para irmos até à morgue.

— Pois foi — retorquiu o Dave. — Vamos lá.

Izzy seguiu o grupo, aliviada por sair da sala deprimente. No fim do corredor viraram à direita, contornando cadeiras de rodas, carrinhos de metal, caixas de madeira com a palavra Willard inscrita, colchões manchados e macas ferrugentas. Por fim, chegaram ao topo de umas escadas. Izzy puxou a manga da sua camisola por cima da mão, agarrou no corrimão, e seguiu Alex que descia os degraus. Ela não queria tocar no corrimão, mas era melhor do que cair e aterrar de cara no chão ao fundo das escadas em cima sabe-se lá do quê.

Os corredores do primeiro andar estavam atulhados de cadeiras de rodas partidas, mesas pequenas, e assentos de vinil com cintos e pernas com rodas. Nas placas por cima das portas lia-se, Bloco dos Graves, Bloco dos Inveterados, Bloco dos Epiléticos e Bloco dos Doentes e Enfermos. Quanto mais o grupo penetrava no labirinto de paredes, mais portas faltavam nos quartos dos pacientes. Izzy apontou a sua lanterna para as entradas escuras, iluminando camas de metal, caixas bolorentas, recipientes de plástico que diziam «Roupa Suja», carrinhos de metal atulhados de aparelhos de eletrocardiograma, cadeiras de observação com estribos. Izzy observou as salas cheias de lixo à procura de armários de arquivo mas não encontrou nenhum. Perguntava-se se Clara teria tido a filha numa destas salas. Devia ter sido horrível dar à luz um pequeno e inocente bebé neste sítio horripilante. Por fim, encontraram um sinal onde estava escrito «Cave», com uma seta a apontar para a direita. Percorreram o pequeno corredor até um elevador de serviço e umas portas duplas por baixo de sinal verde que indicava «Morgue». Josh empurrou as portas, e uma corrente de ar frio passou por ele, e começou a descer os degraus. Izzy, Luke e Alex seguiram-no, com Dave e Crystal a fecharem o grupo. Ao fundo das escadas, o grupo parou.

Izzy engoliu em seco.

Largos túneis de cimento conduziam em todas as direções, esquerda, direita e em frente. Canos enferrujados e gotejantes corriam ao longo dos tetos, ao lado da calha de metal que costumava albergar os fios elétricos. A cada três metros, um arco de pedra delineava cada corredor, fazendo com que os túneis parecessem corredores por baixo de um castelo medieval. Izzy tinha a impressão de estar entre dois espelhos, o reflexo do arco refletido milhares de vezes em cada direção. Imaginou-se a perder-se e a nunca mais conseguir encontrar a saída. Por cima do arco mesmo em frente, uma placa indicava «Terapia de Choques Elétricos». Por cima do arco à esquerda, uma placa indicava «Morgue». À direita das escadas, um largo elevador de serviço estava aberto, a enferrujada grade de metal parcialmente fechada. Uma cama de hospital com uma roda partida e um lençol sujo e rasgado estava encostada à parede do elevador.

— Devia ser assim que traziam os corpos cá para baixo — disse Alex.

— Blhac — disse Crystal.

Josh começou a caminhar em direção à morgue, a sua silhueta gigante quase que tapava o feixe da lanterna que saltitava no chão à sua frente.

— Por aqui — disse ele.

Dave e Crystal seguiram-nos

— Espera! — pediu Alex. — Vamos ver a sala onde faziam os tratamentos de choques elétricos!

Josh parou e virou.

— Ali não há nada — disse ele.

— Vamos! — disse Dave. — Nós vamos à morgue!

Ele parecia irritado. Izzy perguntou-se porque é que ele estava com tanta pressa. Talvez estivesse a usar a raiva para esconder o seu medo.

— Eu vou lá ver — disse Alex.

Josh resmungou e arrastou-se na direção delas, juntando-se relutantemente ao grupo.

— Vamos lá ver, mas rápido — disse ele.

À esquerda do túnel depois do quarto arco, encontraram a sala dos tratamentos com choques elétricos. O espaço de teto baixo estava apinhado de macas, carrinhos de metal enferrujados, e caixas de metal rebitadas que se assemelhavam a enormes baterias, com mostradores pretos e fios a saírem lá de

dentro. A todo o comprimento da parede mais distante, havia armários de medicamentos, com a tinta a descascar, com gavetas entreabertas que transbordavam de rolos de fio metálico, protetores bucais de borracha, e aquilo que pareciam *serjosticks* para um videojogo. Izzy caminhou ao longo das paredes à procura de armários de arquivo ou algo que pudesse parecer guardar papelada. Mas não havia nada.

— Deviam aplicar os choques a mais do que uma pessoa ao mesmo tempo — disse Dave. — Tipo como uma manada de gado a ser marcada.

— Pelo menos é isso que parece — disse Alex. — Disseste que tinha havido uma inundação e que tinham morrido pessoas aqui?

— Sim — disse Josh, remexendo numa gaveta. Virou-se para olhar para ela, apontando-lhe a lanterna à cara.

A Alex levantou uma mão para proteger os olhos.

— Meu — disse ela. — Estás a cegar-me!

O feixe da lanterna baixou.

— Desculpa — disse Josh.

— Isto é tão nojento — disse Crystal.

— Pergunto-me se fariam lobotomias aqui — disse Alex.

— Vamos embora — disse Dave. — Era suposto estarmos a explorar a morgue e não a perder tempo aqui.

— Sim — disse Izzy. Ela estava com vontade de vomitar. — Vamos embora daqui.

À medida que se aproximavam da morgue, o ar tornava-se mais húmido e mais frio. Izzy enfiou as mãos nos bolsos do seu casaco e puxou o carapuço para a cabeça. Ao lado dela, Crystal golpeava o espaço vazio por cima da cabeça dela, aterrorizada que uma teia de aranha se agarrasse ao seu cabelo ou que lhe roçasse o rosto. Sem aviso prévio, Josh parou subitamente, apontando a sua lanterna para uma porta aberta à sua esquerda. Dave continuou a caminhar, depois parou e virou-se.

— Vamos, — disse ele. — Estamos quase lá!

Josh dirigiu-se à porta aberta.

— Que raio é isto? — perguntou ele, com a voz cheia de repulsa.

Dave juntou-se a ele.

— C'um caraças — disse ele.

Desapareceram os dois dentro da sala. Toda a gente os seguiu.

As paredes de pedra da sala estavam forradas de gaiolas feitas com ferro de cinco centímetros de grossura, as barras estavam unidas umas às outras num padrão entrecruzado, como a trama larga de um cesto. Dentro das gaiolas, camas de metal estavam aparafusadas ao chão e das paredes pendiam correntes e algemas.

— Que lugar é este? — perguntou Crystal.

— Eles punham pessoas dentro destas gaiolas! — disse Josh, rindo-se nervosamente.

— Talvez fosse aqui que mantinham os pacientes violentos — disse Alex.

— Podia ser aqui que mantinham os pacientes com tuberculose ou febre tifoide — alvitrou Izzy.

— Isto é tão assustador! — disse Alex. — Não admira que Willard esteja assombrado.

— Podemos ir à morgue e despachar isto? — disse Izzy, tentando manter a sua voz firme.

— É isso — disse Josh. — Vamos lá. Podemos voltar aqui noutra altura.

O grupo saiu da sala e virou à esquerda. Por fim, avistaram umas portas duplas encimadas por uma placa desbotada que indicava «Morgue» a letras verdes. No fim de um túnel, viram outras portas, com os vidros partidos na parte superior das mesmas. A luz suave do luar entrava através das janelas imundas, como uns olhos azuis brilhantes. Pilhas e pilhas de caixões rudimentares subiam pelas paredes perto das portas, como pilhas de livros gigantes.

— Oh, meu Deus, — disse Crystal. — Isto é tão nojento!

Eles transpuseram as portas duplas e entraram na morgue, movendo-se devagar como se tivessem medo que alguma coisa os esperasse do outro lado. Dave e Josh percorreram a sala com as luzes das suas lanternas. Ao longo da parede mais distante estava um lavatório com três cubas fundas, o seu balcão de porcelana estava repleto de jarros de plástico amarelados e garrafas turvas. Caixotes do lixo e caixas bolorentas atulhavam o chão de cimento manchado, além de um carrinho ferrugento com instrumentos para as autópsias e várias cadeiras desdobráveis. Candeeiros industriais pendiam do teto descascado para cima de uma mesa de autópsia de aço inoxidável. De ambos os lados da mesa, perto do centro, havia orifícios de escoamento quadrados, e numa das pontas,

uma pequena bacia com uma mangueira preta. Perto da mesa estava uma larga tina, com rodas, com uma mangueira a sair do topo. Na parte lateral do metal podia ler-se «Líquido de Embalsamamento».

No canto mais afastado, uma câmara de madeira com seis portas para armazenamento de cadáveres ocupava quase um quarto da sala, as suas dobradiças e as suas pegas estavam enferrujadas e manchadas. Perto da caixa estava um negro motor corroído que tinha sido usado para dar energia à câmara frigorífica. As duas gavetas de cima da caixa pareciam estar relativamente limpas, as suas tábuas de madeira refletiam os feixes das lanternas. As quatro portas abaixo estavam manchadas e estriadas com o que parecia alcatrão, como se algo nas portas superiores tivesse apodrecido e derretido, escorrendo pela frente da câmara. Um leve odor a formol, bolor, e algo parecido com metal quente pairava no ar.

Izzy pôs a mão por cima da boca, lutando contra o desejo de correr para fora da sala e para o exterior, em direção ao ar fresco. Em seguida, viu um armário de arquivo de duas gavetas num canto. Dirigiu-se apressadamente para lá e abriu a gaveta de cima, apontando a lanterna para o interior. Uma pilha de pastas tombou para o fundo da gaveta, estavam quase cinzentas debaixo de uma grossa camada de pó e teias de aranha. Alex veio ver o que é que ela estava a fazer.

— O que é isso? — perguntou ela. — O que é que encontraste?

Izzy passou-lhe a lanterna.

— Segura aqui — disse ela.

A Alex direcionou a luz para dentro do armário enquanto Izzy folheava as pastas, prendendo a respiração. Estavam todas vazias. Abriu a gaveta de baixo e encontrou uma pilha desordenada de papéis amarelados. Izzy pegou na primeira folha e tirou a lanterna das mãos de Alex. Era uma Certidão de Óbito do Estado de Nova Iorque em branco.

— Do que é que estás à procura? — perguntou Alex.

— No museu estamos a trabalhar num projeto sobre Willard — respondeu Izzy. — Estou só a tentar encontrar alguma coisa que nos possa ajudar.

— Como é que ias explicar isso à tua mãe de acolhimento? — perguntou Alex.

— Preocupo-me com isso mais tarde — respondeu Izzy.

Nessa altura, surgiu Crystal.

— Anda — disse ela, pegando no braço de Alex e puxando-a na direção da mesa de autópsias. — Vamos ver se conseguimos que a mulher apareça outra vez. Fazemos todos um círculo e perguntamos se ela está aqui.

Izzy folheou o resto dos papéis. A pilha inteira não passava de um monte de certidões de óbito em branco.

— Despacha-te, — disse-lhe Alex.

Izzy revirou os olhos e fechou o armário.

— Pessoal, venham todos para aqui — disse Crystal. — Vamos fazer uma sessão espírita!

— Fantástico! — disse Dave, dirigindo-se apressadamente para o lado de Crystal. — Boa ideia, querida.

Luke empurrou uma caixa de cartão húmida de cima da mesa de autópsias e disse:

— Hei, Josh, anda cá e deita-te. Vamos dar-te uma massagem inesquecível!

Josh riu-se e caminhou na direção da câmara de armazenamento. Abriu uma das gavetas do meio e apontou a lanterna lá para dentro. O interior da gaveta estava esburacado e cheio de bolor.

— Eu deito-me aí, — disse ele. — Logo a seguir a tu te deitares aqui.

Ele puxou para fora uma chapa de metal ferrugenta, enchendo a sala do som de metal a chiar.

— Quanto é que me dás? — perguntou Luke.

— Cinco dólares — respondeu Josh.

— Dou-te dez, se nos deixares empurrar-te lá para dentro e fechar a porta — disse Dave.

— Querem fazer o favor de parar de brincar! — disse Crystal. — Pensei que tínhamos vindo aqui para vermos se este lugar está assombrado!

Josh dirigiu-se à mesa, deixando a porta da gaveta entreaberta.

— OK, OK, — disse ele. — Não é preciso ficares ouriçada.

— Cala-te, está bem? — ripostou Crystal. — Isto é sério.

Ela tirou uma vela pequena e larga do bolso do seu casaco, pediu a Dave o isqueiro dele, e acendeu o pavio curto. Depois colocou a vela no centro da mesa de autópsias, movendo-se lenta e cuidadosamente para que a chama não se apagasse e os seus dedos não tocassem na superfície de metal.

— OK, vamos lá, — disse ela num tom de voz suave. — Ponham-se todos à

volta da mesa. E desliguem as lanternas.

Todos apagaram as lanternas e aproximaram-se mais. Izzy estava entre Dave e Josh, com as costas para as gavetas, a sua lanterna debaixo do braço, os seus punhos enfiados nos bolsos da camisola. Crystal pegou na mão de Dave e procurou a mão de Alex, a chama tremeluzente lançava-lhe sombras por debaixo dos olhos.

— Temos de ficar quietos — disse Crystal. — E temos de dar as mãos.

Alex mordeu o lábio e deu a mão a Crystal e a Luke. Dave e Josh procuraram as mãos de Izzy ao mesmo tempo. Por um momento, ela manteve as mãos nos bolsos, depois decidiu alinhar. Quanto mais depressa despachassem esta estúpida sessão espírita, mais depressa ela podia sair dali. A mão de Josh parecia uma luva de baseball húmida. O estômago dela deu uma volta. Então Luke e Josh perceberam que estavam lado a lado.

— Eu não vou dar a mão a um gajo — disse Luke.

— Eu também não — disse Josh.

— Deem as mãos e ponto final! — disse Crystal olhando para eles. — Isto não funciona se não levarmos isto a sério!

— Ela tem razão — disse Alex. — Temos de dar as mãos.

— Porquê? — perguntou Izzy. — O que é que isso significa?

— É para caso um dos espíritos que evoquemos seja mau — explicou Alex.

— Se nos estivermos a tocar uns aos outros, o espírito mau não consegue possuir ninguém.

— Estão a ver? — disse Crystal, com um risinho. — Eu disse-vos. Agora, vamos lá despachar isto.

Josh revirou os olhos e estendeu a mão a Luke, que relutantemente tocou nas pontas dos dedos de Josh.

— Se eu ouvir alguns mexericos sobre isto, eu... — disse Luke.

— As nossas bocas são uns túmulos — disse Dave, fingindo mandar beijinhos na direção de Luke.

Crystal pisou o pé de Dave.

— Já te esqueceste o que é que viemos aqui fazer? — perguntou ela.

O rosto de Dave contorceu-se dor.

— Jesus! — disse ele. — OK, OK.

— Estão todos prontos? — perguntou Crystal, dirigindo a sua atenção

principalmente para Luke e Josh.

Josh e Luke acenaram com as cabeças, fazendo um esforço para pararem de rir. Crystal esperou um momento, depois fechou os olhos.

— Está alguém aqui connosco? — perguntou ela, num tom de voz abafado e reverente. Um dos rapazes roncou ligeiramente, como se estivesse a tentar não se rir à gargalhada.

— Não estamos aqui para te fazer mal — continuou Crystal.

— Se estiver alguém aqui connosco — disse Alex. — Pode dar-nos um sinal?

Izzy abriu os olhos e olhou para Alex, surpreendida por ouvi-la falar. Os seus olhos estavam fechados e a cabeça baixa. Ao lado dela, Luke estava com os ombros curvados, o rosto contraído como se esperasse, a qualquer momento, que alguém lhe batesse ou tocasse. Izzy tornou a fechar os olhos. Perguntou-se o que é que aconteceria se chamassem o nome de Clara. Pensou em fazer essa sugestão, mas depois mudou de ideias. Toda a gente iria fazer perguntas sobre como é que ela sabia o nome de uma paciente. Naquele momento, ela só queria despachar aquilo o mais depressa possível.

— Convidamos-te a movimentares-te entre nós, — disse Crystal. — Podes tocar-nos no cabelo, bater nas paredes, qualquer coisa que nos dê um sinal de que estás aqui.

— Se alguém me tocar, eu piro-me daqui para fora! — disse Luke.

— Chiuu! — disse Crystal.

Ela inspirou profundamente, depois soltou o ar lentamente, à espera. Depois disse:

— Por favor, dá-nos um sinal de que estás entre nós. Queremos perceber porque é que ainda estás aqui, preso dentro deste hospício.

— Podemos ajudar-te a encontrar paz — disse Alex. — A fazeres a passagem deste lugar para te reunires com os teus entes queridos que já atravessaram para o outro lado.

Nesse preciso momento, um débil *tum-tum* soou por trás de Izzy. Alex soltou um guincho agudo, como se estivesse a tentar abafar um grito.

— Chiuu... — murmurou Crystal. — Está tudo bem. Não te preocupes. Se foste tu que fizeste o barulho, podes fazê-lo outra vez?

Tum-tum.

A mão suada de Josh apertou-se mais em volta da de Izzy. Ela abanou os

dedos, tentando aliviar a pressão. Mas foi escusado.

— Nós estamos a ouvir-te. — Disse Crystal.

— Foste paciente aqui? — perguntou Alex. — Estiveste preso neste lugar horrível?

Tum-tum. Tum-tum.

O coração de Izzy acelerou-se. *Isto estava mesmo a acontecer?* Ela tinha vindo só para fazer a vontade a Alex, e não para ficar assustada como o caraças. A única coisa pior que estar num velho hospício era ver os fantasmas de um antigo paciente.

— Estás sozinho? — perguntou Alex. — Estão outros contigo?

— Podes fazer um barulho diferente? — perguntou Crystal. — Algo para que saibamos que é mesmo tu?

Nesse momento, Izzy ouviu três batidas atrás dela, como se uma pessoa estivesse a bater com os nós dos dedos dentro da câmara de madeira. Os pelos dos braços dela arrepiaram-se. De repente, o ar pareceu ficar mais quente e pesado, como se alguém tivesse acendido a fornalha. Apesar das suas dúvidas, ela curvou os ombros para se fazer mais pequena, ao mesmo tempo que apertava as mãos de Dave e de Josh.

— Podes fazer esse som outra vez? — perguntou Alex.

Toc, toc, toc, toc.

— Nós estamos aqui para te ajudar — disse Crystal. — Podes dizer-nos o teu nome?

Toc, toc, toc, toc, toc, toc, toc, toc.

Alex gritou. Izzy abriu os olhos e largou as mãos de Dave e de Josh e deixou cair a lanterna. Nesse momento, a vela apagou-se, mergulhando a morgue na escuridão. Alex começou a gritar:

— Larguem-me! Deixem-me em paz! O que é que estão a fazer?

Depois começou a balbuciar, como se alguém lhe tivesse posto uma mão em cima da boca.

Izzy correu para a porta, esbarrando em Josh. Para sua surpresa, ele agarrou-a e voltou-a. Por uma fração de segundo, pensou que tivesse perdido a noção do caminho e que Josh estivesse a tentar ajudá-la a fugir. Talvez a porta estivesse à sua direita e não à esquerda. A sala estava repleta do som de pessoas a contorcem-se e a lutarem. Em seguida, Josh enrolou os braços em volta do

peito de Izzy e levantou-a, o seu hálito a cerveja era quente e passava-lhe rapidamente junto à orelha. Ela pensou que ele a ia carregar para fora da sala, para um lugar seguro, mas depois alguém lhe agarrou nos tornozelos e levantou-lhe as pernas do chão.

— Mas que raio é que estão a fazer? — gritou Izzy, esperneando.

Um dos pés colidiu com a cabeça de alguém, libertando essa perna, e ela ouviu alguém praguejar. Era Dave. Ela contorceu-se, tentando lutar para se libertar do aperto de Josh. Era escusado. Dave agarrou-lhe o tornozelo novamente, e eles carregaram-na através da sala.

— Deixem-me!

Metal a roçar no metal. Era o som da placa da gaveta a ser puxada para fora. Em seguida, Izzy foi atirada para dentro do bloco frio e empurrada para baixo, a sua nuca bateu contra o aço. Mãos fortes mantinham-na deitada. O metal chiou outra vez e ela moveu-se para a frente, como se estivesse a deslizar num escorrega horizontal, só que neste caso era o escorrega que a movia a ela. Ela tinha sido enfiada dentro da câmara, a placa de metal embateu na parede de trás com uma pancada que a fez vibrar. Ela levantou os braços para tentar impedir que a porta se fechasse, os seus cotovelos e pulsos raspavam ao longo de interior áspero da câmara. Os seus antebraços ficaram presos na porta, esmagando-lhe os músculos e rasgando-lhe a pele. Ela gritou. Mãos ásperas empurraram-lhe os braços para dentro. Em seguida a porta fechou-se com estrondo, mergulhando-a na escuridão total.

CAPÍTULO 14

CLARA

Rookie Pest House

A medida que as folhas ficavam com as pontas curvas e caíam uma após outra dos carvalhos no exterior das janelas da Rookie Pest House, Clara estava sentada na sua cama imunda e observava Lawrence a empurrar um carrinho de mão por entre as filas de lápides de ferro no cemitério do outro lado da estrada. Ele trabalhava ali pelo menos três vezes por semana e a sua rotina era sempre a mesma. Primeiro, parava no local escolhido, despiu o casaco e tirava o seu boné de jornaleiro, passando as mãos no seu cabelo cinzento, uma vez de cada lado, depois quatro vezes no meio. Em seguida benzia-se e baixava a cabeça, com o boné preso no peito por cima do coração. Depois de um longo minuto, ele olhava para o céu, voltava a colocar o boné, tirava a pá do carrinho de mão e começava a cavar, parando apenas o tempo suficiente para tirar uma pedra de dentro do buraco ou para trocar a pá por uma picareta. Ele não descansava enquanto a cova não estivesse pronta e o monte de terra ao lado não estivesse limpo de raízes e pedras. Quando o trabalho estava terminado, ele tirava o boné, alisava o cabelo outra vez, limpava a testa e tornava a colocar o boné. Mesmo nos dias em varria as folhas ou cortava a relva, ele trabalhava sem parar até que a tarefa estivesse concluída.

À medida que as semanas passavam e Clara sentia que começava a desistir e a ficar cada mais fraca, ela maravilhava-se com a energia do coveiro. Mesmo quando a neve do inverno vergava os cedros e se acumulava por entre as barras das janelas, o coveiro abria caminhos através do cemitério para cavar o local de descanso eterno de um paciente. Perto do fim de dezembro, ele acabou por desistir de tentar cavar a terra gelada, mas apenas por pouco tempo. Uma semana mais tarde, depois de um degelo invulgarmente longo no mês de janeiro, quando Clara podia ver as margens brancas de Creek Mears quase a transbordarem de água gelada, Lawrence Lawrence voltou ao trabalho.

Todas as noites, rezava para que o coveiro estivesse em breve a cavar a sepultura dela. Tirando a altura das refeições e as duas vezes por dia que a

levavam à casa de banho, ela passava os seus dias e as suas noites acorrentada à cama, a dormir ou a olhar fixamente através das janelas sujas. Tal como acontecia à maioria das mulheres da Pest House, as suas necessidades fisiológicas nem sempre coincidiam com os horários da ida à casa de banho. Como resultado, a sua bata hospitalar estava encrustada de urina seca, sangue e fezes, os seus lençóis e o leve cobertor sujo e malcheiroso. Quando lhe aparecia a menstruação, davam-lhe trapos para colocar nas cuecas, que deviam ser lavados quando fosse à casa de banho. Se tivesse sorte, davam-lhe uma camisa de dormir lavada depois do seu banho semanal de água gelada. Mas frequentemente acontecia não haver camisas lavadas que chegassem para todas.

Ouviam-se frequentemente gritos e berros vindos de outro sítio qualquer do edifício, mas tirando os sons de choro, de tosse, e das mulheres a falarem entre si, o quarto de Clara era relativamente calmo. Os funcionários da Pest House não passavam de guardas sem preparação nenhuma, e uma dose diária de láudano, administrada à noite, mantinha a maior parte dos pacientes a flutuar entre um estado de inconsciência e um torpor idílico.

Clara começou a adorar o sabor amargo do láudano. Sabia a alcaçuz envolto em açúcar e terra, mas a dormência na sua língua significava que a insipiência da inconsciência estava prestes a chegar e ela já não estaria subjugada àquela negra massa de dor que lhe pressionava o peito como um rochedo, tornando-se quase impossível respirar. Apesar do medicamento, tinha pesadelos todas as noites, nos quais Beatrice era um bebé com peso a menos que berrava sob uma camisa de dormir imunda, o seu berço de metal estava no centro de uma ala com centenas de outros berços, cada um deles albergava outro bebé emaciado que também berrava.

Todas as manhãs, quando o efeito do medicamento passava e Clara abria os olhos, as lágrimas já lhe turvavam a visão, a memória de Beatrice a ser-lhe tirada fazia com que algo tenebroso e vil lhe latejasse no estômago. Ficava ali deitada, a desejar morrer, que a dor lancinante transformasse o seu sangue em chumbo, o seu coração em pedra, e os músculos em granito. Ela fechava os olhos e tentava voltar à inconsciência, mas a tristeza tonava a puxá-la de volta à realidade, como se merecesse ser castigada. Quase que se afogava em agonia.

Durante os seus primeiros dias na Rookie Pest House, ela tinha tentado argumentar com os auxiliares, suplicando-lhes que a libertasse para que pudesse

ir procurar a sua filha antes que fosse tarde de mais, antes que Beatrice estivesse tão longe que estivesse perdida para sempre. Indiferentes às súplicas dos pacientes os auxiliares ignoraram-na, os rostos impassíveis, empurrando-a ao longo do corredor, obrigando-a a deitar-se, apertando bruscamente o grilhão de ferro à volta da sua perna. Uma vez, depois de ter sido levada à casa de banho, ela mandou um auxiliar ao chão e atravessou o corredor a correr, apenas para deparar com uma porta trancada e um grupo de auxiliares prontos para a levar de volta para o quarto.

Uma semana depois, tentou deixar de comer. Mas os auxiliares perceberam e plantaram-se ao seu lado, ordenando-lhe que comesse as papas de aveia que já secavam na sua tigela. Quando ela se recusou, levantaram-na do banco e deram-lhe uma forte bofetada, avisando-a que se não fizesse o que lhe mandavam as coisas só iriam piorar. Com o lábio cortado e a sangrar, comeu uma grande colherada e quase que se engasgou. Em seguida, amaldiçoou-se por não ser suficientemente forte para deixar que a castigassem ainda mais. Beatrice tinha sido levada e ela estava trancada numa instituição mental. Já não tinha razões para viver.

Depois, perto do final de fevereiro, ela sonhou com Beatrice já uma mulher adulta, o seu cabelo escuro que parecia cetim caído nos ombros do seu vestido amarelo. Beatrice entrou no que parecia um quarto de hospital, depois ajoelhou-se e sorriu para ela, com lágrimas a brilharem-lhe nos olhos. Na manhã seguinte, o aperto no peito de Clara tinha-se suavizado. Ainda lá estava, pesado e doloroso, mas já não sentia que o seu coração estivesse a ser esmagado. O sonho era tão vívido que Clara quase que podia cheirar o perfume de Beatrice e sentir a sua face macia. Isto tinha de ter algum significado. E ela nunca o iria descobrir se passasse o resto da vida trancada na Rookie Pest House.

Naquela noite, Clara manteve a sua dose de láudano na boca em vez de a engolir. A enfermeira passou para a paciente a seguir e Clara pôs o cobertor sobre os lábios, cuspindo o narcótico para o tecido manchado. Durante as semanas seguintes, ela continuou a evidenciar os maneirismos drogados das outras mulheres para não chamar a atenção sobre si. Depois, no primeiro dia de março, quando finalmente o Dr. Roach veio à Pest House fazer a ronda, ela olhou-o nos olhos e concordou que era melhor para Beatrice ser criada por outras pessoas.

CAPÍTULO 15

IZZY

Chapin Hall

Tentando recuperar o seu fôlego, Izzy lutou para se virar na placa de metal dentro da câmara da morgue. Não conseguiu. Não havia espaço suficiente dentro do estreito compartimento para poder dobrar os joelhos e virar o corpo. Ela pontapeou o teto baixo e bateu nas paredes.

— Tirem-me daqui! — gritou ela.

Pancadas e risos abafados penetravam através das paredes de madeira isoladas. As portas da morgue abriram-se com força e depois chiaram nas dobradiças conforme balouçavam suavemente. Em seguida, não se ouviu mais nada.

— Socorro! — berrou Izzy.

Esticou os braços por cima da cabeça e bateu na porta, a madeira áspera rasgou-lhe os nós dos dedos. Ao fim de um momento, obrigou-se a ficar quieta, tentando ouvir alguma coisa por cima da sua respiração acelerada. Fechou os olhos e contou até dez, tentando dominar o pânico que ameaçava dominá-la. *Eles vão voltar*, pensou ela. *Eles estão apenas lá fora no corredor a rirem-se. Eles voltam já.* Então, subitamente, o fedor pesado e nauseabundo de decomposição e formol atingiu-lhe as narinas. Ela apertou os lábios e tentou não respirar fundo. A falta de oxigénio deixava-a tonta.

— OK, a brincadeira acabou! — gritou ela. — Tirem-me daqui! Alex? Josh?

Continuou a não ouvir nada. Talvez isto não fosse uma brincadeira. Depois lembrou-se de Alex a gritar que a largassem, os seus gritos abafados. Também a teriam posto numa das outras câmaras?

— Alex? — chamou ela. — Estás aí?

Não obteve resposta. Mas que raio é que se passava? Talvez Alex tivesse sido arrastada da sala contra a sua vontade. Depois lembrou-se do aviso dela; que Izzy ia precisar de ter ainda mais cuidado depois de Shannon ter pedido desculpas. Um sentimento de repugnância cresceu como bÍlis no seu estômago. Poderia Shannon ter convencido o Josh, a Crystal e o Dave a fazerem aquilo?

Depois lembrou-se de outra coisa e os dedos gélidos do medo apertaram-lhe a garganta. Se tinham arrastado a Alex para fora da cave ela só iria perceber que a Izzy tinha desaparecido quando chegassem lá fora. A Alex não fazia ideia que ela estava trancada dentro da câmara!

Inspirou fundo várias vezes, tentando recordar-se como é que os grupos tinham sido formados, como é que tinha sido decidido que o seu grupo ia explorar a morgue. Estaria ela tão preocupada com o facto de não querer entrar em Willard que não reparou nos indícios de que lhe estavam a preparar uma armadilha?

Cerrou os punhos, começou a tremer subitamente e a ficar com falta de ar, lutou contra a vaga de terror que fazia com que sentisse que podia desmaiar. Lágrimas de raiva e de medo brotaram-lhe dos olhos.

— Tirem-me daqui! — gritou ela a plenos pulmões.

E em seguida, da câmara por baixo dela...

Toc, toc, toc, toc.

Tapou as orelhas com as mãos, o coração batia-lhe aceleradamente no peito. *Mas que raio é que se estava a passar?*

Toc, toc, toc, toc.

— Se não me tirarem imediatamente daqui vão arrepender-se! — gritou ela, sabendo que as suas ameaças não tinham significado nenhum.

O que é que ela podia fazer? Fazer queixa deles ao diretor? Pontapeou as paredes com toda a sua força, batendo com os tornozelos e entalando os dedos.

— Dave e Josh! Eu sei que foram vocês que me puseram aqui!

Pensou dizer à pessoa que estava a fazer os batuques para parar, que ela sabia que faziam parte da farsa. Tinha de fazer parte. Em vez disso, decidiu ignorar. Mas por outro lado, e se não fosse uma pessoa que estava lá em baixo? Uma imagem tomou-lhe conta da mente: um imundo esqueleto castanho estava deitado na câmara por baixo dela, a sua boca sem lábios a abrir e a fechar, os seus ossos descarnados a rasparem na madeira húmida. Ela imaginou uma bata hospitalar apodrecida pendurada nos braços do esqueleto, pedaços irregulares de tecido decomposto e carne apodrecida pendurados nas costelas dele. Cruzou os braços e afastou aquela imagem da mente, mantendo os olhos fechados, tentou ignorar o barulho e o facto de estar presa dentro de uma câmara na morgue. *E se ninguém voltar? E se me deixarem aqui? Eu posso morrer e ninguém vai saber o*

que é que se passou. Ninguém vai saber onde é que estou. Não. A Alex não vai deixar que isso aconteça. Assim que ela se conseguir libertar do Luke e da Crystal, assim que perceber que eu estou desaparecida, ela vai perguntar onde é que eu estou. Ela vai voltar para me vir buscar.

Subitamente, uma vaga recordação da sua infância voltou-lhe à mente, ou talvez fosse um pesadelo esquecido, não tinha a certeza. Ela estava deitada, a sua luz de presença do «Meu Pequeno Pónei», brilhava num tom cor-de-rosa num dos cantos do quarto escuro. O som da porta do seu quarto a ser aberta despertou-a da morna e difusa sensação de estar quase adormecida. Ela pestanejou e começou a sentar-se. Em seguida, alguém, um homem, estava deitado ao lado dela, o cheiro a suor e a uísque flutuaram pelo ar como uma bruma. Ao princípio ela não conseguiu distinguir as feições do homem, mas depois ele sorriu e o seu rosto transformou-se no de um demónio rosnador, os seus olhos injetados de sangue abriram-se até atingirem a linha do cabelo, os seus dentes pontiagudos eram irregulares e pretos. Ela abriu a boca para gritar mas não conseguiu. O demónio estava a prendê-la.

Izzy mordeu o lábio, as suas mãos abriam-se e fechavam-se, as narinas dilatadas como se estivesse a tentar recuperar o fôlego. O ar parecia quente e seco na sua garganta. A primeira memória do seu recorrente pesadelo de infância surgia-lhe agora, sem dúvida que tinha sido trazida à superfície por estar trancada dentro da câmara. Agora, lembrava-se de estar tão aterrorizada que não se conseguia mexer, só foi capaz de contar à mãe o que tinha acontecido horas depois, quando finalmente saiu daquilo que parecia um transe. Os pais deixaram-na ir para a cama deles até de manhã, a mãe repetiu-lhe uma e outra vez que ela não tinha motivos para ter medo, que os monstros não eram reais e além disso, que ela iria sempre protegê-la. Então, subitamente, os pesadelos pararam. Ela lembrava-se de a mãe lhe pedir desculpas, do quê, ela não sabia bem.

Naquele momento, de alguma forma, ela conseguiu afastar aquela imagem aterradora. Mas a sensação de estar presa, de ser sufocada, invadiu-a como uma onda. Abriu o fecho do seu casaco e puxou a gola da *T-shirt*. Sentiu a testa e o lábio superior ficarem suados. Arregaçou as mangas e cravou as unhas nos braços, tentando rasgar a pele. Se Shannon queria enlouquecê-la, estava a conseguir. *Não, pensou ela, não a posso deixar ganhar.* Tentou obrigar o corpo a relaxar, imaginando os músculos dos dedos dos pés, os próprios pés, as pernas, a

descontraírem. O truque funcionou por uns momentos, mas depois o pânico tomou conta dela outra vez. Respirou fundo e começou novamente.

Finalmente, conseguiu alcançar um estado que se assemelhava a autocontrole. Os batiques por baixo dela tinham parado e ela perguntava-se se o seu autor tinha adormecido. Quem quer que fosse, deveria desejar muito a aprovação de Shannon. Quando pensou em Shannon, cerrou os maxilares. E se Izzy tivesse ficado tão assustada que tivesse um ataque cardíaco ou esgotamento nervoso? E se ela ficasse sem oxigénio antes de alguém a vir buscar? Shannon odiava-a assim tanto, que estava disposta a correr o risco de que algo lhe acontecesse? E quanto a Ethan, faria ele parte desta partida horrível?

Não. Não era possível. Ele podia ser suficientemente ingénuo para arranjar desculpas para as partidas mal-intencionadas que Shannon fazia na escola, mas nunca iria alinhar nisto. Tinham que ter sido Shannon, Josh, Crystal e Dave.

Por fim, o suor causado pelo pânico começou a desaparecer, o ar frio fluía à volta dos seus tornozelos e dos seus pulsos, como os dedos gelados dos fantasmas a tocarem-lhe na pele. Apertou o casaco e pôs o carapuço na cabeça, abraçando-se para se manter quente. Os seus dentes batiam. Imaginou-se presa na câmara à medida que o outono dava lugar ao inverno, ficando cada vez mais magra e débil, morrendo à fome. A sua pele parecia cera; pele fria e morta no exterior, pulsante e quente no interior. Lembrava-se de ouvir histórias sobre pessoas que eram enterradas vivas, que esganhavam as tampas de madeira dos seus caixões, lutando para sair. Ela imaginou os seus dedos ensanguentados, as unhas gastas até não sobrar mais nada a não ser os ossos.

Não, lembrou-se a si própria. Tu não estás num caixão. Estás numa câmara que tem uma porta. Há uma saída. Só tens que esperar até que venha alguém para a abrir. Afastou aquela imagem e tentou pensar noutra coisa. Doíam-lhe os maxilares de ranger os dentes e estava a começar a ficar com dor de cabeça, uma guinada de dor aguda latejava-lhe em ambas as têmporas.

Por fim, ouviu vozes abafadas, e passos pesados a percorrerem o corredor, as portas duplas abriram-se de repente.

— Izzy? — gritou alguém. — Estás aí?

Era a Alex.

— Estou aqui! — gritou Izzy, e bateu na parede da câmara.

— C'um caraças — disse uma voz masculina.

— Vamos tirar-te daí! — disse Alex. — Espera um bocadinho!

As suas vozes soavam baixas e abafadas, como se as estivesse a ouvir através de uma porta com um copo de vidro.

— Em qual é que ela está? — perguntou a voz masculina.

O coração de Izzy acelerou. Parecia ser a voz de Ethan.

— Não sei — respondeu Alex. — Abre as portas!

Izzy bateu na madeira por cima da sua cabeça.

— Estou nesta aqui!

A câmara por baixo dela à esquerda foi aberta. Depois a que ficava mesmo por baixo de si.

— Mas que raio? — disse Ethan. — O que é que estás a fazer aí dentro?

Ouviu-se metal a chiar contra metal e depois vários baques altos, como se alguém estivesse a fazer um esforço para se levantar, ou estivesse a lutar. Algo pesado foi arrastado pelo chão, depois embateu na porta por cima da cabeça dela. A câmara estremeceu.

— Onde é que está a Izzy? — rosnou Ethan.

A sua voz parecia estar mesmo perto da porta e Izzy imaginou-o a empurrar alguém contra a câmara, o seu rosto contorcido de raiva.

— A ideia não foi minha! — disse uma voz masculina. — Eles pagaram-me!

— Quem é que te pagou? — perguntou Ethan, empurrando a pessoa contra a câmara novamente.

— Deixa-o lá! — disse Alex. — Temos de encontrar a Izzy!

— Eu trato de ti mais tarde! — disse Ethan.

Izzy sentiu uma pessoa a ser arrebatada para longe da câmara. Um baque metálico ecoou na sala, como se alguém tivesse caído por cima da tina do líquido de embalsamamento. As portas oscilantes chiaram.

Por fim, a porta maciça por cima da sua cabeça escancarou-se e feixes de luz penetraram no interior escuro. Ela arquejou tentando respirar e fez força nas paredes da gaveta, tentando sair da câmara. Depois alguém puxou com força a placa. Ela pestanejou e tapou os olhos com uma mão trémula, subitamente encandeada pelas luzes. Os feixes brilhantes foram afastados e viu Alex ali parada, a segurar duas lanternas, a olhar para ela, com o rosto pálido e os olhos muito abertos.

— Oh, meu Deus! — disse Alex. — Estás bem?

— Acho que sim — respondeu Izzy, apoiando-se nos cotovelos para se levantar.

Passou as pernas por cima do bordo da placa, e sentou-se rápido de mais, sentindo-se tonta imediatamente. Inspirou fundo e fechou os olhos, tentando recuperar o equilíbrio. Uma mão quente tocou-lhe nas costas e ela voltou-se e viu Ethan, a sua testa franzida, os lábios comprimidos numa linha fina e severa. Ele colocou-se à frente dela e ofereceu-se para a ajudar a descer. Incapaz de parar de tremer, ela agarrou-se ao braço dele para se apoiar e chegou-se para a ponta da placa de metal. Ethan colocou as mãos à volta da cintura dela e levantou-a, depois pousou-a suavemente no chão. O mundo ficou enevoado e distante conforme ela cambaleava e tentava manter-se de pé. Ethan agarrou-lhe nos ombros e segurou-a.

— Tens a certeza que estás bem? — perguntou ele, inclinando a cabeça para a olhar nos olhos.

Izzy acenou com a cabeça. Apesar do alívio avassalador por ter sido salva, perguntava-se o que é que ele estava a fazer ali. Teve vontade de lhe perguntar onde é que estava a Shannon, se ele sabia o que é que a namorada tinha andado a planear. Mas primeiro, queria sair de Willard o mais depressa possível.

— Desculpa! — disse Alex. — Eu não fazia ideia do que é que se estava a passar! Quando me arrastaram daqui para fora eu pensei que eles também te estavam a arrastar. Eu não conseguia ver nada e tentei libertar-me mas...

Ela estava a chorar, as suas palavras eram entrecortadas pelos soluços.

— Eu só percebi que não estavas connosco quando chegámos lá fora!

— Está tudo bem — disse Izzy. — A culpa não é tua. Tirem-me só daqui para fora.

— Eles fugiram com as lanternas e deixaram-me ao pé do edifício — disse Alex. — Demorei uma eternidade a encontrar alguém para me ajudar.

— Vamos — disse Ethan, pondo um braço à volta da cintura de Izzy. — Vamos embora.

Ela caminhou em direção à saída com pernas trémulas, agarrando-se ao braço de Ethan para se equilibrar. Estava a tremer, os seus dentes batiam, em parte por causa do frio, da exaustão e do alívio, em parte por causa da raiva.

— Isto foi obra da Shannon! — disse Alex, as suas palavras estavam cheias de fúria. — Ela convenceu-os a fazerem isto!

— Sim — disse Izzy. — Também pensei nisso.

Ethan parou no corredor, despertou o seu casaco, e estendeu-o a Izzy. Ela enfiou os braços nas mangas e embrulhou a enorme vestimenta ao seu redor. O interior do casaco estava seco e quente, o odor familiar do perfume de Ethan flutuava à volta da gola. Ela teve vontade de puxar a gola do casaco para cima do rosto, para bloquear o cheiro húmido e podre da cave, mas resistiu. Começou a andar novamente, deslocando-se ao longo dos corredores de cimento o mais rápido que podia, desejosa de encher os seus pulmões de ar fresco.

— Quem é que te pôs na câmara? — perguntou Ethan. — Sabes quem foi?

— O Josh e o Dave — respondeu Izzy. — Tenho a certeza.

— Sinto mesmo muito por tudo isto — disse ele. — Não consigo acreditar que ela te fizesse isto. Nem a ti nem a outra pessoa.

— A tua namorada é uma cabra completamente chanfrada — disse Alex. — Está lá fora, a fingir-se muito preocupada com a Izzy, a perguntar-se o que é que terá acontecido. — A Izzy devia apresentar queixa!

No fim do corredor, Izzy agarrou-se ao corrimão e arrastou-se pelas escadas acima.

— Ela não deve estar muito satisfeita contigo neste momento — disse ela a Ethan. — Se ela sabe que vieste à minha procura...

Ethan encolheu os ombros.

— Onde é que ela está agora?

— Estão todos à espera, ao pé da casa dos barcos — respondeu Alex.

— Levem-me lá — pediu Izzy.

Os feixes das lanternas balouçavam de um lado para o outro entrecruzando-se, raios de luz amarela listravam o negro relvado e iluminavam brevemente as telhas decadentes da velha casa dos barcos. Grupos de adolescentes estavam ali reunidos, a andar de um lado para o outro e a saltitarem para se manterem quentes, à espera de saber o que é que tinha acontecido. Quando Crystal viu Izzy a descer a colina, dirigiu-se apressadamente na sua direção, correndo pelo relvado. Izzy sentiu o peito e o rosto a ficarem mais quentes.

— Estás bem? — perguntou Crystal, com a voz cheia de pena fingida.

Esticou os braços como se fosse abraçá-la. Izzy passou por ela rapidamente e continuou a andar, os olhos a esquadriharem a multidão à procura de Shannon.

Por fim, Izzy avistou-a, a falar e a rir, com Josh e Luke, uma cerveja numa das mãos, um cigarro na outra. Izzy abriu caminho por entre a multidão, ignorando o facto de toda a gente estar a olhar. Quanto mais se aproximava de Shannon, mais a sua fúria aumentava, crescendo dentro de si como um balão a ser cheio de ar quente. Normalmente, afastava os sentimentos de raiva da sua mente assim que eles surgiam. Mas desta vez a sua fúria era muito grande, muito intensa, consumia todos os seus pensamentos. Ela não ia bater em Shannon, mas também não a ia deixar escapar-se impune. Marchou na direção dela, com passos largos e ritmados, o seu corpo tenso, os punhos cerrados.

Em câmara lenta, viu Shannon voltar a cabeça na sua direção, os olhos vidrados pelo álcool e pela falta de sono. O seu sorriso desapareceu quando viu Izzy caminhar na sua direção. Shannon abriu a boca para falar, mas Josh interpôs-se entre elas, tapando o caminho a Izzy.

— Que raio é que aconteceu ali? — perguntou ele a Izzy. — Estás bem?

— Sabes muito bem o que é que aconteceu, — respondeu Izzy.

Ela contornou-o e dirigiu-se a Shannon. Shannon olhou para ela, com os lábios a mexer como se estivesse a tentar decidir se devia sorrir ou franzir a testa, a perguntar-se sem dúvida se a farsa tinha sido descoberta. Mas já tendo estado naquela situação milhares de vezes, instintivamente, Shannon sabia o que devia fazer. Ela sorriu, uma expressão artificial de alívio estampou-se-lhe no rosto.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela. — Estás bem?

Por uma fração de segundo, Izzy quase que parava e virava-lhe as costas, sabendo que Shannon não valia o esforço. Mas depois algo sombrio ganhou terreno no seu cérebro e ela lançou-se para a frente, agarrando Shannon pela gola com ambas as mãos. Encostou a sua testa à testa dela.

— Se te tornas meter comigo, — rosnou ela — vais arrepender-te!

Gotas de saliva voavam-lhe dos lábios e aterravam na face impecavelmente bronzeada de Shannon, que empalideceu e tentou afastar-se. Agarrou nos dedos de Izzy, tentando libertar-se

— Tira as mãos de cima de mim! — gritou ela.

— Pede desculpa! — exigiu Izzy, as suas palavras cheias de fúria.

— Eu não fiz nada! — gritou Shannon.

— Pede desculpa ou eu desfaço-te! — gritou Izzy.

Antes que Izzy pudesse perceber o que é que estava a acontecer, Josh puxou-a, uma mão agarrava-lhe no carapuço, a outra agarrava no braço de Shannon, obrigando-as a separarem-se.

— Deixa-a em paz! — disse ele, mantendo Izzy à distância. — Eu não sei o que é que se passou ali dentro, mas ela não teve nada a ver com isso.

Izzy libertou-se do aperto de Josh.

— Tretas! — disse. E espetou-lhe um dedo no rosto.

— Sabes muito bem o que é que aconteceu! Puseste-me dentro de uma câmara e deixaste-me lá! E foi ela que te convenceu a fazer isso!

— Eu? — perguntou Josh, arqueando as sobrancelhas. — Não sei o que é que andaste a fumar, mas eu não te toquei! A Alex começou a gritar e nós corremos dali para fora. Eu pensei que vinhas atrás de nós!

— Estás a mentir! — exclamou Izzy.

— Tu não estavas connosco! — disse Alex a Josh. — Só saíste uns minutos mais tarde, depois de a Crystal e do Luke me terem soltado!

Shannon estava ao lado de Josh, com os braços cruzados sobre o peito.

— Eu não acredito nisto — disse ela. — Eu peço desculpa por tudo e peço outra oportunidade e é esta a paga que tenho. Eu não sei se te estás a querer vingar ou qualquer coisa, mas dizeres que eu convenci o Josh a trancar-te numa câmara é uma acusação muito séria. Eu nunca faria nada tão terrível.

Izzy dirigiu-se a Shannon novamente. Josh interpôs-se entre elas e empurrou-as. Logo a seguir, Ethan apareceu, as suas costas voltadas para Izzy. Cerrou o punho e esmurrou Josh, grunhindo com o esforço. Quando Ethan se endireitou, Josh cambaleou para trás e caiu ao chão, com a mão por cima do nariz que sangrava.

— Deixem a Izzy em paz! — rosnou Ethan.

Dave apareceu, os olhos a piscar conforme olhava para Josh e depois para Ethan.

— Que raio é que estás a fazer, Ethan? — perguntou ele.

Ethan puxou o punho atrás, preparado para desferir outro golpe, desta vez a Dave, mas Izzy agarrou-lhe no braço.

— Não — disse ela. — Eles não valem o esforço.

Ethan limpou a boca com o braço, a arquejar e a olhar fixamente. Pôs uma mão no ombro de Izzy.

— Estás bem? — perguntou ele.

Izzy acenou com a cabeça. Dave ajudou Josh a levantar-se e ambos olharam para Ethan, abanando as cabeças.

— O que é que se passa contigo? — perguntou Dave.

— O que é que se passa comigo? — retorquiu Ethan. — Quando é que vocês vão crescer e começar a pensar nas consequências dos vossos atos? O que é que vocês fariam se tivesse acontecido alguma coisa à Izzy? E se ela se tivesse magoado ou nós não a conseguíssemos encontrar?

— Mas que raio, Ethan! — disse Shannon. — Estás a defendê-la? *Eu* é que sou a tua namorada, lembras-te?

Ethan olhou para o chão por um momento, e depois olhou Shannon nos olhos.

— Deixaste de ser — disse ele, fazendo uma careta como se tivesse provado algo rançoso.

— O quê? — perguntou Shannon em voz alta. — O que é que acabaste de dizer?

Ethan inspirou fundo, sustentando o olhar de Shannon.

— Estou a acabar contigo. Não consigo namorar com alguém que tem prazer em magoar as outras pessoas. Não sei o que é que te aconteceu ultimamente, mas desta vez foste longe de mais.

— Eu fui longe de mais? — disse Shannon com voz trémula — Vais acreditar no que ela diz?

— Eu encontrei o teu amiguinho Bryan na câmara — respondeu Ethan. — Ele diz que tu lhe pagaste.

— Isso não é verdade — disse Josh, as suas palavras molhadas e abafadas.

Ele segurava no nariz, a sua manápula coberta de sangue escuro.

— Ela não teve nada a ver com isso.

— Já podes parar de a tentar impressionar, Josh — disse Ethan. — Ela é toda tua.

Ethan pegou no braço de Izzy e voltou-se, caminhando em direção à margem. Alex seguiu-os.

— Queres ir às Urgências? — perguntou Ethan a Izzy.

— Não — respondeu ela. — Eu vou ficar bem.

— Anda — disse Ethan a Alex. — Vamos levá-la para casa.

CAPÍTULO 16

CLARA

Março 1931

Uma semana depois de ter sido libertada da Rookie Pest House, Clara foi autorizada a juntar-se à população geral. Foi colocada numa ala diferente e foi-lhe dado um trabalho na lavandaria, a separar, engomar e a passar a ferro. O trabalho era quente e exaustivo, mas ela estava aliviada por ter saído da Rookie Pest House, grata pela possibilidade de se levantar, de realizar tarefas, de usar o seu corpo e esticar os músculos. Acima de tudo, estava grata por não estar acorrentada a uma cama vinte e quatro horas por dia.

As mulheres na lavandaria erma reservadas, exceto a Matilda, uma mulher mais velha que falava com toda a gente. Matilda falava com um sotaque europeu carregado e usava o seu cabelo grisalho apanhado em longas tranças. Era mais alta que a maioria das mulheres, tinha braços grossos e musculados e uns dedos incrivelmente largos. Matilda distribuía os lençóis e as fronhas acabados de lavar para serem engomados apoiando os alguidares cheios de roupa molhada em cima de um dos ombros e transportando-os em câmara lenta através da sala. Quando não estava a levantar alguidares extremamente pesados de roupa molhada, Matilda empurrava carros de roupa rasgada e despedaçada para a sala de costura no outro lado do corredor. A cada paragem, ela dava um abraço a cada uma das mulheres e recitava as mesmas palavras.

— Eu não ouço vozes. Eu não tenho visões. Eu não sou maluca. Eu sou nervosa.

Normalmente, os pacientes não estavam autorizados a tocarem-se, mas ninguém tentava impedir Matilda de distribuir os seus abraços diários. Clara deu consigo a desejar ver Matilda todos os dias, sentir os seus braços fortes e quentes à sua volta. Parecia que tinha passado uma eternidade desde que tinha sido abraçada pela última vez, por isso ela prolongava o abraço um pouco mais de cada vez. Quando Clara lhe agradecia, Matilda sorria e dizia que ela era amorosa. Tornou-se um raio de luz no dia de Clara, uma pequena demonstração de bondade num local frio e impiedoso.

Ao fim de duas semanas, Clara foi autorizada a ir para a sala de recreação durante uma hora da parte da tarde. A sala era comprida e estreita, com um papel de parede às riscas, cortinas brocadas e candelabros Vitorianos. Os pacientes sentavam-se em sofás almofadados ou em cadeiras com assento de palha, a falar, a observar, ou a jogar cartas ou jogos de tabuleiro em mesas de carvalho. Num dos cantos, um paciente dava à manivela num gramofone, pondo a tocar uma versão riscada de «America The Beautiful», uma e outra vez. Decorada para parecer e transmitir um ambiente acolhedor numa tentativa de fazer os pacientes relaxar, a sala tinha o efeito oposto em Clara. A ela, parecia-lhe uma chacota, uma tentativa para levar os pacientes a pensar que as suas necessidades estavam a ser satisfeitas à medida que os anos e os meses se passavam. As suas vidas estavam a desaparecer e ninguém estava a fazer um esforço para os ajudar a recuperá-las. Por trás das cortinas elegantes e do mobiliário confortável, as janelas ainda estavam cobertas de barras, as portas ainda estavam trancadas, os auxiliares ainda observavam com olhos vigilantes.

Clara caminhou por entre as mesas e as cadeiras, tentando encontrar um sítio sossegado onde pudesse ficar sozinha. Depois o coração saltou-lhe no peito. Esther e Madeline estavam sentadas juntas em frente a uma estante. Madeline estava inclinada para a frente a ler para Esther, que estava sentada numa cadeira cheia de almofadas com a cabeça para trás e os olhos fechados. Clara não via Madeline desde o episódio na cozinha, quando tinha batido com a cabeça no chão e entrara em trabalho de parto. E a última vez que tinha visto Esther tinha sido na sua caminhada diária, quando passaram perto da Rookie Pest House. Clara dirigiu-se apressadamente na direção delas e ajoelhou-se ao pé da cadeira de Esther.

— Estou tão contente por vos ver! — sussurrou ela.

Madeline deixou cair o livro no colo, os olhos arregalados a olhar para ela.

— Clara! — exclamou ela. — Onde é que tens andado?

Clara olhou para Esther para ver a reação dela, mas ela estava a dormir. Ao perto, o rosto de Esther parecia mais pálido do que Clara se lembrava, olheiras marcavam-lhe a pele enrugada por baixo dos olhos. Parecia que tinha envelhecido dez anos, as suas feições de estrela de cinema tinham sido roubadas pela dor e pela tensão. Tudo porque tinha beijado outro homem. Clara engoliu em seco, tentando recuperar a voz.

— Eu entrei em trabalho de parto no dia em que se passou aquilo na cozinha — contou ela. — Mantiveram-me a mim e ao bebé na enfermaria por alguns meses. Mas depois...

A sua voz falhou, tentando fazer desaparecer o nó ardente que tinha na garganta.

— Onde é que está o teu bebé? — perguntou Madeline em voz baixa.

Os seus olhos ficaram marejados de lágrimas e ela agarrou a beira do livro, os nós dos dedos ficaram brancos.

— Eles levaram-na — conseguiu dizer Clara. — Veio cá uma mulher que a levou.

Era primeira vez que ela dizia aquelas palavras em voz alta. De repente sentiu-se tonta e nauseada. Levantou-se e puxou uma cadeira, limpando as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

— Oh não — disse Madeline. — Eu tinha esperança que tivesses sido libertada, ou que os teus pais sempre te tivessem vindo buscar. Pelo menos, foi isso que disse a mim própria. Não conseguiria suportar se te tivesse acontecido alguma coisa má por me teres defendido. Mas agora, eles levaram o teu bebé...

Ela baixou a cabeça e fungou, lágrimas grossas e rápidas caíam-lhe da ponta do nariz. Clara apertou a mão de Madeline.

— Está tudo bem — disse ela. — Um dia eu vou voltar a ver a minha filha, não sei quando nem como, mas vou. Por agora, tenho de me agarrar a esse pensamento e fazer aquilo que me mandam. E de alguma forma, tenho de convencer o Dr. Roach que estou curada.

Madeline levantou a cabeça. Mordeu o lábio e começou a beliscar a pele à volta do polegar.

— O que foi? — perguntou Clara. — O que é que se passa?

Madeline olhou para Esther.

— Tem cuidado — disse ela. — Foi o Dr. Roach que lhe fez aquilo.

Clara voltou-se para olhar para Esther.

— Fez o quê? — perguntou ela. — O que é que ela tem? Eu pensei que ela estava a dormir.

— E está — disse Madeline. — Porque isso é a única coisa que ela faz agora. Antes disto, o Dr. Roach estava constantemente a fazer-lhe perguntas sobre o romance dela. O marido dela disse que ela se comportava como uma vulgar

prostituta e o Dr. Roach disse-lhe que a única forma de ela se curar era se lhe contasse tudo. Ele queria saber todos os detalhes. Ao princípio ela recusou, mas o Dr. Roach disse que se ela não cooperasse nunca seria libertada. Depois, por fim ela concordou e contou-lhe tudo, ele queria que ela lhe exemplificasse o que é que tinha feito com o amante. Ele tentou que ela tivesse relações sexuais com ele.

Clara cerrou os maxilares, uma espiral quente de raiva subia-lhe pelas costelas.

— Ele magoou-a?

Madeline abanou a cabeça.

— Ele tentou forçá-la e ela deu-lhe um pontapé — disse, apontando para a zona púbica. — Tu sabes onde. Uma semana depois, ela desapareceu. Quando finalmente voltou para a ala, a enfermeira Trench disse que ela estava num coma induzido por insulina. A Esther estava bem, mas muito, muito cansada. Deixaram-na ficar na cama por algum tempo. Mas depois algo aconteceu. Ela diz que um homem entrou na ala. Eu acho que isso a assustou.

Clara franziu a testa.

— Um homem entrou na ala das mulheres? Como é que isso aconteceu?

— Ele estava com os carpinteiros. Estavam a arranjar uma fuga de água no teto ou a colocarem uma porta nova, não tenho a certeza.

— Ele não lhe fez mal, pois não?

— Não — disse Madeline. — Acho que não. Mas depois de isso ter acontecido, a Esther começou a perguntar insistentemente por ti. Não se calava. Estava sempre a dizer: «Onde é que está a Clara? Onde é que está a Clara?», uma e outra vez.

Clara endireitou-se espantada.

— Por mim? — perguntou ela. — Porque é que ela havia de perguntar por mim?

Madeline abanou a cabeça.

— Não sei — respondeu ela. — Nós questionávamo-nos sobre onde é que estarias, mas isto era diferente. Ela estava frenética. Como se a vida dela dependesse de te encontrar. Ela perguntava a toda a gente onde é que tu estavas. Depois de isto ter acontecido, o Dr. Roach prescreveu-lhe uma medicação qualquer que só lhe dá vontade de dormir. Quando está acordada mais tempo,

não me conta nada. Tem medo de se esquecer se me contar. Isto aconteceu há mais de dois meses.

Clara olhou para Esther.

— Ela falará se a acordarmos?

— É possível — disse Madeline. — Às vezes fala, outras vezes não. Depende da altura do dia.

Clara colocou uma mão no braço de Esther e abanou-a suavemente.

— Esther? — disse ela. — Esther, estás a ouvir-me?

Esther mexeu a cabeça muito ligeiramente. Madeline chegou-se para a frente na sua cadeira, a olhar em redor para se certificar que ninguém estava a observar. O auxiliar encarregue da sala de recreação estava sentado a uma secretária a ler uma revista. Madeline pegou nas mãos de Esther e puxou para a frente gentilmente.

— Esther — disse ela. — Acorda. A Clara está aqui e quer falar contigo.

O tronco de Esther começou a inclinar-se para a frente, mas a sua cabeça caiu para trás e os seus olhos permaneceram fechados. Madeline parou de a puxar e deixou que Esther se afundasse novamente nas almofadas.

— Estás a ouvir-me, Esther? A Clara está aqui. Está mesmo ao teu lado.

— Esther — disse Clara, controlando a vontade de gritar.

Aproximou-se mais e inclinou-se por cima do braço da cadeira cheia de almofadas, chegando mais perto do ouvido de Esther.

— Sou eu, a Clara. A Madeline disse-me que querias falar comigo. O que é? O que é que me queres dizer?

As pestanas de Esther agitaram-se e ela levantou a cabeça da almofada.

— É isso mesmo — disse Madeline. — Acorda, Esther. A Clara está aqui. Lembras-te da Clara?

Por fim, Esther pestanejou e abriu os olhos. Olhou para Madeline e franziu os olhos, depois colocou as mãos em cima do rosto e inspirou fundo.

— Esther — disse Clara. — Perguntaste ao Dr. Roach onde é que eu estava? Queres contar-me alguma coisa?

Esther deixou cair as mãos em cima do colo e virou-se lentamente para Clara, um fio de baba escorria-lhe do lábio inferior.

— Onde é que está a Clara? — disse ela, o seu discurso arrastado, as palavras enroladas.

— Estou aqui — disse Clara. — Abre os olhos e olha para mim. Eu estou aqui.

Esther fez um esforço para abrir as pálpebras, tentando focar-se no rosto de Clara. A parte branca dos olhos de Esther estava injetada de sangue, as pupilas inertes.

— Clara, — disse ela — um homem entrou na enfermaria.

— Sim, — disse Clara — a Madeline contou-me.

— Eu estava a dormir e ele acordou-me.

— O que é que aconteceu? — perguntou Clara. — Ele fez-te alguma coisa? Ele magoou-te?

Esther abanou a cabeça.

— Ele abanou-me o ombro e isso assustou-me. Mas depois ele perguntou por ti. Ele perguntou se eu te conhecia.

O coração de Clara troava-lhe no peito como uma locomotiva. Ela cravou as unhas nas palmas das mãos.

— Como é que ele era? — perguntou ela. — Ele disse como é que se chamava?

— Cabelo escuro. Olhos castanhos.

Esther voltou a fechar os olhos por um momento, Clara tinha medo que ela adormecesse novamente. Em seguida, um sorriso débil brincou nos lábios de Esther.

— Muito bonito.

Clara mal conseguia respirar.

— Esther, — disse ela — o que é que o homem te disse?

Esther engoliu em seco e pestanejou.

— Diz à Clara que eu estou a trabalhar com o grupo de carpinteiros. Diz-lhe que eu a vim buscar.

— Quem? — perguntou Clara, os pelos dos seus braços eriçados. — Quem é que me veio buscar? Como é que ele se chamava, Esther?

— Bruno — disse Esther. — O Bruno veio buscar-te.

CAPÍTULO 17

IZZY

Na manhã a seguir a ter sido trancada na câmara, Izzy rastejou para fora do seu saco-cama e cambaleou para a casa de banho de Alex, as suas articulações estavam rijas e os músculos contraídos, como se tivesse estado envolvida numa luta. Lavou a cara e franziu os olhos para se olhar no espelho. Os seus olhos estavam enevoados e o cabelo desgrenhado. Sentou-se na sanita para fazer chichi e, reparou pela primeira vez que os joelhos estavam arranhados e com nódoas negras. Manchas roxas cobriam-lhe os cotovelos e os antebraços, e a pele dos nós dos dedos estava cortada e ensanguentada. Até os dedos dos pés estavam negros. De repente, a sensação de estar presa tomou conta dela novamente. Afastou aquela sensação, levantou-se da sanita e dirigiu-se à janela. Lá fora, o dia estava cinzento e chuvoso, imitando o seu estado de espírito taciturno.

Pelo menos tinham decidido voltar para a casa de Alex em vez de ficarem no acampamento ao pé do lago na noite anterior. Teriam ficado encharcadas, já para não falar na subsequente fita que teria acontecido quando Shannon os apanhasse. Além disso, Izzy não tinha conseguido parar de tremer desde que a tinham tirado da câmara. O seu leve saco-cama não seria suficiente para a aquecer. Na viagem de volta à cidade, tinha aumentado o ar quente do *BMW* de Alex até esta e o Ethan se queixarem.

Depois de um rápido pequeno-almoço de sumo de laranja e cereais, Alex tinha deixado Izzy em casa dos pais de acolhimento, prometendo voltar mais tarde para verem um filme. Apesar do seu estado de espírito taciturno, ela estava grata a Alex por tentar distraí-la do que tinha acontecido em Willard. Encolheu os ombros para se proteger da chuva e caminhou rapidamente pela entrada pavimentada, evitando as poças de água que aumentavam de tamanho. Ela ainda conseguia ver Ethan parado no passeio quando o tinham deixado em casa, inclinado sobre a janela do lado do passageiro. Ao princípio, pensou que ele estava a tentar beijá-la e afastou-se. Depois percebeu que ele estava só a

despedir-se e ruborizou embaraçada. Ele perguntou-lhe pela milésima vez se ela estava bem e insistiu que ficasse com o casaco até segunda-feira, mas ela recusou. Estava tudo a acontecer muito depressa e ela não queria que ele pensasse que, só porque ele tinha acabado com Shannon, ela estava pronta para ser sua namorada. Ela ainda não tinha a certeza se podia confiar em alguém que costumava alinhar nas partidas pérfidas de Shannon. E no entanto, ela ficara com o pin dos Green Day que tinha encontrado no bolso do casaco dele. Naquele momento, ela passava o polegar por cima do pin, e inspirou profundamente antes de abrir a porta que conduzia à cozinha de Peg.

Habitualmente, aos domingos de manhã, Harry fazia panquecas e eles os três sentavam-se de pijama à volta da mesa, a ler livros de banda desenhada e a fazer palavras cruzadas até à hora do almoço. Era o dia preferido de Izzy em toda a semana. Aquelas horas que passavam a conversar e a rir, em que Peg e Harry a ajudavam a fazer os trabalhos de casa, faziam-na sentir-se como parte de uma verdadeira família. Agora, o estômago dela rugia a pensar *nobacontostado* e nas fofas panquecas cobertas com espesso xarope de ácer. Mas quando entrou na cozinha, a Peg e o Harry estavam vestidos e sentados à mesa, com chávenas de café nas mãos, o jornal de domingo cuidadosamente dobrado por entre os individuais. Peg levantou os olhos, assustada, os lábios comprimidos numa linha fina e severa. Harry virou-se na cadeira e olhou para Izzy com uma expressão séria.

O coração de Izzy parou. De alguma forma, tinham ficado a saber da festa na praia. Ela tinha-lhes mentido dizendo que ia ficar em casa de Alex e agora eles iam dizer-lhe que ela tinha de se ir embora. Ela sentia-o. Ela deixou o saco escorregar-lhe do ombro e sentou-se, prendendo a respiração enquanto esperava, olhando para uma fotografia do Presidente Clinton e de Monica Lewinski na primeira página do jornal.

— Divertiste-te ontem à noite? — perguntou Peg, tentando sorrir.

— Correu bem — disse Izzy, perguntando-se se isto seria um teste. Ela decidiu contar a verdade.— Mas eu...

— Temos uma coisa para te contar — interrompeu Harry. Empurrou os óculos mais para cima do nariz e limpou as mãos às calças. Peg remexeu-se na cadeira, os nós dos seus dedos começaram a ficar brancos à medida que ela apertava a sua caneca de café.

— Primeiro, temos boas notícias — disse Peg.

A voz dela tremeu e ela pigarreou. Izzy olhou para ela, um nó ardente ameaçava cortar-lhe a respiração. O que é que Peg poderia dizer para suavizar o golpe?

— Eu encontrei uma enfermeira que trabalhou em Willard. Pensamos que ela poderá ter tratado de Clara. Podemos ir falar com ela, se tu quiseres.

Izzy acenou com a cabeça, o seu coração começou a acelerar.

— Acha que ela pode saber o que é que aconteceu a Clara? — conseguiu ela dizer. — Ou à filha dela?

— Eu não sei — respondeu Peg. — Mas nós perguntamos-lhe. Se ela não souber, nós as duas tentamos descobrir. Prometo.

Nós as duas. Os olhos de Izzy ficaram marejados de lágrimas. Peg tinha dito que elas as duas iam tentar descobrir. Afinal eles não a iam mandar embora. Ela inspirou profundamente e depois expirou, vagas de alívio tomavam conta dela. Mas depois, Harry olhou para Peg, como se estivesse à procura de apoio.

— Há mais uma coisa — disse ele com as sobrancelhas franzidas. — É sobre a tua mãe.

Izzy enrijeceu. O Harry e a Peg raramente mencionavam a mãe dela. O que quer que fosse que Harry tinha para lhe contar, era grave. Muito grave. Ela podia perceber no rosto dele.

— O que é que se passa com ela? — perguntou Izzy, o seu estômago contraído.

Peg pôs gentilmente a sua mão por cima da dela. Izzy sentiu algo a mover-se dentro da cabeça, como se o seu cérebro se estivesse a fortalecer, a preparar-se para o choque.

— Ela teve um ataque ontem à noite — disse Harry. — Ela estava na cela e ninguém deu conta do que se passou até hoje de manhã.

Izzy engoliu em seco.

— Sinto muito — disse Peg, os seus olhos estavam marejados de lágrimas. — Mas ela está em coma. Eles acham que ela não vai sobreviver.

Izzy olhou para Peg, tentando articular as palavras. A sua língua parecia chumbo, os lábios pesados e inúteis por cima dos dentes. Peg acariciou a mão de Izzy, os seus dedos macios tocaram nos nós dos dedos dela que estavam em ferida. Ela olhou para baixo e arquejou.

— O que é que aconteceu? — perguntou.

Izzy afastou a mão e cerrou o punho no colo.

— Nada — respondeu ela. — Caí quando estava a experimentar os patins em linha da Alex.

Algures na sua mente, ficou surpreendida com a facilidade com que a mentira tinha saído. O que é que tinha mudado de ontem para hoje? Ela pegou no seu saco e levantou-se, arrumando a cadeira debaixo da mesa.

— Estás bem? — perguntou Harry. — Queres ir ao hospital para falar com os médicos?

Izzy abanou a cabeça, o corpo entorpecido.

— Hum... para já não — respondeu ela.

— Podemos levar-te ao hospital para a veres amanhã depois das aulas — disse Peg. — Se quiseres.

Izzy cravou as unhas nas costas da cadeira. *De que é que isso vai servir?*, pensou ela.

— Eu estou muito cansada — disse ela. — Se não se importam vou tomar um duche e dormir uma sesta.

— Queres que te faça alguma coisa para comeres primeiro? — perguntou Peg.

— Se estiveres com fome eu posso fazer panquecas — disse Harry.

Izzy abanou a cabeça e saiu da cozinha com as pernas trémulas. A meio das escadas, ela abrandou o ritmo e agarrou-se ao corrimão, o coração a estourar conforme ela se arrastava pelas escadas acima. No topo das escadas, o corredor vacilava à frente dela. Agarrou-se ao corrimão, à espera de recuperar o equilíbrio. Ao fim de um longo minuto, entrou no quarto, deixou cair o saco no chão e correu para a casa de banho.

Abriu a sanita e vomitou os cereais que tinha comido em casa da Alex, vomitando em seco até sentir que o seu esófago lhe ia sair pela boca, deslizando até se transformar numa massa sangrenta no fundo da sanita. Por fim, conseguiu respirar sem se engasgar. Cuspiu repetidas vezes para dentro da sanita, depois limpou a boca e endireitou-se. Uma lata de Coca-Cola meio vazia estava na beira do lavatório. Ela bebeu o que restava do refrigerante já sem gás, na esperança de que o líquido com sabor a caramelo lhe retirasse o sabor azedo da boca. Ainda tonta, cambaleou para o quarto e deixou-se cair na cama, deitando-se de lado e apertando a almofada contra o peito. Ela cerrou os olhos, tentando parar de

chorar, mas não conseguiu. Durante dez anos, tinha tido muito medo de visitar a mãe na cadeia. Muito medo que a mãe parecesse e se comportasse como uma louca, ou que não soubesse quem ela era. Agora, não havia nada que desejasse mais. Algures na sua mente, ela acalentara a esperança de que um dia a mãe se curasse, ou que lhe retirassem todas as acusações. Talvez, por milagre, se descobrisse que o assassinato do seu pai tinha sido um grande equívoco. Que talvez tivesse sido morto por um ladrão. E que a mãe de Izzy, tendo testemunhado a morte violenta do marido, tivesse perdido o juízo temporariamente. Quando se soubesse a verdade, a sua mãe seria posta em liberdade e ela e Izzy poderiam ser uma família novamente. Ao longo dos anos, centenas de cenários diferentes surgiam na mente de Izzy, mas ela afastava-os constantemente, certa de que não passavam de sonhos impossíveis de uma menina confusa. Agora, era definitivo. Nenhuma daquelas coisas se iria concretizar. Izzy iria ficar órfã. A oportunidade de algum dia voltar a ter uma mãe verdadeira, por mais ínfima que fosse, tinha desaparecido.

Os ombros de Izzy sacudiam-se e ela mordeu a almofada, surpreendida pela profundidade dos seus sentimentos. Tinha mantido a cabeça erguida e a compostura por tanto tempo que se tinha convencido que era invencível. Agora, tudo colapsava. Ela sabia que algum dia as coisas iriam mudar. Mas ainda não, não naquele momento, não daquela forma. Ela pestanejou para afastar as lágrimas, depois levantou a cabeça e olhou para a cómoda. Os postais e as cartas da mãe ainda ali estavam, enfiados num envelope pardo por trás das suas meias e roupa interior.

Sentou-se e limpou os olhos, o seu coração batia mais rápido. Ler as cartas poderia melhorar as coisas, ou poderia piorá-las. Lembrou-se dos envelopes na mala de Clara. A vida de Clara podia ter sido diferente se tivessem sido enviados, se Bruno tivesse tido uma oportunidade de os ler. Talvez tivesse tirado Clara da Casa de Repouso de Long Island antes de ela ter sido mandada para Willard. Talvez se tivessem casado, criado uma família juntos, e vivido felizes para sempre.

Naquele momento, Izzy perguntava-se se as coisas teriam sido diferentes se ela tivesse lido as cartas da mãe. Talvez as respostas que ela procurava estivessem ali este tempo todo. O seu estômago revirava-se. Independentemente daquilo que as cartas dissessem, era demasiado tarde para que as coisas

mudassem. Contudo, ela precisava de saber a verdade. Quer as cartas da mãe retratassem a mulher que ela tinha sido, cheia de amor e carinho, ou revelassem de uma vez por todas que na verdade ela era lunática.

Izzy levantou-se e foi tirar as cartas da parte de trás da primeira gaveta da cómoda, depois sentou-se de pernas cruzadas em cima da cama, o envelope atafalhado em cima do edredão à sua frente. Desapertou o fecho de metal, abriu a aba e deixou os postais e as cartas espalharem-se em cima da cama. A pilha de envelopes de diferentes cores e tamanhos lembrava-a do Dia dos Namorados na escola primária, quando toda a gente recebia postais dos seus colegas. Ela perguntava-se sempre se receberia tantos postais de São Valentim como o resto dos colegas, ansiosa por ver como é que tinham sido assinados no verso. Teriam sido assinados só um nome, ou incluiriam as iniciais MAPS, melhores amigos para sempre, ou mesmo MA, melhores amigos?

Um a um, virou os envelopes da mãe, verificando o carimbo dos Correios e colocando-os por ordem cronológica. Iria lê-los por anos, começando pelos primeiros meses de prisão da mãe. Ao princípio, recebia uma carta por mês. Depois, à medida que o tempo passava, a frequência oscilava entre três a quatro por ano. Izzy calculava que, juntamente com as cartas regulares também houvesse postais de aniversário e de Natal. Todos com a mesma morada: Prisão Estatal de Bedford.

Inspirou fundo, pegou na primeira carta, com um carimbo de julho de 1986, o mês a seguir à mãe ter sido condenada à prisão, e abriu o envelope. Era agora ou nunca. Colocou os dedos sobre os lábios trémulos e começou a ler.

Olá fofinha,

Como é que estás? Espero que estejas bem. Tenho tantas saudades tuas! Quero que saibas que sinto muito aquilo que aconteceu ao teu pai. Eu sei que para já não entendes aquilo que se está a passar, mas um dia vais compreender, prometo. Desculpa ter estado doente durante tanto tempo e não ter podido estar aí para te apoiar. Mas quando melhorei, já era tarde de mais. Eu sei que estás triste e confusa, querida. E peço desculpa por isso. Por favor, vem visitar-me. Eu tenho tantas saudades tuas que até me dói o coração.

Por favor, sê uma menina boa para a tua Avó.

Vemo-nos em breve.

Amo-te daqui até à Lua e de volta.

Beijos.

Mamã.

Os olhos de Izzy ardiam. Amo-te daqui até à Lua e de volta. Era o que a mãe

lhe dizia todas noites depois de a aconchegar, antes de apagar a luz e sair do seu quarto. De alguma forma, Izzy tinha-se esquecido. Abriu o envelope seguinte. Era um postal de aniversário.

Na frente do postal estava escrito «Desejos de Feliz Aniversário para uma Doçura de Oito Anos». No interior, a mãe tinha escrito, «Tenho saudades tuas e amo-te daqui até à Lua e de volta!». *Onde é que uma prisioneira ia comprar postais de aniversário?*, perguntava-se Izzy. A carta seguinte era mais do mesmo; uma carta escrita a uma menina de oito anos cuja vida estava virada do avesso. Mais desculpas e pedidos de visita. Por fim, nas cartas, a mãe de Izzy deixou de lhe pedir que a fosse visitar, em vez disso dizia todas as coisas que ela gostaria de dizer pessoalmente, todos os conselhos que ela queria transmitir à sua única filha. Izzy tinha que lembrar a si própria para respirar, à espera de ler aquela frase, aquele grupo de palavras que confirmaria a doença mental da sua mãe. Até agora ainda não tinha descoberto. A outra coisa que ela também não encontrava era referências ao seu pai. Como se ele nunca tivesse existido.

Izzy sentiu que frios fragmentos de remorsos se formavam no seu peito. Poderia ter estado enganada este tempo todo? Teria ela desperdiçado anos a fio a ter medo? No papel, a sua mãe parecia normal. Quanto mais Izzy lia, mais parecia estar a perdê-la outra vez. E no entanto, não estava mais próxima agora de compreender o que se tinha passado do que estava há dez anos.

Cerca da três da tarde, Izzy já tinha lido perto de quarenta cartas. Peg tinha ido lá acima várias vezes, batido suavemente na porta e perguntado se Izzy estava bem, se ela lhe podia trazer alguma coisa para comer ou beber. Na verdade, Izzy não conseguiria comer nada mesmo que tentasse. Sentia um azedume no estômago como se este estivesse a ferver.

Uma hora depois, as palavras estavam a ficar enevoadas e tornava-se cada vez mais difícil a Izzy manter os olhos abertos. A carta que tinha na mão tinha sido dobrada dentro do postal do seu décimo terceiro aniversário, as dobras tornavam a leitura ainda mais difícil. Ela decidiu acabar de ler mais uma carta, depois tomar duche e dormir uma sesta. Mas no momento seguinte, a sua respiração ficou presa na garganta e ela sentou-se. Voltou a ler as palavras.

Eu matei o teu pai porque o apanhei no teu quarto, a fazer coisas que um pai não deveria fazer à sua filha. Peço desculpa por não te ter contado mais cedo, mas quis esperar até teres idade suficiente para perceber aquilo que se passa entre um homem e uma mulher. Não te preocupes,

querida. Eu impedi-o antes que ele fosse longe de mais.

Izzy deixou cair a carta e colocou as mãos sobre a boca, um sabor ácido subia-lhe pela garganta. Não, não podia ser verdade. Era apenas um pesadelo! Quem é que diz à filha no seu décimo terceiro aniversário que o pai a molestava? A mãe tinha de estar a mentir! Afinal de contas ela era maluca! O pai de Izzy não faria uma coisa tão terrível, pois não? A tremer, Izzy enrolou-se em posição fetal e olhou fixamente para uma única rosa na parede do quarto, a sua visão enevoadá enchia-se de vibrantes pétalas vermelhas, como um desenho animado do seu coração partido que sangrava.

Nesse momento recordou-se do pesadelo vividamente, a mão suada do demónio entre as pernas dela, o seu braço pesado a prendê-la. O demónio sentou-se e riu-se, uma estranha mescla de repugnância e êxtase contorcia-lhe as feições numa máscara aterrorizadora. Em seguida, a máscara transformou-se num rosto humano e Izzy reconheceu o demónio. Era o seu pai.

Izzy arrastou-se da cama, correu para a casa de banho, e caiu de joelhos em frente da sanita, o seu peito e o estômago doíam-lhe à medida que ela era assolada por vômitos secos, uma e outra vez. Por fim, conseguiu recuperar o fôlego e encostou-se à banheira, pressionando as palmas das mãos contra os olhos. Ondas quentes de pânico incendiavam-lhe o pescoço e o peito, pulsando à sua volta como uma descarga elétrica, fazendo com que cada centímetro da sua pele se arrepiasse, cada músculo dos seus braços e das suas pernas tremesse. Tentou inspirar profundamente e expirar devagar, a sua cabeça girava à medida que ela percebia que aquilo em que tinha acreditado era uma mentira. Uma mentira que ela tinha fabricado sozinha.

A sua mãe tinha abdicado da sua vida, da sua liberdade, para a proteger. Durante todos aqueles anos, Izzy tinha pensado que a mãe era uma lunática, e o pai um homem carinhoso que tinha pago o preço derradeiro pela loucura da mulher. Todos aqueles anos desperdiçados porque ela não tinha tido a coragem de perguntar pelo lado da história da mãe!

Em seguida algo despertou na mente de Izzy, como se uma peça gigantesca de um puzzle tivesse finalmente sido posta no seu lugar. De repente, tudo fazia sentido. A sua mãe sempre tinha sido extremamente protetora, a mais pequena falha no seu plano perfeito para proteger Izzy fazia com que entrasse em pânico. Uma vez, quando tinham ido à compras ao supermercado, Izzy largou o carrinho

das compras enquanto a mãe escolhia uma meloa. Tinha-se afastado apenas alguns metros, contornando a ponta do corredor para ir ver uma banca de brinquedos. Mas quando a mãe não a viu, começou a gritar o nome de Izzy uma e outra vez, alto o suficiente para fazer com que o gerente da loja aparecesse a correr. Izzy dirigiu-se apressadamente para o corredor da fruta e tocou no cotovelo da mãe, olhando para cima com os olhos cheios de medo, receosa de que a mãe tivesse enlouquecido. A mãe caiu de joelhos e soluçou, dizendo a Izzy para nunca mais sair de ao pé dela.

Ver o marido violar a filha faria facilmente com que a mãe de Izzy perdesse as estribeiras. Tal como à maioria das mães. Era certo que a maioria das mães chamaria a polícia, não daria um tiro na cabeça do marido com a sua espingarda de caça. Mas pelo menos Izzy agora compreendia o que é que se tinha passado.

Na carta, a mãe de Izzy admitia que ter morto o seu marido tinha sido errado, que ela tinha enlouquecido por uns tempos. Ela sabia porque é que estava a ser punida. O advogado dela não foi capaz de convencer o júri a ser benevolente porque ele não tinha provas de que o pai dela tinha feito alguma coisa de mal. A mãe de Izzy não deixou que ela fosse submetida a exames médicos, optando por sacrificar a sua liberdade. Acredita que um dia sairia em liberdade condicional e que elas voltariam a reunir-se.

Izzy mordeu o lábio. Durante todos estes anos, a verdade tinha estado ali, preto no branco, à espera que ela abrisse um envelope e que a lesse. Mas ela tinha sido demasiado teimosa para perceber. E agora a mãe estava em coma! Izzy nunca mais conseguira dizer-lhe que finalmente compreendia. Nunca mais teria a oportunidade de lhe pedir desculpa por não tê-la ido visitar.

Pensou na Shannon, cuja mãe tinha ignorado o que o marido andava a fazer. Como é que a Shannon conseguia viver com a mãe dia após dia, sabendo que ela não a tinha protegido? Tinha de ser a pior sensação do mundo. Apesar das coisas horríveis que Shannon tinha feito, sentia pena dela. Se ao menos a mãe de Shannon tivesse feito alguma coisa para parar o marido, a vida de Shannon poderia ter sido diferente. Como é que Shannon conseguia encarar a mãe todos os dias? Como é que a conseguiria perdoar?

Izzy levou as mãos ao rosto. Ao contrário da mãe de Shannon, a sua mãe tinha passado todos aqueles anos sozinha, pensando que a filha nunca a iria perdoar, pensando que já não era amada. Depois Izzy lembrou-se que tinha lido que as

pessoas em estado comatoso por vezes ouviam os seus entes queridos a falarem com eles. A mãe estava ligada às máquinas, ela não estava morta. Ainda havia tempo para a ver, para se despedir. Ela ia pedir à Peg que a levasse a Bedford amanhã. E talvez, quem sabe, a sua mãe ouvisse as suas desculpas.

Quando Izzy achou que podia confiar nas suas pernas trémulas para a manterem de pé, levantou-se e despiu as roupas. Os seus joelhos, cotovelos e pés ainda estavam doridos por terem batido nas paredes da câmara e agora tinha também a cabeça a latejar. Trepou para a banheira vazia, a porcelana fria e dura parecia uma pedra tumular contra a sua pele, e lutou para tapar o ralo da banheira e abrir a torneira da água quente, as suas mãos tremiam como as de uma mulher com cem anos. À medida que a banheira enchia, ela olhava fixamente para a escuridão do cano que jorrava água, a sua mente vazia, não se apercebendo de mais nada a não ser do frio e do princípio do calor à medida que a água quente se acumulava à volta dos pés dela. Quando a água lhe chegou à cintura, ela encheu a esponja de gel de banho e ensaboou a pele, esfregando para trás e para a frente com mais força do que era necessário, observando em transe à medida que se iam formando bolhas brancas por cima dos seus braços e pernas. Ela olhava para as finas cicatrizes nos seus braços, perguntando-se se se tinha automutilado para reprimir as terríveis recordações daquilo que o pai lhe tinha feito. Fechou a torneira e deitou-se na água cheia de espuma, imersa sem se mexer, um gotejar lento e constante ecoava como um relógio subaquático nos seus ouvidos.

Ao fim de alguns minutos, correu as mãos pelo corpo, passando os dedos pelos seios, pela penugem fina e macia entre as suas pernas. Quantas vezes é que tinha pensado em ter sexo, em ter um homem a beijar-lhe os seus seios nus e a pele quente, a tocá-la em todas as suas partes sensíveis e íntimas? Quantas vezes é que tinha pensado em Ethan a fazer amor com ela? Inúmeras. Felizmente, ela não tinha nenhuma recordação real do pai a violentá-la. Mas alguém conseguiria perceber o que ele tinha feito. Esse pensamento encheu-lhe o estômago de uma náusea adiposa. Lavou-se por entre as pernas uma segunda vez, depois levantou-se e enxaguou-se debaixo do chuveiro, deixando que o jato quente lhe relaxasse o pescoço e os ombros. Por fim, fechou a água e esvaziou a banheira. Limpou-se e vestiu um pijama lavado, depois foi para o quarto e gatinhou para baixo dos cobertores.

Não vou deixar que o meu passado defina o meu futuro, pensou ela. Naquela altura eu era uma pessoa diferente. E não vou passar o resto da minha vida a pagar pelos pecados do meu pai. Não vou e não posso.

CAPÍTULO 18

CLARA

Depois de ter falado com Madeline e Esther, Clara passou as duas semanas seguintes a tentar descobrir onde é que Bruno poderia estar a trabalhar. À noite não conseguia dormir e estava distraída durante o dia. No seu trabalho na lavandaria misturava os lençóis com as toalhas, as batas hospitalares com os aventais. Quando a encarregada deu conta dos seus erros, pô-la a trabalhar na sala de costura do outro lado do corredor, fazendo e arranjando camisas e calças e camisas de dormir. Sentava-se num banco a dar pontos pequenos e precisos, tentando pensar em novas formas de encontrar Bruno. Mas até ali, nada tinha resultado.

No dia a seguir a Esther lhe ter contado o que é que tinha acontecido, Clara pensou em pedir para ver o Dr. Roach para o convencer de uma vez por todas que o Bruno existia. De alguma forma, ela iria insistir para que trouxessem a equipa de construção ao seu gabinete um a um. Bruno estaria entre eles e iria reconhecer Clara, provando que afinal ela estava a dizer a verdade. Depois, lembrou-se de Madeline ter dito que o Dr. Roach tinha prescrito medicação a Esther por que ela estava frenética, agindo como se a sua vida dependesse de encontrar Clara. Por que motivo ele a medicaria, se não para a manter sossegada? Teria ele medo que Clara descobrisse que Bruno estava em Willard? Se era esse o caso, porquê? Antes de ir falar com o Dr. Roach, ela precisava de fazer mais perguntas. Naquela tarde, na sala de recreação, ela sentou-se em frente a Esther, abanando-a suavemente para que acordasse.

— Preciso de te perguntar uma coisa — disse Clara, inclinando-se para a frente e falando em voz baixa.

Esther pestanejou e levantou a cabeça, dando a Clara um sorriso débil.

— Encontrei o Bruno? — perguntou ela, as palavras enroladas.

— Chiiuu — murmurou Clara. — Eu não quero que ninguém ouça.

Esther expirou.

— OK, — disse ela num sussurro.

— Basta abanares a cabeça para dizeres sim ou não, está bem?

Esther acenou com a cabeça, entreabrindo os lábios molhados, as pálpebras meio fechadas.

— Disseste ao Dr. Roach o nome do homem que entrou na ala? — sussurrou Clara.

Esther acenou com a cabeça.

— Disseste-lhe que o Bruno andava à minha procura?

Esther voltou a acenar com a cabeça. O coração de Clara começou a bater mais rápido.

— O que é que o Dr. Roach disse?

A boca de Esther contorceu-se de desdém.

— Ele disse que eu estava a alucinar.

— Foi por causa disso? Foi por causa disso que ele te prescreveu a medicação?

Esther abanou a cabeça.

— Eu perguntei por ti. Ele disse que tu estavas muito doente. Depois perguntei pelo teu bebé. Eu disse que o Bruno era o pai.

— E depois? — perguntou Clara prendendo a respiração.

— Ele ficou surpreso por eu saber do bebé.

— Ele disse-te que a levaram embora?

— Não — disse Esther com o queixo a tremer. — Ele disse que eu devia meter-me na minha vida.

O peito e o rosto de Clara pareciam estar a arder. Ela não conseguia compreender porque é que o Dr. Roach se recusava a acreditar na história de Esther. Ela não tinha nada a ganhar por dizer que Bruno era real. E porque é que o Dr. Roach não tinha investigado, para saber se afinal Clara estava a dizer a verdade? Teria ele ido longe de mais, ao manter Clara presa e a tirar-lhe o bebé, para admitir que tinha cometido um erro? Ou estaria o pai dela por trás de tudo aquilo, puxando os cordelinhos do Dr. Roach?

Subitamente, o rosto de Esther contorceu-se de angústia.

— Desculpa — disse ela, desmanchando-se em lágrimas. — A culpa é minha.

— O quê? — perguntou Clara com o estômago a contrair-se.

— Eu não devia ter contado ao Dr. Roach sobre o Bruno — disse ela com a voz embargada.

— Está tudo bem — retorquiu Clara. — Estavas só a tentar ajudar.

— Mas e se o Dr. Roach se livrou dele? — perguntou Esther.

Clara sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. A sala começou a girar. Ela não tinha pensado nisso. O Dr. Roach podia facilmente ter despedido Bruno e tê-lo banido da propriedade. E depois?

Uns dias mais tarde, ela roubou um par de calças e uma camisa engomada da sala de costura, molhou o cabelo e penteou-o para trás afastando-o do rosto, depois entrou na lavandaria tentando escapulir-se juntamente com os pacientes masculinos que tinham vindo buscar as roupas lavadas. A encarregada apanhou-a e puxou-a para o lado, valendo-lhe uma semana de isolamento antes de ser autorizada a voltar ao trabalho. Ela perguntou às outras pacientes se tinham visto a equipa de construção, e caso tivessem visto, onde. Todas responderam que não, abanando as cabeças com olhos assustados, querendo apenas que as deixassem em paz. Ela pensou partilhar a história de Esther com a enfermeira Trench, na esperança de que ela tivesse pena de si, mas decidiu que era um risco muito grande. Por vezes, parecia que seria impossível encontrar o Bruno. Mas ela tinha de tentar. Não havia outra hipótese.

As horas da madrugada a seguir à meia-noite eram as piores. Era nessa altura que ela receava que Bruno tivesse sido despedido e que não encontrasse outra forma de a salvar. Ela receava que ficasse desencorajado e que deixasse de a procurar. Receava que Esther pudesse estar a sonhar. Afinal de contas, Clara tinha contado tudo a Esther e a Madeline, que ela e Bruno estavam apaixonados, que os pais não aprovavam, que o pai a tinha mandado internar, que estava à espera de bebé. Talvez o facto de estar presa em Willard e de ter sido posta em coma tivesse feito com que a pobre Esther enlouquecesse. Talvez ela tivesse imaginado tudo! Esse pensamento comprimia o peito de Clara como uma fria placa de granito.

Durante noites a fio, dúvidas e questões mantiveram Clara acordada. Cada vez que estava prestes a adormecer devido à mera exaustão, a terrível ideia de que Bruno não estava em Willard fazia-a sentar-se na cama, sem fôlego e suada, as suas pernas enroladas nos lençóis imundos. Em seguida, ela enroscava-se e chorava até adormecer, perguntando-se se voltaria a ser livre.

Depois, um dia na sala de costura, enquanto estava sentada num banco duro com as costas voltadas para a janela e um cesto de camisas acabadas de engomar

a seus pés, Clara observou a encarregada subir a umas escadas para trocar uma lâmpada. A encarregada era uma mulher pequena, mais velha, que coxeava em volta da sala de costura, a sua saia comprida e rodada rocegando pelos soalhos. Ela tratava as pacientes por «queridinha» e certificava-se que elas mantinham as cabeças baixas e os olhos no trabalho. Por vezes, usava uma bengala para se deslocar, queixando-se que o tempo lhe fazia doer os ossos, parando frequentemente para massajar a perna aleijada. Ultimamente, por causa da primavera húmida, ela usava a bengala todos os dias.

Observando a encarregada em cima das escadas altas, Clara encolheu-se quando ela se desequilibrou e quase caiu. Clara não fazia ideia qual era o problema que a encarregada tinha na perna, mas indagava-se por que é que ela se arriscava a subir a umas escadas para mudar uma lâmpada. Havia três lâmpadas na sala de costura, incluindo aquela por cima de onde Clara estava sentada. Mas os tetos tinham quatro metros de altura, os candeeiros estavam a cerca de três metros do chão. De certeza que em Willard havia homens para fazerem aquele tipo de trabalho.

Então, como um raio, surgiu-lhe a ideia.

Se ela não conseguia ir ter com Bruno, talvez conseguisse encontrar uma forma de fazer com que Bruno viesse até ela. Esther tinha dito que ele estava a trabalhar com a equipa de construção. Madeline tinha dito que eles estavam a arranjar uma fuga ou a colocar uma porta nova. Clara olhou em redor da sala de costura, tentando descobrir o que é que ela podia partir. Ao fim de um minuto o seu coração afundou-se. As portas eram muito grossas, as ombreiras muito largas. As paredes estavam cobertas de armários abertos usados para guardar os tecidos e as roupas dobradas, e havia dezenas de bancos de madeira, mesas de triagem, e cadeiras de espaldar alto, mas quase todo o mobiliário era feito madeira de carvalho ou de ácer maciça. As vigas de suporte da sala eram mais largas que a cabeça de Clara. Depois ela percebeu que, ao contrário das janelas nas alas, as quais estavam cobertas por uma rede protetora, o interior das janelas da sala de costura estava exposto. As vidraças eram separadas por umas tábuas de madeira fina que se podiam partir facilmente.

Com o coração na garganta, Clara levantou-se do seu banco e aproximou-se das escadas, de onde a encarregada descia. No último degrau, a encarregada perdeu o equilíbrio e quase que caiu. Clara agarrou-lhe o braço.

— Posso ajudá-la? — perguntou ela.

A encarregada expirou de alívio, depois ajeitou as saias, o seu rosto vermelho, as mãos nodosas a tremer.

— Muito obrigada, queridinha — disse ela. — Eu odeio subir as escadas.

Clara e a encarregada moveram as escadas ao longo do soalho, posicionando-as por baixo de próximo candeeiro. Clara subiu e trocou a lâmpada sem incidentes. Depois arrastaram as escadas para baixo do outro candeeiro, perto das janelas onde Clara tinha estado sentada. Clara inspirou profundamente e subiu as escadas, tentando impedir que os seus joelhos tremessem. Não havia outra hipótese. Ela tinha de sair de Willard. Tinha de encontrar Bruno e Beatrice. E tinha de fazer alguma coisa drástica naquele momento, antes que perdesse a coragem. Clara esticou-se para chegar à lâmpada e propositadamente inclinou-se demasiado, inclinando as escadas na direção das janelas. Ela fingiu perder o equilíbrio e puxou as escadas, batendo com o último degrau nas vidraças, lançando estilhaços de vidro e lascas de madeira por toda a sala. No último segundo, ela largou-se, caindo no chão de madeira com um som de ossos a baterem. Em seguida, as escadas caíram para o lado, tombando um armário, pilhas de camisas brancas e calças castanhas deslizaram das prateleiras no que parecia ser em câmara lenta. A prateleira de cima partiu-se ao meio, e as escadas caíram ao chão com um grande estrondo.

— Oh, meu Deus, Nosso Senhor! — gritou encarregada. — Estás bem, queridinha?

Dois ajudantes correram para a sala de costura, apressando-se a ir ajudar Clara a levantar-se. Algumas pacientes olhavam com olhos assustados, enquanto outras encolhiam os ombros e sussurravam. A maior parte estava sentada a observar, os seus rostos pálidos estavam impassíveis. Clara levantou-se com as pernas trémulas, sacudindo o vestido.

— Estou bem — disse Clara a esfregar o cotovelo. A sua anca gritava de agonia, e o seu ombro parecia ter sido arrancado do seu encaixe, mas ela não se ia queixar para não ser mandada para a enfermaria.

Enervada e com o rosto vermelho, a encarregada ordenou que todas voltassem aos seus trabalhos. As mulheres dirigiram-se aos seus bancos e recomeçaram a costurar, algumas choravam, algumas murmuravam, outras sussurravam por trás das mãos trémulas. A encarregada foi buscar uma vassoura e estendeu-a a Clara,

a arquejar e apoiada à bengala como se tivesse sido ela a cair das escadas.

— Peço desculpa — disse Clara pegando na vassoura. — Eu só estava a tentar ajudar.

— Não te preocupes com isso, queridinha, — retorquiu a encarregada. — Limpa esta confusão, depois procura outro banco e volta ao trabalho.

Ela agarrou a sua bengala com ambas as mãos e olhou ao redor da sala, a estalar a língua.

— Suponho que é melhor pedir a alguém para vir arranjar isto tudo.

— Quando? — perguntou Clara.

A encarregada franziu a testa.

— Assim que puder — respondeu ela num tom de voz suave. — Embora não tenha ideia nenhuma que diferença é que isso te faz, queridinha.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, Clara entrou apressadamente na sala de costura com o coração na boca. Os seus olhos voaram em direção à janela partida e ao armário rachado, esperançosa de ver alguns homens a trabalhar ali. Mas a janela já estava entaipada e o armário tinha desaparecido. Ela deixou descair os ombros. Se os carpinteiros tinham estado ali, ela tinha-se desenhado deles. Atravessou a sala e sentou-se num banco entre as outras mulheres, cestos de lençóis e camisas de dormir estavam a seus pés. Ela mal conseguia passar a ponta da linha através do buraco da agulha, o mundo era uma névoa através das suas lágrimas.

Que estupidez e tolice a minha, pensou ela, mordendo com força no lábio. *Mesmo que os carpinteiros tivessem vindo enquanto eu aqui estava, nada garantia que o Bruno estivesse entre eles. Tal como a Esther disse, o Dr. Roach pode ter-se visto livre dele, ou talvez haja mais do que uma equipa de carpinteiros.* A torrada rija e as ameixas secas andavam às voltas no seu estômago e ela quase que se agoniou. Uma das pacientes começou a cantar «Bye, Bye, Blackbird» em voz alta e desafinada. Outra começou a cantarolar para a acompanhar, os seus dedos finos e brancos flutuavam no ar como se ela estivesse a conduzir uma orquestra. Clara fez um esforço para não lhes gritar para pararem. Em seguida a encarregada entrou para fazer a sua ronda, e Clara ficou agradecida quando as mulheres pararam de cantar.

Ela tirou uma camisa de dormir rasgada do seu cesto, depois baixou a cabeça

e começou a trabalhar, espetando acidentalmente a agulha na ponta do seu dedo. Ela ignorou o que tinha acontecido e continuou a trabalhar, remendando um ombro rasgado. A encarregada passou a coxear, a sua bengala batia no chão de madeira. Uma mancha de sangue floresceu na camisa de dormir que Clara tinha nas mãos, transformando-se em mancha amareladas. Clara levou o dedo à boca, levantou-se do banco e enfiou a camisa de dormir no fundo do cesto praguejando baixinho. A mulher ao lado dela observava-a, a boca contraída em desaprovação.

Nesse momento, Clara ouviu uma voz masculina no corredor. A sua cabeça voltou-se rapidamente na direção do som, o coração batia-lhe aceleradamente no peito. Um homem entrava de costas na sala de costura, os ombros curvados como se estivesse a transportar algo pesado. As luzes do teto refletiam-se na sua cabeça careca e o seu tronco era largo e atarracado, como se o seu corpo fosse o de um anão apesar dos seus membros serem longos e delgados. As suas jardineiras estavam cobertas de serradura, como uma fina camada de algodão amarelo. O homem careca entrava às arrecuas dentro da sala de costura, uma das pontas de um caixilho das janelas nas suas mãos, tentando não raspar a tábua larga na ombreira da porta. Clara prendeu a respiração enquanto observava a janela a entrar pela porta, pensando que podia desmaiar antes de ver quem é que estava a segurar a outra ponta.

Em seguida, os seus ombros descaíram. O homem que segurava na outra ponta era pálido e magro, com cabelo louro curto. Clara deixou-se cair em cima do banco, pestanejando para conseguir controlar as lágrimas. Os homens que transportavam a janela passaram por ela e encostaram o caixilho à parede, ao lado da janela entaipada.

— Quando é que vão arranjar o armário? — perguntou a encarregada ao homem careca.

— Já está pronto — disse o homem careca, voltando-se para a porta.

Clara engoliu em seco, seguindo o olhar do homem. Outro trabalhador entrava de costas pela porta, uma ponta do armário nas suas mãos. Tinha ombros quadrados e uma constituição robusta, o seu cabelo escuro colado à cabeça. Clara arquejou. Deixou cair a camisa de dormir e levantou-se. Parecia estar a demorar uma eternidade para o resto do armário passar pela porta. Clara olhou para o homem que segurava na outra ponta. Tinha cabelo grisalho e usava óculos. Os seus olhos voltaram-se rapidamente para o homem de cabelo escuro.

Por fim, o armário já estava dentro da sala. Os homens pousaram-no, e no que pareceu ser em câmara lenta, o homem de cabelo escuro voltou-se. Ele descalçou as luvas e olhou em redor da sala, como se estivesse à procura de alguém. O seu cabelo estava mais comprido do que Clara se lembrava e tinha uma cicatriz recente por cima do olho, mas Clara conhecia aquela cara.

Era Bruno.

Um grito de alegria explodiu da sua garganta.

— Bruno! — gritou, com a voz trémula. Ela começou a caminhar na sua direção.

Os olhos de Bruno arregalaram-se e a boca abriu-se. Deixou cair as luvas e caminhou na direção dela.

— Parem! — gritou a encarregada. — Auxiliares!

— Faz o que eles dizem — disse Bruno.

Os auxiliares entraram apressadamente na sala e Clara estacou, lutando contra o desejo de correr para os braços de Bruno. Mas ele tinha razão, arranjar problemas não iria ajudar a situação deles. Bruno afastou-se com as mãos levantadas. A encarregada olhou para Clara.

— O que é que pensas que estás a fazer? — perguntou ela fazendo uma careta.

Atravessou a sala a coxear e agarrou no queixo de Clara com os dedos duros.

— Andaste a fazer alguma coisa que não devias ter feito? Espera até o Dr. Roach saber disto. Há uma ala especial para mulheres como tu, queridinha.

— Ela é minha mulher! — exclamou Bruno em voz alta.

A encarregada olhou para ele. Libertou o queixo de Clara e olhou para ele de alto a baixo, os lábios contraídos numa linha severa. Depois levantou a sua bengala, apontando para o homem careca.

— Tem alguma ideia do que é que se passa aqui? — perguntou ela.

Ele abanou a cabeça.

A encarregada fez um gesto com a cabeça em direção à porta.

— Levem-nos para o gabinete do Dr. Roach — disse ela aos auxiliares.

Clara e Bruno estavam sentados em lados opostos do gabinete do Dr. Roach, um auxiliar de cada lado das cadeiras. O Dr. Roach estava sentado à sua secretária enquanto a enfermeira Trench estava de pé por trás dele. Segurava uma ficha contra o seu peito amplo, um colete-de-forças pendurado no braço como uma

toalha de servir. A enfermeira May entrou no gabinete vinda do corredor, entregou uma pasta ao Dr. Roach, depois aguardou obedientemente junto a uma das pontas da secretária. O Dr. Roach abriu a pasta, pousou-a em cima do mata-borrão e analisou os papéis, contraindo e soltando os maxilares. Clara mal conseguia respirar, à espera que ele dissesse alguma coisa. Finalmente, ele levantou o olhar.

— Não tenho a certeza de estar a compreender o que é que se está a passar aqui — disse ele. — Pode fazer o favor de me explicar, Clara?

— Este é o Bruno! — exclamou Clara. — O homem que você diz que não existe! Eu disse-lhe que não era louca. Ele é...

Ela engoliu em seco para desfazer o súbito nó que se tinha formado na sua garganta e olhou para Bruno, com os olhos marejados de lágrimas. Não havia outra forma de lhe contar.

— Ele é o pai da minha bebé. A menina pequenina que você me tirou.

Bruno enrijeceu, o seu rosto ficou rubro. Fechou os olhos e deixou cair a cabeça, enterrando os dedos nos braços da cadeira, as têmporas latejavam.

— Talvez me possa explicar porque é que a sua ficha de empregado diz Joseph Russo — disse o Dr. Roach. — E não Bruno Moretti.

Bruno olhou para cima e pigarreou, os seus olhos vidrados.

— Joseph é o primeiro nome do meu pai — disse ele de forma brusca, como se mal conseguisse controlar a sua raiva. — Russo é o nome de solteira da minha mãe.

— Porque é que não usou o seu nome verdadeiro quando concorreu ao posto na carpintaria? — perguntou o Dr. Roach.

— Porque recebi uma carta de Clara a avisar-me que os médicos da Casa de Repouso de Long Island tinham conhecimento da minha existência — explicou Bruno. — O pai dela tinha-lhes dado ordens para me manterem afastado dela, chegando ao ponto de intercetar as primeiras cartas que ela me escreveu para que eu não descobrisse onde é que ela estava. Eu usei um nome diferente porque calculei que lhe tivessem sido dadas as mesmas instruções.

— Então você veio trabalhar para Willard para encontrar a sua namorada? — perguntou o Dr. Roach.

— Sim — disse Bruno. — Eu sabia que você não iria ouvir se eu chegasse à porta e exigisse que a libertasse. O Henry Cartwright é um homem poderoso. Eu

sei que ela está a ser mantida aqui por ordens dele. E só para esclarecer a situação, ela não é minha namorada. É minha mulher.

— O Henry Cartwright preocupa-se com o bem-estar da filha — disse o Dr. Roach. — Ele mandou-a para Willard porque ela não está bem.

— Tretas! — exclamou Bruno, as veias da sua testa dilatadas. — Ele mandou-a para aqui para a afastar de mim! Ela não tem problema nenhum!

— Receio que você não esteja qualificado para avaliar o estado mental dela — retorquiu o Dr. Roach. — Enquanto, por outro lado, eu estou.

Ele voltou o olhar para Clara.

— Importa-se de explicar por que é que nunca mencionou que era casada?

Clara olhou para Bruno, sem saber o que é que devia dizer. Mas ele estava a olhar para o Dr. Roach, claramente a tentar controlar a vontade de se lançar por cima da secretária e de o estrangular. Depois, sentindo a hesitação de Clara, olhou para ela de testa franzida, como se tentasse transmitir-lhe que devia alinhar. Levou a mão ao bolso de trás e retirou um papel dobrado de dentro da carteira.

— Aqui está a nossa certidão de casamento — disse ele, estendendo-a na direção do Dr. Roach.

A enfermeira May contornou a secretária, pegou no papel e pousou-o na pasta aberta. O Dr. Roach analisou a certidão.

— Onde é que vocês se conheceram? — perguntou ele.

— No Cotton Club — respondeu Clara. — O meu pai não fazia ideia que eu costumava lá ir com as minhas amigas. Uma noite, o Bruno estava lá...

O Dr. Roach agitou uma mão no ar.

— Não, não, — disse ele. — Eu não quero ouvir mais histórias. Quero saber como é que se encontraram aqui, em Willard. Claramente, o nosso sistema para evitar que ajudantes externos se misturem com os pacientes tem falhas graves.

— Não é uma história! — exclamou Clara. — Nós...

— A Clara estava a trabalhar na sala de costura — interrompeu Bruno, com voz tensa.

Ele chegou-se para a beira do assento, como se estivesse a preparar-se para se levantar. O auxiliar agarrou-lhe o ombro e obrigou-o a sentar. Bruno lançou-lhe um olhar mortífero antes de prosseguir.

— Eu estava a ajudar a transportar um armário que tinha vindo da carpintaria.

Foi a primeira vez que a vi, apesar de já andar à procura dela há meses.

— Então não começou um relacionamento com a Clara desde que ela está aqui internada? — perguntou o Dr. Roach.

— Não, — respondeu Bruno, sustentando o olhar do Dr. Roach. — Nós conhecemo-nos há dois anos no Cotton Club, tal como ela disse.

— Porque é que não acredita em nada do que lhe estamos a dizer? — perguntou Clara. — Eu sempre lhe disse que o meu pai me mandou para aqui para me afastar do homem que eu amo. Agora ele está aqui à sua frente e você continua a não ouvir!

— Você tem estado a delirar desde que chegou — retorquiu o Dr. Roach. — Este homem está a tentar aproveitar-se da sua doença dizendo-lhe que é alguém que ele não é.

— Isso não é verdade! — exclamou Clara, batendo com o punho na perna. — Como é que explica os nomes na certidão de casamento?

O Dr. Roach acendeu o cachimbo, deu um longo trago, depois olhou para a certidão novamente, o fumo deslizava-lhe dos lábios.

— Isto não prova nada — respondeu ele. — Tanto quanto sei, pode ser uma falsificação.

— E quanto a Beatrice? — perguntou Clara, o pânico apertava-lhe o peito. — Se o pai não é o Bruno, quem é?

O Dr. Roach abanou a cabeça.

— Estou certo que não sei — respondeu ele. — Mas o seu pai alertou-me que você estava a ser um pouco, como é que eu hei de dizer, um pouco libertina antes de ele a mandar para a Casa de Repouso de Long Island. Ele disse que isso não era costume em si e que foi nessa altura que começou a suspeitar que havia algo de errado.

O Dr. Roach fez um gesto com a cabeça à enfermeira May e ela saiu do gabinete através da porta da sala de observação.

— Isso é mentira! — gritou Clara. — Eu estava com o Bruno, por isso é que os meus pais me mandaram para aqui! Não percebe? Faz todo o sentido!

— Onde é que está a nossa filha? — perguntou Bruno, trilhando as palavras por entre os dentes cerrados. — Eu exijo que nos devolva a nossa filha.

Ele inspirou fundo e prendeu a respiração, tentando claramente manter o autocontrolo.

— Sinto muito — disse o Dr. Roach a Bruno, num tom de voz impassível. — Eu sei que você acha que está a ajudar a Clara, mas ela não está apta para ser mãe. Acredite em mim quando lhe digo que a filha dela foi entregue a uma família carinhosa e que está a ser muito bem tratada.

Nessa altura, a enfermeira May reapareceu com uma agulha hipodérmica num tabuleiro. O coração de Clara troava-lhe no peito. Bruno olhou para o tabuleiro com a testa franzida, depois levantou-se de punhos cerrados. Os auxiliares agarraram-no pelos braços.

— Isto não pode ser legal! — exclamou Bruno, a sua voz ribombando de fúria. — Vocês não podem simplesmente prender as pessoas e fazerem o que quiserem com os filhos delas!

— O pai de Clara confiou-me o tratamento dela, — retorquiu o Dr. Roach. — Estou apenas a fazer o que é melhor para todos.

— Eu vou fazer queixa à polícia! — gritou Bruno. — Vou dizer-lhes que você raptou o nosso bebé! Vou trazê-los aqui e exigir que me devolva a minha filha e que liberte Clara!

O Dr. Roach olhou para Bruno durante um longo momento, como se estivesse a tentar decidir se ele estava ou não a falar a sério. Bruno olhou para ele, o seu peito arquejava.

— Onde é que está a minha filha? — perguntou Bruno novamente, os seus olhos ardiam de raiva. — Se não me disser, eu encontro alguém que me diga. E depois mando prendê-lo!

O Dr. Roach pousou o cachimbo num cinzeiro. Remexeu-se no seu assento, depois escreveu algo na pasta de Bruno, a transpiração irrompeu-lhe na testa.

Clara levantou-se.

— Por que é que está tão nervoso? — perguntou ela. — O meu pai tem estado a pagar-lhe para me manter aqui? Ele disse-lhe para dar o meu bebé?

Os auxiliares empurraram-na de volta para a cadeira.

O Dr. Roach ignorou-a e virou-se para a enfermeira Trench de mão estendida. Ela mordeu o lábio inferior e entregou-lhe a pasta que tinha na mão. O Dr. Roach abriu-a, folheou-a até chegar à última página, e escreveu qualquer coisa no fundo da folha. Depois fechou as pastas e fez um gesto com a mão como se estivesse a enxotar uma mosca. Os auxiliares empurraram Bruno de volta para a cadeira. Bruno lutou para se levantar. Mas era escusado.

— Mas que raio é que pensa que está a fazer? — gritou Bruno. — Você não tem qualquer autoridade sobre mim! Eu não sou um dos seus pacientes!

O Dr. Roach levantou-se, pegou no casaco que estava nas costas da cadeira e vestiu-o. Dirigiu a sua atenção para a enfermeira Trench.

— Terapia de insulina para a Clara — disse ele abotoando o casaco.

A enfermeira Trench assentiu com a cabeça, os seus olhos marejados de lágrimas. Depois o Dr. Roach olhou para Bruno, o seu rosto impassível.

— Estou a dar ordens para que seja admitido para avaliação, Joseph ou Bruno, ou quem quer que você seja.

Bruno lutou para se levantar, os punhos cerrados, a boca retorcida de desprezo.

— É assim? — berrou ele. — Vai simplesmente decidir que estamos a mentir, ou que estamos loucos, o que quer que lhe queira chamar? Vai simplesmente prender-nos?

— Estou a fazer o meu trabalho — respondeu o Dr. Roach. — Estou a tentar ajudar a Clara. E agora vou tentar ajudá-lo a si.

— Isso é só conversa! — gritou Bruno. — Do que é que você tem medo? O que é que está a tentar esconder?

Clara caiu da cadeira, certa de que ia vomitar. Um dos auxiliares agarrou-a por baixo do braço e obrigou-a a pôr-se de pé. Finalmente, Bruno conseguiu libertar-se dos auxiliares. Atravessou a sala a correr, agarrou em Clara e arrastou-a em direção à porta.

— Apanhem-nos! — gritou o Dr. Roach.

Um dos auxiliares apanhou Clara pela cintura e carregou-a de volta, os pés dela não tocavam no chão. Ela fincou as unhas nos braços do auxiliar, arrancando-lhe a pele, mas o esforço foi infrutífero. O auxiliar não a libertou. Clara observou, suspensa no ar, os outros auxiliares a mandarem Bruno ao chão e a prendê-lo ali. O Dr. Roach apressou-se a levar um colete-de-forças e os auxiliares levantaram Bruno com brusquidão. Ele contorcia-se, tentando libertar-se, mas os auxiliares torceram-lhe os braços para trás, puxando-os para trás das suas omoplatas. Bruno dobrou-se de dor, os olhos esbugalhados. Levantou a cabeça e olhou para Clara.

— Não te preocupes, — disse ele com a voz tensa. — Eu arranjo outra maneira de te tirar daqui!

O Dr. Roach enterrou-lhe a seringa no braço, depois afastou-se, observando os auxiliares a lutarem para vestir o colete de forças a Bruno.

Clara cerrou os olhos. Ela não conseguia ver aquilo.

CAPÍTULO 19

IZZY

Prisão Estatal de Bedford

O rosto de Izzy era açoitado pelo seu cabelo, fustigado pelo vento de outubro, enquanto observava o portão de metal com a altura de dois andares no lado de fora do Instituto Correcional de Bedford Hills. Virou as costas às rajadas geladas e apertou o casaco por baixo do queixo, tremendo enquanto aguardava que o guarda a deixasse entrar. Por trás do portão, a miscelânea de edifícios de tijolo, janelas gradeadas e aglomerados de chaminés lembravam-na Willard. As únicas diferenças entre o hospício e a prisão eram os guardas nas torres de vigia e o arame farpado enrolado por cima das vedações metálicas.

Ela olhou para o outro lado da estrada na direção do parque de estacionamento, onde Peg estava sentada no lugar do condutor do seu carro, a observá-la por trás do para-brisas. Peg tinha telefonado previamente para marcar a visita e ofereceu-se para entrar com ela, mas Izzy insistiu em despedir-se da mãe sozinha. Naquele momento, o seu estômago revirava-se e ela indagou-se se seria demasiado tarde para mudar de ideias. Na altura em que ela decidiu que afinal queria que Peg fosse com ela, o guarda atravessou o portão interior para a deixar entrar. Ele arrastava os calcanhares pelo pavimento e olhava em redor como se estivesse aborrecido, a sua expressão era de indiferença.

— Cartão de visitante? — perguntou quando chegou ao pé dela.

— Não — disse Izzy. — Eu... hum. É a primeira vez que aqui venho. A minha mãe está na enfermaria. A minha mãe adotiva telefonou e falou com o Diretor. Ele disse que eu podia visitá-la.

— Como é que se chama?

— Isabelle Stone — respondeu ela.

— Espere um momento — disse ele.

Ele abriu uma caixa preta que estava colocada num poste ao lado do portão, marcou um número, e relatou a situação a quem quer que estivesse do outro lado.

— Sim — disse ele. — Isa... não se importa de repetir o seu nome?

— Isabelle Stone — respondeu ela.

— Isabelle Stone — repetiu o guarda. — OK.

Ele desligou o telefone e olhou para ela.

— Tem alguma identificação?

Ela procurou dentro da mala e tirou a sua certidão de nascimento e o cartão da escola. Ele observou os documentos, olhando para ela para comparar as fotografias e depois abriu o portão.

— Tem de se dirigir à entrada para as visitas e solicitar um cartão — informou ele.

Ela guardou os seus documentos novamente dentro da mala, olhou por cima do ombro e acenou rapidamente a Peg, depois entrou no perímetro da prisão. O guarda apontou para os edifícios de tijolo à sua direita.

— Está a ver aquela placa azul ali ao fundo? A que diz «Todos os Visitantes»?

— Sim — respondeu ela.

— Siga pelo passeio até à entrada, pressione o botão do intercomunicador e diga-lhes aquilo que me disse a mim.

— OK — disse ela.

Baixou a cabeça e voltou para o exterior ventoso, segurando o vestido com as mãos para impedir que levantasse, recriminando por o ter posto. Quando era pequena, a mãe tinha insistido em fazê-la usar vestidos feitos por ela, enrolava-lhe o cabelo e prendia-o num rabo de cavalo com fitas cor-de-rosa. Aos seis anos, Izzy começou a rebelar-se com os vestidos de folhos, implorando à mãe que a deixasse usar *T-shirt* e calças de ganga como as suas amigas, como se aquilo fosse a coisa mais importante do mundo. A mãe tinha cedido, mas Izzy nunca mais se esqueceu do olhar triste da mãe quando percebeu que a sua menina estava a crescer. Hoje, usar um vestido tinha-lhe parecido o mínimo que podia fazer. Agora, com o vento a fustigar-lhe as pernas nuas, ela percebia que tinha sido uma tolice. Afinal de contas, a sua mãe não iria reparar.

Com o coração na garganta, Izzy tocou à campainha na porta exterior do saguão dos visitantes e foi deixada entrar. Sentada por trás de uma janela de correr e mantendo os olhos no seu trabalho, a rececionista entregou-lhe três formulários, dizendo-lhe que os preenchesse. Izzy levou a prancheta para o pé de uma cadeira e sentou-se, tentando não olhar fixamente para as crianças que

brincavam e liam sentadas em mesas de tamanho apropriado para elas no centro da sala. Eram crianças em idade escolar, bebês, rapazes e raparigas entre os dez e os doze anos, a sorrirem e a rirem à gargalhada, como se brincar num saguão de uma prisão fosse a coisa mais natural do mundo.

Ao princípio, Izzy ficou confusa, perguntando-se o que é que andariam as crianças a fazer numa prisão. Mas depois percebeu que estavam ali para visitar as suas mães. As suas mães que estavam presas na penitenciária. Ela mordeu o lábio. *Será que os mais velhos alguma vez se tinham recusado a visitar as mães?*, indagou-se ela, *Ou seriam eles leais e visitavam as suas mães independentemente do que elas tivessem feito?* Ela preencheu a papelada, e um sentimento amargo de culpa revolveu-lhe o estômago.

Por fim, uma guarda veio para a levar à enfermaria. Izzy seguiu a guarda através de uma porta de metal rebitada para um pequeno corredor de cimento que cheirava a pedra húmida, urina e mais qualquer coisa que lhe pareceu ser caril. Altas janelas gradeadas preenchiam uma das paredes e três portas abertas preenchiam a outra. A guarda parou e conduziu Izzy através da primeira porta. Ela fez o que lhe era pedido. Dentro de uma sala pequena, outra guarda aguardava junto a uma mesa branca.

— Tenho de lhe revistar a mala — disse a guarda.

Izzy deslizou a mala do ombro e entregou-a. A guarda despejou o conteúdo em cima da mesa.

— Levante os braços e afaste as pernas — pediu a primeira guarda.

Izzy engoliu o nó que tinha na garganta e levantou as mãos. A guarda revistou-lhe os braços, por entre as pernas e por baixo dos seios. Finalmente, a revista acabara e a primeira guarda levou-a de volta para o corredor. Ao fim do corredor, havia uma porta feita de barras de ferro. Izzy parou atrás da guarda à espera que esta a abrisse, os seus joelhos tremiam. O único som que ouvia era o do seu coração acelerado que lhe rugia nos ouvidos. Era mau o suficiente estar dentro de uma prisão pela primeira vez, mas quanto mais perto ficava de ver a mãe, mais difícil se tornava pôr um pé em frente do outro.

Ela seguiu a guarda através da porta de barras para um corredor de cimento com candeeiros de arame, depois através de outra porta de metal para um pequeno saguão. A guarda disse-lhe que se sentasse e que esperasse que alguém a viesse buscar. Ela fez o que lhe tinham dito, sentando-se em cima das mãos,

tentando inspirar profundamente para se acalmar. A guarda foi-se embora, saindo através de uma outra porta.

Uma enfermeira estava sentada do outro lado de uma divisória de vidro, uma porta aberta atrás dela conduzia a outra sala. *Talvez isto seja um erro*, pensou Izzy, pestanejando para afastar as lágrimas. A imagem da mãe estirada na cama da instituição mental surgiu-lhe de súbito na sua mente e ela quase que gritou. Não só se perguntava qual é que seria o aspeto da mãe agora, depois de dez anos presa numa penitenciária, mas também quando pensava em ver a mãe em coma, o seu estômago contraía-se e ela sentia que ia vomitar. A última imagem que tinha da mãe assombrara-lhe os seus sonhos durante anos. Que imagem horrível é que iria ficar gravada na sua mente hoje?

Recordou-se de um livro escrito por Stephen King intitulado *A Zona da Morte*, que conta a história de um homem ferido num acidente de carro que passa cinco anos em coma. Ela imaginava o personagem principal a acordar e a agarrar a mão de alguém, incapaz de a soltar enquanto não predissesse o futuro dessa pessoa. Depois de ler o romance, Izzy não tinha conseguido dormir durante algumas semanas. Estar em coma parecia ser a pior coisa que podia acontecer a uma pessoa. E agora estava prestes a ver a mãe nessa situação. Entre a culpa que sentia por se ter recusado a visitá-la durante aqueles anos todos, a tristeza com a perspectiva de ficar órfã, e o medo que sentia de ver a mãe ligada às máquinas, sentia vontade de gritar. Mas ela tinha de pedir desculpa e de se despedir. Tinha de dizer à mãe que nunca tinha deixado de a amar. Devia-lhe pelo menos isso.

Quando uma das portas do saguão se abriu, Izzy sobressaltou-se. Uma guarda chamou o nome dela e manteve a porta aberta. Izzy atravessou-a e ficou parada no corredor, as unhas cravadas nas palmas das mãos. Uma enfermeira de cabelo escuro e farda hospitalar apareceu e levou-a por um longo corredor de paredes verdes, os seus sapatos chiavam no chão de mosaico. A enfermeira parou junto a umas portas duplas e, para surpresa de Izzy, sorriu para ela.

— Estás bem? — perguntou ela.

Izzy acenou com a cabeça. Pareceu mais um espasmo do que um aceno.

— Só para que saibas — disse a enfermeira. — É raro nós autorizarmos a presença de familiares na enfermaria. Normalmente, alguém no estado em que está a tua mãe seria enviado para um hospital público. Eu detesto ser desagradável, mas a verdade é que nós achamos que ela não sobreviveria à

viagem. A tua mãe de acolhimento suplicou-nos que a mantivéssemos aqui até tu poderes vir vê-la. Só podes ficar alguns minutos.

Izzy acenou com a cabeça e tentou agradecer-lhe, mas a sua boca tinha ficado seca.

— Não te preocupes, — disse a enfermeira, colocando uma mão no ombro de Izzy. — Parece que ela está só a dormir.

A enfermeira abriu a porta e deixou que Izzy entrasse. Uma dezena de camas de metal preenchiam as paredes brancas da enorme sala, uma prisioneira deitada em cada uma delas, algumas estavam a dormir, outras falavam com a prisioneira da cama ao lado, algumas estavam a ler. Uma guarda estava sentada numa secretária ao lado da porta. As prisioneiras interromperam aquilo que estavam a fazer e olharam para cima, com os olhos arregalados de surpresa, as testas franzidas expressando confusão. A enfermeira conduziu Izzy até à primeira paciente, fechou a cortina entre as camas, trouxe uma cadeira de metal e ficou ali parada com a mão na grade da cama. Ao lado da cama, as máquinas de monitorização faziam o seu som característico, os ventiladores inspiravam e expiravam.

— A tua filha está aqui para te ver, Joyce — disse a enfermeira à mulher que estava deitada na cama.

Izzy tomou coragem, o seu estômago estava apertado. Os seus pulmões pareciam estar a falhar, como se a qualquer momento os seus órgãos fossem contrair-se uma última vez e depois deixassem de funcionar para sempre, deixando-a morta no chão. Inclinou-se por cima da grade, os seus dedos por cima dos lábios trémulos e olhou para a mulher deitada na cama.

Quando viu as feições familiares da mãe, as suas maçãs do rosto definidas e o nariz direito, a pequena cicatriz por cima da sobrancelha direita por causa da queda que tinha dado na entrada coberta de gelo, a respiração de Izzy ficou-lhe presa no peito. Os olhos da mãe estavam marcados pelas rugas, e madeixas de cabelo grisalho evidenciavam-se no seu cabelo escuro, mas tirando o tubo do ventilador preso à boca dela, ela parecia não ter mudado. Quando Izzy era pequena, achava que a mãe era a mulher mais bonita do mundo. Ao longo dos anos, começou a indagar-se se todas as meninas achavam que a mãe era bonita, se a imagem que tinha na sua mente não tinha sido aperfeiçoada pelo tempo. Agora, percebia que tinha razão. A sua mãe era deslumbrante. Deixou cair a

mala em cima da cadeira e aproximou-se mais.

— Há alguma hipótese de ela poder acordar? — perguntou à enfermeira.

A enfermeira abanou a cabeça.

— Não, querida — respondeu ela. — Quando a encontraram já não havia nada a fazer.

Contornou a cama e colocou uma mão no braço de Izzy.

— Sinto muito. Há alguma coisa que possa fazer por ti? Queres um copo de água, ou um refrigerante?

— Não — respondeu Izzy, com a voz estrangulada. — Obrigada. Eu só preciso de uns minutos a sós com...

— Estás bem? Pareces estar um bocadinho pálida.

Izzy acenou com a cabeça e a enfermeira deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— OK — disse a enfermeira. — Vou deixá-las sozinhas por um bocadinho.

Ela apontou o queixo para a guarda que estava ao pé da porta.

— Mas porta-te bem, OK?

Izzy tentou sorrir e por fim a enfermeira foi-se embora. Tentando decidir por onde é que devia começar, Izzy agarrou-se à grade da cama para evitar cair. Aparafusada aos pés da cama de metal, uma pesada corrente passava por baixo do cobertor perto dos pés da mãe. O absurdo de acorrentarem uma paciente em estado de coma a uma cama passou brevemente pela mente de Izzy. Só por milagre é que a mãe iria a algum lado. Estava quieta como uma pedra, os seus braços pálidos estavam esticados ao lado do corpo, as palmas para baixo, os seus dedos compridos e delgados pareciam marfim em contraste com o cobertor azul. Mãos de pianista, era como a avó de Izzy lhes costumava chamar. Izzy pensou em pegar na mão da mãe, mas não teve coragem de o fazer. Além de não saber se era permitido tocar numa prisioneira, ela tinha medo de tocar na pele da mãe. Odiava-se por se sentir assim, mas era verdade. Tal como tocar no conteúdo das malas de Willard lhe deixava as pernas trémulas, a mesma coisa acontecia com a ideia de tocar em alguém em coma. Mesmo na sua própria mãe.

Ela limpou as lágrimas que lhe corriam pelas faces e inspirou fundo.

— Desculpa — murmurou ela. — Eu cometi um erro. Só li as tuas cartas quando já era tarde de mais.

Ela engoliu os seus soluços, lutando para falar. Num momento ela tinha vontade de gritar histericamente, noutro tinha vontade de esmurrar alguma coisa,

revoltada por a vida ter tido aquele desfecho. Por uma fração de segundo, perguntou-se se as outras prisioneiras a conseguiam ouvir. Depois decidiu que não se importava.

— Por favor perdoa-me por não te ter vindo ver, Mamã. Eu fui estúpida e teimosa e estava assustada. Eu pensava que tu tinhas algum problema. Eu esqueci-me daquilo que o Papá tinha feito. Agora eu sei a verdade. Eu sei que tu sacrificaste a tua vida pela minha.

Deixou cair a cabeça e limpou o nariz à manga.

— Eu só quero que tu saibas que nunca deixei de te amar.

Era demasiado difícil. Ela deixou-se cair na cadeira, os ombros estremeciam. Se ao menos tivesse lido as cartas da mãe mais cedo. Se ao menos a tivesse ido visitar, poderia perceber que a mãe não era louca. Durante todos aqueles anos, teria tido alguém com quem falar, alguém que a amasse, mesmo que esse alguém estivesse atrás das grades. A única vez que Izzy perguntara à avó o que é que se tinha passado, a avó tinha começado a chorar. E a menina de sete anos que Izzy era na altura, não querendo perturbar a única pessoa que tinha no mundo, nunca mais puxou o assunto. Três curtos anos depois a avó morreu.

Então Izzy lembrou-se da filha de Clara. Se ela tinha sobrevivido, provavelmente teria passado a vida a pensar a mesma coisa, que a mãe estava presa porque era louca. Izzy pôs-se de pé. Se a filha de Clara estava viva, merecia saber a verdade; ela tinha de ler o diário de Clara. Agora, mais do que nunca, Izzy estava determinada a descobrir o que é que lhe tinha acontecido, e se possível, dizer-lhe que a mãe não era louca.

Agora a única coisa que restava a Izzy era despedir-se da sua própria mãe. Mais do que tudo, ela queria sentir os braços da mãe à sua volta, abraçando-a com força, mostrando-lhe que, acontecesse o que acontecesse, ela era amada. Mas isso não iria acontecer. Izzy olhou para a guarda para ver se ela estava a olhar, mas esta estava reclinada na cadeira a ler uma revista. Izzy inspirou fundo, beijou os dedos e pressionou-os suavemente na face da mãe.

— Eu quero que saibas que eu vou ficar bem — disse ela. — Eu sou forte e tenho pessoas que gostam de mim. Eu amo-te, Mamã. Sempre te amei e continuarei a amar. Desculpa por não te ter dito mais cedo.

Ela tentou pensar em alguma coisa para dizer, mas os seus órgãos pareciam estar a inchar como se estivessem à procura de um caminho para escapar, como

uma caldeira sobreaquecida prestes a explodir. Nessa altura, a enfermeira entrou na sala, agitando o seu dedo na direção de Izzy para lhe indicar que estava na altura de sair. Só havia mais uma coisa para ser dita.

— Adeus, Mamã.

CAPÍTULO 20

CLARA

Willard

Dia de São Valentim, 1932

Espirais de serpentinas brancas e corações de papel vermelho pendiam do teto de Hadely Hall, agitando-se ligeiramente conforme os pacientes se moviam e balouçavam debaixo deles. Os acordes finais da melodia «All Alone», cujo disco estava riscado, ecoavam no ar enquanto a enfermeira May, parada ao lado do gramofone, balouçava e cantava para si própria, mantendo um olhar vigilante nos pares que dançavam. Várias dezenas de pacientes eram apenas meros espetadores, amarrados a cadeiras de madeira com mesas acopladas, tombados em cadeiras de rodas, apoiados a muletas ou bengalas. A enfermeira Trench ziguezagueava por entre os pacientes na pista de dança, certificando-se que eles se mantinham a uma distância apropriada. Os auxiliares estavam sentados à volta do perímetro em cadeiras desdobráveis, perto das janelas e das portas, prontos para intervir se alguém saísse da linha. Os pacientes, os auxiliares e as enfermeiras usavam flores na lapela e raminhos de punho de papel vermelho, feitos pelos pacientes durante as atividades de trabalhos manuais.

Clara estava sentada num banco ao pé do palco, olhando para a porta principal uma e outra vez, desejando e rezando para que aparecessem mais pacientes masculinos e que Bruno estivesse entre eles. Tinha sido só há um mês que ela ganhara privilégios extra, agora ela podia participar nas atividades de trabalhos manuais, e assistir a concertos e ver filmes em Hadley Hall, mas esta era a primeira vez que ela ia um evento para pacientes de ambos os sexos. Agora, atrevia-se a crer que veria Bruno novamente. Ela tinha de acreditar que ele tinha feito um esforço para cooperar, para conquistar e manter a pouca liberdade que os pacientes de Willard tinham. Caso contrário, as hipóteses de se encontrarem e de fugirem eram praticamente nulas.

A única coisa que lhe tinha dado esperança naqueles últimos dez meses, o único pensamento que a tinha impedido de ficar verdadeiramente insana, tinha sido lembrar-se que Bruno estava algures em Willard. Parecia-lhe razoável

acreditar que, por aquela altura, já o teriam posto a trabalhar no pátio da ferrovia ou na ferraria, nos pomares ou nos campos de feno, nos estábulos ou nas vacarias, ou numa das oficinas que fabricava sapatos, vassouras ou sabão. Ela esperava que o seu trabalho envolvesse trabalhar no exterior. Se ela conseguisse voltar a trabalhar na cozinha, eles podiam encontrar-se ao pé da pilha de compostagem. Ele podia abrir o portão e poderiam fugir para o bosque.

Durante cada uma das caminhadas, cada ida à casa de banho, à cafetaria, à sala de costura, a cada oportunidade de espreitar por uma janela, ela procurava por ele. Quando via um grupo de pacientes masculinos a caminhar pela margem do lago, a trabalhar junto ao cais, ou a descarregar mantimentos dos comboios, ela observava cada figura, na esperança de reconhecer a maneira de andar de algum, ou uma familiar cabeça de cabelo escuro. Até agora, ainda não o vira, mas tinha de acreditar que esse dia chegaria. Caso contrário, qual era o objetivo?

Há muito tempo que perdera a esperança que o seu pai a libertasse. Há sete meses o Dr. Roach tinha dado a entender que ele e o pai dela estavam de acordo; ela poderia nunca mais estar apta para voltar a viver em sociedade. Depois disso, as suas sessões com o Dr. Roach tinham cessado completamente. No entanto, ela recusava-se a acreditar que passaria o resto da sua vida presa em Willard, passando dia após dia entre os loucos, não passando de um número entre a multidão de esposas, mães, irmãs e filhas descartadas. Bruno tinha prometido que eles iriam encontrar uma solução e ela tinha de acreditar nisso. Ela tinha de acreditar. Não havia outra alternativa. E no entanto, havia alturas em que ela queria desistir e ceder. Ela queria deixar de pensar racionalmente, deixar-se cair num profundo poço de desespero para que deixasse de sentir. Mas ela não podia fazer isso. Tinha de conservar o seu juízo, devia isso a Beatrice e a Bruno.

Ela estremecia só de pensar no que poderia ter acontecido se Bruno não tivesse recebido a carta dela, se ele não a tivesse tentado salvar. De certeza que por esta altura já teria perdido o juízo. Por um lado, estava mais do que agradecida. Por outro, o sentimento de culpa por saber que ele estava preso numa instituição mental por causa dela era quase insuportável. Cada vez que pensava que algo de terrível lhe poderia ter acontecido, talvez tivesse morrido de tuberculose ou estivesse acorrentado a uma cama na Rookie Pest House, ela sentia o peito vazio e gelado, como se os seus pulmões e o coração tivessem desaparecido e ela fosse morrer a qualquer instante.

Ela não fazia ideia do que é que lhe tinha acontecido depois daquele dia horrível no gabinete do Dr. Roach, mas tinha rezado para que não tivesse sido pior do que o que lhe tinha acontecido a ela. Ela tinha sido levada para uma ala especial, onde, todos os dias durante dois meses, lhe davam repetidas injeções de insulina até ela entrar em coma. Ela lembrava-se de suar profusamente, de se contorcer e gemer, babando-se até perder a consciência. Por fim, as enfermeiras tiraram-na do coma com glucose intravenosa, depois entreteram-na com jogos de tabuleiro e leitura de mapas numa tentativa de impedir o choque hipoglicémico. Ao fim dos dois meses, ela foi enviada para a enfermaria para recuperar.

Três semanas depois, voltou ao seu trabalho na sala de costura. Por vezes, a sua visão ainda estava enevoada, os seus pensamentos confusos. Ela tinha dificuldade em concentrar-se. Seguindo os conselhos das enfermeiras para se libertar dos efeitos da insulina usando o seu cérebro o mais possível, ela cantava mentalmente canções infantis até a sua mente estar desanuviada.

Naquele momento, observava Esther a dançar a valsa com um homem corpulento que usava calças com a cintura subida e suspensórios, ambos olhavam para os seus pés. Esther usava o seu vestido de algodão às flores, e parecia que ela é que estava a conduzir a dança. Há oito meses, o Dr. Roach determinara que Esther estava livre da sua tendência para a «hostilidade» e tinha-lhe dado privilégios extra. Como Esther lhe tinha dito que os homens e as mulheres se sentavam em lados opostos da Hadley Hall durante os concertos e os filmes, Clara ficou chocada quando percebeu que os homens e as mulheres eram autorizados a dançar juntos em ocasiões especiais.

No outro lado da sala, Madeline estava ao pé da mesa das bebidas, metendo as mãos na taça do ponche. Uma enfermeira deu-lhe uma palmada na mão e disse-lhe que parasse. De acordo com Esther, o tio-avô de Madeline tinha-se disponibilizado para a acolher, e ela tinha sido libertada de Willard enquanto Clara estava a receber o tratamento de insulina. Umas semanas mais tarde, Madeline estava de volta a Willard, incapaz de se lembrar do seu nome ou de onde estava. Tinha deixado de falar, tirando as alturas em que chorava os bebés que tinha perdido. Enquanto Clara observava, um paciente coxo puxou-a para a pista de dança. Madeline entrelaçou os braços à volta do pescoço dele e puxou-o para mais perto de si, enterrando o seu rosto no pescoço dele. A enfermeira

Trench apressou-se a ir separá-los.

Clara agarrou-se à beira do banco, cravando as unhas enquanto Gene Austin cantava «My Blue Heaven». *Aquilo não era o céu*, pensou Clara. *Isto é o inferno*. Era certo que depois de ter estado trancada numa ala, ela estava aliviada por ter privilégios. Mas esta era a primeira festa a que ela ia, e era quase insuportável. Ver os pacientes de Willard a dançar e a celebrar como se vivessem vidas normais, como se tivessem realmente uma oportunidade de encontrar um amor verdadeiro ou a felicidade, dava-lhe vontade de correr porta fora a gritar.

Por cada paciente sorridente que estava na pista de dança, dois observavam com os rostos vazios de qualquer expressão. Alguns coxeavam e estremeciam, incapazes de acompanhar o ritmo da música. O número de pacientes em cadeiras de rodas ultrapassava o número daqueles que estavam de pé, à razão de três para um. A maioria olhava em redor da sala com a boca aberta e a babarem-se, os seus pulsos torcidos encostados ao peito, as suas mãos penduradas e inúteis. De alguma forma, era nisto que as suas vidas se tinham tornado. No que a sua vida se tinha tornado. Era o suficiente para a enlouquecer.

Ela estava prestes a levantar-se para ir até à mesa das bebidas quando alguém lhe tocou no ombro. O corpo dela enrijeceu. Seria o terceiro pedido para danças, dois tinham sido feitos pelo mesmo homem. Ela sorriu e virou-se, preparando-se para dizer que não novamente. Mas depois, a sua respiração ficou presa no peito.

O homem tinha um bigode farto e uma barba escura, alguns fios prateados polvilhavam-lhe o cabelo por cima das orelhas. O nariz estava ligeiramente torto, como se tivesse sido partido várias vezes. Ele parecia um homem das montanhas, selvagem e desganhado. O coração de Clara bateu de medo. Ele esticou a mão para pegar na dela, e ela levantou-se e começou a afastar-se. Então ele falou.

— Olá, *Bella* Clara — disse ele na sua voz profunda e com sotaque.

Ela virou-se rapidamente, mordendo no lábio para não gritar, depois correu na direção de Bruno de braços estendidos.

— Não — disse ele. — Eles vão perguntar-se o que é que se está a passar e vêm cá ver.

Ela deixou cair os braços e tentou respirar normalmente, olhando em redor para ver se alguém tinha reparado. A enfermeira Trench estava a separar duas mulheres que queriam dançar juntas, o seu rosto vermelho contorcido. A

enfermeira May estava a passar os discos em revista, a tentar decidir o que é que punha a tocar em seguida. Ela fez deslizar um disco da sua caixa de papel, pô-lo no gramofone e pousou a agulha na ponta. A voz de Ethael Waters enchia a sala a entoar «Am I Blue», e o coração de Clara batia tão depressa que mal conseguia falar.

— E se eles te reconhecerem? — conseguiu perguntar ela.

— Não reconhecem — respondeu ele. — Tenho estado sentado do outro lado da sala o tempo todo.

— Tens a certeza? — disse ela.

— Tenho — respondeu ele, pegando-lhe na mão. — Eu esperei algum tempo antes de me aproximar para que eles não desconfiassem. Tal como todos os pacientes, eu sou invisível se não arranjar problemas.

Ele conduziu-a para a pista de dança e, mantendo entre eles a distância apropriada, pousou uma mão ao lado da cintura dela, a palma da mão dele parecia em ferro em brasa a pressionar através do seu vestido de algodão. Só por estar perto dele, Clara sentiu que o seu corpo aquecia, ao fim de meses a sentir-se gelada e tão sozinha, parecia que os seus ossos tinham mirrado. Ela levantou a cabeça para cruzar o seu olhar com o dele, forçando os seus lábios trémulos a sorrirem.

— Eu tenho estado à tua procura — disse ela, pestanejando para afastar as lágrimas. — Todos os dias.

Ela escrutinou-lhe o rosto, sorvendo os seus familiares olhos castanhos, as suas pestanas longas e escuras. Ele olhava por cima do ombro dela, vigiando as enfermeiras e os auxiliares.

— Não olhes para mim — disse ele em voz baixa. — Tu não me conheces, lembras-te?

Ela afastou os olhos dos dele e olhou para as paredes, para os outros pacientes, para os auxiliares. Estava tudo enevoado.

— Desculpa — disse ela. — É só...

— Eu sei. — Ele apertou-lhe a mão. — Eu também estou feliz por te ver.

— O que é que te aconteceu? — perguntou ela. — Depois de te terem levado do gabinete do Dr. Roach?

— Estive três meses no isolamento — contou ele.

— Oh, meu Deus — retorquiu Clara.

Comprimiu os lábios e deixou cair a cabeça.

— Desculpa.

— Não importa — retorquiu ele. — O que importa é o aqui e o agora. Tu e eu. E o que é que vamos fazer para fugirmos daqui.

— Quando? — perguntou ela, cruzando os seus olhos com os dele.

Ela não conseguia evitar. Tinha de olhar para ele. De repente, sentiu-se tonta.

— Em breve — respondeu ele.

Ele apertou-lhe brevemente a cintura, como se pudesse sentir a tensão dela.

— Descontrai e ouve-me. Eu estou a trabalhar com o coveiro, a construir caixões e a forjar lápides. Temos acesso aos túneis por baixo de Chapin Hall. É onde guardam os caixões, na zona de armazenamento ao lado da morgue. Depois de decidirmos quando é que vamos fazer isto, tens de arranjar maneira de ir dar àqueles túneis. Há uma placa...

— Como é que eu vou fazer isso? — perguntou ela, com um sentimento de pânico a apertar-lhe a garganta.

— Não sei, — respondeu ele. — Mas para já limita-te a ouvir-me. Primeiro deixa-me contar-te tudo. Depois iremos pensar na tua parte do plano. Depois de chegares aos túneis, segue as placas até à morgue. A zona de armazenamento é do outro lado do corredor. Esconde-te dentro de um dos caixões. O Lawrence e eu depois levamos-te.

— O coveiro?

— Sim.

Eles percorriam a pista de dança, deslizando em círculos lentos, a névoa de rostos por trás da cabeça de Bruno deixava-a tonta.

— Ele não nos vai denunciar? — perguntou ela, agarrando o ombro dele com mais força.

— Não — respondeu ele.

Nesse momento, a enfermeira Trench passou por eles, os seus lábios vermelhos comprimidos numa linha determinada. Clara baixou a cabeça, certa de que a enfermeira Trench conseguiria ler a verdade nos seus olhos. Gotas de suor irromperam na sua testa, e os seus joelhos começaram a tremer. A enfermeira Trench verificou a distância entre eles, pôs uma mão grossa como uma tábua nos ombros de ambos e afastou-os mais.

— Demasiado perto — disse ela.

Quando a enfermeira se voltou para se dirigir ao próximo casal, Clara pensou que afinal talvez não se desmoronasse no chão. Em seguida, a enfermeira Trench estacou e ficou parada no mesmo sítio durante aquilo que pareceu uma eternidade, os olhos semicerrados a saltarem de um rosto para o outro. Clara sentiu que as suas entranhas se iam transformar em água. A enfermeira Trench tinha reconhecido Bruno. Por uma fração de segundo, ficou tudo negro. Depois Clara engoliu em seco, obrigando-se a olhar para a enfermeira Trench.

— Feliz Dia de São Valentim — disse ela, os lábios torcidos como se estivesse a tentar sorrir. — Obrigada por organizarem esta festa adorável.

De testa franzida, a enfermeira Trench olhava para Bruno, estudando-lhe o rosto. Bruno assumiu a expressão de alguém em transe, balouçando e olhando fixamente para um coração de papel por cima da cabeça de Clara.

— Humpf — disse a enfermeira Trench, franzindo os lábios vermelhos. Depois lançou a Clara um olhar severo, acenou com a cabeça uma vez, e foi-se embora.

— Portem-se bem — disse ela quando se afastou.

Clara soltou um suspiro trémulo, as suas pernas quase que cediam.

— Estás bem? — perguntou Bruno.

Clara estava a tentar recuperar a voz.

— Ela reconheceu-te! — sussurrou.

Bruno abanou a cabeça.

— Se tivesse reconhecido, tinha chamado os auxiliares.

Clara tentava respirar normalmente, observando a enfermeira Trench parar ao pé do próximo casal.

— Não sei — retorquiu. — Pareceu-me que... que ela estava a avisar-nos para termos cuidado ou algo do género.

— Ela estava a avisar-nos para nos mantermos afastados enquanto dançamos — revidou Bruno. — Foi só isso. Agora ouve-me. Tenho de acabar de te contar o plano.

Clara inspirou profundamente e em seguida expirou devagar. Talvez Bruno tivesse razão. A enfermeira Trench teria chamado os auxiliares ou tê-los-ia levado ao gabinete do Dr. Roach. Em vez disso, continuava a fiscalizar os casais que dançavam, agindo como se nada se passasse.

— OK, — disse Clara, tentando parar de tremer. — Estou a ouvir.

— O Lawrence vive num casebre do outro lado do bosque de cedros.

Clara assentiu com a cabeça.

— Já o vi — disse ela.

— Vamos esconder-nos lá até ao anoitecer, depois esgueiramo-nos até ao lago, onde estará um barco à nossa espera.

— Um barco?

— Sim. Há alguns anos, o Lawrence encontrou um velho barco a remos no bosque de cedros. Estava meio apodrecido e coberto por uma camada de folhas e de agulhas dos pinheiros. Mas eu remendei o casco e fiz uns remos com a madeira que usamos para fazer os caixões.

— E é seguro?

— Em breve saberemos, não saberemos?

Clara acenou com a cabeça. Depois lembrou-se que era fevereiro e o seu estômago contraiu-se. O lago estava gelado. Teriam de esperar até à primavera. Mas agora que a hipótese de fuga tinha sido plantada na sua mente, ela achava que não ia conseguir esperar tanto tempo. Ela não conseguia passar mais um dia fechada em Willard, quanto mais dois meses. Se tivesse oportunidade, ela tentaria fugir neste preciso minuto. Se ela e Bruno tivessem de esperar até à primavera, se tivessem de esperar até ao degelo do lago, ela poderia enlouquecer de ansiedade. E além disso, e se acontecesse alguma coisa daqui até lá? E se um deles ficasse doente, ou fosse posto no isolamento? O que fariam eles?

— Quando? — perguntou ela, prendendo a respiração.

— Em breve — respondeu ele.

— Mas o lago está gelado!

— O gelo já está a ficar mais fino — retorquiu Bruno. — As duas últimas semanas foram invulgarmente quentes. Devemos conseguir partir o gelo à medida que atravessamos.

O estômago de Clara começou a contrair-se. Ela inspirou fundo, levantou o queixo, e endireitou-se ligeiramente. Esta era a oportunidade deles. Finalmente. A oportunidade de eles serem livres, de estarem juntos, de encontrarem Beatrice. Mas primeiro, ela tinha de encontrar uma forma de chegar aos túneis por baixo da enfermaria. Parecia-lhe praticamente impossível, uma vez que a sua rotina diária nunca a levava para nenhum sítio perto de Chapin Hall. Depois teve uma ideia.

— Amanhã — disse ela. — Temos de fugir amanhã.

Bruno franziu a testa.

— Porquê? — perguntou ele.

— Confia em mim, está bem?

— O que é que vais fazer? — perguntou ele.

— Vou fazer com que me levem para a enfermaria — respondeu ela. — Depois encontrarei uma forma de conseguir chegar aos túneis antes do anoitecer. Pode-se entrar nos túneis aos domingos?

— Sim — respondeu ele. — O Lawrence também enterra os pacientes aos domingos. Na verdade, temos um para enterrar amanhã.

— Muito bem — disse ela. — Então vai ser amanhã.

Nesse momento, a canção «Am I Blue» terminou e a enfermeira May mudou o disco. Gertrude Lawrence começou a entoar «Someone to Watch Over Me» e a garganta de Clara apertou-se, lembrando-se da primeira vez que ela e Bruno tinham dançado juntos no Cotton Club. Agora, estavam a dançar ao som da mesma velha melodia enquanto estavam presos num hospício. O pensamento quase fez os joelhos de Clara ceder.

Na tarde de domingo, depois de ter estado a fazer cestos com a Esther e a Madeline na sala de recreação, Clara perguntou a uma das enfermeiras se podia voltar para a ala um pouco mais cedo que o habitual. Queixou-se que lhe doía o estômago, e disse que precisava de se deitar. A enfermeira deu indicação a um dos ajudantes que levasse Clara de volta para a ala, o seu rosto estava impassível. Clara olhou por cima do ombro para Esther e Madeline, o seu coração apertou-se no peito. Estavam sentadas juntas num banco, a trabalharem com as cabeças baixas. Clara tinha decidido não lhes contar o seu plano para fugir, na esperança de que aquilo que elas não soubessem não as poderia prejudicar. Além disso, era um risco muito grande. Quem sabe o que é que elas poderiam revelar se fossem ameaçadas com o isolamento, um coma induzido, ou serem trancadas na Rookie Pest House. Em vez de se despedir, ela enviou-lhes uma prece silenciosa, esperançosa de que um dia Esther e Madeline também saíssem de Willard.

Meia hora mais tarde, mesmo antes de as enfermeiras começarem a trazer as pacientes de volta à ala, Clara tirou o penso higiénico saturado de entre as suas

pernas e esfregou o sangue menstrual pelos lençóis imundos e na parte de dentro das coxas. Ela não tinha trocado de penso durante todo o dia e, como era apenas o segundo dia da menstruação, altura em que o seu fluxo era mais intenso, o sangue era abundante e escuro. Com o coração na garganta, enrolou-se na cama e aguardou. Quando ouviu as chaves rodarem na porta, começou a gemer e a chorar, as mãos enroladas à volta da cintura. As pacientes entraram e juntaram-se à volta da sua cama, a olhar fixamente, a sussurrar, a balouçar para trás e para diante. Uma das mulheres começou a fazer festinhas na testa de Clara, afastando-lhe suavemente o cabelo dos olhos. Uma das enfermeiras ordenou às pacientes que se afastassem.

— O que é que se passa consigo? — perguntou ela.

Clara fez uma careta e cruzou as pernas.

— Não sei — respondeu ela com esforço.

— Vire-se e deixe-me ver — disse a enfermeira.

Clara gemeu e deitou-se de costas, os joelhos dobrados, os olhos fechados. A enfermeira afastou-lhe a mão e palpou-lhe o abdómen. Clara uivou e virou-se de lado novamente, prendendo a respiração para que o rosto ficasse vermelho.

— Traz uma cadeira de rodas — disse a enfermeira a uma das outras enfermeiras. — E leva-a para enfermaria.

Vinte minutos depois, Clara estava deitada numa maca no gabinete do Dr. Slade enquanto ele lhe palpava o estômago com a testa franzida. Uma enfermeira tinha ajudado Clara a limpar-se, dando um penso higiénico e uma camisa de dormir limpos. Agora, a enfermeira observava com muito pouco interesse.

— Não sinto nada de anormal — disse o Dr. Slade. — Pode ser mais específica sobre onde é que lhe dói? Mostre-me de onde é que vêm as suas dores.

Clara colocou os seus dedos perto do osso da anca.

— Aqui mesmo — disse ela.

— E isto tem sido mais doloroso do que o seu desconforto habitual?

— Sim — disse Clara. — Mas acho que já estou a ficar melhor.

— Chame a Dra. King — disse ele à enfermeira. — A paciente necessita de um exame ginecológico.

Clara abanou a cabeça e sentou-se.

— Eu estou bem — disse ela. — Acho que só preciso de andar um bocadinho. Ela deslizou da maca, pôs-se de pé e dobrou-se com a mão pousada no baixo-ventre.

— O que é que está a fazer? — perguntou o Dr. Slade. — Eu não lhe disse para se levantar.

— Eu preciso de me mexer — disse ela. — Já está a melhorar.

O Dr. Slade olhou para ela por cima dos seus óculos.

— Está a dizer-me que armou uma confusão por causa de um problema de gases?

Clara encolheu os ombros.

— Não sei, — disse ela. — Você é que é o médico e não eu.

Ela colocou as duas mãos por cima do abdómen e fez uma careta.

— Está a acontecer outra vez.

— Deite-se e vamos ver o que é que acontece.

Ele olhou para a enfermeira com a testa franzida.

— Eu não vou pedir mais exames ou radiografias se ela está apenas com um problema de gases ou de dores menstruais.

— Por favor — disse Clara. — Eu só preciso de andar. Se isso não ajudar, eu faço tudo o que vocês disserem.

O Dr. Slade olhou para ela, depois abanou a cabeça, fazendo um gesto em direção à porta com um olhar de desdém.

— Leve-a até ao fundo do corredor e depois de volta aqui — disse ele à enfermeira.

Clara acompanhou a enfermeira para fora da sala de observação, o seu coração batia acelerado no seu peito. Ela olhou para ambos os lados para ver se havia algumas escadas que conduzissem à cave, sabendo lá no fundo que não ia ser assim tão fácil, esperançosa contudo, que por uma vez, as coisas lhe corressem de feição. O final de cada corredor ligava a outros corredores, que tanto davam para a esquerda como para a direita. O seu estômago contraiu-se. Ela arrastou-se ao longo da parede atrás da enfermeira, uma mão sobre o abdómen, a outra agarrada ao corrimão. Ela perguntava-se se iria encontrar umas escadas rapidamente, ou se teria de arranjar uma maneira de ser internada na enfermaria. Se ela não encontrasse agora um caminho para os túneis, teria de encontrar uma maneira de se esgueirar do quarto mais tarde. Isso seria

praticamente impossível.

Quando chegaram ao fim do corredor, a enfermeira deu meia-volta, e começou a dirigir-se novamente para a sala de observação do Dr. Slade. Clara parou, agarrou-se com mais força ao corrimão, e espreitou para o corredor à sua esquerda. O largo corredor estava apinhado de pacientes amarradas a cadeiras, cintos de couro apertados à volta das cinturas delas, algumas choravam e gemiam, outras olhavam para o espaço vazio. O corredor à sua direita estava praticamente vazio, tirando uma cadeira de rodas vazia e um carrinho de metal cheio de frascos de medicamentos. As portas dos quartos das pacientes, de ambos os lados, estavam fechadas. No fim do corredor, havia um elevador de serviço aberto ao lado de umas portas duplas por baixo de uma placa verde que indicava «Cave». Gotas de suor irromperam na testa de Clara. Ela virou à direita, em direção às escadas.

— Onde é que vai? — perguntou a enfermeira. — Volte para trás!

Clara continuou a andar, lutando contra a vontade de correr.

— Preciso de andar só mais um bocadinho — disse ela. — Acho que está a ajudar.

— É melhor fazer aquilo que lhe digo — gritou a enfermeira. — O Dr. Slade está à espera!

Clara ignorou-a e continuou a andar. A enfermeira suspirou, os seus sapatos chiavam conforme ela caminhava rapidamente atrás dela. Clara olhou por cima do ombro.

— É só até ao fim deste corredor — disse ela. — Depois eu volto.

A enfermeira passou por ela a marchar, os lábios franzidos, os braços a balouçarem para a frente e para trás. Clara abrandou, deixando que a enfermeira lhe passasse à frente, tentando não hiperventilar. Isto tinha de resultar. Tinha mesmo. Quando deram a volta em frente das portas duplas, Clara colapsou no chão, os seus membros sacudiam-se de forma violenta. Ela revirou os olhos e pôs a língua de fora, contorcendo-se de um lado para o outro nos mosaicos frios. A enfermeira virou-se rapidamente e arquejou, os olhos arregalados. Ajoelhou-se e colocou as mãos nos ombros de Clara, que continuava a contorcer-se, fingindo engasgar-se. A enfermeira pôs-se de pé e correu para ir buscar ajuda. Assim que a enfermeira se foi embora, Clara levantou-se atabalhoadamente e atravessou as portas duplas a correr e galgou as escadas em direção à cave por baixo de

Chapin Hall.

Ela parou ao fundo das escadas, tentando decidir para que lado é que devia correr. Longos túneis de cimento seguiam em todas as direções, esquerda, direita, em frente. O ar estava impregnado do cheiro cavernoso a bolor e a pedra húmida. Ao longo dos tetos passavam canos gotejantes, e os candeeiros de arame emitiam uma luz fraca e tremeluzente, as suas lâmpadas estavam incrustadas de poeira e teias de aranha secas. A cada três metros, um arco volumoso delineava cada uma das passagens, como claustros por debaixo de uma fortaleza medieval. No arco à esquerda estava uma placa que indicava «Morgue».

Por trás de Clara, vozes que gritavam desciam as escadas e o motor do elevador rugiu de volta à vida, o som das engrenagens a girarem ecoava pelo poço enferrujado. Clara correu para a esquerda em direção à morgue, grata por a cave ser um enorme labirinto. Quem quer que viesse à sua procura não saberia em que direção é que ela tinha ido. E ela rezava para que, por ser domingo, mais ninguém estivesse cá em baixo.

Os seus passos ecoavam no túnel vazio, os seus sapatos de sola dura batiam no chão de pedra. Ela parou e descalçou-os, em seguida, estacou, certa de que tinha ouvido alguém a falar mais à frente. Uma voz masculina flutuava pelo corredor, seguida de um som que se assemelhava a um gemido e a um choro. Ela aproximou-se mais, mantendo-se encostada à parede, pronta para se virar e fugir. Mas quanto mais ouvia, mais lhe parecia que a voz repetia a mesma frase, uma e outra vez. Ouviu metal chocar contra metal, e correntes serem arrastadas pela pedra. Mais à frente, na parede oposta, havia uma porta feita de uma grossa rede de ferro, o puxador da porta estava acorrentado e fechado a cadeado. Ela atravessou o túnel e aproximou-se, os sapatos encostados ao peito.

Quanto mais se aproximava da porta, mais forte ficava o fétido odor a urina e fezes. Ela tapou a boca com a mão e espreitou pela beira da porta de rede de ferro, o coração retumbava-lhe no peito. A sala estava apinhada de gaiolas de ferro com pacientes lá dentro, alguns estavam despidos, outros vestiam batas hospitalares imundas, a maioria estava acorrentada à parede, sentada em camas de metal ou deitada no chão. Clara sufocou um arquejo, os seus olhos ardiam. Porque é que estes pacientes estavam na cave dentro de gaiolas? Já era mau o suficiente estarem presos em Willard, mas isto? Isto era bárbaro. Como é que os médicos não eram punidos por fazerem aquilo? Ela jurava, ali e agora, que

depois de fugir de Willard e ir às autoridades apresentar queixa por causa de Beatrice, iria informar a polícia dos maus-tratos que eram cometidos ali. Limpando as faces e rezando uma oração silenciosa, apressou-se a percorrer o túnel, determinada a encontrar alguém que pusesse cobro àquela situação.

Por fim, viu um sinal que indicava «Morgue» por cima de duas portas basculantes. Mais à frente, um conjunto de portas de madeira marcava o fim do túnel, a fraca luz do Sol entrava através de umas janelas imundas na parte superior de cada painel. Por uma fração de segundo, ela pensou em correr até ao fundo do túnel e testar as maçanetas das portas. Talvez ela conseguisse sair. Depois lembrou-se que os auxiliares e as enfermeiras já andavam à procura dela. Mesmo que as portas estivessem destrancadas, ela não fazia ideia em que direção é que devia ir. E se já andassem à sua procura lá fora? Era melhor seguir o plano de Bruno.

Ela empurrou a porta do armazém em frente da morgue, as dobradiças chiaram como um gato a miar. Segurou na porta para parar o barulho, depois passou através da estreita abertura, esgueirando-se para dentro da sala escura. O cheiro a seiva e a serradura impregnava o ar, e longas formas retangulares forravam as paredes. Ela calçou os sapatos e caminhou lentamente, Tateando o caminho na escuridão. Quando bateu com a canela em algo duro, ela baixou-se, e os seus dedos roçaram em madeira áspera e no que lhe pareceu o bordo grosso e polido de um caixão. Ela afastou a tampa para o lado, entrou dentro do caixão, depois deitou-se e fechou a tampa, o seu coração troava como um comboio nos seus ouvidos. Uma vez lá dentro, ela empurrou a tampa para cima, e depois pousou-a novamente e passou os dedos ao longo dos bordos para se certificar que não havia nenhuma abertura.

Satisfeita por saber que ninguém que entrasse na sala e acendesse a luz a conseguiria ver, ela fechou os olhos, a sua respiração estava acelerada, a sua cabeça latejava contra o fundo do caixão de madeira. Ao fim de alguns segundos, era quase impossível resistir à vontade de abrir a tampa e levantar-se, sair da sala a correr e atravessar o túnel em direção à luz do Sol. Foi preciso fazer um enorme esforço para não dobrar os joelhos e os cotovelos, para não se mexer nem esticar, ou mesmo sentar-se. De vez em quando, gritos e portas a bater ecoavam através dos corredores da cave. Quem é que a iria encontrar primeiro, Bruno ou um dos auxiliares?

O som de movimento próximo no túnel fê-la gelar. Uma porta pesada abriu-se e fechou-se, em seguida arranhadelas e um baque no exterior da porta do armazém. Ouviu chaves a rodarem numa fechadura. Em seguida, a porta do armazém chiou quando foi aberta. Clara prendeu a respiração. Qual seria o castigo por tentar fugir? Isolamento? Coma induzido por insulina? A Rookie Pest House? A porta fechou-se com um baque. Um interruptor foi aceso. Feixes de luz penetravam através dos bordos da tampa do caixão. Passos pesados arrastavam-se pela sala. Ela cerrou os olhos.

— Vamos ficar aqui à espera até ela aparecer? — perguntou uma voz masculina.

— É esse o plano, lembras-te? — respondeu um outro homem.

Os pelos dos braços de Clara eriçaram-se. Parecia ser Bruno. Mas ela tinha de ter a certeza. Ela esperou, tentando não respirar, certa de que iria desmaiar antes de ele falar novamente. E depois, a seguir ao que lhe pareceu ser uma eternidade, a mesma voz perguntou:

— Trancaste a morgue?

— Hum-hum — respondeu a primeira voz. — Tranquei a morgue, tranquei.

Parecia ser a voz de um homem mais velho. A sua voz era profunda e áspera, as suas palavras cuidadosas e lentas.

— E se alguém aparecer? — perguntou a primeira voz.

— Hoje vamos enterrar a Srta. Annie Blumberg — respondeu a segunda voz.

Clara inspirou profundamente. Era Bruno e o coveiro. Ela começou a empurrar a tampa do caixão, mas depois ouviu passos pesados a correrem pelo túnel. Ela gelou. A porta do armazém chiou quando foi aberta.

— Viram alguém aqui em baixo? — perguntou um homem a arquejar.

— Hoje vamos enterrar a Srta. Annie Blumberg — disse o coveiro. — Ela vai para o Céu para o pé de Jesus.

— Eu não te perguntei o que é que estavas a fazer Lawrence — retorquiu o homem irritado. — Eu perguntei-te se tinhas visto alguém cá em baixo nos túneis. Falta-nos uma paciente.

— Nós não vimos ninguém — disse Bruno.

A sua voz soava mais alta do que há um minuto, como se ele estivesse por cima do caixão.

— Não lhe estou a perguntar a si — retorquiu o homem. — Estou a perguntar

aqui ao Lawrence. Viste alguém ou não, Lawrence?

Passou-se uma eternidade antes de Lawrence responder. Clara pensou que iria gritar antes de ele dizer alguma coisa.

— Não — respondeu Lawrence. — Não vi nenhuma paciente cá em baixo nos túneis. Nós hoje vamos enterrar a Srta. Annie Blumberg. Ela vai para o Céu para o pé de Jesus.

— Bom — disse o homem. — Certifica-te disso e entretanto diz-nos se vires aqui alguém. Compreendeste, Lawrence?

— Sim — respondeu Lawrence. — Eu digo-vos se vir uma mulher que não seja a Srta. Annie Blumberg.

A porta rangeu novamente e Clara expirou, os seus membros estremeceram de alívio. O seu primeiro instinto foi abrir a tampa do caixão e sair, mas ela esperou. Tinha de ter a certeza que o auxiliar se tinha ido embora de vez. Cravou as unhas nas palmas das mãos.

— Estás aí Clara? — sussurrou Bruno.

Ele parecia estar mais longe. Clara engoliu em seco e tentou falar apesar do nó ardente que tinha na garganta. Não lhe saiu som nenhum.

— Clara? — chamou Bruno novamente.

— Aqui — conseguiu ela dizer por fim.

Ela bateu com os nós dos dedos na madeira.

— Estou aqui.

Um estrondo no caixão fê-la sobressaltar-se e estremecer o caixão, como se alguém o tivesse pontapeado. Em seguida, a tampa deslizou para um dos lados. Primeiro, viu dedos, depois uma porção do rosto de Bruno. Ele retirou a tampa e olhou para ela, o seu rosto marcado pela preocupação. Ela começou a sentar-se.

— Não te mexas — sussurrou ele. — E não digas nada.

Ela voltou a deitar-se.

— Estás bem?

Ela acenou com a cabeça, forçando-se a sorrir. Pareceu-lhe mais um espasmo do que um sorriso.

— Vamos tirar-te daqui — disse Bruno, ainda a sussurar. — E vamos fugir esta noite. O Lawrence está aqui para nos ajudar.

O rosto comprido e peludo do coveiro surgiu por cima dela. Ele tirou o boné, passou uma mão pelo cabelo grisalho e desganhado e acenou-lhe brevemente. A

pele à volta dos seus olhos tinha ficado mais fina com a idade, dando às suas pálpebras um tom rosado, e as pregas à volta do seu pescoço estavam marcadas pelo surro.

— Não está certo aquilo que eles fizeram — disse Lawrence, abanando a sua cabeça. — Não está certo eles terem-te tirado o teu bebé.

Os olhos de Clara encheram-se de lágrimas. Ela inspirou fundo e acenou com a cabeça, sorrindo debilmente para Lawrence. Mas depois, o rosto de Bruno ficou sombrio e ela começou a tremer outra vez. Havia algum problema.

— Temos de te transportar através do túnel — sussurrou ele. — Temos de subir as escadas com o caixão, pô-lo numa carroça, e levá-lo para o cemitério. Hoje de manhã já levámos o corpo de Annie e escondemo-lo no bosque de cedros perto do casebre de Lawrence. Vamos fazer a troca no bosque, mas temos de nos despachar. Ainda faltam algumas horas para o anoitecer e quando não te encontrarem na enfermaria, vão começar a procurar nos terrenos.

Ele endireitou-se e coçou o pescoço, evitando olhar para os olhos dela. Depois suspirou e olhou para ela novamente, escrutinando-lhe o rosto.

— Temos de pregar a tampa do caixão, Clara. Não vamos pôr os pregos todos, mas temos de pregar a tampa para o caso de alguém nos mandar parar a caminho do cemitério.

Ela assentiu e tentou sorrir, uma sensação fria e vazia fê-la tremer. Bruno ajoelhou-se e esticou os braços para dentro do caixão, enlaçando as mãos por trás da cabeça dela. Ele inclinou-se e beijou-a, com intensidade, na boca.

— Eu prometo que não deixo que nada te aconteça — sussurrou ele, os seus olhos estavam marejados de lágrimas. — Tu vais ficar bem.

Ele soltou-a e pegou na tampa do caixão, o seu rosto estava branco como a cal. Em seguida, colocou a tampa no sítio, mantendo os seus olhos fixos nos dela até ao último momento, até o caixão estar completamente fechado. Clara mergulhou novamente na escuridão. Ela fechou os olhos e cerrou os punhos, tentando respirar normalmente. Em seguida, ouviu o que parecia alguém a remexer dentro de um saco de pregos. Um baque suave atingiu a tampa.

— Este é o primeiro prego — disse Bruno.

Apesar do aviso, a pancada barulhenta fez com que Clara desse um pulo. A seguir houve uma pausa, como se Bruno estivesse a deixar que ela se habituassem ao barulho, depois *bang, bang, bang, bang*. Ela estremecia com cada uma das

marteladas, as lágrimas corriam-lhe pelas têmporas, depois ela deslizou as mãos pelo peito e enfiou os dedos dentro dos ouvidos, as agudas marteladas metálicas perfuravam-lhe o cérebro. Ela mordeu o lábio, o seu estômago contraía-se, e tentava não pensar no que aconteceria se, por algum acaso, Bruno fosse impedido de a deixar sair do caixão. Por fim, Bruno falou novamente.

— Este foi o último prego — disse ele com a voz tensa. — Agora vamos levar-te lá para fora. Tenta não te mexeres.

O caixão abanou ligeiramente, depois foi levantado no ar num rápido movimento ascendente. Por um momento, Clara deixou de sentir o peso do seu corpo. A sua cabeça começou a andar à roda e ela pressionou as mãos contra as paredes laterais de madeira, pequenas farpas cravaram-se na sua pele. Bruno e Lawrence levaram-na para o túnel, subiram as escadas e colocaram-na numa carroça, o seu corpo deslizava dentro do caixão como uma carpete enrolada, por muito que se esforçasse para ficar quieta. Foi preciso um esforço enorme para não gritar.

Perto do fim do cemitério, Bruno e Lawrence descarregaram o caixão da carroça e transportaram-no para o bosque de cedros, escondendo-o no meio de um denso aglomerado de árvores. Bruno usou um pé-de-cabra para abrir a tampa, tendo cuidado para não a partir para que pudessem reutilizar o caixão para enterrar a Annie Blumberg. Aguardando para ser posta em liberdade, Clara inspirava devagar e de forma trémula, lutando contra o desejo de abrir o seu caminho à força. Então, finalmente, Bruno tirou a tampa. Clara levantou-se de um pulo e saiu atabalhoadamente de dentro do caixão, inspirando profundamente o ar fresco, como uma mulher salva de se afogar. Bruno levantou-se e esmagou-a contra o seu peito, o seu rosto enterrado no pescoço dela, a sua respiração quente e entrecortada na pele dela. Ela agarrou-se mais a ele, absorvendo o seu calor, e tentando parar de tremer. Parecia-lhe que tinha passado uma eternidade desde a última vez que sentira os braços dele à sua volta. Ela não o queria largar. Bruno pegou-lhe no rosto e beijou-a de forma intensa e esfomeada. Depois afastou-se e olhou para ela, com os olhos embaciados.

— Tive tantas saudades tuas — disse ele.

— Eu também tive muitas saudades tuas — disse ela com os dentes a bater. — Eu não sei o que é que me iria acontecer se tu não tivesses...

Ele colocou um dedo em cima dos lábios dela.

— Chhh... — disse ele. — Agora está tudo bem. Vamos fugir daqui e vamos procurar a nossa filha.

Ele beijou-a nos lábios novamente.

— Mas agora tens de fugir. Esconde-te debaixo da cama do Lawrence até eu vir buscar-te.

Ela assentiu e abraçou-o mais uma vez, pressionando a sua cabeça contra o peito dele.

— Eu amo-te! — disse ela.

— Eu também te amo — retorquiu ele. — Agora vai!

Clara voltou-se e começou a correr, custava-lhe respirar por causa do ar frio. Ela olhou por cima do ombro e abrandou, parou para ver Bruno e Lawrence tirarem ramos de folhas verdes de cima do corpo de Annie Blumberg, que estava embrulhado num lençol. Eles levantaram-na e depositaram-na no caixão, depois colocaram novamente a tampa. Clara rezou uma oração silenciosa em agradecimento à mulher por lhe dar uma oportunidade para fugir, depois agachou-se por baixo das árvores e correu sem olhar para trás.

Quando chegou ao casebre de Lawrence, apressou-se a atravessar o tortuoso alpendre dianteiro e abriu de rompante a porta decadente, o seu coração batia-lhe acelerado no peito. Dentro da casa tapou a boca e o nariz com uma mão, dominada pelo fétido odor a fezes e a roedores em decomposição. O fedor fazia-lhe arder os olhos e ela mal conseguia respirar sem se agoniar. Ela temia ter de se esconder lá fora, deitada no telhado ou agachada num buraco por trás da casa. Mas não, ela não podia correr o risco de ser vista. Ela tinha de seguir o plano. Olhando ao redor, ela tentou orientar-se.

A estrutura degradada era composta por duas pequenas divisões, uma cozinha que também incluía uma zona de estar e um quarto. O chão da zona de estar era feito de xisto, e uma lareira de tijolos prestes a ruir dominava uma das paredes de madeira. Por baixo de uma janela imunda enfeitada com uma cortina estampada esfarrapada ficava um armário pintado, o seu tampo de madeira estava equipado com uma bomba de água e um lava-loiça ferrugento. No meio da sala estava uma cadeira com o encosto de palha e apenas três pernas, a quarta perna tinha sido substituída por uma pilha de tijolos partidos. Uma mesa de jantar, que tinha sido feita a partir de uma velha porta, tinha a sua superfície

inteiramente coberta por latas vazias e jornais velhos. Um fogão bojudo estava aninhado num dos cantos, línguas de fogo cor de laranja estalavam por trás da sua grade de ferro.

Lutando contra o desejo de se sentar ao pé do fogão de lenha para se aquecer, Clara atravessou rapidamente a sala de estar e entrou no quarto sujo, onde havia uma cama de madeira com um colchão de crina de cavalo que estava encostada a uma das paredes, e uma cómoda torta que parecia um anão deformado agachado por baixo da janela entaipada até meio. As vidraças superiores permitiam que a luz do dia, que se desvanecia, se estendesse ao longo de um tapete puído que estava em frente à cómoda. Era um tapete persa, o desenho geométrico recordava Clara do tapete que havia em frente da porta do escritório do pai.

Afastando a imagem do pai da sua mente, Clara arrastou-se para debaixo da cama, os seus joelhos e cotovelos raspavam no chão de terra. Arrastou o mais que pôde, até ficar com as costas encostadas à parede de madeira, depois espreitou por entre as grades inferiores da cama, tentando respirar de maneira superficial. Um balde de metal estava no canto do quarto perto da cómoda, salpicos granulosos e escorrências castanhas tinham secado à volta do balde. Ela puxou uma ponta de cobertor de lã para lhe bloquear a vista para o balde das necessidades de Lawrence. Teias de aranha poeirentas agarravam-se a seu pulso. Ela afastou-as e esperou, tentando ignorar o frio que emanava do chão de terra.

Perguntando-se quanto tempo é que iria demorar Bruno para a vir buscar, ela tentou lembrar-se quanto tempo é que Lawrence demorava a enterrar alguém, quando ela o observava a partir da Rookie Pest House. Mas nessa altura ela estava dominada pela dor e pelo láudano, e não conseguia lembrar-se. Esperava que ele e Bruno se despachassem e, que entre os dois a tarefa demorasse metade do tempo. Já estava a ficar escuro lá fora, e a luz dentro do casebre tornava-se cada vez mais cinzenta e ténue.

Ao fim do que lhe pareceu uma eternidade, a porta da frente abriu-se. Clara começou a sair de debaixo da cama, mal conseguindo ver na escuridão do quarto. Depois retrocedeu, lembrando-se subitamente que podia não ser o Bruno e o Lawrence. Mesmo que fossem, podiam não estar sozinhos. Ela ficou imóvel e pôs-se à escuta, tentando não respirar. Na sala de estar, alguém acendeu um fósforo. Alguma coisa silvou e acendeu-se. Um par de botas cobertas de lama atravessou a soleira da porta, um brilho amarelado iluminou o quarto. As botas

de borracha arrastaram-se pela terra e pararam perto da parede oposta. Um candeeiro a óleo enferrujado foi pousado no chão. O dono das botas descalçou-as, expondo uns pés imundos. Um casaco caiu em monte na terra. Parecia ser Lawrence.

Por que é que o Lawrence estaria ali sem o Bruno? perguntou-se ela. *Teria ele denunciado o Bruno? Estaria ele à espera que os auxiliares a fossem buscar? E se Bruno tivesse sido mandado de volta para a ala porque uma das pacientes estava desaparecida? Será que Lawrence se tinha esquecido que ela estava escondida debaixo da sua cama? E daí, talvez o homem que estava no casebre não fosse Lawrence.*

Os pés imundos dirigiram-se ao balde. Os suspensórios das calças esticaram-se e estalaram, e as calças caíram em redor dos tornozelos do homem. Um jato de urina bateu nas paredes do balde. O homem gemeu e esperou um momento antes de levantar as suas calças, depois virou-se e dirigiu-se na direção dela. À beira da cama, ele pôs-se de gatas, uns dedos brancos nodosos cravaram-se na terra. Clara prendeu a respiração e pressionou as costas contra a parede, o seu coração parecia prestes a rebentar. Em seguida, surgiu o rosto enrugado de Lawrence, as suas pálpebras rosadas semicerradas. Ela expirou.

— Eles estão à tua procura — disse Lawrence.

— Eu sei — disse ela, tentando abrandar o seu coração galopante. — Onde é que está o Bruno?

— Está a enterrar a Srta. Annie Blumberg — respondeu ele. — Disse-me para lhes dizer que eu estou doente quando eles vierem à minha casa.

Clara engoliu em seco.

— Quando é que ele vem aqui ter?

— Quando for seguro — respondeu ele. — Quando for seguro tu e o Bruno poderão ir procurar o vosso bebé. Mas eu tenho de te esconder num sítio melhor.

Clara sentiu o sangue a fugir-lhe das faces.

— Onde? — perguntou ela.

Lawrence sorriu, os seus dentes tortos pareciam espigas de milho entre os lábios rachados. Fez-lhe sinal para que saísse, depois levantou-se. Ela arrastou-se pelo chão de terra, saiu de debaixo da cama e pôs-se de pé, sacudindo a terra e as teias de aranha dos seus cotovelos e joelhos. Lawrence dirigiu-se apressadamente na direção da cómoda, dobrou-se e afastou o tapete, pondo à

mostra um pequeno alçapão. Ele agarrou na anilha de ferro e abriu a porta. Um lance de degraus decrepitos desaparecia naquilo que parecia ser um poço sem fundo. Lawrence fez-lhe um gesto para que descesse.

— Tens uma vela ou outro candeeiro? — perguntou Clara, tentando respirar normalmente. — Para que não esteja tão escuro lá em baixo? Se ouvir alguém a aproximar-se, eu apago-o.

Lawrence torceu a boca e olhou para os pés, coçando por trás da orelha. Depois dirigiu-se apressadamente à cozinha. Ela seguiu-o mas ficou na soleira da porta, vigiando a janela da frente para o caso de aparecer alguém no alpendre. Lá fora, o céu estava quase negro, as silhuetas sombrias das árvores tornavam-se cada vez mais escuras. Lawrence caminhou até à mesa atafulhada de tralha e inspecionou lata após lata, espreitando para dentro de cada uma delas antes de as deixar cair no chão de pedra com ruído. Insetos e larvas moviam-se no fundo das latas caídas, contorcendo-se numa massa preta acinzentada. Clara tapou a boca com a mão. Finalmente, Lawrence encontrou aquilo que procurava. Ele dirigiu-se à pilha de lenha que estava ao lado do fogão de ferro fundido, partiu uma série de gravetos, enfiou os pauzinhos dentro da lata, e depois foi buscar a caixa de fósforos que estava no parapeito da janela por cima do lava-loiça.

De volta ao quarto, Lawrence segurou na mão de Clara enquanto ela descia à velha cave, depois entregou-lhe a lata e a caixa de fósforos. Ela ajoelhou-se, pousou a lata no chão de terra e acendeu um graveto. A chama pegou e ganhou vida, tremeluzindo nas rochas das paredes, iluminando camadas de pirilampos secos e louva-a-deus atados a fios pendurados em pregos cravados nas fendas como se fizessem parte de uma enorme coleção de insetos. Ao princípio, Clara recuou, mas depois percebeu que o que ela pensava que eram insetos, eram na verdade pequenas cruzeiras feitas de madeira e cordel. Havia milhares delas, cobrindo cada centímetro quadrado das paredes da cave.

Ela olhou para cima para Lawrence.

— O que é isto? — perguntou ela.

— É errado — disse Lawrence.

Clara abanou a cabeça confusa.

— O que é que é errado?

Lawrence fez uma careta, tentando controlar os seus sentimentos.

— As pessoas — respondeu ele. — É errado marcar as campas delas só com

um número.

Clara aproximou a luz das paredes, observando as pequenas cruzeiras. Três iniciais e um número tinham sido gravados em cada uma delas, a escrita era tão pequena que ela mal conseguia ler. Os seus olhos ficaram marejados de lágrimas. Como é que alguém tão bondoso e atencioso como Lawrence acabava preso em Willard para o resto da sua vida? Não era justo. Ela colocou uma mão em cima do coração e olhou para ele.

— És um homem bom — disse ela.

Lawrence sorriu com os olhos cheios de lágrimas, e fez um breve aceno com a cabeça na direção dela, o sangue subia-lhe às faces enrugadas.

— Agora eu devia fechar a porta — disse ele.

— Está bem — retorquiu Clara. — Obrigada Lawrence.

Tentando ignorar o regresso da sensação de claustrofobia, Clara sentou-se no frio chão de terra, as pernas dobradas por baixo da saia do seu vestido. Lawrence fechou o alçapão e mais uma vez ela foi engolida pela escuridão. A chama dentro da lata lançava sombras tremeluzentes sobre as cruzeiras, dando a ilusão que os paus tinham subitamente ganho asas, estremecendo conforme se tentavam libertar.

Por cima dela, o tapete deslizou para cima do alçapão e a estrutura de madeira da cama rangeu. Ao fim de alguns minutos, Lawrence estava a risonhar. Clara mordeu o lábio e cerrou os olhos, tentando não chorar. *Não tarda a escurecer*, pensou ela. *E nessa altura o Bruno virá buscar-me. Só tenho de aguentar mais um bocadinho.* Depois surgiu-lhe outro pensamento, um que lhe fez gelar o sangue. Como é que o Bruno ia chegar ao casebre depois do anoitecer?

Normalmente, os pacientes eram levados de volta às alas ao anoitecer. Era certo que Bruno tinha um trabalho invulgar, não iriam interrogar-se onde é que ele estava? E quem é que seria o responsável por o levar de volta a horas? Ou teria ele, tal como Lawrence, mais liberdade que a maioria? O seu coração começou a bater mais depressa, os dedos ardentes do pânico acendiam-se no seu peito. Então, a porta da frente do casebre abriu-se. Ela apagou a chama que ardia dentro da lata e prendeu a respiração.

— Lawrence! — gritou um homem.

O corpo de Clara enrijeceu. Não era Bruno.

— Lawrence! — gritou o homem novamente.

Passos pesados atravessaram o chão de pedra e arrastaram-se pelo chão de terra do quarto. A cama começou a ranger, como se alguém estivesse a abanar a estrutura.

— Acorda! — gritou um segundo homem. — Levanta o rabo da cama!

Lawrence fungou e a cama voltou a ranger, como se ele se estivesse a virar ou a sentar.

— O que é que estás a fazer? — disse a primeira voz. — Não tens trabalho para fazer?

— Estou doente — respondeu Lawrence. — O Bruno enterrou a Srta. Annie Blumberg.

— Não me pareces doente — retorquiu o segundo homem. — Pareces-me preguiçoso.

— Estou doente. O Bruno enterrou a Srta. Annie Blumberg.

Clara encolheu-se, receosa que os homens suspeitassem de alguma coisa se Lawrence se continuasse a repetir.

— Há quanto tempo é que estás a dormir? — perguntou o segundo homem.

— Não sei — respondeu Lawrence.

— Vamos embora — disse o primeiro homem. — Estamos a perder o nosso tempo aqui. Não vamos chegar a lado nenhum com este retardado.

— Viste alguém a andar por aí, Lawrence? — perguntou o segundo homem. — Veio aqui alguma paciente? Alguém bateu à tua porta ou espreitou pela janela?

— Eu estou doente — disse Lawrence. — Eu estive a dormir enquanto o Bruno enterrou a Srta. Annie Blumberg.

— Vamos embora — disse o segundo homem.

— Espera — retorquiu o primeiro homem. — O que é aquilo?

— Mas que raio? — disse o segundo homem.

— Está a sair fumo de debaixo do tapete.

O estômago de Clara contraiu-se. Ela colocou uma mão por cima da lata, mordendo o lábio à medida que a lata quente lhe queimava a palma da mão. Mas era demasiado tarde. Por cima dela, o tapete sibilou ao longo do alçapão. Ela rastejou para um dos cantos, o seu coração batia com tanta força que ela mal conseguia respirar. Alguém remexeu na anilha de ferro e começou a levantar o

alçapão. Um feixe de luz penetrou na cave escura. Em seguida, a porta fechou-se com força. Algo pesado tinha chocado com ela. Parecia um corpo.

Um homem gritou e o quarto encheu-se de sons de luta, respirações pesadas, punhos a chocarem contra músculos e ossos, grunhidos, madeira a lascar e a partir, mobília a cair ao chão. Em seguida, vozes abafadas, e aquilo que soava como algo pesado a ser levantado de cima do alçapão. Alguém agarrou na anilha de ferro e escancarou a porta. Clara arquejou.

Era Bruno. Ela encolheu-se de alívio, uma mão pousada por cima do seu coração que troava.

— Estás bem? — perguntou ele.

Ela acenou com a cabeça, pôs-se de pé e subiu as escadas com as pernas a tremer. Lawrence estava sentado na cama, uma mão trémula pousada no lábio que sangrava. Dois auxiliares estavam caídos no chão, um de barriga para baixo, e o outro de costas, ambos com os olhos fechados.

— Estão mortos? — perguntou Clara, a sua respiração arranhava-lhe o peito.

— Não — respondeu Bruno. — Vamos! Temos de sair daqui!

Ela dirigiu-se a Lawrence.

— Estás bem? — perguntou ela.

Ele acenou com a cabeça e levantou-se, depois pegou no casaco e estendeu-o a Clara.

— Vai estar frio no lago — disse ele.

Ao princípio ela hesitou, mas depois deslizou os braços para dentro das mangas, virou-se e deu um abraço a Lawrence.

— Muito obrigada por nos ajudares — disse ela.

Lawrence sorriu, ainda a agarrar o seu lábio.

— Espero que consigam encontrar o vosso bebé em breve — disse ele, com os olhos marejados de lágrimas.

— Vamos — disse o Bruno novamente com a voz tensa. — Temos de ir!

Eles os três saíram apressadamente do casebre e correram para a floresta escura, Lawrence ia à frente. A Lua que nascia dava à noite um brilho azulado, providenciando luz suficiente para que pudessem ver por onde iam. Clara dava a mão a Bruno enquanto corria, desviando-se dos ramos, contornando rapidamente árvores e arbustos. À distância, viam-se as lanternas que balouçavam em volta do monólito de Chapin Hall e candeeiros a óleo tremeluziam pelas alas dos

pacientes, lançando longas sombras, com forma humana, sobre as paredes de tijolo e as janelas gradeadas. Feixes de lanternas balouçavam através do relvado, enquanto figuras sombrias vagueavam perto da casa dos barcos e do cais. Tinha começado a nevar; densos flocos de neve caíam do céu. Por algum motivo, aquele cenário fez Clara lembrar-se de cantar cânticos de Natal com a família, e quase se riu à gargalhada com aquele despropósito. Distraída, ela tropeçou num pau que estava no meio do caminho.

— Cuidado — disse Bruno, amparando-a.

Ela parou para recuperar o fôlego.

— Como é que vamos chegar à água sem sermos vistos?

— O barco a remos está escondido em terra — disse Bruno. — No outro lado de uma estrada no final destes bosques. Ninguém nos vai ver, mas temos de nos despachar.

Ela assentiu e eles começaram a correr novamente.

Quando chegaram ao fim dos bosques, pararam para observar a estrada. A estrada estava vazia. Lawrence dirigiu-se apressadamente para o outro lado, trepando uma colina rochosa e desapareceu. Depois a cabeça apareceu, e ele fez sinal a Bruno e a Clara para que o seguissem. Eles olharam para ambos os lados, atravessaram a estrada a correr, depois treparam a colina e desceram para a margem rochosa.

Lawrence e Bruno tiraram o barco a remos debaixo de um arbusto de madressilvas e arrastaram-no pela margem, a quilha de madeira a raspar nas rochas. Assim que o barco ficou liberto, os homens empurraram-no para a água, as costas dobradas sobre a popa. Clara olhou para o lago, o luar prateado refletido na ondulação suave, a neve caía silenciosamente através do ar frio da noite. Há uns dias que o gelo se partira, e agora pequenos pedaços flutuavam aqui e ali, chocando uns com os outros na água, finas camadas partindo-se tilintando, como longínquos repiques de cristal. Ela inspirou profundamente e prendeu a respiração, segura de que conseguia sentir o sabor do sopro fresco e limpo da liberdade.

— Vamos — disse Bruno, olhando para ela por cima do ombro. — Entra!

Ondas batiam no casco, balouçando o barco para cima e para baixo, como um berço. Lawrence agarrou na popa enquanto Bruno ajudava Clara a descer das rochas e a entrar no barco. Sentou-se perto da proa e esperou, a sua respiração

estava acelerada. Os homens entraram na água até esta lhes chegar às coxas, os seus ombros encurvados por causa do frio. Bruno apoiou-se sobre a parte traseira do barco e começou a trepar lá para dentro. Nesse preciso momento, Clara viu luzes no topo da colina. O Dr. Roach e dois auxiliares apareceram, com as lanternas bem levantadas. Um dos auxiliares soprou um apito e ambos desceram apressadamente para a margem. Bruno deixou-se cair novamente para dentro de água e tentou ajudar Lawrence a entrar no barco, enquanto este ainda segurava na popa. Lawrence abanou a cabeça, resistindo.

— Tens de vir connosco — disse Bruno. — Eles vão trancar-te!

— Não — disse Lawrence, abanando vigorosamente a cabeça. — Eu não ando em barcos.

— Por favor — disse Clara. — Entra! Temos de sair daqui!

— Não — disse Lawrence, virando e tentando levantar Bruno para dentro do barco. — Eu fico aqui.

— Parem imediatamente! — gritou o Dr. Roach.

Desceu a colina atabalhoadamente, escorregou e quase caiu antes de chegar lá abaixo. Os auxiliares correram pelas rochas e apressaram-se a entrar dentro de água, caminhando através das ondas o mais depressa possível, os seus braços balouçavam no ar. Um agarrou Lawrence pela cabeça e puxou-o, segurando-o debaixo de água. Bruno largou o barco e esmurrou o rosto do auxiliar, tentando fazer com que ele soltasse Lawrence. O segundo auxiliar enlaçou os braços à volta dos ombros de Bruno, afastando-o do primeiro. O barco começou a afastar-se. Clara levantou-se, passou para o assento do meio, e pôs os remos na água. Puxou os punhos dos remos na sua direção, afastando o barco para mais longe da margem. Tentando não entrar em pânico, ela mergulhou novamente os remos na água e empurrou-os. Desta vez, o barco moveu-se em direção aos homens.

Um terceiro auxiliar apareceu e desceu apressadamente a colina em direção à água. Ele bateu na cabeça de Bruno com um cassetete, o seu rosto contorcido pelo esforço. O segundo auxiliar largou Bruno e este desapareceu debaixo de água. O auxiliar abaixou-se, os seus ombros quase submersos e puxou Bruno para cima. Os olhos de Bruno estavam fechados, o seu rosto coberto de sangue, o seu cabelo colado à testa como se fossem algas. O auxiliar arrastou-o para a margem e deixou-o deitado nas rochas, as pernas de Bruno ainda estavam dentro de água, depois voltou a entrar apressadamente no lago. Um dos auxiliares

agarrou o barco e tentou içar-se por cima da popa. Clara levantou-se, tirou um remo da sua toleteira e bateu com ele na cabeça do auxiliar. Ele caiu para trás, com a cabeça pendurada. Depois recuperou e tentou cegamente agarrar no barco novamente, rios de sangue corriam-lhe para os olhos. Ela levantou o remo uma segunda vez, pronta para o baixar com toda a sua força.

Um tiro rasgou o ar. Ela gelou e olhou para cima, o remo pairava-lhe por cima da cabeça. O Dr. Roach estava parado na margem com uma pistola fumegante na mão, o braço esticado em direção ao céu.

— Eu disse para pararem imediatamente! — gritou ele.

Clara deixou cair o remo, a madeira bateu nos assentos do barco. Apareceram mais três auxiliares no topo da colina, com coletes de força e correntes nas mãos. O auxiliar que mantinha Lawrence debaixo de água puxou-o para cima. Os olhos de Lawrence estavam fechados, a boca aberta. O auxiliar arrastou-o de volta para a margem e deixou-o cair ao lado de Bruno. Clara saltou para fora do barco e arrastou-se através da água gelada em direção à margem, as suas pernas pareciam pedras, o ar frio parecia facas nos seus pulmões. Deixou-se cair de joelhos nas rochas entre Bruno e Lawrence, o medo tomava conta dela. Ela abanou-lhes os ombros, tentando que acordassem. Mas era escusado.

Lawrence estava deitado de costas com a cabeça inclinada para um lado, a sua pele estava translúcida, os lábios roxos. Ele não estava a respirar. Clara virou Bruno de costas para baixo, afastou-lhe o cabelo molhado dos olhos, e segurou-lhe o rosto ensanguentado nas mãos trémulas, gritando o nome dele, uma e outra vez. A pele dele estava gelada, as suas mãos alvas estavam inertes. Ela colocou o seu ouvido no peito dele, prendendo a respiração para ouvir o coração dele a bater. O único coração que ouvia bater era o seu. Ela gritou e caiu sobre o corpo deles, os seus membros agitavam-se fora de controlo, os ombros estremeciam. Um a seguir ao outro, antes que tivesse tempo para inspirar, soluços violentos irrompiam-lhe da garganta, arrancando-lhe o ar dos pulmões. Um par de galochas surgiu em frente dela. Com a pouca força que lhe restava, Clara olhou para cima.

— Veja bem o que é que fez — disse o Dr. Roach olhando para ela.

CAPÍTULO 21

IZZY

Izzy estava sentada no alpendre da casa de Peg e Harry, com o carapuço puxado para cima da cabeça e os punhos enfiados nos bolsos, no entanto tremia apesar de ter vestido o seu casaco de inverno. O céu derramava neve e o vento frio fazia-lhe lacrimejar os olhos. Mas ela não se importava. Ela precisava de estar lá fora. Nesse dia, ela e Peg tinham ido à casa funerária de Geneva para acertar os detalhes para o funeral da mãe, os candelabros sombrios, as pesadas cortinas de damasco, e um leve odor a formol lembravam-na do velório do pai. Sentada em frente da secretária do gerente da funerária, ela sentia-se como se tivesse sete anos novamente, perdida num mar de casacos e vestidos pretos, à procura da avó, a implorar para ir para casa. Tinha ficado extenuada ao escolher o caixão para a mãe, ao decidir qual o melhor epitáfio, e explicar por que é que não iria haver serviço religioso. Quando o que ela queria fazer realmente era saltar da cadeira Queen Anne, escancarar a janela, e perguntar por que raio é que aquele lugar tinha de ter um aspeto e uma atmosfera tão deprimentes.

Agora, não havia ar fresco que lhe chegasse. Ela imaginou a mãe, deitada numa placa de metal dentro de uma câmara frigorífica na funerária, os seus músculos rijos, os olhos cosidos. De repente, Izzy sentiu que não conseguia respirar. Ela pôs-se de pé e caminhou pelo relvado, tentando encher os pulmões, a relva gelada estalava por baixo dos pés dela. *Então é assim que uma pessoa se sente quando fica órfã*, pensou ela, a sua garganta e os seus olhos ardiam. *De agora em diante, nunca mais haverá pelo menos uma pessoa no mundo a pensar em mim todos os dias, a amar-me incondicionalmente. Estou, por fim, verdadeiramente sozinha.*

Durante anos, tinha dito a si própria que depois de estar sozinha durante tanto tempo, a morte da sua mãe não a iria afetar tanto como se a tivesse visto todos os dias. Quando Peg lhe deu a notícia, Izzy caiu no chão, violentos soluços roubavam-lhe o ar dos seus pulmões. Com lágrimas nos olhos, Peg ajoelhou-se

no tapete e abraçou Izzy, deixando-a chorar, uma mão suave acariciava-lhe a cabeça. Passou-se quase uma hora antes de Izzy confiar que as suas pernas a iriam manter de pé.

Naquele momento, entre a morte da mãe, a preocupação por estar prestes a fazer dezoito anos, e o incidente em Willard, a ânsia de se automutilar aumentava cada vez mais. Até agora, ainda não cedera, mas não conseguia parar de pensar em partir o espelho de bolso que tinha na mala e usar o vidro partido para retalhar a pele fina dos seus braços. Uma e outra vez, relembrava-se a si própria que o alívio só duraria um minuto, e que a dor física não ia trazer a sua mãe de volta. Ela tinha de aprender a ser adulta, a encontrar o seu lugar no mundo sem cair na autocomiseração e na angústia. A sua mãe tinha sacrificado a vida dela pela sua. O mínimo que Izzy podia fazer era aproveitar essa dádiva ao máximo.

Felizmente, depois do incidente em Willard, Shannon e os amigos tinham deixado Izzy em paz. Quando se cruzavam nos corredores da escola, Shannon baixava os olhos. Perguntava-se se Shannon teria receio que ela apresentasse queixa. Shannon e Ethan já não estavam juntos, mas Izzy ignorara todas as tentativas que Ethan fizera para falar com ela. Ele tinha-lhe enviado um bilhete através da Alex, pedindo-lhe desculpa por tudo e implorando para que fosse lá a casa. Izzy deitou a carta no lixo. Tinha pedido a Peg e Harry que dissessem que ela estava no duche ou que tinha saído com amigos quando o Ethan telefonasse lá para casa. Ela precisava de tempo para resolver a sua vida e decidir o que é que iria fazer a seguir. Com tudo o que se tinha passado ultimamente, a última coisa que queria era mais sofrimento. Além disso, quem é que queria namorar com uma rapariga sem família e um futuro incerto?

— Izzy — chamou Peg da porta da cozinha. — Porque é que não vens para dentro? O jantar está quase pronto.

Izzy suspirou, limpou os olhos e caminhou na direção da casa, com o seu estômago contraído. Achava que não ia conseguir comer nada, mas Peg e Harry tinham sido incrivelmente gentis durante todo aquele processo. O mínimo que podia fazer era ser educada. Na cozinha, Harry estava encostado ao balcão da ilha de cozinha a cortar alface.

— Estou a fazer tacos — disse ele, a sorrir para ela. — É o teu prato favorito, não é?

Izzy acenou com a cabeça, ficando com os olhos marejados de lágrimas. Não se recordava da última vez que alguém soubera qual era o seu prato favorito, quanto mais perderem tempo a confeccioná-lo. Mas Peg e Harry tinham-se esforçado imenso para fazer a comida favorita de Izzy para o jantar. Tinham pago o caixão e o enterro da mãe, salvando-a de passar toda a eternidade no cemitério da prisão. Ela seria sepultada ao pé dos pais em Geneva. Izzy nunca tinha conhecido pessoas tão generosas. Ela ainda estava a tentar encontrar uma forma apropriada para lhes agradecer. Mas cada vez que as palavras se formavam na sua mente, a sua garganta fechava-se e ela não conseguia falar.

Izzy pendurou o casaco e ficou parada ao pé do balcão da ilha, ainda a tremer. Peg tirou o leite do frigorífico, deitou uma porção numa panela e colocou-a em cima do fogão.

— Vou fazer-te um chocolate quente — ela a Izzy. — E tu vais bebê-lo. Desde manhã que não comes nada.

— Obrigada — disse Izzy, conseguindo esboçar um sorriso débil.

Nessa altura, a campainha da porta tocou. Harry pousou a faca e apressou-se a ir atender, limpando as mãos a um pano da loiça. Um minuto depois regressou com Alex e Ethan a seu lado. Apesar da decisão de Izzy de se manter afastada de Ethan, o seu coração saltou quando o viu. Ele estava a usar botas de trabalho, um blusão preto e calças pretas, as suas faces estavam coradas por causa do frio. Izzy mordeu o lábio inferior, lutando contra o desejo de correr para os braços dele. Alex dirigiu-se apressadamente a Izzy, os seus olhos estavam molhados.

— Estás bem? — perguntou ela.

Izzy assentiu com a cabeça e deixou que Alex a abraçasse, pestanejando para que as lágrimas não lhe rolassem pelo rosto. Quando Izzy se afastou, Ethan enlaçou os seus braços à volta dela. Ele cheirava a inverno e a perfume com especiarias, a sua face fria encostada à têmpora dela. Izzy teve de fazer um esforço enorme para não enterrar o rosto no pescoço dele.

— Sinto muito pela tua mãe — disse ele.

— Obrigada — respondeu Izzy.

Ela deu-lhe um abraço rápido e afastou-se, incapaz de o olhar nos olhos. Mas ele continuou a agarrá-la, os seus braços fortes a puxá-la para mais perto.

— Estou aqui para te apoiar — sussurrou ele no ouvido dela. — Quer queiras quer não.

Izzy cerrou os olhos, tentando não chorar. Mas foi impossível. Lágrimas quentes rolaram-lhe pelo rosto.

— Por que é que não ficam para jantar? — perguntou Peg. — O Haary está a fazer tacos. Ele faz sempre comida para um batalhão, por isso há comida suficiente para todos.

Ethan inclinou-se para trás e limpou a face de Izzy com o seu polegar.

— Eu adoro tacos — disse ele a sorrir.

— Eu também — disse Alex, fazendo festas no ombro de Izzy.

Izzy sorriu, o seu coração dilatou-se. Afinal, talvez não estivesse sozinha.

CAPÍTULO 22

CLARA

Março de 1946

Por causa das chuvadas intensas e contínuas dos últimos sete dias, uma água lamacenta fluía pelas valas de drenagem ao longo das paredes dos túneis por baixo de Chapin Hall, fazendo com que as paredes ficassem húmidas devido à condensação. Clara estava na fila atrás de Esther ao fundo das escadas da cave, perguntando-se se alguém iria reparar se ela se esgueirasse da fila e corresse pelo túnel em direção à morgue, em direção às portas duplas que conduziam ao exterior, em direção ao relvado verdejante. Se ela partisse a janela e se esgueirasse através da vidraça, depois corresse o mais rápido que pudesse em direção ao lago, ela conseguiria chegar à água antes que alguém a apanhasse. Ela poderia pôr um fim a tudo aquilo.

Ela podia pôr um fim a dormir numa cama dura numa ala fria e imunda, ouvindo as mulheres a murmurar e a chorar. Ela podia pôr um fim às eternas manhãs, em que lhe custavam todas as suas forças, arrastar-se para fora da cama e enfrentar mais um dia a ver mulheres a olhar fixamente pelas janelas, a bater com as cabeças nas paredes, a berrar que só queriam ir para casa. Ela podia pôr um fim a uma vida passada a costurar, a jogar damas e a comer comida insípida. Ela podia pôr um fim a ver pessoas serem maltratadas e drogadas. Ela podia pôr um fim à dor tenebrosa que tinha no peito, cada batimento do seu coração parecia uma punhalada entre as suas costelas. Olhou para as mãos, para as pequenas fendas nos seus dedos, cravadas na pele devido ao tempo que passava a puxar linhas, e a falange do seu dedo do meio estava torta por causa das centenas de dedais que já usara. As suas unhas estavam roídas até ao coto, a sua pele seca e calejada; as mãos de uma mulher idosa. Ela pensou nas mãos da mãe; macias e bem tratadas, as unhas polidas e pintadas de vermelho, a sua pele a cheirar a lavanda. Ela tentou imaginar a mãe agora, com cabelo grisalho e um rosto enrugado, bebericando chá numa loiça importada enquanto estava sentada num canapé de veludo. Perguntava-se se o pai ainda estaria vivo, se estariam os dois a viver alegremente a sua vida, no conforto da sua mansão. Será que alguma

vez pensavam nela? Ter-se-iam alguma vez perguntado se ela estava bem, se ela ainda estava viva? Será que alguma vez tinham ponderado vir a Willard e implorar-lhe que os perdoasse, ou dizer aos médicos que deixassem sair em liberdade? Ou seriam eles tão impiedosos que nunca mais tinham pensado nela? Será que alguma vez tinham questionado a sua decisão de se livrarem da filha como se ela fosse um pedaço de lixo?

Agora, no túnel, o cheiro a ferro frio que emanava do cimento húmido fazia com que Clara se recordasse da noite em que ela e Bruno tinham tentado fugir. Ao fim de todos estes anos, ainda conseguia ver Bruno a olhar para ela por cima do caixão, os seus olhos tristes à medida que deslizava a tampa para depois a pregar. Se na altura soubesse o que sabia hoje, talvez tivesse pedido a Bruno e Lawrence para a enterrarem a ela em vez da Srta. Annie Blumberg.

Os seus olhos começaram a arder e, tal como tinha feito inúmeras vezes ao longo dos anos, ela afastou as memórias dolorosas da sua mente e tentou pensar noutra coisa. Ela levantou o queixo, lembrando-se que era noite de cinema em Hadley Hall e que o piquenique anual do 4 de julho estava para breve. Eram pequenas distrações, mas eram coisas diferentes pelas quais podia ansiar. Algo para evitar que enlouquecesse. Todos os dias relembrava-se a si própria que não era tarde de mais para acontecer um milagre; algum dia podia ser libertada. Se cedesse à autocomiseração iria enlouquecer de certeza absoluta. E ela não podia permitir que isso acontecesse. Ela tinha de manter o juízo se queria sobreviver, se um dia queria encontrar Beatrice.

A fila avançou e por fim, ela conseguiu ver o túnel à sua frente.

— Que nome é que eles dão a este tratamento? — perguntou ela a Esther.

— Terapia de choques elétricos — respondeu Esther. — Mas eu ouvi os auxiliares a chamarem-lhe «O Relâmpago».

— O que é que isso quer dizer? — perguntou Clara.

Esther encolheu os ombros. Clara inclinou-se para o lado, tentando ver para lá da fila de mulheres. Nesse momento, dois auxiliares transportavam numa maca uma mulher inconsciente tapada por um lençol, para fora da sala de tratamento. O lençol escorregou e caiu no chão de cimento, revelando que a mulher estava nua. Uma enfermeira apanhou o lençol e seguiu-os, a sua boca estava franzida. Os auxiliares voltaram para a sala de tratamento. Um minuto mais tarde, trouxeram outra mulher, mantendo-a direita à medida que ela cambaleava em

direção a uma das cadeiras que havia ao longo da parede do túnel. A mulher por trás de Clara começou a choramingar. Clara desejava que ela se calasse. A fila avançou novamente.

O Dr. Roach saiu da sala de tratamento e caminhou ao longo da fila, escrevendo numa prancheta os nomes das pacientes. Antes do Dr. Roach chegar a Esther, os auxiliares saíram apressadamente da sala de tratamento transportando outra mulher amarrada a uma maca. Ela contorcia-se e gritava de dores, as suas mãos esganhavam o ar. Vinda detrás dos auxiliares, a enfermeira Trench correu na direção do Dr. Roach, o seu rosto vermelho estava contorcido.

— Dr. Roach! — gritou ela. — Eu acho que ela tem a espinha partida!

O Dr. Roach colocou a prancheta debaixo do braço e dirigiu-se apressadamente à paciente. Os auxiliares pararam para que ele a pudesse examinar. Ele deslizou uma mão protegida por uma luva de borracha ao longo da espinha da mulher, puxou a prancheta de debaixo do seu braço, e fez um gesto na direção do elevador de serviço.

— Levem-na para a enfermaria — disse ele.

Os auxiliares transportaram a maca em direção ao elevador de serviço, lutando para a manter equilibrada enquanto a mulher se contorcia. A enfermeira Trench olhava fixamente para o Dr. Roach com os lábios franzidos.

— Eu disse-lhe que estava muito alto — disse ela.

O Dr. Roach agarrou-lhe no braço e conduziu-a em direção à sala de tratamento, resmungando-lhe qualquer coisa ao ouvido. Clara cerrou os maxilares, a sua respiração tornava-se cada vez mais acelerada. O que é que eles estavam a fazer naquela sala? Ela olhou para trás, para o fundo do túnel, perguntando-se se devia tentar fugir. Talvez conseguisse chegar às portas duplas que davam para o exterior antes de alguém reparar que ela tinha fugido. Depois lembrou-se a si própria o que é que tinha acontecido da última vez que tentara fugir. Começou a tremer, recordando-se dos dez meses que tinha passado no isolamento. Ela não conseguia passar por aquilo novamente. Não conseguia. Aquilo quase que a matara.

A fila avançou. Clara olhou para a mulher que estava sentada na cadeira. Ela estava inclinada para trás, a sua cabeça apoiada à parede do túnel, os seus olhos estavam fechados como se ela estivesse a dormir. Mais duas mulheres foram

trazidas para fora da sala de tratamento e foram sentadas ao lado dela. Talvez o tratamento não fosse assim tão mau. Talvez só fosse mau para certas pessoas, pessoas com outros problemas. Então, antes que desse por isso, um auxiliar conduziu-a a ela e a Esther por um braço para dentro da sala de tratamento.

Lá dentro, a enfermeira Trench e mais sete enfermeiras aguardavam. Quatro camas estavam alinhadas no meio da sala, cada um dos colchões estava coberto por um lençol lavado. Ao lado das camas, estavam quatro caixas de madeira em cima de carrinhos de metal, cada uma das caixas tinha lá dentro uma espécie de máquina, com mostradores e medidores e fios a saírem em todas as direções. As máquinas assemelhavam-se a baterias gigantes, ligadas às tomadas da parede com grossos fios pretos. Mais dois fios ligavam cada uma das máquinas a umas pás operadas manualmente. Os auxiliares conduziram Clara e Esther até às camas, onde as enfermeiras lhes disseram que se deitassem.

Clara fez o que lhe era dito, os seus braços e pernas tremiam, o suor irrompeu-lhe na testa e no lábio superior. A enfermeira Trench colocou os dedos no queixo de Clara, obrigando-a a abrir os lábios. Colocou um redondo pedaço de madeira na boca de Clara. A madeira grossa e húmida cheirava a dentes podres e a vômito. A enfermeira May surgiu na cabeceira da cama e segurou a boqueira no sítio, dizendo a Clara que mordesse. Clara respirava pelo nariz, tentando não se engasgar, o seu coração galopava-lhe no peito. A enfermeira Trench amarrou à cama os pulsos e os tornozelos de Clara. O Dr. Roach segurava nas pás ligadas à máquina.

— Estás prestes a receber o tratamento de choques elétricos — disse ele. — Eu vou colocar estas pás em ambos os lados da tua cabeça e depois vais sentir um pequeno choque. Não tens de ter medo de nada. Os meus colegas asseguraram-me que têm tido resultados positivos em pacientes que sofrem de esquizofrenia e delírios. Isto vai ajudar-te, Clara.

Duas enfermeiras seguraram nos ombros de Clara. De repente, Clara foi assaltada pela certeza absoluta de que tinha de sair da cama. Ela não podia deixar que ele lhe fizesse aquilo, não podia deixar que lhe dessem choques elétricos no cérebro. Ela contorceu-se, tentando libertar-se, lutando para empurrar a madeira para fora da boca com a língua. A enfermeira May empurrou mais a madeira, fazendo com que Clara se engasgasse. Nesse momento, ouviu uma agitação no corredor. Algo retumbava, como um trovão longínquo, e havia

também outro som, parecia água a cair.

As mulheres entraram disparadas dentro da sala, a gritar e derrubarem-se umas às outras na sua pressa, pisando aquelas que tinham caído. Algumas tentaram fechar a porta, encostando-se a ela, enquanto outras tentavam entrar à força. Alguém gritou, «Inundação!» e a porta escancarou-se, batendo na parede e atirando as mulheres ao chão. Uma enxurrada de água castanha à altura dos joelhos explodiu para dentro da sala, mandando ao chão pacientes, enfermeiras e auxiliares. Clara olhava para o Dr. Roach e para a enfermeira May, implorando-lhes silenciosamente que a libertassem. A enfermeira May olhava para o chão, imóvel, ainda a segurar na boqueira. Clara agitou a cabeça de um lado para o outro. Por fim, a enfermeira May largou a boqueira. Clara cuspiu o pedaço de madeira para fora da boca e sentou-se.

— Desamarrem-me! — gritou ela.

A enfermeira May desapareceu, derrubada pela enxurrada. O Dr. Roach viu-a cair, o seu rosto contorcido de medo. Mas em vez de a ajudar, tomou outra direção, arrastando-se através da água em direção ao fundo da sala, afastando enfermeiras e auxiliares. Ele trepou para cima de um armário, descalçou o seu sapato e tentou alcançar uma janela alta da cave. A água enchia a sala, subindo cada vez mais. A cabeça da enfermeira May reapareceu aos pés da cama de Clara, o seu cabelo molhado colado ao rosto, a sua touca amachucada e molhada presa por apenas um gancho. Ela ergueu-se e passou um braço por cima do colchão, esticando o outro na direção do Dr. Roach.

— Victor — disse ela a tossir. — Ajuda-me! O meu pé está preso!

O Dr. Roach olhou para ela brevemente, depois voltou-se e partiu o vidro com o seu sapato. Sem olhar para trás, içou-se e rastejou para o exterior. Clara prendeu a respiração e a enfermeira May desapareceu debaixo de água, as suas mãos alvas agarradas ao colchão, tentando segurar-se. Mas a água entrava demasiado depressa, criando uma corrente poderosa. Ultrapassou a beira da maca e trepou pelas pernas de Clara como dedos gelados entorpecendo-lhe a pele. Ela puxou a amarra do pulso com toda a sua força, as veias na sua testa inflaram. Era escusado. A tira de couro era muito grossa. A água trepou-lhe até à cintura.

A enfermeira Trench emergiu à direita de Clara, erguendo-se das profundezas como uma baleia. Ela arquejou tentando recuperar o fôlego, cuspiendo e

afastando o cabelo molhado dos olhos e tentou recuperar o equilíbrio. Olhou em redor da sala, depois inclinou-se para a frente e arrastou-se em direção a Clara, balouçando os braços para trás e para diante, grunhindo com o esforço. Por fim, chegou ao pé da cama, a água chegava-lhe ao peito, e tateando por debaixo da água, despertou as amarras em redor dos pulsos e dos tornozelos de Clara. Clara prendeu a respiração, a água chegava-lhe ao queixo, à boca, ao lábio superior, à espera que a última amarra fosse despertada. Então a enfermeira Trench desapareceu, arrastada de lado pela forte corrente. As luzes piscaram e apagaram-se, e Clara foi levantada, a última amarra foi despertada mesmo na altura certa. A sua cabeça tocou no teto. Em seguida a água chegava-lhe ao pescoço, ao nariz, aos olhos, invadindo-lhe as narinas e os ouvidos.

Ela prendeu a respiração e nadou debaixo de água em direção à janela partida, tateando o caminho através dos corpos, dos lençóis, das almofadas, a sua pulsação a latejar-lhe nos ouvidos. Subitamente, estava desorientada, incapaz de dizer se estava ir na direção certa. Ela abriu os olhos e viu um ténue brilho da luz do dia, oscilando por baixo da água como uma miragem do Sol. Então algo escuro moveu-se em frente à miragem, bloqueando-a como um súbito eclipse. Ela tentou contornar o obstáculo, mas alguém puxou-lhe o braço, empurrando-a na direção contrária. Lutando para se libertar, ela inalou acidentalmente, engolindo uma grande quantidade de água. Alguém a agarrou nos ombros, como se estivesse a tentar trepar por cima dela para chegar à superfície. Em seguida, ela estava a flutuar e a sua dor tinha desaparecido.

CAPÍTULO 23

IZZY

Dois dias depois do funeral da mãe, Izzy estava ao lado de Peg no alpendre dianteiro de uma casa Vitoriana verde-ervilha, o seu coração troava-lhe no peito. Depois de uma longa hesitação, ela inspirou fundo, tocou à campainha e afastou-se. Do outro lado da porta, passos apressados atravessavam o soalho. A cortina de renda do postigo foi afastada, em seguida voltou ao seu lugar. Alguém tateava a maçaneta da porta. A porta abriu-se e uma mulher jovem de óculos e cabelo curto castanho sorriu para elas. Izzy perguntou-se se estariam na casa certa.

— Em que posso ajudá-las? — perguntou a mulher.

— É aqui que mora a Srta. Rita Trench? — perguntou Peg com um sorriso.

— Sim, — respondeu a mulher. — E a senhora é?

— Esta é a Isabelle, eu sou a mãe de acolhimento dela, — respondeu Peg. — E eu sou Peg Barrows, curadora do museu estatal. Eu telefonei para cá há uns dias, para saber se a Srta. Trench estaria disposta a responder a algumas questões sobre o tempo que trabalhou em Willard.

— Ah, sim — retorquiu a mulher. Ela sorriu e estendeu a mão.

— Eu sou a Renee, a enfermeira de Rita. Façam favor de entrar.

Renee deixou-as entrar, fechou a porta e ofereceu-se para guardar os casacos delas. Um magote multicolorido de gatos andava em redor dos tornozelos dela, miando e espreguiçando-se, a esfarelarem com as unhas um tapete entrançado. Outros, enroscados, salpicavam as escadas e dormiam no canapé da entrada.

— Espero que não sejam alérgicas! — disse Renee.

Peg e Izzy sorriram e abanaram as cabeças, depois seguiram Renee ao longo de um corredor estreito que conduzia às traseiras da casa. No outro lado do corredor, portas abertas conduziam à sala de jantar e à sala de estar, ambas apinhadas de mobílias antigas. Cada prateleira ou superfície plana estava atafulhada de jarras de cerâmica, estatuetas de vidro, de relógios antigos, chávenas de chá de porcelana, e mais livros do que Izzy alguma vez vira numa

casa. Cada parede estava forrada de pinturas a óleo, retratos a preto e branco e espelhos dourados. Todas as paredes e móveis estavam atafalhados de objetos. Até os candeeiros estavam adornados com fitas e lenços.

— A Srta. Trench mora sozinha? — perguntou Peg.

Renee parou e virou-se para elas.

— Sim — respondeu em voz baixa. — Ela sempre viveu sozinha. Ela não tem família. É muito triste. Mas não se deixem enganar pela idade dela. Aos noventa e cinco anos de idade é esperta como o Alho!

— Ela lembra-se do tempo em que trabalhou em Willard? — perguntou Izzy.

— Oh, sim — respondeu Renee. Ela continuou a percorrer o corredor. — Vêm cá muitas pessoas perguntar-lhe pelos seus familiares que estiveram internados em Willard. Quase sempre, ela lembra-se de quem é que eles estão a falar.

Peg sorriu para Izzy. O coração de Izzy batia mais depressa. Elas entraram numa sala larga nas traseiras da casa, com a cozinha de um lado e uma sala de refeições do outro. A luz do Sol entrava através de três portas que davam para o pátio, refletindo-se nas paredes brancas, enchendo a divisão de uma luz brilhante e alegre. Uma mulher de cabelos grisalhos estava deitada numa espreguiçadeira, com um cobertor e um gato branco no colo. Os seus pés, calçados com uns chinelos, pendiam sobre o fundo da cadeira, e os seus ombros ocupavam toda a largura do encosto. O seu rosto de maxilares proeminentes parecia mais adequado a um jogador de futebol ou a um lutador de pesos-pesados. Izzy nunca tinha visto uma senhora de idade tão grande. Aparentemente, mirrar com a idade não se aplicava à Srta. Trench.

A Srta. Trench sorriu e sentou-se, fazendo-lhe sinal para que se sentassem.

— Sejam bem-vindas — disse ela. — Posso oferecer-vos um café ou um chá?

Peg e Izzy sentaram-se no sofá creme em frente à espreguiçadeira.

— Não, obrigada — respondeu Peg. — Estamos bem.

— Oh, deixem-se disso — retorquiu a Srta. Trench. — Eu não costumo ter visitas. Façam a vontade a uma velhota e tomem um chá. Renee, ainda temos bolo de chocolate?

— Infelizmente, não — disse Renee com um sorriso. — Você comeu a última fatia hoje ao pequeno-almoço.

— Oh, raios! — exclamou a Srta. Trench.

Riu-se e balouçou os pés para o lado da espreguiçadeira pousando o gato a seu

lado.

— Bom, mas ainda podemos beber o chá, não podemos? Agora, em que é que vos posso ajudar, jovens?

— Estamos com esperança que se lembre de uma paciente de Willard — disse Peg.

— Talvez me lembre — retorquiu a Srta. Trench. — Como é que ela se chamava?

Peg deu um toque a Izzy com o seu cotovelo. Izzy engoliu em seco e chegou-se para a frente.

— Clara Elizabeth Cartwright — respondeu Izzy.

A Srta. Trench inclinou-se para trás com a testa franzida.

— São familiares dela? — perguntou, voltando o seu olhar esbranquiçado para Izzy.

Izzy abanou a cabeça.

— Não — respondeu ela, sentindo o sangue subir-lhe às faces.

E se Srta. Trench não as ajudasse? O que faria nessa altura?

— Mas temos o baú dela, aquele que ela levava quando foi internada em Willard.

— Faz parte de um projeto do museu — explicou Peg. — Estamos a tentar recriar as vidas de vários pacientes de Willard. O Estado apenas nos deu acesso limitado aos registos dos pacientes porque estão selados, mesmo para os familiares. A Clara é uma das pacientes que gostávamos de investigar mais a fundo. Mas há coisas que não constam da sua ficha. Por exemplo, não conseguimos encontrar a certidão de óbito dela.

A Srta. Trench resmungou e fechou os olhos, a acenar com a cabeça.

— Tenho a certeza que há muita coisa que não consta da ficha dela, — disse.

Ela voltou a pôr o gato no colo, afagando-lhe o pelo com uma mão larga e nodosa. A sua cabeça inclinou-se e a sua mão começou a mover-se cada vez mais devagar, até que ficou pousada no pescoço do gato. Por um momento, Izzy receou que a velha senhora tivesse adormecido. Mas em seguida, a Srta. Trench olhou para cima, os seus olhos estavam vidrados.

— Eu lembro-me da Clara — disse ela. — Uma jovem linda.

Izzy inspirou profundamente e susteve a respiração. Renee reapareceu com o chá, pousando um tabuleiro de prata na mesa do café. Ela serviu o chá, entregou

uma chávena de porcelana a toda a gente, e depois sentou-se numa cadeira de espaldar alto ao lado da Srta. Trench.

— Sirvam-se de limão e de açúcar — disse ela.

Peg deitou dois cubos de açúcar no seu chá e depois fez o mesmo com o de Izzy, que tinha as mãos a tremer quando pegou na chávena e no pires delicados. Bebeu um gole para não ser indelicada, depois pousou o chá no tabuleiro e colocou os punhos no colo.

— A ficha de Clara diz que ela deu à luz a filha enquanto estava internada em Willard — disse Izzy. — Sabe alguma coisa sobre isso?

A Srta. Trench assentiu, a sua boca estava contraída.

— Sim — respondeu em voz baixa. — Eu lembro-me de a Clara ter ficado muito perturbada depois de lhe tirarem a filha.

O corpo de Izzy enrijeceu, alguma coisa dura e fria pressionava-lhe o peito. Pobre Clara. Não só tinha perdido a sua liberdade e o amor da sua vida como também tinha perdido a sua filha. Como é que alguém conseguia sobreviver a tanto sofrimento?

— Então a filha de Clara foi dada para adoção? — perguntou Peg.

Milhares de pensamentos atravessaram a mente de Izzy. Se a filha de Clara tinha sido adotada, teria sido criada num lar feliz, ou teria andado a saltitar de uma família de acolhimento para a outra? Teria crescido a acreditar que era órfã, ou que a mãe não se importava com ela? Saberia ela ao menos quem era a sua mãe? E se soubesse, teria a sua vida sido sempre ensombrada pelo facto de a mãe estar num hospício? Teria alguma vez pensado em ir visitá-la? Ou teria afastado da sua mente todos os pensamentos sobre a mãe, optando, em vez disso, por ignorar completamente a sua existência? Teria vivido a sua vida com os mesmos receios que Izzy, de se encontrar na mesma situação da mãe, os genes da loucura a circularem freneticamente no seu cérebro, sem que nada pudesse fazer para impedir que tomassem conta dela?

A Srta. Trench abanou a sua cabeça.

— A maioria dos bebés que nasceu em Willard era enviada para casa de familiares se estes estivessem dispostos a recebê-los, — contou ela — ou eram dados para adoção. Mas a filha de Clara não foi um desses casos.

Izzy engoliu em seco, um nó ardente crescia-lhe na garganta.

— Porque não? — perguntou Peg, franzindo a testa. — O que é que lhe

aconteceu?

A Srta. Trench suspirou, rolando um tufo do pelo do gato por entre os dedos ossudos.

— Porque é que estão a fazer perguntas sobre a bebé de Clara? — perguntou ela. — Pensei que estavam interessadas em informações sobre a Clara...

Com as mãos a tremer, Izzy tirou o diário de Clara de dentro da mala.

— Porque encontrámos o diário da Clara no baú dela — disse, estendendo-o para que a Srta. Trench o pudesse ver.

— Conta a vida que ela tinha antes de ter ido para Willard. Eu quero encontrar a filha da Clara para lho puder entregar. Se ela ainda for viva. Quero que ela saiba a verdade sobre o que aconteceu à mãe dela.

A Srta. Trench olhou para Renee, o seu rosto estava um pouco mais pálido do que há uns instantes.

— Eu vou precisar de algo mais forte do que chá para contar esta história, querida — disse ela. — Fazes-me um favor e vai buscar-me um pouco de *debrandy*, vais?

— Ainda é muito cedo — respondeu Renee. — Ainda não almoçou.

— Eu quero lá saber que horas é que são! — disse a Srta. Trench, dando uma palmada na perna com uma mão de veias azuladas. — Eu preciso de beber um gole, só isso. Agora faz aquilo para que te estou a pagar!

Renee abanou a cabeça.

— Muito bem — disse ela.

Levantou-se e dirigiu-se à cozinha.

— Mas o seu médico não vai ficar nada satisfeito quando souber disto!

— Ele não vai saber se tu não lhe contares! — gritou a Srta. Trench numa voz áspera.

Quando Renee desapareceu no interior da outra divisão, a Srta. Trench sorriu debilmente para Peg e para Izzy.

— A bebé da Clara não foi dada para adoção porque era especial — contou a Srta. Trench.

— O que é que quer dizer com especial? — perguntou Peg.

— Ela era filha de uma mulher saudável — esclareceu a Srta. Trench. — O médico responsável sabia que a bebé iria ser uma criança saudável. A probabilidade de evidenciar qualquer sintoma de doença mental era

extremamente reduzida.

— Então está a dizer que a Clara não estava doente — disse Peg, os seus olhos estavam sombrios. — Que ela não devia ter estado num hospício.

— Isso mesmo — disse a Srta. Trench.

— E o médico responsável sabia que ela não devia ali estar — disse Peg.

A Srta. Trench assentiu com a cabeça.

— Então porque é que a mantiveram lá? — perguntou Izzy. — Porque é que o médico não lhe deu alta?

— As coisas na altura eram diferentes — respondeu a Srta. Trench. — Havia muitas pessoas que não mereciam estar trancadas numa instituição, principalmente mulheres. Mas na altura não sabíamos mais.

— Mas acabou de dizer que o médico responsável sabia que a Clara não estava doente — retorquiu Peg.

— Ao princípio ele pensou que ela estava — revidou a Srta. Trench. — Todos nós pensámos. Mas havia outras coisas, outras pessoas envolvidas. Na altura em que o Dr. Roach percebeu que a Clara era apenas uma jovem angustiada com uma vida familiar difícil, já era demasiado tarde. O destino dela já tinha sido selado.

— Porquê? — perguntou Izzy, surpreendida pela sua raiva.

— A mulher do Dr. Roach não podia ter filhos — contou a Srta. Trench. — Eles tentaram, mas a pobrezinha continuava a perder os bebés.

Izzy colocou uma mão por cima do estômago. Ela sentia que ia vomitar.

— Está a dizer que o médico tirou o bebé à Clara? — perguntou Peg.

Nessa altura, Renee voltou com a garrafa de *debrandy*. Deitou um pouco no chá da Srta. Trench, depois pousou a garrafa na mesa do café. A Srta. Trench bebeu um gole longo e barulhento.

— Isso mesmo — respondeu a Srta. Trench. — O Dr. Roach levou-a para casa e criou-a como se fosse filha dele.

— Sabe onde é que está o médico agora? — perguntou Peg.

— Sei — respondeu a Srta. Trench. — Está enterrado no cemitério em Ithaca ao lado da mulher.

Ela olhava fixamente para a mesa do café, mas os seus olhos não viam.

— Nunca percebi porque é que ela continuou casada com ele.

— E a filha de Clara? — perguntou Izzy. — Onde é que ela está?

— A última vez que soube dela, vivia em Ithaca — respondeu a Srta. Trench.
— Ela era professora. Educadora de infância, acho eu.

O estômago de Izzy contraiu-se.

— Era? — perguntou ela.

— Calculo que já esteja reformada — disse a Srta. Trench. — Afinal de contas, já está na casa dos sessenta.

Izzy suspirou de alívio.

— Sabe como é que ela se chama? — perguntou.

A Srta. Trench acenou com a cabeça.

— Susan — respondeu ela. — A mulher do Dr. Roach levou-a uma vez a Willard para o visitar. Penso que nessa altura a Susan teria cerca de quatro anos. O Dr. Roach não ficou muito satisfeito. Disse à mulher que não tornasse a fazer aquilo. Eu quase que caí para o lado quando percebi quem era Susan.

— Disse alguma coisa? — perguntou Izzy. — Disse ao Dr. Roach que sabia a verdade?

A Srta. Trench abanou a cabeça com a testa franzida.

— Não teria feito diferença nenhuma.

— Eles contaram a Susan que ela era adotada? — perguntou Peg.

Ela colocou uma mão sobre o joelho de Izzy, perscrutando-lhe o rosto com olhos meigos.

— Eu sei que tu queres fazer aquilo que achas que é correto e dar o diário a Susan — disse ela a Izzy. — Mas se ela não souber que é adotada, é melhor deixarmos as coisas como elas estão.

— Oh, ela sabe — disse a Srta. Trench. — A mulher do Dr. Roach era uma mulher adorável. Quando ela me apresentou a Susan, disse que não queria que a Susan descobrisse por acaso que era adotada, como lhe tinha acontecido a ela. Queria que a Susan crescesse a saber que Deus tinha decidido que ela podia escolher a sua filha, e que ela tinha escolhido Susan.

— Quantas vezes é que viu Susan depois de a levarem? — perguntou Peg.

— Só dessa vez — disse a Srta. Trench. — Era uma menina muito bonita, tal como a mãe, mas com cabelo escuro e olhos castanhos.

A velha enfermeira limpou as faces.

— Como o pai dela, Bruno — disse Izzy.

— Isso mesmo — retorquiu a Srta. Trench.

Izzy endireitou-se.

— Espere — disse ela. — Como é que sabe da existência de Bruno?

A Srta. Trench comprimiu os lábios, depois bebeu mais um longo gole de chá *ebrandy*. Quando se inclinou para a frente para pousar a chávena e o pires na mesa, as suas mãos tremiam e ela quase os deixou cair. Renee pegou no chá e pousou no tabuleiro.

— Talvez devêssemos fazer uma pausa — disse Renee. — Isto parece estar a perturbá-la.

A Srta. Trench acenou uma mão de veias azuladas no ar, abanando a cabeça.

— Não, não — disse ela. — Já me calei tempo suficiente. Tenho de tirar este peso do peito antes de morrer!

Ela inspirou fundo e expirou lentamente.

— O Bruno foi a Willard para resgatar Clara.

Izzy arquejou, o seu rosto ficava cada vez mais quente.

— Ele conseguiu tirá-la de lá? — perguntou ela.

— Não — respondeu a Srta. Trench, ficando com os olhos marejados de lágrimas novamente. — O Dr. Roach também internou o Bruno.

Um arrepio percorreu a espinha de Izzy, passando pelo pescoço dela com um dedo gelado. Ela engoliu em seco, tentando desfazer o nó ardente na sua garganta, incrédula com aquilo que estava a ouvir.

— Tem a certeza? — perguntou Peg com os olhos arregalados.

— É claro que tenho — respondeu a Srta. Trench — Eu estava lá no dia em que ele foi internado.

— Isso foi antes ou depois de Susan nascer? — perguntou Peg.

— Depois — respondeu a Srta. Trench.

— Então o Dr. Roach já tinha levado o bebé — disse Izzy, enquanto alguma coisa fria e sombria a se contorcia no seu estômago.

A Srta. Trench assentiu, os seus lábios estavam comprimidos.

— Naquela altura eu não sabia onde é que a bebé estava. Eu pensava que ela tinha sido levada pela Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens para ser adotada.

— A Clara e o Bruno encontraram-se depois de ele ter sido internado? — perguntou Izzy.

A Srta. Trench acenou com a cabeça.

— Foi quase um ano depois. Nunca mais me esqueci da maneira como dançavam um com o outro no Dia de São Valentim. Eu percebi que tinham sido feitos um para o outro. Eles achavam que ninguém sabia que eles se tinham encontrado, mas eu sabia.

— Por que é que não disse nada? — perguntou Izzy. — Por que é que não tentou ajudá-los?

— Não teria feito diferença nenhuma, — respondeu a Srta. Trench. — Eu não tinha autoridade nenhuma em Willard. Além disso, nem Clara nem Bruno tinham famílias que se importassem com eles. A quem é que poderia ter contado? Se o Dr. Roach descobrisse, teria tornado impossível que eles se encontrassem outra vez. Eu sabia que eles iriam estar juntos nas épocas festivas e nos eventos especiais para os pacientes, quando os homens e as mulheres eram autorizados a conviver. Achei que lhes estava a dar uma oportunidade para construir uma vida em Willard, por mais triste que isto possa parecer.

— Alguém contou à Susan sobre os seus pais? — perguntou Izzy. — Ela sabe que eles estavam os dois em Willard?

A Srta. Trench baixou o olhar.

— Ela sabe que a mãe estava em Willard — respondeu ela. — Mas o Dr. Roach disse que à sua mulher que Clara tinha morrido durante o parto. Tenho a certeza que disseram a mesma coisa a Susan.

— Então, a Susan pensava que a mãe estava morta — disse Izzy em voz baixa. — E louca.

A Srta. Trench encolheu os ombros.

— Penso que sim — disse ela.

— Não acha que ele tem o direito de saber que a mãe dela não precisava de estar internada? — perguntou Izzy, incapaz de esconder a sua raiva.

A Srta. Trench abanou a sua cabeça. Ela tirou um lenço amarrotado de dentro da manga, os seus dedos finos tremiam.

— Eu já vos disse, eu só vi Susan naquela vez. Eu continuei a seguir-lhe o rasto, mas acho que não tinha de me envolver.

— Sabe qual é o sobrenome dela agora? — perguntou Izzy. — Ela chegou a casar-se?

— Não sei — disse Srta. Trench abanando a cabeça. — Desculpem.

— Sabe qual é nome do meio dela? — perguntou Izzy.

A Srta. Trench assentiu.

— É Clara — respondeu ela. — A mulher do Dr. Roach insistiu que ela tivesse alguma coisa da mãe.

— Então é o que é que aconteceu depois do Bruno e da Clara se terem encontrado no Dia de São Valentim? — perguntou Izzy. — Passaram o resto das vidas em Willard? Arranjaram formas de estar juntos, tal como disse?

A Sra Trench limpou o nariz com o lenço.

— Bom — disse ela. — Era capaz de ser melhor perguntar isso a Clara. A certidão de óbito não consta da ficha dela porque ela ainda está viva.

CAPÍTULO 24

IZZY

Uma semana depois do encontro com a Srta. Trench, Izzy estava sentada em frente a Peg no apinhado Ithaca Diner, abanando o joelho por baixo da mesa de fórmica da divisória. Era meio-dia e o restaurante estava cheio com estudantes universitários, casais idosos, e famílias com crianças pequenas. As empregadas faziam os pedidos, andando apressadamente para trás e para a frente com tabuleiros cheios de tostas mistas, tartes de maçã, batidos de gelado e café. A campainha por cima da porta de entrada soou e, pela centésima vez, Izzy levantou o pescoço para olhar por cima dos clientes na divisória ao lado, para tentar ver quem é que estava a entrar pela porta. Era um homem de idade, baixo com um boné de veterano azul, e uma mulher de casaco amarelo bamboleando-se para dentro do restaurante como uma pata anafada. Izzy suspirou e pegou no saleiro, girando-o uma e outra vez por entre os dedos.

— Já ouviste o ditado «Água vigiada não ferve»? — perguntou Peg. Chegou-se para a frente e sorriu.

— Talvez tenha mudado de ideias — disse Izzy.

— Duvido — retorquiu Peg olhando para o relógio. — Eu disse-lhe entre o meio-dia e meio-dia e meia. Ainda é só meio-dia e dez.

Nessa altura, a empregada apareceu, corada e sem fôlego. Era jovem, talvez um par de anos mais velha que Izzy, o seu cabelo louro estava apanhado num rabo de cavalo. Afastou uma madeixa solta para trás da orelha, tirou o seu bloco do bolso do avental e sorriu.

— O que é que vos posso trazer? — perguntou ela.

— Estamos à espera de uma pessoa — disse Peg. — Para já vamos só pedir bebidas, se puder ser.

A empregada olhou por cima do ombro.

— OK, mas a vossa amiga vai demorar muito? O meu patrão não gosta que as pessoas ocupem as mesas durante muito tempo.

Peg sorriu.

— Deve estar prestes a chegar, — respondeu Peg. — Fazemos assim, se da próxima vez que aqui vier ela ainda não tiver chegado, nós fazemos o pedido na mesma.

— OK, — retorquiu a empregada. — O que é vos posso trazer para beber?

Peg e Izzy pediram um café e uma Coca-Cola, esperando silenciosamente enquanto a empregada tomava nota do simples pedido. Por fim, a empregada foi-se embora, o seu rabo de cavalo a balouçar. Izzy abriu a boca para dizer que achava má educação o proprietário querer que os clientes se despachassem, quando uma senhora mais velha apareceu ao pé da mesa delas. Ela era alta e magra, com olhos de ébano e um corte de cabelo moderno no seu cabelo grisalho. O seu casaco preto comprido e as botas de couro davam-lhe um ar de sofisticação, e o cachecol lilás à volta do seu pescoço combinava com o tom da sua sombra. A respiração de Izzy ficou presa no seu peito. A mulher era a imagem chapada de Clara, mas de olhos escuros e a pele de um suave tom de caramelo.

— Peg? — perguntou a mulher, com as sobrancelhas perfeitamente desenhadas, arqueadas.

Peg deslizou para fora da divisória e apertou a mão da mulher.

— Sim — disse ela a sorrir. — E você deve ser Susan. Muito obrigada por ter vindo.

Fez um gesto para o lugar vazio.

— Sente-se, por favor. Eu sento-me ali ao pé da Izzy.

Susan deslizou para dentro da divisória e alargou o cachecol.

— Então, tu és a Isabelle? — disse ela a sorrir.

Izzy assentiu e apertou a mão de Susan.

— Muito gosto em conhecê-la — disse ela, com um ligeiro tremor na voz.

Ela tocou na mala pousada no assento ao lado dela, pensando no diário de Clara ali guardado em segurança. O seu coração começou a bater mais rápido.

— Então, de que é que se trata isto, Isabelle? — perguntou Susan. — A tua mãe disse-me que tens algo que me queres mostrar. Algo que está relacionado com o sítio onde o meu pai trabalhava, o hospício Willard?

Izzy engoliu em seco e endireitou-se.

— Sim, eu...

Nesse momento, a empregada saltitante reapareceu com as bebidas de Izzy e

Peg. Ela pousou as bebidas na mesa e olhou para Susan.

— Posso trazer-lhe alguma coisa para beber enquanto veem a ementa? — perguntou ela.

— Claro — respondeu Susan. — Eu quero uma chávena de chá, se faz favor. Com limão.

— Trago já — disse a empregada e foi-se embora.

— Não se importa que lhe diga algumas coisas antes de começarmos? — perguntou Peg a Susan. — Talvez possa fazer-lhe umas quantas perguntas. Só para que não haja mal-entendidos.

Susan sorriu.

— Com certeza — disse ela.

Peg pigarreou.

— Eu sou mãe de acolhimento da Isabelle — disse ela. — Eu mencionei esse facto?

Susan franziu a testa e pareceu confusa. Mas depois o seu rosto iluminou-se e ela disse:

— Sim, contou-me quando me telefonou.

— Infelizmente, a Izzy perdeu a mãe biológica recentemente.

— Oh não — disse Susan franzindo a testa. — Sinto muito.

Ela observou Izzy por um momento, como se a quisesse confortar.

— Eu também perdi a minha mãe, logo a seguir a ter nascido.

— Eu sei — retorquiu Izzy. — E depois foi adotada.

Peg encolheu-se e olhou para Izzy de olhos arregalados. Era muito cedo. Mas Izzy não conseguiu evitar. A necessidade de contar a Susan a verdade sobre Clara e Bruno fazia sentir-se como se tivesse o dedo enfiado numa tomada. Ela limpou as palmas das mãos nas pernas das calças e depois sentou-se em cima das mãos.

— Como é que sabes isso? — perguntou Susan.

Olhou para Peg com os lábios contraídos numa linha fina.

— O que é que se passa aqui?

— Sinto muito — disse Peg. — A Izzy está um bocadinho ansiosa. Mas tal como esperava, ao contar-lhe sobre a mãe de Izzy você confirmou a perda da sua.

— Por que é que não perguntaram? — questionou Susan. — Eu pensei que

queriam saber mais sobre Willard e o meu pai, o Dr. Roach.

— Nós vamos explicar-lhe tudo, — assegurou Peg. — Prometo. Mas primeiro, preciso de saber algumas coisas.

Susan suspirou.

— Está bem — disse ela. — O que é que quer saber?

— O que é que sabe sobre a sua mãe biológica?

— Apenas o que a minha mãe adotiva me contou, que ela era paciente em Willard.

— Apenas isso?

— O meu pai recusava-se a falar sobre esse assunto — disse Susan. — A minha mãe biológica era uma das pacientes dele e ela morreu ao dar-me à luz, é tudo o que sei. Há cerca de quinze anos, depois de a minha mãe adotiva morrer, eu tentei encontrar os registos da minha mãe biológica, apesar de não saber o nome completo dela. Mas foi-me recusado o acesso apesar de ser descendente de uma antiga paciente...

Susan abanou a cabeça com a testa franzida.

— Não faz qualquer sentido. Nem sequer me dizem qual é a campa da minha mãe para eu a poder visitar.

Izzy chegou-se para a frente, com o estômago às voltas.

— Dava-se bem com o seu pai adotivo? — perguntou ela.

— O que é que isso tem que ver com tudo o resto? — perguntou Susan, coçando a cabeça.

Peg deu uma pancadinha na mesa em frente a Izzy, como se lhe estivesse a dizer para ter calma.

— Eu acho que sei onde é que Izzy quer chegar — disse ela. — Mas vamos voltar atrás um bocadinho.

Ela lançou a Izzy outro olhar que dizia «Sê paciente!», depois continuou.

— Então, sempre quis saber mais sobre a sua mãe biológica?

Susan encolheu os ombros.

— Claro — respondeu ela. — Não é o que toda gente quer, saber quais são as suas origens?

Ela cruzou as mãos bem tratadas na ponta da mesa e suspirou.

— Admito que quando era mais nova, não queria saber nada sobre a minha mãe biológica. A ideia de ela ter uma doença mental assustava-me imenso. Mas

conforme fui envelhecendo, percebi o quanto esse medo influenciou as decisões que tomei na vida. A minha mãe adotiva nunca percebeu porque é que nunca quis casar e ter filhos. Mas eu não sabia como lhe explicar que era por ter receio...

— De transmitir os genes da sua mãe — completou Izzy.

— Exatamente — disse Susan, num tom de voz incrédulo. — Eu não faço ideia que tipo de ADN é que tem a minha linhagem. E tinha medo de perguntar ao meu pai. A maior parte do tempo, ele era carinhoso, mas por vezes fervia em pouca água. Quando já tinha idade suficiente para fazer perguntas, ele teve um ataque de fúria, avisando-me para não tornar a fazer perguntas sobre a minha mãe biológica. E eu também não podia perguntar à minha mãe adotiva porque ela fazia sempre o que ele dizia. Além disso, não a quis perturbar nem magoar. Ela foi sempre tão frágil, tanto psicológica como emocionalmente.

— Ainda quer saber mais sobre a sua mãe biológica? — perguntou Peg. — Mesmo que não coincida com o que o seu pai lhe contou?

O rosto de Susan empalideceu, os seus olhos estavam presos em Peg. Nesse momento, a empregada apareceu com o chá dela, pousando na mesa uma caneca branca, um pequeno bule prateado e um prato cheio de rodela de limão, depois colocou a mão dentro do bolso do avental à procura do bloco e da caneta. Izzy gemeu interiormente.

— Pode dar-nos mais uns minutos, por favor? — perguntou Peg.

A empregada revirou os olhos e afastou-se.

— Não compreendo — disse Susan. — Como é que vocês podem saber alguma coisa sobre a minha mãe?

Peg explicou-lhe qual era a sua função no museu, descreveu-lhe o projeto sobre Willard e o trabalho de Izzy a catalogar o conteúdo das malas e dos baús. Quando Peg lhe disse que tinham tido acesso aos registos dos pacientes, os olhos de Susan arregalaram-se. Ela chegou-se para a frente, atenta a cada palavra.

— A Izzy sabe muito sobre a tua mãe — disse Peg. — Sabe até mesmo mais do que eu. Ela sentiu-se obrigada a procurá-la e contar-lhe a verdade sobre aquilo que tinha acontecido aos seus pais.

O queixo de Susan caiu e ela recostou-se.

— Os meus pais? — perguntou ela de testa franzida. — O meu pai não sabia quem era o meu pai biológico.

Izzy respirou fundo.

— Sinto muito — disse ela. — Mas isso não é verdade. O Dr. Roach sabia tudo.

— O que é que quer dizer com tudo? — perguntou Peg. — Por favor, conte-me aquilo que sabe.

— Em primeiro lugar — disse Peg. — Quero que saiba que não acredito que o seu pai adotivo tenha querido fazer mal à sua mãe biológica ou a si. Os tratamentos dos doentes mentais eram diferentes na altura, bem como a definição de doente mental. Ele só fez aquilo que se espera que ele fizesse naquele tempo. Quanto aos motivos que o levaram a internar o seu pai biológico, não temos certezas.

— Está a dizer que o meu pai biológico também estava em Willard? — perguntou Susan, com o queixo a tremer.

Ela comprimiu os lábios, pestanejando para impedir que as lágrimas lhe rolassem pelo rosto.

— Graças a Deus que segui os meus instintos e nunca tive filhos!

— Não — disse Izzy, abanando a cabeça. — Não é nada disso.

Ela estendeu a mão e pousou-a em cima da mão de Susan, surpreendida pela necessidade de confortar alguém que praticamente não conhecia. Com a outra mão tirou uma fotografia de dentro da mala.

— Deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Ela deslizou por cima da mesa um retrato a preto e branco.

— Esta é a Clara Elizabeth Cartwright e este é o Bruno Moretti — disse ela com voz trémula. — São os seus pais. E acredite em mim, eles *não* eram loucos.

Susan inclinou-se para a frente e pegou na fotografia com os dedos a tremer.

— Eram lindos — disse ela com a voz cheia de admiração. Ela levou uma mão trémula aos lábios.

— Você é parecida com eles — disse Peg.

— O Bruno tentou tirar a Clara de Willard — disse Izzy. — Foi nessa altura que o internaram.

— Porque é que faziam isso? — perguntou Susan.

Peg olhou para Izzy. Tinham decidido não contar a Susan a sua teoria, que o Dr. Roach tinha internado Bruno para impedir que ele descobrisse que o Dr. Roach tinha levado Susan. Era demasiada informação em tão pouco tempo.

Além disso não passava de uma teoria.

— Ele chegou a ter alta?

— Não sabemos ao certo o que é que aconteceu porque não sabíamos que ele era paciente — disse Izzy. — Caso contrário, quando tivemos acesso aos registos também teríamos procurado os dele.

— Pode ser voltemos a ter autorização para os consultar novamente — disse Peg. — Mas é muito improvável.

— Cartwright — disse Susan batendo com os dedos no seu queixo. Lembrome de ouvir esse nome. O Henry Cartwright e a mulher morreram no incêndio do túnel Holland. Eu tinha vinte anos na altura, mas apareceu em todos os noticiários porque ele era um banqueiro famoso.

— Eles eram os teus avós — disse Izzy.

As sobranceiras de Susan arquearam-se.

— Como é que sabe isso? — perguntou ela.

Izzy inspirou fundo, tirou o diário da mala, e deslizou-o por cima da mesa.

— Porque está tudo escrito aqui — respondeu Izzy. — Este é o diário da sua mãe.

Susan arquejou e tocou suavemente no couro verde. Abriu o diário na primeira página, lendo as primeiras linhas.

— Nós gostávamos que ficasse com ele. — disse Peg.

Ao fim de um longo momento, Susan pegou no diário e apertou-o contra o peito.

— Muito obrigada — disse ela sorrindo através da lágrimas. — Não sei como é que algum dia vos poderei retribuir.

Ela pegou na fotografia novamente, os seus lábios tremiam. Izzy pigarreou.

— Há só mais uma coisa — disse ela, com o coração prestes a rebentar. — A sua mãe não morreu ao dá-la à luz. Quando Willard fechou o ano passado, ela foi transferida para um lar aqui em Ithaca.

Susan deixou cair a fotografia e pôs uma mão em cima da boca, com os olhos arregalados.

— E depois de ler o diário dela — disse Izzy. — Perguntamo-nos se não gostaria de a ir visitar.

CAPÍTULO 25

IZZY E CLARA

Perus cor de laranja e peregrinos de chapéus pretos decoravam as janelas e as paredes do lar de Ithaca, embora ainda faltasse mais de três semanas para o Dia de Ação de Graças. Izzy seguia Peg e Susan através dos corredores quentes, desfilando atrás de uma jovem enfermeira de uniforme cor-de-rosa. Gotas de suor irromperam da testa de Izzy. Ela despiu o casaco e pô-lo por cima do braço, desejando ter vestido uma camisola mais leve. O ar estava pesado com o aroma da sopa de galinha, batatas cozidas, desinfetante e urina. Um homem de idade arrastava-se na direção delas, as suas mãos nodosas agarradas a duas bengalas de quatro pernas, a sua cabeça manchada pela idade abanava por cima do seu pescoço de pele magra. Izzy forçava-se a olhar sempre em frente, tentando ignorar as camas hospitalares e os andarilhos dentro dos quartos, as mulheres de cabelo grisalho sentadas em cadeiras de rodas, com os olhos presos em televisões estridentes.

Ela praguejou baixinho, frustrada por o lar lhe lembrar a mãe deitada no hospital da prisão. Passou a língua pelos lábios, descobrindo que estavam salgados por causa da transpiração. O mundo estava cheio de pessoas danificadas, e todos os hospitais e instituições e prisões nunca conseguiriam curar os seus corações partidos, as suas mentes feridas e espíritos espezinhadados. Izzy inspirou profundamente e afastou aquele pensamento da cabeça, decidindo antes concentrar-se em Clara e Susan. Pelo menos, ela podia ficar feliz e orgulhosa por tentar corrigir este erro, por tentar curar um coração partido.

Sea mulher que estavam prestes a conhecer era na verdade Clara Elizabeth Cartwright.

Até há pouco, no parque de estacionamento do lar, quando Susan lhe disse que não estava completamente convencida de que aquela mulher fosse a sua mãe, Izzy tinha a certeza absoluta que a Srta. Trench sabia aquilo que estava a dizer. Agora, ela começava a ter dúvidas. Tal como Susan tinha dito, ao longo dos anos podiam ter sido cometidos erros. Como outras grandes instituições, os arquivos

de Willard poderiam estar desordenados, os nomes podiam ter sido mal escritos. Só porque uma antiga enfermeira dizia que esta mulher era Clara Elizabeth Cartwright, isso não queria dizer que fosse verdade. Milhares de mulheres tinham passado por Willard ao longo dos últimos sessenta anos, e havia sempre a possibilidade de outra paciente ter o mesmo sobrenome. Havia demasiadas probabilidades de haver um erro na identificação para presumir que tinham encontrado a mãe de Susan. Esta tinha confessado estar a lutar para não ficar com as expetativas demasiado elevadas. E queria esperar até terem a certeza antes de contarem a alguém, mesmo aos funcionários do lar.

Por fim, a jovem enfermeira parou ao pé de uma porta e virou-se para elas, o seu uniforme cor-de-rosa parecia néon por baixo das luzes fluorescentes. Puxando a gola da sua camisola, Izzy sentia que estava prestes a sufocar.

— A Clara é uma querida — disse a enfermeira. — E tenho a certeza que vai surpreendida e feliz por ter visitas. Mas tenho que vos avisar. Por vezes tem lapsos de memória e fica temperamental quando fica confusa. Os médicos pensam que ela está a evidenciar os primeiros sinais de Alzheimer. Eu sei que estão aqui para lhe fazer perguntas sobre o tempo que ela passou em Willard, mas se a perturbar eu vou pedir-vos para saírem. Se ela vos disser que tem uma filha, digam que acreditam. Ela fica muito perturbada se alguém lhe tenta dizer o contrário.

Susan arquejou ligeiramente, levando rapidamente a mão ao peito. A jovem enfermeira sorriu e conduziu-as através da porta que estava aberta.

Dentro do pequeno e abafado quarto, havia duas camas hospitalares em frente às televisões que estão presas na parede. As televisões estavam desligadas, os seus ecrãs pretos. Uma senhora de idade estava a dormir na primeira cama, de boca aberta, madeixas de cabelo grisalho oleoso caíam sobre o seu rosto envelhecido. A enfermeira passou ao lado da primeira cama e parou aos pés da segunda, dirigindo a sua atenção para uma mulher mirrada sentada numa cadeira em frente da janela.

As pálpebras cor-de-rosa dos seus olhos estavam fechadas, a sua cabeça para trás, o seu cabelo fino parecia uma bruma sob a luz do dia que entrava pela vidraça. Os seus dedos tortos estavam curvados sobre a beira dos braços da cadeira, o leque de ossos finos nas suas mãos manchadas pela idade sobressaíam como se fossem costelas. Um cobertor vermelho tapava-lhe as pernas, apesar da

atmosfera do quarto estar pesada por causa do calor.

— Ela está a dormir? — sussurrou Peg.

A enfermeira abanou a cabeça.

— Não — respondeu ela. — Só está um bocadinho surda.

Ela levantou a voz.

— Clara, olhe! Tem visitas!

Clara pestanejou e abriu os olhos. Ela inclinou-se para a frente e virou-se para espreitar, agarrando-se com as duas mãos ao braço da cadeira para se equilibrar. Os seus lábios desapareciam dentro da boca, a sua pele pálida estava encarquilhada por anos de dor e sofrimento. Ela observou-lhes os rostos um a um, a sua pequena mão tremia muito ligeiramente.

A enfermeira dirigiu-se a ela apressadamente.

— Vamos lá virar-lhe a cadeira para poder falar com estas senhoras tão simpáticas — disse ela em voz alta. Ela pegou numa prótese dentária e entregou-a a Clara, que a colocou dentro da boca, fazendo reaparecer os seus lábios. Trajando um robe cor-de-rosa e uns chinelos vermelhos com meias até aos joelhos, ela arrastou-se para fora do caminho da enfermeira, à espera que esta lhe virasse a cadeira. Quando se sentou novamente, voltou a pôr o cobertor em cima das pernas, depois olhou para Izzy, Susan e Peg, os seus olhos leitosos demoraram-se no rosto de Susan por mais um momento. Susan baixou o olhar e remexeu no cachecol, lutando para o tirar do pescoço, o rosto afogueado. A enfermeira fechou as cortinas entre as camas.

— Agora, vou deixar-vos a sós — disse ela numa voz alegre. — Mas daqui a pouco já cá volto. Precisam de mais alguma coisa?

— Não — disse Peg. — Estamos bem, obrigada.

Quando a enfermeira se afastou, Susan deixou-se cair numa cadeira que estava encostada a um canto. Izzy pousou a mochila no chão e tocou no ombro de Susan.

— Está a sentir-se bem? — murmurou ela.

Susan massajou a testa, as suas têmporas latejavam.

— Sim, obrigada — respondeu ela, a sua voz estava fraca.

— Tem a certeza que quer ir para a frente com isto? — sussurrou Peg. — Talvez seja muito cedo.

Susan acenou a cabeça.

— Eu estou bem, a sério.

Peg deu um passo em frente e ajoelhou-se em frente a Clara, que as observava com um olhar curioso.

— Olá, Clara — disse ela em voz alta. — Como é que está?

Clara sorriu debilmente.

— Estou tão bem como seria de esperar, acho eu — disse ela.

Para surpresa de Izzy, a voz de Clara era baixa e áspera. Por qualquer razão, ela esperara que fosse cristalina como a de uma jovem.

Peg levantou-se.

— Eu sou a Peg — disse ela. — Esta é a Isabelle, eu sou a sua mãe de acolhimento, e esta é a nossa amiga Susan. Gostaríamos de falar consigo sobre o tempo que esteve em Willard, se não se importar.

Clara acenou com a cabeça.

— Não me importo nada — respondeu ela.

— Nós fomos a Willard no âmbito de um projeto para o museu e encontrámos lá algumas malas antigas — disse Peg.

Fez sinal a Izzy para que pegasse na mochila.

— Entre as malas havia um baú enorme que acreditamos que lhe pertencia.

Clara olhou para Peg, o seu rosto estava imóvel.

— Percebe aquilo que lhe estou a dizer?

Clara assentiu com a cabeça.

— Gostaríamos de lhe mostrar algumas coisas que encontrámos dentro do baú para ver se reconhece alguma coisa — disse Peg. — Pode ser?

Clara acenou com a cabeça novamente e entrelaçou as mãos no colo, um polegar nodoso esfregava o nó do outro polegar.

Izzy procurou dentro da mochila, tirou uma pauta de música amarelada e estendeu-a a Clara. Desenhos de corações rodeavam o título «Someone to Watch Over Me», com a tinta vermelha desvanecida. Clara levantou o queixo para olhar para a folha, depois arquejou. Estendeu a mão para pegar no papel com mãos trémulas e pô-lo no colo, com os ombros arqueados e estudando-o com a cabeça baixa.

— Isto é meu, — disse Clara, olhando para cima com os olhos húmidos. — Foi alguém muito especial que mo ofereceu. Eu sempre quis aprender a tocar piano, mas o meu pai nunca o permitiu.

Do canto, Susan observava com os olhos arregalados, os seus dedos pressionando-lhe os lábios.

— E isto? — perguntou Izzy, mostrando-lhe um postal de Paris.

Clara sorriu e pegou nele.

— Comprei isto numa viagem a Paris quando tinha dezasseis anos — contou ela.

Riu-se suavemente.

— Era para ter enviado a uma amiga, mas em vez disso decidi guardá-lo como recordação.

Izzy respirou fundo e estendeu-lhe uma fotografia de Clara e de Bruno. Clara olhou para a fotografia fixamente, e as suas faces pálidas ruborizaram.

— Ah sim — disse ela. — Não éramos bonitos?

Ela estendeu a mão para pegar na fotografia, depois levou as mãos ao queixo trémulo, como se tivesse medo de tocar na fotografia. Mordeu o lábio, os seus olhos marejados de lágrimas.

— Lembra-se quem era este? — perguntou Peg.

Clara fungou, limpando o nariz.

— Claro que me lembro — disse ela, a voz falhou-lhe. — Há muito tempo que não via esta fotografia. Há muito, muito tempo.

Finalmente pegou na fotografia e segurou-a junto ao peito. Depois inspirou profundamente e olhou para ela novamente.

— Muito obrigada por ma terem trazido.

Com o coração na garganta, Izzy tirou o diário de dentro da mochila e ajoelhou-se em frente a Clara. Colocou o diário no colo de Clara.

— Eu peço desculpa — disse ela. — Mas eu li-o. Eu não sabia que ainda estava viva, caso contrário nunca teria...

Ela calou-se e engoliu em seco.

— Mas é por isso que aqui estamos. Foi assim que a encontramos.

Clara passou os dedos trémulos pelo couro verde. Durante um momento não disse uma palavra. A sua mão imobilizou-se e ela recostou-se na cadeira e suspirou.

— Então sabes tudo — disse ela. — Sabes que o meu pai me mandou embora.

— Sim — disse Izzy. — Sei. E sinto muito que ele lhe tenha feito isso.

No que lhe pareceu ser em câmara lenta, Clara deu umas palmadinhas na mão

de Izzy, pegou na fotografia e colocou-a dentro do diário, depois pousou-o na mesa ao lado da cadeira. Ela afastou o cobertor das pernas e colocou as mãos nos braços da cadeira, preparando-se para se levantar. Izzy endireitou-se e afastou-se, o seu coração rugia-lhe no peito. Receava que Clara lhes pedisse para saírem, para se irem embora e para a deixarem em paz. Clara içou-se da cadeira e levantou-se, o seu corpo frágil oscilou ligeiramente. Sacudiu a parte da frente do seu robe, passou os dedos pelo seu cabelo fino e inspirou profundamente. Em seguida olhou para Susan.

— E tu és a minha filha — perguntou ela. — Não és?

Susan levantou-se, as lágrimas rolavam-lhe pelas faces.

— Penso que sim — disse ela.

Clara pôs as mãos por cima da boca, o seu semblante revelava a magnitude dos seus sentimentos. Caminhou em direção a Susan, com os braços estendidos. Susan encurtou a distância entre ambas e elas enlaçaram os braços à volta uma da outra, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

— Eu soube quem eras assim que te vi — disse Clara. — Eu reconheci os olhos de Bruno e o meu nariz.

Susan riu-se.

— Tem a certeza? — perguntou ela.

— Na minha cabeça não tinha a certeza — disse Clara. — Mas no meu coração eu sabia.

Ao fim de um longo minuto, Clara soltou Susan e limpou-lhe o rosto. Voltou a sentar-se na cadeira, os seus chinelos arrastaram-se pelos mosaicos.

— Vem sentar-te ao pé de mim — disse ela a Susan.

Susan puxou uma cadeira para ao pé de Clara, dando-lhe a mão.

— Eu tentei descobrir mais sobre si — disse ela a fungar. — Mas foi quase impossível. Eu não fazia ideia de que ainda estava viva ou eu...

Clara tocou na face de Susan, limpando-lhe as lágrimas com os seus dedos finos como o papel.

— Pronto, pronto — disse ela. — Agora estamos juntas. É só isso que importa. Eu sabia que este dia ia chegar. Foi a única coisa que me deu força para continuar a viver todos estes anos.

— E o meu pai? — perguntou Susan. — Ainda está vivo?

Clara abanou a cabeça, os seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

— O Bruno tentou resgatar-me — disse ela. — Nós tínhamos um plano para fugir e depois ir à tua procura. Quase que conseguíamos, mas eles apanharam-nos mesmo antes de fugirmos. O Bruno voltou atrás para tentar salvar o homem que nos tinha ajudado, e um auxiliar bateu-lhe na cabeça. Ele... ele não sobreviveu.

— Sinto muito — disse Susan com voz trémula.

— Não — disse Clara, engolindo os seus soluços. — Eu é que tenho de pedir desculpa. Se eu tivesse feito o que os meus pais queriam, o Bruno não tinha sido morto e tu e eu podíamos ter passado todos estes anos juntas.

Susan apertou a mão de Clara.

— Não faz mal — disse ela. — Não podia adivinhar qual seria o desfecho das coisas.

— Eu quero que saibas que se dependesse de mim — disse Clara. — Eu não te tinha deixado ir embora. Mas eles...

Ela calou-se, o seu queixo e os seus lábios tremiam de mágoa.

— Willard não era sítio para uma bebé. Mas eu pensava em ti todos os dias. Eu continuava a acreditar que um dia sairia de lá. De alguma forma, eu iria encontrar-te. Eu nunca teria parado de procurar. Teria procurado a Terra...

Ela deixou cair a cabeça, as lágrimas pingavam-lhe do nariz. Susan envolveu os braços em redor de Clara.

— Eu sei — disse ela, afagando as costas da mãe. — A culpa não foi sua. Agora estamos juntas e podemos recuperar o tempo perdido. Vamos concentrar-nos no futuro.

Clara fungou e limpou o nariz.

— Sim — disse ela, com voz trémula. — Tens razão.

Em seguida, Clara afastou-se perscrutando o rosto da filha.

— Há uma coisa que tenho de saber. Foste adotada? Tiveste uma vida feliz?

Susan acenou com a cabeça, sorrindo por entre as suas lágrimas.

— Sim — respondeu ela. — Eu fui adotada. E a maior parte do tempo fui muito feliz.

Ela olhou para Peg. Anteriormente, tinha dito a Peg e Izzy que, se de facto a mulher no lar fosse a sua mãe, ela não lhe queria contar sobre o Dr. Roach. Não servia de nada reacender o passado. Seria muito perturbador e Clara já tinha sofrido o suficiente.

— E eles chamaram-te Susan — disse Clara.

— Susan Clara — retorquiu Susan.

— Eu chamei-te Beatrice — disse Clara a sorrir. — Beatrice Elizabeth Moretti.

— Adoro — retorquiu Susan.

Clara olhou para Izzy.

— Como é que te poderei agradecer por me teres devolvido a minha filha?

Izzy sorriu e encolheu os ombros.

— Era apenas algo que eu tinha de fazer.

— E tu deves estar muito orgulhosa dela — disse Clara a Peg.

Peg pôs um braço ao redor de Izzy.

— E estou — disse ela.

Nessa altura, a enfermeira entrou no quarto e olhou para Clara, a sua testa franzida de preocupação.

— O que é que se passa aqui? — perguntou ela. — Sente-se bem, Clara?

— Estou muito bem — disse Clara. — Já não me sentia tão bem há muito, muito tempo. Enfermeira Jennie, quero apresentar-lhe a minha filha Susan.

A enfermeira ficou de queixo caído e os olhos arregalados.

— Eu disse-lhe que tinha uma filha — disse Clara. — Mas nunca ninguém acredita em mim. É a história da minha vida.

Riu-se com os olhos a brilhar.

Enquanto Izzy entregava a Clara o resto das fotografias e as cartas que ela tinha escrito a Bruno, Susan questionava a enfermeira sobre o estado de saúde da mãe. Ao fim de alguns minutos, ela ajoelhou-se ao pé de Clara.

— A enfermeira Jennie diz que o seu estado de saúde é relativamente bom — disse ela.

— Suponho que sim — retorquiu Clara. — Tirando o facto de estar velha e surda e um pouco esquecida de vez em quando.

— Bom — disse Susan. — O que é que acha de ir viver comigo? Eu tenho uma casa grande antiga muito perto daqui, com um grande jardim e dois cães. Não é nada de especial, mas é uma casa.

Os lábios de Clara tremeram.

— Há sessenta e seis anos que não tenho uma casa, — retorquiu ela em voz baixa.

— Bem, sendo assim, — disse Susan — a minha casa passará a ser a sua casa, se quiser que assim seja. E eu agora estou reformada, por isso vou estar lá sempre para tomar conta de si.

Clara sorriu, os seus olhos brilhavam.

— Não há nada neste mundo que eu gostasse mais — disse ela.

CAPÍTULO 26

IZZY

Conforme entrava apressadamente na cozinha depois das aulas de quinta-feira, a boca de Izzy salivava, imaginava as famosas bolachas de pepitas de chocolate de Harry empilhadas debaixo de uma tampa de vidro no balcão da ilha. Ela estava desejosa de se servir de um grande copo de leite e emborcar três ou quatro bolachas. Harry fazia as bolachas semana sim, semana não, e ela não se lembrava de alguma vez ter comido algo tão delicioso. Deixou cair os livros em cima do banco da porta das traseiras, pendurou o casaco e estacou. De alguma forma, com tudo o que se tinha passado naquelas duas semanas: o funeral da mãe, o encontro com a Srta. Trench, o seu primeiro encontro com Ethan, encontrar Clara e a filha dela, tinha-se esquecido que dia era.

Peg e Harry estavam parados ao pé da ilha da cozinha, com sorrisos rasgados no rosto. Em vez das bolachas, um bolo de chocolate coberto com rosas brancas e cor-de-rosa estava pousado no balcão, dezoito velas acesas refletiam-se nos olhos de Peg e de Harry. Dezenas de balões cor-de-rosa e lilases flutuavam perto do teto, as suas fitas em espiral pareciam uma chuva de cor pastel. Peg e Harry começaram a cantar os «Parabéns» e Izzy engoliu as lágrimas. Ela não se lembrava da última vez que alguém lhe tinha organizado uma festa de aniversário, muito menos de lhe cantarem os «Parabéns». Era irónico que este fosse o aniversário que ela andava a temer.

— Pede um desejo! — disse Peg.

— Está bem — disse Izzy, com o rosto ruborizado.

Afastou o cabelo e soprou as velas.

— Eu disse à Peg que devíamos esperar até depois do jantar para cantar os «Parabéns», — disse o Harry. — Mas ela não conseguia esperar. Ela queria fazer-te uma surpresa.

— Muito obrigada — disse Izzy. — Mas não era preciso terem-me comprado um bolo.

— Era preciso, sim! — exclamou Peg.

Ela contornou a ilha apressadamente e abraçou Izzy.

— E também temos mais surpresas para ti.

Ela dirigiu-se à mesa e puxou uma cadeira.

— Mas primeiro podes sentar-te para falarmos sobre um assunto?

Izzy sentou-se, o seu coração começou a bater mais depressa. Peg entrelaçou as suas mãos em cima da mesa da cozinha, inspirou profundamente e expirou devagar. Pigarreou e engoliu em seco, como se não soubesse por onde começar. Uma gélida espiral de tristeza contorceu-se no peito de Izzy.

Aqui vamos nós, pensou ela. Ela vai dizer-me que está na altura de me ir embora porque não têm dinheiro para me sustentar. Vai pedir desculpa e dizer que quiseram oferecer-me a festa de aniversário para eu ter algo para recordar.

— Eu sei que provavelmente é muito cedo, tendo em conta que a tua mãe faleceu há muito pouco tempo — disse Peg. — Mas o Harry e eu já andamos para falar contigo há algum tempo. Nós já temos os papéis em ordem, e... bem... a decisão é tua... mas...

Ela olhou para Harry à procura de apoio. Harry contornou a ilha da cozinha a limpar as mãos às pernas das calças.

— Nós sabemos que a partir de hoje já és adulta — disse ele. — Por isso talvez aches que isto não é boa ideia. Mas nós...

Ele sentou-se e pegou na mão de Peg.

— Nós gostaríamos de te adotar, Izzy. Sabemos que provavelmente pensas que não precisas... o que eu estou a dizer é que nós gostaríamos muito de ser teus pais.

Izzy ficou de queixo caído. As palavras fugiam-lhe. Peg pegou-lhe nas mãos.

— Nós amamos-te e queremos dar-te todo o nosso apoio — disse Peg com voz trémula. — Ainda tens de tomar muitas decisões na tua vida, decisões que são muito difíceis de tomar sozinha. Nós gostaríamos de te ajudar, e de te vermos ir para a faculdade para descobrires todo o teu potencial, qualquer que ele seja. E quando te casares...

Os olhos de Peg ficaram marejados de lágrimas e ela apertou a mão de Izzy.

— O Harry teria muito gosto em te levar ao altar. E nós adorávamos ser avós um dia.

Izzy comprimiu os lábios, o seu queixo tremia. Abriu a boca para dizer que

sim, que mais do que tudo no mundo adoraria ser filha deles, mas tinha a garganta apertada.

— O que é que dizes, miúda? — perguntou Harry.

Izzy acenou com a cabeça a sorrir. Peg guinchou e tapou a boca com as mãos. Levantaram-se todos e abraçaram-se. Izzy fechou os olhos que se inundavam de lágrimas, perguntando-se como é que o seu coração podia estar a rebentar de tanta felicidade depois de ter estado cheio de tanta mágoa. Ela abraçou Peg e Harry com mais força, deixando que os seus braços fortes afastassem as suas preocupações e medos.

— Deixaste-nos tão felizes — disse Peg a fungar.

Nessa altura, alguém bateu à porta da cozinha.

— Entrem! — exclamou Harry.

A Alex e o Ethan entraram na cozinha, os braços cheios de presentes.

— Parabéns! — disseram eles ao mesmo tempo.

Por trás deles, Clara e Susan entraram de braços dados, ambas radiantes.

NOTA DA AUTORA

Durante a escrita de *O Que Ela Deixou para Trás*, inspirei-me nas seguintes obras: *The Lives They Left Behind: Suitcases from a State Hospital Attic*, de Darby Penney e Peter Stastny; *Ten Days in a Mad-House*, de Nellie Bly; e *Women of the Asylum: Voices from Behind the Walls 1840—1945*, de Jeffery L. Geller e Maxine Harris.

Apesar de todos os livros acima mencionados me terem ajudado muito a imaginar que tipo de condições havia dentro dos hospícios, o meu romance não é um trabalho histórico nem pretende sê-lo. É a minha interpretação do que seria alguém ser internado contra a sua vontade. As personagens deste romance são totalmente fictícias. Mas alguns dos locais descritos são reais, incluindo a Casa de Repouso de Long Island e Willard. Chapin Hall e as suas alas e edificios anexos existiram. Em Willard havia também alas de pacientes independentes: Pines, Maples, Sunnycroft e Edgemere, cada uma delas com a sua sala de refeições, cozinha, alojamento para os supervisores e casa das máquinas. Também é importante referir que por conveniência do enredo, os tratamentos dos pacientes e as terapias foram retratadas como tendo sido postas em prática mais cedo ou mais tarde do que foram na realidade. A Utica Crib, uma gaiola de madeira trancada, começou a ser usada em 1887. A terapia de choque com insulina começou a ser usada em 1935 e a terapia de choques elétricos em 1938. E, por fim, os psicólogos só começaram a desempenhar funções na maior parte dos hospícios estatais a partir de 1960.

BIOGRAFIA

ELLEN MARIE WISEMAN descobriu o seu amor pela leitura e pela escrita enquanto dava aulas a alunos de primeiro ano ainda em Nova Iorque. O seu livro de estreia *The Plum Tree* — uma história no contexto da Segunda Guerra Mundial em que uma alemã tenta salvar o amor da sua vida, um homem judeu — foi publicado em janeiro de 2013. Tem vindo a atrair cada vez mais editores internacionais, sobretudo com o segundo romance *O Que Ela Deixou Para Trás*, de janeiro de 2014. Por este livro recebeu distinções de cinco estrelas do *New York Journal of Books*, *RT Book Review* e foi Escolha do Mês de janeiro para *RT Book Review Magazine*.

Mora em Lake Ontario com o marido e dedica os seus tempos livres aos netos, culinária, jardinagem e aos seus cães.

Mais informações em

WWW.CHADASCINCO.COM

LEIA NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM EXCERTO DO LIVRO DE BARRY
EISLER

SEDUÇÃO DE SEDA



O apelo do vestido perfeito consiste em duas partes: as senhoras devem desejar vesti-lo, e os senhores devem desejar despi-lo

A ambiciosa e talentosa modista Marcelline Noirot é uma estrela em ascensão na chique cidade de Londres. E quem melhor beneficiaria do seu talento, se não a dama mais mal vestida de Londres, a noiva do duque de Clevedon? Conseguir o mecenato da futura duquesa significaria mais prestígio e fortuna para Marcelline e para a sua família. Para chegar até ela precisaria, contudo, de atrair as atenções do duque, um cavalheiro cujos padrões de estética são elevados, mas os padrões morais... já não.

Parece valer a pena. No entanto, quando Marcelline se encontra com ele, Clevedon projeta uma sedução tão irresistível como os vestidos que ela costura e cria, e o que começa por ser apenas uma faísca de desejo, depressa se torna num delicioso inferno... e um ardente escândalo. Será suficiente os seus destinos estarem apenas suspensos por um fio de seda?

Mais informações em

WWW.CHADASCINCO.COM

Prólogo

No verão de 1810, o senhor Edward Noiroi e a menina Catherine DeLucey fugiram para Gretna Greene, para casarem.

O senhor Noiroi fora levado a acreditar que estava a fugir com uma herdeira inglesa cuja fortuna, em virtude deste ato irrefletido, lhe cairia nas mãos. A fuga evitava toda a cansativa intromissão de pais e advogados, que de outra forma teriam uma palavra a dizer quanto às condições em que se realizaria o casamento. Ao fugir com uma senhora inglesa rica e de sangue azul, Edward Noiroi estava a dar continuidade a uma antiga tradição de família: tanto a sua mãe como a sua avó eram inglesas.

Infelizmente, Edward fora induzido em erro pela sua prometida, que era tão talentosa na arte de mentir e de enganar, da forma mais encantadora possível, como o seu amante. Existira, de facto, uma fortuna. Tempo passado. Pertencera à mãe de Catherine, que John DeLucey seduzira e levara para a Escócia, como era costume na sua família.

A suposta fortuna há muito que desaparecera. A menina DeLucey tencionava melhorar a sua situação financeira como as mulheres da sua família tinham o hábito de fazer, atraindo para o matrimónio um cavalheiro de sangue azul, crédulo, com os bolsos recheados e um coração fogo.

Também ela fora enganada, pois Edward Noiroi não tinha mais dinheiro do que ela. Era, segundo afirmava, descendente de um conde francês. Mas a fortuna fora arrancada à sua família, juntamente com as cabeças de vários parentes, anos antes, durante a Revolução.

Graças a esta comédia de erros, a mais duvidosa linhagem da aristocracia francesa ficou unida à sua equivalente inglesa, mais conhecida — e odiada — nas Ilhas Britânicas como os Detestáveis DeLuceys.

O leitor poderá facilmente imaginar o choque do casal quando a verdade veio à superfície, pouco depois de terem feito os seus votos.

O leitor estaria, certamente, à espera dos gritos, choros e recriminações habituais em tais ocasiões. O leitor estaria, contudo, enganado. Velhacos como eram — e estando, além disso, verdadeiramente apaixonados —, Edward e Catherine riram até mais não poderem. Depois uniram forças, determinados a seduzir e a burlar cada tolo que cruzasse o seu caminho.

Foi um caminho longo e atribulado. Levou-os para a frente e para trás entre Inglaterra e o Continente, fugindo de um lugar para outro sempre que as complicações surgiam.

Nas suas deambulações, Catherine e Edward tiveram três filhas.

Capítulo Um

COSTURA PARA SENHORAS. Sob esta designação deveremos incluir não apenas o negócio de modista, mas também o de chapeleira... Na confecção de chapéus, o gosto e a elegância são essenciais, tal como a rapidez a distinguir, a imitar e a melhorar as várias modas, que estão em constante mudança nos círculos da alta sociedade.

The Book of English Trades, and Library of the Useful Arts, 1818

Março de 1835

Marcelline, Sophia e Leonie Noiro, irmãs e proprietárias da loja Maison Noiro, em Fleet Street, West Chancery Lane, estavam todas presentes quando *lady* Renfrew, esposa de *sir* Joseph Renfrew, largou a sua bomba.

A morena Marcelline estava a fazer um laço com que esperava convencer a cliente a comprar a sua última criação. A loura Sophia encontrava-se a arrumar uma das gavetas remexidas pouco antes por uma das suas freguesas mais exigentes. Leonie, a ruiva, estava a ajustar a bainha da amiga íntima que acompanhava *lady* Renfrew, a senhora Sharp.

Embora se tratasse apenas de um mexerico lançado ao acaso na conversa, a senhora Sharp guinchou — como se uma bomba tivesserealmente explodido —, vacilou e pisou a mão de Leonie.

Leonie não praguejou, mas Marcelline viu formar-se nos lábios da irmã uma palavra que as suas clientes não deviam estar habituadas a ouvir.

Sem se aperceber dos danos corporais infligidos a insignificantes modistas, a senhora Sharp disse:

- O duque de Clevedon está *de regresso*?
- Sim — disse *lady* Renfrew, com um ar importante.
- De regresso a Londres?
- Sim — repetiu *lady* Renfrew. — Soube-o de fonte segura.
- Que aconteceu? Terá o lorde Longmore ameaçado matá-lo?

Qualquer modista que aspirasse a vestir senhoras da alta sociedade ficava ao corrente dos seus assuntos. Assim, Marcelline e as suas irmãs conheciam bem todos os pormenores desta história. Sabiam que Gervaise Angier, o sétimo duque de Clevedon, estivera em tempos à guarda do marquês de Warford, o pai do

conde de Longmore. Sabiam que Longmore e Clevedon eram os melhores amigos. Sabiam que Clevedon *elady* Clara Fairfax, a mais velha das três irmãs de Longmore, estavam prometidos em casamento desde o seu nascimento. Clevedon adorava-a desde que eram crianças. Nunca mostrara qualquer inclinação para cortejar mais ninguém, apesar de ter tido muitas relações de outro tipo, especialmente durante os três anos que passara no Continente.

Embora o noivado nunca tivesse sido oficialmente anunciado, era visto como uma mera formalidade. Toda a gente assumira que o duque a desposaria assim que regressasse com Longmore do seu *grand tour*. Fora um choque para todos quando Longmore regressara sozinho um ano antes, tendo Clevedon prosseguido com a sua vida dissoluta no Continente.

Ao que parecia, alguém na família perdera a paciência, porque lorde Longmore viajara para Paris havia duas semanas. Corriam rumores de que o fizera especificamente para confrontar o seu amigo a respeito das muito adiadas núpcias.

— Creio que o ameaçou com umas boas chicotadas, mas não se sabe ao certo — continuou *lady* Renfrew. — Tudo o que me contaram foi que o lorde Longmore viajou para Paris, que lhe disse alguma coisa ou lhe fez alguma ameaça, e que por essa razão o duque prometeu regressar a Inglaterra antes do Aniversário Real.

Embora Sua Majestade tivesse nascido em agosto, o seu aniversário seria, este ano, celebrado a 28 de maio.

Como nenhuma das irmãs Noirot fez nada de tão óbvio como guinchar ou tropeçar ou sequer erguer uma sobrancelha, ninguém adivinharia que aquela notícia era terrivelmente importante para elas.

Prosseguiram com as suas tarefas, atendendo as duas senhoras, bem como as outras que iam entrando na loja. Nessa noite, enviaram as costureiras para casa à hora do costume e fecharam a loja. Subiram para os seus confortáveis aposentos e prepararam, como sempre, um jantar ligeiro. Marcelline contou uma história à sua filha de seis anos, Lucie Cordelia, e deitou-a à hora do costume.

Lucie dormia o sono dos inocentes — ou um sono tão inocente quanto era possível para uma criança nascida naquela família —, quando as três irmãs desceram silenciosamente a escada para a sua sala de trabalho.

Todos os dias, um rapazinho sujo deixava-lhes as últimas páginas de

escândalos, mal acabavam de ser impressas — geralmente ainda antes de a tinta estar seca —, à porta das traseiras da loja. Leonie foi buscar as páginas do dia e abriu-as sobre a bancada. As irmãs percorreram rapidamente as colunas.

— Aqui está — disse Marcelline, passados instantes. — «Conde de L_____ regressou a Paris na noite passada... Temos a informação de que um certo duque, atualmente a residir na capital francesa, foi claramente avisado de que *quelady*C_____ não estava disposta a continuar à sua espera... sua senhoria tenciona regressar a Londres a tempo do Aniversário Real... noivado será anunciado num baile que se realizará em Warford House no final da época... casamento antes de o verão chegar ao fim.»

Passou a notícia a Leonie, que continuou a ler.

— «Se o cavalheiro não cumprir com a sua palavra, a senhora considerará o seu entendimento *ummal-entendido*» — riu-se. — Seguem-se algumas suposições interessantes quanto aos cavalheiros que poderão vir a substituí-lo.

Empurrou o periódico para Sophy, que abanava a cabeça.

— Ela seria tola em desistir dele — disse. — Valha-me Deus, um ducado. Quantos restam? E um duque solteiro que além disso é jovem, bonito e saudável? Consigo contá-los a todos com um dedo. — Espetou o indicador na coluna. — Ele.

— Não percebo qual é a pressa — disse Marcelline. — Ela só tem vinte e um anos.

— E que mais tem para fazer além de assistir a peças de teatro e óperas, e de ir a jantares e a festas? — acrescentou Leonie. — Uma rapariga da aristocracia que possui beleza, estatuto e um dote considerável nem devia ter de se preocupar em atrair pretendentes. Esta rapariga...

Não teve de completar a frase.

Tinham visto *lady* Clara Fairfax em várias ocasiões. Era linda: de cabelo louro e olhos azuis, uma beldade inglesa clássica. Visto que os seus numerosos atributos incluíam uma alta posição social, uma linhagem impecável e um dote esplêndido, os homens caíam-lhe aos pés.

— Nunca mais voltará a ter o mesmo poder sobre os homens — disse Marcelline. — Devia era esperar até estar perto dos trinta, e só depois assentar.

— De certeza que o lorde Warford nunca esperou que o duque se ausentasse por tanto tempo — opinou Sophy.

— Dizem que o marquês teve sempre o pulso firme com ele, desde que o seu pai morreu por causa da bebida. Não se pode levar a mal que sua senhoria se quisesse apanhar à solta.

— Pergunto-me se *alady*Clara estaria a ficar impaciente — disse Sophy. — Ninguém pareceu importar-se com a ausência de Clevedon, nem mesmo quando Longmore voltou para casa sem ele.

— Porquê tanta preocupação? — disse Marcelline. — Para todos os efeitos, estavam prometidos um ao outro. Romper com *alady*Clara seria romper com toda a família.

— Talvez tenha aparecido outro pretendente... Um que o lorde Warford não aprove — disse Leonie.

— O mais provável é que *alady*Warford não aprove outros pretendentes — contrapôs Sophy. — Não havia de querer deixar um ducado escapar-lhe por entre os dedos.

— Gostava de saber que ameaça fez Longmore — disse Sophy. — Ambos têm a reputação de ser rebeldes e violentos. Também não deve tê-lo ameaçado com um duelo. Matar o duque seria contrário ao seu propósito. Talvez tenha simplesmente prometido dar-lhe uma tarefa.

— Isso é que eu gostava de ver — disse Marcelline.

— E eu — disse Sophy.

— E eu — disse Leonie.

— Um par de nobres bonitos à luta — Marcelline sorriu. Uma vez que Clevedon partira de Londres várias semanas antes de as três irmãs terem chegado a Paris, nunca o tinham visto. Sabiam, no entanto, que toda a gente o achava um homem atraente. — Seria um belo espetáculo. Pena que não tenhamos oportunidade de o ver.

— Por outro lado, o casamento de um duque é coisa que não acontece todos os dias, e eu já pensava que este nunca mais se realizava — disse Sophy.

— Vai ser o casamento do ano, senão da década — comentou Leonie. — O vestido de noiva será apenas o começo. Ela há de querer um enxoval e um guarda-roupa completamente novo, adequado à sua posição. Tudo de qualidade superior. Rolos de renda de seda. As melhores sedas. Musselina leve como o ar. Ela vai gastar milhares e milhares.

Por um momento, as três irmãs contemplaram em silêncio esta visão, do

mesmo modo que almas devotas contemplam o paraíso.

Marcelline sabia que Leonie estava a calcular esses milhares até ao último cêntimo. Sob aquela cabeleira ruiva indomável, escondia-se uma determinada mulher de negócios. Leonie tinha um profundo amor ao dinheiro e a todas as maquinações que o envolviam. Trabalhava apaixonadamente debruçada sobre os seus livros de contabilidade e afins. Marcelline preferiria limpar casas de banho a olhar para uma coluna de números.

Mas cada uma das irmãs tinha os seus pontos fortes. Marcelline, a mais velha, era a única que se parecia fisicamente com o seu pai. Tanto quanto sabia, só ela era realmente sua filha. E não havia dúvida de que herdara o seu gosto pela moda, a sua imaginação e o seu talento para o desenho. Herdara também a sua paixão pelas coisas requintadas, mas graças aos anos que passara em Paris, a aprender a arte de fazer roupa com a sua prima Emma, Marcelline e as irmãs tinham uma perceção mais apurada da elegância. O que começara como um trabalho duro — um ofício aprendido na infância para pura sobrevivência — tornara-se a vida e a paixão de Marcelline. Ela não era apenas *adesigner* da Maison Noiro, mas também a sua alma.

Sophia, por seu turno, tinha queda para a representação, talento a que dava bom uso. Jovem inocente loura e de olhos azuis por fora, e um tubarão por dentro, Sophy era capaz de vender areia a beduínos. Fazia credores empedernidos chorar e convencia matronas sovinas a comprarem os artigos mais caros da loja.

— Imaginem só o prestígio — disse Sophy. — A duquesa de Clevedon vai ditar a moda. Aonde ela for, as outras hão de segui-la.

— Ditará a moda se estiver nas mãos certas — retorquiu Marcelline. — Neste momento...

Um coro de suspiros pairou no ar.

— Tem um péssimo gosto — disse Leonie.

— A sua mãe — disse Sophy.

— A costureira da sua mãe, mais exatamente — observou Leonie.

— Hortense, *a Horrível* — murmuraram em uníssono, num tom sinistro.

Hortense Downes era a proprietária da loja Downes's, o único grande obstáculo ao plano das três irmãs de dominarem o comércio de roupa em Londres.

Na Maison Noiro, a odiada loja rival era conhecida como «Dowdy's⁴».

— Roubá-la à Dowdy's seria um ato de caridade — disse Marcelline.

Fez-se silêncio, enquanto sonhavam os seus sonhos.

Se atraíssem uma cliente, outras se seguiriam.

As mulheres da alta sociedade eram ovelhas. Isto podia ser uma vantagem, se conseguissem pôr as ovelhas no caminho certo. O problema residia no facto de poucas mulheres de posição elevada serem clientes da Maison Noiro, porque as suas amigas também não o eram. Muito poucas estavam dispostas a experimentar algo novo.

Ao longo dos três anos de existência da loja, tinham atraído algumas senhoras, como *lady* Renfrew. Mas ela era apenas a mulher de um cavalheiro recentemente ordenado cavaleiro, e as outras suas clientes eram, como ela, da pequena nobreza ou com dinheiro recente. Os escalões sociais mais elevados — duquesas e marquesas e condessas — ainda eram clientes de lojas mais estabelecidas, como a Dowdy's.

Embora as suas criações fossem superiores a tudo o resto que se fazia em Londres, a Maison Noiro ainda não tinha o prestígio suficiente para atrair as senhoras no topo da lista.

— Precisámos de dez meses para arrancar *lady* Renfrew das garras da Dowdy's — disse Sophy.

Tinham sido bem-sucedidas, porque sua senhoria ouvira a gerente da loja rival, a menina Oakes, dizer que os corpetes assentavam mal à sua filha mais velha porque os seios da jovem eram terrivelmente desiguais.

Um *lady* Renfrew indignada cancelara uma enorme encomenda de roupa de luto e dirigira-se imediatamente à Maison Noiro, que a sua amiga *lady* Sharp lhe recomendara.

Durante a prova da roupa, Sophy dissera à chorosa filha mais velha que nenhuma mulher no mundo tinha seios perfeitamente equilibrados. Também dissera à menina Renfrew que a sua pele era como cetim, e que metade das senhoras da alta sociedade iria invejar o seu decote. Quando as irmãs Noiro acabaram de vestir a jovem, ela quase desmaiara de tão feliz. E constara que a elegância da sua figura levava vários jovens a dar também sinais de desmaio.

— Desta vez, não temos dez meses — disse Leonie. — E não podemos ficar à espera de que aquela malvada da Dowdy's insulte *lady* Warford. Afinal, trata-se

de uma marquesa, não da mulher de um simples cavaleiro.

— Temos de a apanhar depressa, ou a oportunidade ficará perdida para sempre — disse Sophy. — Se a Dowdy's ficar encarregada do vestido de noiva da duquesa de Clevedon, ficará com tudo o resto.

— Não se eu lá chegar primeiro — disse Marcelline.

[4](#)*Dowdy*, «desleixada».

Capítulo Dois

ÓPERA ITALIANA, PLACE DES ITALIENS. Os amantes da língua e da cultura italiana regozijar-se-ão aqui a escutar os cantores mais talentosos, como a designação do local indica; este teatro destina-se exclusivamente aos espetáculos de ópera cómica italiana; é financiado pelo Governo e está associado à grande ópera francesa. Os espetáculos realizam-se às terças e quintas-feiras e aos sábados.

Francis Coghlan, *A Guide to France, Explaining Every Form and Expense from London to Paris*, 1830

Paris, Ópera Italiana
14 de abril de 1835

Clevedon tentou ignorá-la.

A impressionante morena soubera fazer-se notada. Aparecera com a sua amiga atriz no camarote em frente do seu, no último momento possível.

Era má altura.

Ele prometera escrever a Clara uma descrição pormenorizada do espetáculo daquela noite, *O Barbeiro de Sevilha*. Sabia que Clara ansiava por visitar Paris, embora se contentasse com as suas cartas. Dentro de aproximadamente um mês, Clevedon voltaria para Londres e retomaria a vida que abandonara. Estava decidido, para bem de Clara, a portar-se bem. Não seria o tipo de marido e de pai que o seu próprio pai fora. Depois de se casarem, levá-la-ia a viajar pelo estrangeiro. Por agora, trocavam correspondência, como sempre tinham feito, desde que ela tivera idade para segurar numa caneta.

Clevedon tencionava aproveitar cada minuto daquelas últimas semanas de liberdade. O que significava que a carta para Clara não seria a sua única tarefa daquela noite.

Viera atrás de *madame St. Pierre*, que se encontrava sentada num camarote próximo com as suas amigas, lançando, de tempos a tempos, olhares nada hostis na sua direção. Apostara com Gaspard Aronduille duzentas libras em com *madame* convidaria para o seu serão pós-ópera, serão em que Clevedon estava certo de chegar à sua cama.

Mas aquela misteriosa morena...

Todos os homens na ópera tinham reparado nela.

Nenhum estava a prestar qualquer atenção ao espetáculo.

O público francês, ao contrário do inglês ou do italiano, tinha o hábito de

assistir aos espetáculos num silêncio respeitoso. Mas os amigos de Clevedon sussurravam freneticamente, exigindo saber quem era «aquela criatura fascinante» sentada junto da atriz Sylvie Fontenay.

Clevedon espreitou para *madame* St. Pierre, depois para o camarote em frente, onde se encontrava a morena.

Pouco depois, enquanto os seus amigos continuavam a discutir e a especular, o duque de Clevedon abandonou o seu lugar e saiu.

— Isto é que foi rapidez — murmurou Sylvie, por detrás do seu leque.
— A investigação dá frutos — disse Marcelline. Passara uma semana a inteirar-se dos hábitos de Clevedon e dos lugares por ele frequentados. Invisível aos olhos de todos, embora não andasse escondida, seguira-o por toda a cidade de Paris, dia e noite.

Como toda a sua família trapaceira, conseguia fazer-se notada ou passar despercebida.

Esta noite, Marcelline passara para o primeiro plano. Esta noite, tinha todos os olhos no teatro postos nela. Era uma pena para os atores, mas não tinham conquistado a sua simpatia. Ao contrário dela, não se tinham esforçado ao máximo. Rosina vacilava nas notas altas, e Figaro tinha falta de *joie de vivre*.

— Ele não perde um segundo — comentou Sylvie, os olhos ostensivamente pregados no palco. — Quer uma apresentação, logo, o que faz? Vai direitinho ao camarote dos maiores mexeriqueiros de Paris, o meu velho amigo conde D'Orefeur e a sua amante, *madame* Ironde. Aqui está, minha amiga, um conquistador de primeira categoria.

Marcelline sabia bem que assim era. O duque não era apenas um sedutor exímio, mas também um homem de gosto apurado. Não perseguia qualquer mulher atraente que cruzasse o seu caminho. Não frequentava bordéis — nem mesmo os mais seletos —, como faziam tantos estrangeiros de visita. Não ia atrás de donzelas nem de modistas. Apesar da sua reputação de rebelde, Clevedon não era um típico libertino. Os seus alvos eram apenas beldades da aristocracia e a nata *dodemi-monde*.

Se tal significava que a virtude de Marcelline — ou o que dela restava — não corria perigo com o duque de Clevedon, o desafio consistia em mantê-lo interessado o tempo suficiente para atingir os seus fins. E por isso Marcelline

sentiu o seu coração bater mais depressa, como quando via a roleta girar. Desta vez, no entanto, o que estava em jogo era muito mais do que dinheiro. O resultado deste jogo determinaria o futuro da sua família.

Marcelline manteve uma aparência calma e confiante.

— Quanto apostas que ele *emonsieur le comte* vão entrar neste camarote no preciso instante em que o intervalo começar? — disse.

— Não me atrevo a fazer apostas contigo — respondeu Sylvie.

No instante em que o intervalo começou (e ainda antes de os outros espectadores se levantarem dos seus lugares), Clevedon entrou no camarote *demademoiselle* Fontenay, acompanhado pelo conde D'Orefeur.

A primeira coisa que viu foi a figura da morena de costas: ombros delicados e costas expostos dois centímetros a mais do que a maioria das mulheres parisienses se atrevia, e a pele, pura nata. Caracóis escuros, soltos, caíam-lhe sedutoramente sobre a nuca.

Olhou para o pescoço dela e esqueceu-se de Clara e *demadame* St. Pierre e de todas as outras mulheres no mundo.

Passou-se uma eternidade até se encontrar diante dela, fitando os seus olhos escuros, com um brilho de riso... depois a curva bem desenhada da sua boca, riso, outra vez, espreitando dos cantos. Então ela moveu-se um pouco, e foi apenas um pouco, um ligeiro movimento dos ombros, mas fê-lo como uma amante a voltar-se na cama, ou foi isso que ele sentiu, as virilhas contraindo-se.

A luz incidiu no cabelo dela e dourou-lhe a pele e dançou-lhe nos olhos risonhos. O olhar dele desceu, pousando no contorno sedoso dos seios... a curva insinuante da cintura...

Clevedon apercebia-se vagamente de que pessoas falavam em seu redor, mas não conseguia concentrar-se em mais ninguém. A voz dela era grave, um contralto ligeiramente rouco.

O seu apelido, ficou a saber, era Noirot.

Combinava com ela.

Tendo dito *amademoiselle* Fontenay tudo o que as boas maneiras exigiam, voltou-se para a mulher que perturbara a ópera. Com o coração a bater depressa, curvou-se sobre a sua mão enluvada.

— *Madame* Noirot — disse-lhe. — *Enchanté*. — Os seus lábios afloraram a pelica macia. Um perfume suave mas exótico invadiu-lhe as narinas. Jasmim?

Ergueu a cabeça e deparou-se com um olhar profundo como o céu da noite. Durante um longo momento pulsante, os seus olhos encontraram-se.

Até que ela apontou com o leque o lugar vago ao seu lado.

— Não é cómodo conversar com a cabeça virada para trás, vossa senhoria — disse-lhe.

— Perdão — disse Clevedon, sentando-se. — Que indelicado da minha parte, ficar assim debruçado sobre si. Mas a vista de cima era...

Não terminou a sua frase, porque só então lhe ocorreu algo: ela falara-lhe em inglês, e com o sotaque dos da sua classe, nada menos. Ele respondera-lhe automaticamente, habituado desde criança a ter para com o seu interlocutor a cortesia de se exprimir na língua deste último.

— Mas isto é diabólico! — exclamou. — Teria apostado tudo em como era francesa. — Francesa e plebeia. Só podia sê-lo. Ouvira-a falar com Orefeur num francês perfeito, superior ao seu, sem dúvida. O sotaque era requintado, mas a sua amiga, que teria pelo menos quarenta anos, era atriz. As senhoras de boa posição social não se davam com atrizes. Clevedon julgara-a uma atriz ou uma cortesã.

E no entanto, se fechasse os olhos, juraria estar a conversar com uma aristocrata inglesa.

— Apostariatudo? — perguntou ela. Os seus olhos escuros fitaram-no, depois do que o seu olhar começou a descer, deixando para trás um rasto de calor e acabando por lhe pousar na gravata. — Esse bonito alfinete, por exemplo?

O perfume, a voz, o corpo dela turvavam-lhe o pensamento.

— Uma aposta? — perguntou, sem compreender.

— Ou então podemos discutir os méritos deste Figaro, ou debater se Rosina devia ser uma contralto ou uma mezzo-soprano — disse ela. — Mas acho que não estava a prestar atenção à ópera. — Fechou o seu leque devagar. — Porque será que fiquei com esta ideia?

Ele recompôs-se.

— O que não compreendo — disse — é como podia alguém prestar atenção à ópera estando a senhora aqui.

— Eles são franceses. Levam a arte a sério.

— E a senhora, não é francesa?

Ela sorriu.

— Essa é que é a questão, parece-me.

— É francesa — disse ele. — Pode ser uma excelente imitadora, mas é francesa.

— Parece muito seguro de si.

— Não passo de um inglês ignorante, bem sei — disse Clevedon. — Mas até eu consigo distinguir as mulheres francesas e as inglesas. Podemos vestir uma inglesa segundo a moda francesa da cabeça aos pés, e ela continuará a parecer inglesa. Quanto a si...

Interrompeu-se, percorrendo-a com o olhar. Bastava ver o cabelo dela. Tinha a graça dos penteados de outras mulheres francesas... e todavia, não, não era a mesma coisa. O cabelo dela era mais... Qualquer coisa. Era como se ela tivesse saído da cama e se tivesse arranjado à pressa. E no entanto não tinha um ar desleixado. Ela era... diferente.

— É francesa, sem dúvida nenhuma — disse Clevedon. — Se eu estiver errado, o alfinete é seu.

— E se estiver certo?

Ele pensou rapidamente.

— Se estiver certo, dar-me-á a honra de passear comigo no Bois de Bologne amanhã.

— Só isso? — perguntou ela, agora em francês.

— Representa muito para mim.

Ela levantou-se de repente, num roçar de seda. Apanhado de surpresa, *outra vez*, ele tardou a pôr-se de pé.

— Preciso de apanhar ar — disse ela. — Está abafado, aqui.

Ele abriu a porta para o corredor e ela saiu. Clevedon seguiu-a, o coração a bater depressa.

Marcelline vira-o inúmeras vezes, algumas das quais a poucos metros de distância. Observara um atraente aristocrata inglês, elegante e com um gosto caro.

Agora que o via de perto...

Ainda se sentia confusa.

Primeiro, o corpo. Avaliara-o sub-repticiamente enquanto ele fazia conversa de circunstância com Sylvie. Aquele físico esplêndido não era, como julgara, criado, nem sequer assistido, pelo trabalho de um alfaiate, apesar do requinte da

sua roupa. Os seus ombros largos não tinham chumaços, e o seu tronco bem definido nada tinha a cingi-lo, a não ser músculo.

Músculo por toda a parte — nos braços, nas pernas altas. E nenhum alfaiate conseguiria criar o poder da sua figura alta e ágil.

Está calor aqui, foi o primeiro pensamento coerente de Marcelline.

E no momento seguinte ele estava à sua frente, curvado sobre a sua mão, e o camarote ficou mais quente ainda.

Reparou no seu cabelo, caracóis pretos que brilhavam como seda, num desalinho cuidado.

Ele ergueu a cabeça.

Marcelline viu uma boca que devia ser de uma mulher, de tal modo era carnuda e sedutora. Mas era masculina, puramente carnal.

Depois mergulhou nuns olhos de uma cor rara — um verde que lembrava jade —, enquanto uma voz masculina lhe acariciava o ouvido, como se lhe acariciasse também partes do corpo que não estavam à vista.

Oh, Deus.

Ao sair do camarote, Marcelline caminhou rapidamente, pensando com igual rapidez, à medida que andava. Estava ciente das pessoas, reunidas em pequenos grupos, que se afastavam para lhe dar passagem. Aquilo divertia-a, mesmo enquanto ponderava o inesperado problema que caminhava ao seu lado.

Já sabia que o duque de Clevedon era um caso sério.

Tornava-se agora óbvio que o subestimara.

Ainda assim, ela era uma Noirot, pelo que os riscos só a empolgavam.

Parou num recanto mais sossegado do corredor, junto a uma janela. Durante alguns instantes, permaneceu voltada para a janela. Tudo o que viu foi o seu reflexo: uma mulher atraente, magnificamente vestida, um anúncio em movimento daquilo que um dia — em breve, com uma pequena ajuda dele — seria a mais prestigiada loja de roupa em Londres. Se tivessem a duquesa de Clevedon, não tardariam a vestir as mulheres da família real; a lua, as estrelas, quase ao seu alcance.

— Espero que não esteja indisposta, *madame* — disse ele, no seu francês com sotaque.

— Não, mas parece-me que tive uma ideia absurda — disse Marcelline. — Que aposta tão absurda!

Ele sorriu.

— Não me diga que está a recuar? Passear comigo no Bois de Bologne será um destino assim tão cruel?

Tinha um sorriso juvenil, e o tom de autocensura em que falava era tão charmoso que devia ter arrasado centenas de mulheres.

— No meu entender, ganho de uma forma ou de outra. De qualquer perspetiva que se olhe, esta aposta é uma tolice. Repare, quando eu lhe disser se está certo ou errado, como saberá que estou a falar verdade?

— Achou que eu lhe pediria o passaporte? — perguntou ele.

— Tencionava contentar-se com a minha palavra?

— Claro que sim.

— Isso pode ser galante ou simplesmente ingénuo — retorquiu ela. — Não consigo decidir qual das duas.

— Não vai mentir-me.

Marcelline pensou que as suas irmãs, se estivessem presentes, se teriam atirado para o chão a rir.

— Esse é um diamante de qualidade excecional — disse-lhe. — Se pensa que uma mulher não seria capaz de mentir para o ter, é de uma inocência catastrófica.

Aquele olhar verde arrebatador perscrutou-lhe o rosto.

— Eu estava enganado — disse ele, em inglês. — Completamente enganado, vejo-o agora. É inglesa.

Ela sorriu.

— O que foi que me denunciou? A franqueza?

— Mais ou menos — disse Clevedon. — Se fosse francesa, estaríamos agora a debater o que é a verdade. Eles não conseguem evitar. Têm de analisar tudo com o microscópio da filosofia. É comovente, mas são tão previsíveis a esse respeito. Tudo tem de ser dissecado e avaliado. Regras. Precisam de regras. E fazem tantas.

— Esse não seria um discurso sensato, no caso de eu ser francesa — disse Marcelline.

— Mas não é. Já decidimos.

— Ah sim?

Ele anuiu.

— Precipitou-se na aposta — disse ela. — É sempre assim tão impulsivo?

— Por vezes, sim. Mas já parti em desvantagem. Nunca conheci ninguém que se parecesse consigo.

— E de certa forma até conhece — contrapôs ela. — Os meus pais eram ingleses.

— E tem um pouco de francesa? — perguntou ele. O humor dançava-lhe nos olhos verdes, e o coração frio, calculista de Marcelline vacilou em resposta.

Caramba, ele sabia o que dizia.

— Um pouquinho — disse. — Um bisavô completamente francês. Mas ele e os filhos gostavam de mulheres inglesas.

— Um bisavô, só, não conta — disse Clevedon. — Tenho uma data de nomes franceses, mas sou desesperantemente inglês... e tipicamente lento, a não ser para tirar conclusões precipitadas. Ah, vamos lá. Adeus, meu pequeno alfinete. — Ergueu as mãos para o tirar.

Trazia luvas, mas Marcelline sabia que elas não escondiam calosidades ou unhas partidas. Eram as mãos típicas dos da sua classe: macias e cuidadas. Maiores do que se considerava elegante, todavia, e com os dedos compridos e graciosos.

Bem, de momento, não tão graciosos assim. O criado prendera-lhe o alfinete com firmeza e precisamente entre as pregas do lenço, e ele estava a ter dificuldade em soltá-lo.

Ou assim parecia.

— É melhor deixar-me ajudá-lo — ofereceu-se Marcelline. — Não pode ver o que está a fazer.

Ele baixou as mãos, que roçaram nas dela. Luva contra luva, nada mais. E no entanto ela sentiu o choque do contacto, como se tivesse sido pele sobre pele, e a sensação percorreu todo o seu corpo.

Marcelline apercebia-se claramente do peito musculoso sob as camadas de tecido caro do lenço e do colete e da camisa. Mas nem por isso as suas mãos hesitavam ou tremiam. Tinha anos de prática. Anos a segurar cartas com o coração na garganta. Anos *debluff*, sem deixar que um piscar de olho ou a contração de um músculo facial a traísse.

O alfinete soltou-se, cintilando sob a luz. Marcelline olhou para o tecido branco que amarrotara.

— Parece muito despido — disse. — O seu lenço.

— Que vem a ser isto? Remorso? — gracejou ele.

— Nunca — e era a pura verdade. — Mas o lugar vazio ofende a minha sensibilidade estética.

— Nesse caso, vou a correr ao hotel pedir ao meu criado que o substitua.

— Parece estranhamente ansioso por agradar — disse Marcelline.

— Não há nada de estranho nisso.

— Não se inquiete, vossa senhoria. Tenho uma solução brilhante.

Tirou um alfinete do seu corpete e prendeu ali o de Clevedon. Em seguida, colocou o seu alfinete no lenço dele. O seu nada tinha de impressionante, sendo apenas uma pequena pérola. Mas era uma pérola bonita, com um brilho requintado, e reluzia suavemente, aconchegada entre as pregas do lenço.

Marcelline sentia o olhar dele, intenso, enquanto aguardava que ela terminasse, numa completa imobilidade.

Depois de alisar o tecido circundante, Marcelline recuou e avaliou o seu trabalho.

— Serve muito bem o propósito — declarou.

— Sim? — Clevedon olhava para ela, não para a pérola.

— Use a janela como espelho — recomendou-lhe.

Ele continuava a olhá-la.

— O vidro, vossa senhoria. Pode, pelo menos, admirar a minha arte.

— Admiro — disse ele. — Muito.

Mas voltou-se, com o esboço de um sorriso, e olhou o seu reflexo no vidro.

— Estou a ver — disse ele. — Tem um olho tão bom como o do meu criado. E este é um elogio que não faço com ligeireza.

— O meu olho tem mesmo de ser bom — disse ela. — Sou a melhor modista do mundo.

O coração dele batia erráticamente.

De excitação, só podia ser. E porque não?

Realmente, ela não se parecia com ninguém que ele alguma vez tivesse conhecido.

Paris era um mundo à parte de Londres, e as mulheres francesas eram uma espécie diferente da das inglesas. Ainda assim, ele acostumara-se à sofisticação das mulheres parisienses, acostumara-se o suficiente para prever o rodar de um

punho, o movimento de um leque, o ângulo da cabeça em quase qualquer situação. Regras, como lhe dissera a ela. Os Franceses viviam segundo regras.

Aquela mulher fazia as suas próprias regras.

— E que modista tão modesta — disse ele.

Ela riu-se, mas o seu não era o riso ressonante a que ele estava habituado. Era um riso baixo e íntimo, que não queria ser ouvido pelos outros. Ela não tentava fazer que as cabeças se voltassem na sua direção, como outras mulheres pretendiam. Bastava-lhe a atenção dele.

E Clevedon voltou-se e olhou para ela.

— Talvez, ao contrário de toda a gente que está na ópera, não tenha reparado — disse Marcelline, o leque fechado percorrendo o vestido.

O olhar dele deslizou do cabelo solto de Marcelline para baixo. Até então, só superficialmente se apercebera do que ela trazia vestido. A sua atenção fora atraída sobretudo pelo aspeto físico dela: o seu corpo sinuoso, a luminosidade da sua pele, o brilho dos olhos, o suave desalinho do cabelo.

Agora reparava em como aquele corpo atraente se encontrava adornado: o manto ou túnica, ou o que quer que fosse, de renda preta, sobre uma seda rica cor-de-rosa... a impressionante combinação de cor e corte e jóias, o... o...

— Estilo — disse ela.

Clevedon sentiu uma pausa, uma dúvida, um desconforto momentâneo. A sua mente, ao que parecia, era um livro para aquela mulher, e ela já passara o índice e a introdução, tendo ido direta ao primeiro capítulo.

Mas que importava isso? Ela, que claramente não era ingénua, sabia o que ele queria.

— Não, *madame*. Não reparei — admitiu. — Só a vi a si.

— Isso é exatamente o que se deve dizer a uma mulher — disse Marcelline. — E exatamente o que não se deve dizer a uma modista.

— Suplico-lhe que seja apenas uma mulher, de momento. Como modista, está a desperdiçar o seu talento comigo.

— De modo nenhum — contrapôs ela. — Se eu estivesse mal vestida, não tinha vindo ao camarote *demademoiselle* Fontenay. E mesmo que fosse impulsivo ao ponto de ignorar os ditames do gosto, o conde D'Orefeur tê-lo-ia salvo de um erro suicida, recusando-se a apresentar-nos.

— *Suicida*? Deteto uma certa tendência para exagerar.

— No que se refere ao gosto? Devo lembrá-lo, estamos em *Paris*.

— Neste momento, não quero saber onde estou.

De novo, aquele riso baixo. Clevedon sentiu o som, como se a respiração dela lhe tocasse a nuca.

— Tenho de me acautelar — disse ela. — Está a tentar deslumbrar-me.

— Não fui eu que comecei. Deslumbrou-me a mim.

— Se pensa que com essas palavras de mel consegue reaver o seu diamante, não vai resultar.

— E se pensa que lhe devolvo a sua pérola, recomendo-lhe que pense melhor.

— Não diga disparates. Pode ser demasiado romântico para lhe importar que o seu diamante valha cinquenta pérolas iguais a esta, mas eu não sou. Pode ficar com a pérola, tem a minha bênção. Mas devo voltar para junto *demademoiselle* Fontenay... e aqui está o seu amigo, o senhor conde, que veio impedi-lo de cometer o erro de regressar comigo. Sei que está encantado, e que ficará destroçado, vossa senhoria, e sim, estou *desolé* de perder a sua companhia... é tão estimulante conhecer um homem com cérebro... mas não pode ser. Não posso ser vista a mostrar preferência por um cavalheiro. É mau para o negócio. Fico simplesmente à espera de o ver numa outra altura. Talvez amanhã, em Longchamp, onde, naturalmente, exibirei mais uma das minhas criações.

Orefeur aproximou-se quando foi anunciado o fim do intervalo. Uma jovem acenou-lhe, *emadame* Noirot despediu-se com uma vénia rápida, graciosa e, apenas para os olhos de Clevedon, com um olhar divertido por cima do leque.

— Tenha cuidado — murmurou Orefeur, mal ela se afastou. — Esta mulher é perigosa.

— Sim — disse Clevedon, vendo-a avançar por entre a multidão. As pessoas davam-lhe passagem, como se ela fosse da realeza, quando ela nem remotamente se aproximava de tal condição. Era dona de uma loja, apenas isso. Afirmara-o, sem vergonha nem qualquer vestígio de insegurança, e no entanto ele mal podia acreditar. Observou a forma como ela se movia, e a forma de andar da sua amiga francesa, tão diferentes que nem pareciam da mesma espécie. — Sim — repetiu. — Eu sei.

ntretanto, em Londres, *lady* Clara Fairfax estava tentada a atirar uma jarra de porcelana à cabeça tonta do seu irmão. Mas o ruído atrairia as atenções, e a

E última coisa que ela queria era a sua mãe a irromper pela biblioteca. Arrastara-o para a biblioteca precisamente porque era uma divisão onde a mãe raramente entrava.

— Harry, como foste capaz? — gritou. — Toda a gente fala nisto. *Estou mortificada*.

O conde de Longmore recostou-se cuidadosamente no sofá e fechou os olhos.

— Não precisas de guinchar. A minha cabeça...

— Imagino como arranjaste a dor de cabeça — disse Clara. — E não sinto pena de ti, pena absolutamente nenhuma.

Harry tinha olheiras e estava pálido. A sua roupa amarrotada indicava que não trocara de indumentária desde a noite anterior, e o estado de insubordinação do seu cabelo preto mostrava que nenhum pente lhe tocara durante o mesmo intervalo de tempo. Passara, sem dúvida, a noite na cama de um dos seus *amours*, e não se dera ao trabalho de ir trocar de roupa quando a irmã mandara chamá-lo.

— O teu recado dizia que era urgente — disse. — Vim porque achei que precisavas de ajuda, não para ouvir os teus sermões.

— Ires a Paris para dares um ultimato ao Clevedon — retomou Clara. — «Casa com a minha irmã senão vais ver.» Isto também é a tua ideia de ajudar?

Ele abriu os olhos e fitou-a.

— Quem te contou isso?

— Toda a gente fala a esse respeito. Há semanas, parece. Havia de acabar por me chegar aos ouvidos.

— As pessoas são malucas — disse Harry. — Ora, realmente, um ultimato. Não foi nada disso. Só lhe perguntei se ele te queria ou não.

— Oh, não. — Clara deixou-se cair numa cadeira e cobriu a boca com uma mão. Tinha a cara a arder. Como *puderao* irmão fazer tal coisa? Mas que pergunta. Não era de estranhar. Harry nunca fora conhecido pelo seu tato ou pela sua sensibilidade.

— Antes eu que o pai — retorquiu.

Clara fechou os olhos. Ele tinha razão. O pai teria escrito uma carta. Seria muito mais discreto e muito mais perturbador para Clevedon do que qualquer coisa que Harry pudesse dizer. O pai deixaria o duque amarrado com nós de culpa e obrigação. E isso, Clara suspeitava, fora precisamente o que levara Clevedon a partir para o Continente.

Destapou a boca, abriu os olhos e encarou o irmão.

— Achas mesmo que chegou a esse ponto?

— Minha querida irmãzinha, a mãe anda a dar *comigo*em doido, e eu não tenho de viver com ela. Apavora-me vir cá a casa, porque já sei que ela nunca mais se cala com o assunto. Era apenas uma questão de tempo até o pai desistir de tentar ignorá-la. Sabes bem que ele nem queria que fôssemos viajar. Bem, que o Clevedon fosse, pelo menos. A mim, não se importa de me ver pelas costas.

Era verdade que a mãe se tornara cada vez mais estridente nos últimos meses. As filhas das suas amigas, que tinham sido apresentadas à sociedade ao mesmo tempo que Clara, estavam quase todas casadas. E a mãe receava que Clara esquecesse Clevedon e se apaixonasse por alguém que não interessasse. Isto é, alguém que não fosse um duque.

Porque encorajas lorde Adderley, quando sabes que está praticamente falido? E aquele horrível senhor Bates, que não tem um tostão para herdar, com dois homens entre ele e o título. Sabes bem que a casa de campo de lorde Geddings está a cair aos bocados. Esir Henry Jaspers, minha filha, encorajar as atenções de um baronete? Quererás matar-me aos poucos, Clara? Que se passa contigo, que não consegues segurar um homem que te ama praticamente desde que nasceu e que podia comprar e vender os outros uma dúzia de vezes?

Quantas vezes ouvira Clara aquela tirada, ou outra semelhante, desde que tinham regressado a Londres para o verão?

— Sei que a tua intenção era boa, mas quem me dera que não o tivesses feito.

— Ele está fora há três anos — disse Harry. — A situação começa a parecer ridícula, até a mim. Ou tenciona casar contigo ou não tenciona. Ou quer viver no estrangeiro ou quer viver em Inglaterra. Acho que já teve tempo suficiente para se decidir.

Clara pestanejou. Três anos? Não lhe parecera tanto tempo. Passara o primeiro desses anos de luto pela sua avó, por quem tivera uma adoração imensa. Faltara-lhe a coragem para ser apresentada à sociedade nessa altura. E tanto esse ano como o tempo restante foram preenchidos com as maravilhosas cartas de Clevedon.

— Não me tinha dado conta de que passou tanto tempo — disse. — Ele é tão assíduo a escrever que parece que está aqui. — Correspondiam-se desde que ela aprendera a rabiscar trivialidades como «Espero que esta carta te encontre de boa

saúde. Gostas da escola? Estou a aprender francês. É difícil. Que estás a estudar?». Mesmo em rapaz, ele já era um esplêndido correspondente. Era muito observador e tinha um talento natural para a descrição, para além de um humor travesso. Clara conhecia-o muito bem, melhor do que a maior parte das pessoas, mas tal devia-se essencialmente às suas cartas.

Apercebia-se agora de que tinham passado muito pouco tempo juntos. Quando ela estava a estudar, ele partira para o liceu, depois para a universidade. Quando ela fora debutante, ele já se encontrava no estrangeiro.

— Atrevo-me a dizer que ele também não se apercebeu — disse Harry. — Quando lhe perguntei diretamente o que andava a fazer, riu-se e disse que eu devia juntar-me a ele. Disse que achava que já devia ter voltado há tempo, mas que pelas tuas cartas percebia que estavas a apreciar ser a rapariga mais procurada da sociedade londrina e que não queria estragar-te o divertimento.

Clara também não quisera estragar o dele. Clevedon não tivera uma infância feliz. Perdera o pai, a mãe e a irmã num só ano. O pai de Clara esforçara-se por ser um bom tutor, mas tinha ideias muito rígidas no que tocava a Dever e Responsabilidade, e Clevedon, ao contrário dos irmãos de Clara, tentara corresponder às suas expectativas.

Quando Clevedon e Harry tinham decidido viajar pelo estrangeiro, ela ficara feliz por eles. Harry teria a oportunidade de enriquecer a sua cultura, e Clevedon, longe do pai de Clara, poderia encontrar-se a si próprio.

— Ele não devia voltar para casa antes de estar preparado — disse ela.

As sobrancelhas escuras de Harry arquearam-se.

— Será *quetué* que não estás preparada?

— Não digas disparates. — Claro que gostaria de ter Clevedon de volta. Amava-o. Amava-o desde criança.

— Não precisas de ter medo de ser empurrada para o altar — disse Harry. — Sugeri-lhe que esperasse até finais de maio. Assim, os teus pretendentes terão tempo de sobra para se matarem, para se exilarem em Itália ou noutra sítio do género, ou para expirarem de desespero. Depois, recomendei-lhe que te desse mais um mês para te habituares a ter aquele seu corpanzil maljeitoso por perto. E entretanto estamos no fim do verão, altura em que sugeri um pedido formal de casamento, com palavreado bonito e muitos votos de afeição eterna, acompanhados de um prodigioso anel de diamante.

— Harry, és ridículo.

— Ah sim? Pois ele achou uma excelente ideia. Ideia que comemorámos com três ou quatro ou cinco ou seis garrafas de champanhe, tanto quanto me lembro.

Paris, 15 de abril

A sedução era um jogo que Clevedon muito apreciava. Saboreava a perseguição tanto quanto a conquista — e, ultimamente, ainda mais. Perseguir *madame Noiro*t prometia ser um jogo mais divertido do que era costume.

Seria um modo diferente e agradável de terminar a sua estada no estrangeiro. Não estava ansioso por regressar a Inglaterra e às suas responsabilidades, mas já era tempo. Paris começara a perder o seu encanto, e sem a companhia animada de Longmore, não tinha vontade de deambular de novo pelo Continente.

Planeara ir a Longchamp, de qualquer forma, para observar, de modo a escrever a Clara um colorido relato do local. Ainda lhe estava a dever um relato da noite na ópera, mas paciência. Longchamp seria um melhor alimento para o seu espírito.

O passeio anual pelos Campos Elísios e pelo Bois de Boulogne ocorria na quarta, quinta e sexta-feira da semana santa. O tempo, que se mostrara tão promissor no início da semana, mudara, e fazia um vento frio. Ainda assim, todo *ohaut ton*parisiense comparecera, vestido segundo a última moda e exibindo os seus belos cavalos e carruagens, que subiam a rua por um lado e desciam pelo outro. O centro pertencia às carruagens reais e a outras dos estratos mais elevados da sociedade. Mas muitas pessoas, de alta como de baixa condição, passeavam a pé, como Clevedon optara por fazer, para melhor estudar e escutar tanto o público como os participantes.

Esquecera-se de quão densa era a multidão que ali se reunia, muito mais do que em Hyde Park nas horas de maior movimento. Ainda se perguntou como diabo havia de encontrarmadameNoiro. Estava ali este mundo e o outro.

Minutos mais tarde, perguntava-se como poderia não a ver.

Ela provocava agitação, exatamente como fizera na ópera. Só que o efeito era ainda mais visível. Bastava a Clevedon olhar na direção dos acidentes, e lá estava ela.

As pessoas viravam-se para a olhar. Os homens levavam as carruagens contra

outras carruagens. Os que se deslocavam a pé esbarravam uns nos outros e em postes de candeeiros.

E ela estava imensamente divertida, Clevedon não tinha a menor dúvida.

Desta vez, porque a observava à distância, sem ser distraído pelos seus olhos pretos brilhantes e pela sua voz sedutora, pôde apreciá-la por inteiro: o vestido, o chapéu... e o seu modo de andar. De longe, podia prestar atenção ao conjunto que ela envergava: o chapéu de palha enfeitado com laços de um verde pálido e renda branca, e o casaco lilás com uma racha a partir da cintura, revelando, por baixo, uma confeção esvoaçante do mesmo tom verde dos laços.

Clevedon viu os homens que se lhe dirigiam, um após outro. Ela parava por instantes, sorria, dizia algumas palavras e seguia caminho, deixando-os a contemplá-la, todos com a mesma expressão confusa.

Ocorreu a Clevedon que ficara com aquela mesma expressão, na noite anterior, quando ela o deixara.

Avançou por entre a multidão ao encontro dela.

—*MadameNoirot*.

— Ah, aí está — disse Marcelline. — Precisamente o homem que eu queria ver.

— Espero bem que sim — retorquiu Clevedon —, já que me convidou.

— Foi um convite? Achei que fosse uma mera sugestão.

— Se calhar, sugeriu o mesmo a toda a gente na ópera italiana. Parecem estar todos aqui.

— Oh, não — disse ela. — Eu só o queria a si. Os outros vieram porque este é o lugar onde podem ser vistos. Longchamp. Semana da Paixão. Vem toda a gente em santa peregrinação para ver e ser vista. E aqui estou eu, como uma montra.

— Uma bela montra, sem dúvida — disse Clevedon. — E na última moda, a avaliar pelo ar de inveja das outras mulheres. Os homens estão deslumbrados, naturalmente... Mas eles de nada lhe servem, imagino.

— É um equilíbrio delicado. Tenho de ser simpática com os homens, que pagam as contas. Mas são as senhoras que usam as minhas roupas. Não quererão vestir-se na minha loja se me virem como uma rival no que toca às atenções dos seus apaixonados.

— E no entanto fez-me a mera sugestão de que aqui viesse hoje e a procurasse nesta multidão — disse Clevedon.

— É verdade — replicou ela. — Quero que pague algumas contas.

Era, *mais uma vez*, o último comentário de que ele estava à espera. Agora não estava divertido. O seu corpo retesou-se, subiu-lhe a temperatura, e isto nada tinha que ver com desejo.

— Contas de quem?

— Das senhoras da sua família.

Clevedon mal podia acreditar nos seus ouvidos.

— As minhas tias devem-lhe dinheiro — disse, o maxilar tenso —, e vem a Paris fazer-me a cobrança?

— As senhoras suas tias nunca puseram um pé na minha loja — retorquiu Marcelline. — Aí é que está o problema. Bem, um dos problemas. Mas elas não são a minha prioridade. A minha prioridade é a sua mulher.

— Não sou casado — ripostou Clevedon.

— Mas vai ser — disse ela. — E devia ser eu a vestir a sua esposa. Espero que isso seja, agora, óbvio para si.

Clevedon precisou de um instante para assimilar o que acabava de ouvir. Depois precisou de outro instante para conter a sua indignação.

— Está a dizer-me que veio a Paris para me convencer a deixá-la vestir a futura duquesa de Clevedon?

— Certamente que não. Venho a Paris duas vezes por ano, por duas razões. — Ergueu um dedo enluvado. — Primeira, para atrair a atenção dos correspondentes que divulgam as últimas tendências da moda parisiense nas revistas femininas. Foi uma descrição elogiosa de um vestido de passeio que usei na primavera passada que levou a senhora Sharp à Maison Noiroi. Por sua vez, ela recomendou-nos à sua querida amiga *lady* Renfrew. Aos poucos, as suas amigas virão juntar-se à nossa ilustre clientela.

— E a segunda razão? — perguntou ele, impaciente. — Não precisa de levantar os dedos. Sei muito bem contar.

— A inspiração — disse Marcelline. — O coração da moda bate em Paris. Vou aonde estão as pessoas de bom gosto, e elas dão-me ideias.

— Estou a ver — disse Clevedon, embora não fosse realmente verdade. Aí estava a sua paga, disse para consigo, por ter metido conversa com uma comerciante, uma pessoa vulgar que andava à procura de dinheiro. Podia ter ido para a cama com *madame* St. Pierre na noite anterior, e já tinha pouco tempo para

ir para a cama com quem quer que fosse, mas perdera a oportunidade, só para ir atrás daquela... daquela criatura. — Sou apenas um encontro casual.

— Esperava que fosse inteligente o bastante para *paranço*ver as coisas assim. O meu desejo é ser-lhe útil.

Ele estreitou os olhos. Aquela mulher achava que podia fazê-lo de tolo. Como lhe suscitara interesse na ópera e o levara a Longchamp, achava que podia subjugá-lo.

Não seria a primeira nem a última mulher a deixar-se levar pela imaginação.

— Peça-lhe apenas que pense um pouco sobre o assunto — disse Marcelline. — Quer que a sua esposa seja a mulher mais bem vestida de Londres? Quer que ela seja uma líder da moda? Quer que ela deixe de usar aqueles vestidos de mau gosto? Claro que sim.

— Estou-me nas tintas para o que a Clara veste — replicou ele, secamente. — Gosto dela por aquilo que ela é.

— É muito querido da sua parte — disse Marcelline —, mas não está a considerar a posição dela. As pessoas devem admirar e inspirar-se na duquesa de Clevedon, e o mais frequente é julgarem com base nas aparências. Se não fosse assim, andaríamos todos de túnicas e cobertores e peles de animais, como os nossos antepassados. E estranho muito que vossa senhoria, de todos os homens, me diga que as roupas não são importantes. Olhe para si.

Clevedon fervia de raiva. Como se atrevia ela a falar de Clara daquela maneira? Como se atrevia a falar-lhe naquele tom condescendente? Queria agarrar nela e... e...

Diabos a levassem. Não se lembrava da última vez que deixara uma mulher... e uma comerciante, ainda por cima... fazê-lo perder a calma.

— Olhe à sua volta — disse Clevedon. — Estou em Paris. Onde bate o coração da moda, como fez questão de me lembrar.

— E costuma andar mal vestido em Londres?

Clevedon estava tão ocupado a controlar-se para não a estrangular que nem era capaz de pensar numa resposta à altura. Tudo o que conseguiu foi lançar-lhe um olhar furioso.

— Não lhe serve de nada deitar-me esses olhares — continuou ela. — Se me deixasse intimidar facilmente, nunca teria entrado neste negócio.

— *Madame*Noirot — disse ele —, parece ter-me confundido com outra pessoa.

Com algum tolo, creio. Tenha um bom dia. — Deu meia-volta.

— Está bem, está bem — disse Marcelline, com um preguiçoso aceno de mão.

— Vai-se embora a toda a pressa. Pois vá. Logo nos vemos no Frascati's.

PUBLICIDADE

GUERREIRO DOS SONHOS

SHERRILYN KENYON



Uma leitura tentadora e desafiante

Filho de deuses violentos, Cratus passa os tempos da sua eternidade a lutar em nome dos deuses antigos que o trouxeram à vida. Ele é a morte personificada a quem quer que se atravesse no seu caminho. Até ao dia em que baixou os braços e simplesmente não lutou mais, impondo um auto exílio. É então que um antigo inimigo liberta as suas forças e usa os sonhos humanos como campo de batalha. A única esperança da humanidade reside precisamente naquele que se recusa continuar a lutar: Cratus.

Sendo uma Caçadora de Sonhos, Delphine passou a eternidade a combater os predadores que se alimentam do nosso estado inconsciente. Mas os seus aliados voltam-lhe as costas e ela sabe que, para sobreviver, os Caçadores de Sonhos precisam de um novo líder: alguém que os oriente e ensine a lutar contra os novos inimigos. Cratus é a sua única esperança. No entanto, é Delphine a amarga recordação que fez Cratus baixar os braços...

Mais informações em

WWW.CHADASCINCO.COM